

# O Tempo Está Próximo



UMA PUBLICAÇÃO AURORA

**O TEMPO  
ESTÁ PRÓXIMO**

# ESTUDOS DAS ESCRITURAS

**“A vereda dos justos é como a luz da  
aurora que vai brilhando mais  
e mais até ser dia perfeito.”**

---

**SÉRIE II**

---

## **O Tempo Está Próximo**

“Venham os Tempos de Refrigério, da Presença do Senhor, e Envie Ele o Cristo, ... Jesus, ao Qual Convém que o Céu Receba até **OS TEMPOS DA RESTAURAÇÃO DE TODAS AS COISAS**, das Quais Deus Falou pela Boca dos Seus Santos Profetas, desde o Princípio.” “Vós, Irmãos, não Estais em Trevas, para que Aquele Dia, como Ladrão, Vos Surpreenda”. — At. 3:19-21; I Tess. 5:4.

**O TEMPO ESTÁ PRÓXIMO**

Publicado em inglês em 1889

**Publicado em português em 2009**

**ASSOCIAÇÃO DOS ESTUDANTES  
DA BÍBLIA “AURORA”**

**THE DAWN BIBLE STUDENTS ASSOCIATION**

199 Railroad Avenue

East Rutherford, New Jersey 07073, U. S. A.

**The Time is at Hand**

Portuguese edition

Printed in USA

**Ao REI dos REIS e SENHOR dos Senhores**

**NO INTERESSE DE**

**SEUS SANTOS CONSAGRADOS**

**QUE ESPERAM A ADOÇÃO,**

**— E DE —**

**“TODOS OS QUE NO MUNDO INVOCAM O SENHOR”,**

**“A FAMÍLIA DA FÉ”,**

**— E DA —**

**CRIAÇÃO QUE GEME, ESPERANDO A  
MANIFESTAÇÃO DOS FILHOS DE DEUS,**

**DEDICA-SE ESTA OBRA**

---

“Para demonstrar a todos qual é a dispensação do Mistério que desde os séculos esteve oculto em Deus”. “Segundo as riquezas da sua graça, que ele fez abundar para conosco em toda sabedoria e prudência; fazendo-nos conhecer o mistério (segredo) da sua vontade, segundo o seu beneplácito, que nele propôs para a dispensação da plenitude dos tempos, de fazer convergir em Cristo todas as coisas”.

Ef. 3:4, 5, 9; 1:8-10

---

## PREFÁCIO DOS PUBLICADORES

Indubitavelmente, é pela providência Divina que este, o Segundo Volume dos “Estudos das Escrituras”, está sendo publicado agora em português, e estamos contentes de ter o privilégio, em cooperação com seus muitos simpatizantes, de sermos os únicos a fazê-lo. Esperamos e oramos que seja ricamente abençoado na ajuda àqueles que têm o desejo intenso de alcançar a verdade para um melhor entendimento desses delineamentos de profecia e do plano de Deus, dos quais trata este Volume.

Ainda que O TEMPO ESTÁ PRÓXIMO tenha sido publicado pela primeira vez em inglês vinte e cinco anos antes de 1914 d. C., contudo indicou, tornando notória, essa data como marcando o fim dos “Tempos dos Gentios”, portanto, o tempo em que poderíamos esperar testemunhar a derrota dos governos gentios. Ninguém pode justamente desacreditar ao autor simplesmente porque nesse período antecipado em que escreveu, não via claramente a duração do tempo que seria preciso, depois de 1914, para a dissolução da velha ordem mundial. Em seu próprio Prefácio, escrito em 1916, o autor reconhece o equívoco de algumas das suas deduções concernentes a 1914. Publicamos a tradução desse Prefácio, começando na página seguinte, e recomendamos que seja lido cuidadosamente.

Hoje, o ano de 1914 distingue-se como um dos mais importantes em toda a história humana; pois agora é reconhecido claramente por estudantes da história e economia mundial, que marcou o fim de um mundo. Muitos dos reinos que floresciam antes dessa data, já têm sido destruídos. E os únicos do povo que sabem o que o mundo de amanhã há de ser, são aqueles que entendem algo da visão apresentada nas profecias da Bíblia. Este livro ajuda a entender essa visão.

## O Tempo Está Próximo

### *Prefácio do Autor*

A PRIMEIRA EDIÇÃO deste Volume foi apresentada ao público em 1889 d. C. Desde então, uma edição após outra tem saído em vários idiomas, até que agora mais de um milhão e meio de exemplares estão nas mãos do povo. É assombroso este número, quando consideramos quão pouca gente hoje têm fé na Bíblia como uma Revelação Divina, e quão poucos daqueles que têm fé na Bíblia têm apreciação da profecia e da cronologia — especialmente da cronologia bíblica e da história bíblica do mundo.

O autor e os publicadores têm grande razão para regozijo nas evidências que continuamente chegam de que este Volume tem se saído muito proveitoso para o povo de Deus no estudo da Bíblia em toda terra — na compilação da mensagem da Palavra de Deus debaixo de vários títulos e classificações úteis para o estudante. Especialmente temos ouvido de muitos serem abençoados no seu estudo da maneira do Segundo Advento — na evidência das Escrituras Sagradas mostrada neste Volume de que o nosso Senhor nunca virá de novo como homem a esta terra, já tendo cumprido completamente a Sua missão como ser humano quando Ele pela graça de Deus provou a morte por todos no Calvário. Os textos chamando a atenção do leitor, provando que agora o nosso Senhor é o glorificado à destra do Pai, e em breve há de fazer-se Rei do mundo, têm dado ajuda a muitos, como testificam as suas cartas.

Este Volume não faz nenhuma pretensão de infalibilidade, também não reivindica qualquer inspiração direta de Deus na interpretação da Sua Palavra. Ao contrário, afirma que a Revelação Divina é a Bíblia. O seu esforço tem sido de reunir as evidências bíblicas e de oferecer sugestões com respeito à sua significação.

Tratando de assuntos tão difíceis que raras vezes são compulsados por outros, não há de se estranhar, se algumas das sugestões feitas neste Volume não se tem cumpridas com precisão absolutamente exata. No entanto, o autor, os publicadores, e os milhares de leitores deste Volume não estão envergonhados das suas apresentações, e seguem ainda distribuindo-o a todos os que têm interesse no estudo da Bíblia — como interessante e útil no entendimento da Palavra de Deus.

A cronologia bíblica aqui apresentada mostra que os seis grandes Dias milenários a começar com Adão estão concluídos, e que o grande Sétimo Dia, os mil anos do Reinado de Cristo, começou em 1873. Os acontecimentos destes 43 anos, que este Volume declara como o começo do milênio do reino de Cristo na Terra, ainda os encontramos corroborando plenamente as profecias bíblicas, como apresentam-se aqui. Durante estes 43 anos quase todas as invenções do nosso dia se hão efetuado. A máquina de costura, uma das primeiras, faz 43 anos que principiou a alcançar a sua perfeição. Desde então temos toda classe de implementos e máquinas de agricultura e conveniências para a casa, fabrica, oficina e loja, baratos e em abundância — por meio da invenção humana. Estas estão reduzindo as horas de trabalho e abolindo o “suor do rosto”, que a Bíblia declara ser identificado com a maldição.

Seguramente podemos dizer que nestes 43 anos o mundo tem dobrado mil vezes as suas riquezas. E quando nós nos lembramos de que atrás dos 43 anos fica um total de seis mil anos de empenho humano, parece quase um milagre que o mundo efetuasse mil vezes mais nos passados 43 anos de que nos seis mil anos anteriores. Certamente isto autentica bem a pretensão deste Volume de que tenhamos entrado no grande Sétimo Dia, e de que o que já estamos experimentando como um progresso são apenas os raios precursores das bênçãos muito maiores que ainda hão de vir — quando nascerá o Sol da Justiça, trazendo curas nas suas asas, e dissipará toda a escuridão, ignorância e superstição do mundo!

Este volume apresenta o que o seu autor tem estado a pregar durante mais de quarenta anos, de que os “Tempos dos Gentios” cronologicamente terminavam no outono de 1914 d. C. A expressão, “Tempos dos Gentios”, usada na Bíblia significa os anos ou períodos de tempo, no qual foi permitido às nações gentias do mundo terem o controle, seguindo a remoção do reino típico do Israel natural, e abrangendo o intervalo entre este acontecimento e o estabelecimento do Reino de Deus nas mãos do Messias — “a quem pertence de direito”. — Ezequiel 21:27.

Naturalmente, não podíamos saber em 1889 se a data de 1914, tão claramente marcada na Bíblia como o fim do término do poder gentio ou permissão para os gentios dominarem o mundo, significaria que estariam completamente fora do poder naquele tempo, ou se, expirando o seu término, começaria a sua evicção. O último citado acima percebemos ser o programa do Senhor; e prontamente em agosto de 1914 principiaram os reinos gentios referidos na profecia a grande luta presente, que, conforme a Bíblia, culminará na derrota completa de todo o governo humano, abrindo o caminho para o estabelecimento pleno do Reino do Filho amado de Deus.

Não somos capazes de ver atrás do véu; não somos capazes de saber antes as coisas sob a direção do nosso Senhor glorioso e destes dentre os membros já glorificados da Sua Igreja. O nosso pensamento é que o Senhor agora está intervindo nos assuntos do mundo de tal maneira que nunca fez nos tempos passados. Sabemos que o grande Tempo de Tribulação, o qual tem começado há muito pouco tempo, corresponde à declaração Divina com respeito ao tempo e à condição do estabelecimento do Reino do Messias. O próprio Senhor informa-nos que, no tempo em que Ele tomar o Seu grande poder e começar a reinar, as nações irar-se-ão, e a ira Divina virá. Um pouco mais tarde virá o tempo de serem julgados os mortos, e de dar recompensa aos servos

pequenos e grandes de Deus, conduzindo finalmente à destruição os incorrigíveis, aqueles que exerceriam uma influência corrupta na Terra. — Apocalipse 21:8.

Por todo o mundo o povo conhecia as expectativas dos Estudantes da Bíblia com respeito ao ano de 1914 d. C.; e quando uma guerra tão terrível como a presente eclodiu, quando os ventos de luta principiaram a soprar com tanta fúria e destruição, milhares lembraram o que haviam ouvido e lido concernente ao fim dos Tempos dos Gentios. Hoje milhares têm chegado a apreciar plenamente os tempos nos quais vivemos. A influência é muito útil e inspiradora. A realização de que estamos no Dia do Senhor, e que muito em breve todos os Seus santos estarão reunidos com Ele pela transformação através da ressurreição, exerce uma influência estimuladora e alentadora sobre estudantes da Bíblia, separando-os do mundo e dos seus medos e ambições, e cravando os seus olhos na Coroa da Vida que o Senhor tem preparado para os que O amam sobre todas as coisas.

O autor reconhece que neste livro apresenta o pensamento de que os santos do Senhor pudessem esperar estar com Ele na glória no fim dos Tempos dos Gentios. Isto foi um equívoco natural no qual caímos; todavia o Senhor o dominou para a bênção do Seu povo. O pensamento de que a Igreja seria inteiramente colhida à glória antes de outubro de 1914, certamente teve um efeito muito animador e santificador sobre milhares, todos os quais podem louvar ao Senhor conformemente — ainda pelo erro. De fato, muitos podem expressar-se como gratos ao Senhor de que a culminação das esperanças da Igreja não foi alcançada no tempo que esperávamos, e que nós, como o povo do Senhor, temos oportunidades de aperfeiçoar a santidade e de ser participantes com o nosso Mestre na apresentação adicional da Sua Mensagem ao Seu povo.

O nosso equívoco foi evidentemente não com respeito ao fim dos Tempos dos Gentios; tiramos uma conclusão falsa, porém não autorizada pela Palavra do Senhor. Vimos na Bíblia certos paralelos entre a Idade Judaica e a Idade Evangélica. Deveríamos ter notado que estes paralelos seguem aos sistemas nominais até a destruição em ambos os casos, e não indicam o tempo da glorificação da Nova Criação. Este esclarecimento auxiliará ao leitor enquanto estuda “O TEMPO ESTÁ PRÓXIMO”. Não temos nenhuma dúvida de que as grandes bênçãos que têm vindo a muitos de nós no passado continuarão vindo por meio deste Volume a milhares de outros. Portanto com ele vão as orações do autor,

Charles Taze Russell

Brooklyn, New York  
1 de outubro de 1916

# CONTEÚDO

## ESTUDO I OS TEMPOS E AS ÉPOCAS ESPECIAIS DIVINAMENTE DETERMINADOS

Os Tempos e as Épocas de Designação Divina — Por Que Não Declarados Mais Claramente — A Seu Tempo Revelados — Sério Desejo para o Conhecimento dos Tempos e Épocas é Recomendável — Os Erros dos Adventistas — O Real Objetivo das Profecias de Tempo — Nossa Posição Presente — O Objetivo dos Estudos Seguintes. .... 13

## ESTUDO II CRONOLOGIA BÍBLICA

A Cronologia é Necessária para a Compreensão da Profecia — Data Indispensável Fornecida pela Bíblia — Desde a Criação de Adão até 1873 d. C. Passaram-se Seis Mil Anos — A Declaração da Cronologia da Bíblia em Grandes Períodos — Exame de seus Detalhes — Desde a Criação até o Dia em que Secaram-se as Águas do Dilúvio — Até o Pacto Abraâmico — Até a Doação da Lei — Até a Divisão de Canaã entre as Tribos — O Período dos Juízes — O Período dos Reis — O Período da Desolação — Até 1873 d. C. — Em que esta Cronologia Difere da Apresentada pelo Bispo Ussher, Notada em Algumas Bíblias — A Verdadeira Data de Nascimento do Nosso Senhor..... 33

## ESTUDO III O CUMPRIMENTO DA PROFECIA DO TEMPO NO PRIMEIRO ADVENTO DE CRISTO

### Dan. 9:23-27

As Setenta Semanas da Profecia de Daniel — Acontecimentos Preditos para Ocorrerem dentro desse Tempo — Indicado o Tempo da Vinda do Messias, e um Princípio Estabelecido pela Maneira em que Ele está Indicado — Uma chave para outros Tempos das Profecias — Indicado o Tempo da Crucificação do Messias — O Favor Especial para Israel como Nação Cortado em Justiça, mas Continuado Individualmente — Unção do Santíssimo — A Destruição Derramada sobre o Assolador. .... 63

## **ESTUDO IV**

### **OS TEMPOS DOS GENTIOS**

O Que são os Tempos dos Gentios? — Seu Começo; sua Duração; seu Fim, 1914 d.C. — Eventos Concomitantes — Eventos a Seguirem — Tempo Literal e Simbólico — Um Tipo Notável — Indicações Presentes — O Reino de Deus Derrubará o Domínio Gentio — Portanto Organizado Antes do Fim Dele — Antes de 1914 d. C. — Por Que Contrariado pelos Reinos Gentios? — Como e Por Que Todos o Aceitarão por Último com Regozijo? — “As Coisas Preciosas de Todas as Nações Virão”. .....73

## **ESTUDO V**

### **A MANEIRA DA VOLTA E DO APARECIMENTO DO NOSSO SENHOR**

A Harmonia da Maneira do Segundo Advento do nosso Senhor com outros Aspectos do Plano Divino — Como e Quando a Igreja O Verá — Como e Quando a Glória do Senhor se Revelará; e Toda a Carne Juntamente a Verá — Afirmações Aparentemente Contraditórias Demonstradas serem Harmoniosas — Vem “Como um Ladrão” — Não com Aparência Exterior — E no entanto “Com Grande Brado” — Com “Vozes” — E “ao Som da Trombeta” — Se Manifestará “em Chama de Fogo, e Tomará Vingança” — E entretanto, “Há de Vir Assim Como” Foi — Demonstrada a Importância de Tempo Profético nesta Conexão Mostrada — A Harmonia das Indicações Presentes. .... 103

## **ESTUDO VI**

### **O GRANDE JUBILEU DA TERRA**

“Os Tempos da Restauração de Todas as Coisas” Preditos por Moisés — Indicada a Data do seu Começo — Não Podem Começar Antes da Vinda do Grande Restaurador — Evidência da Lei — Testemunho Corroborativo dos Profetas — Lógicas Conclusões Tiradas Destes como Separadamente e Unidamente Consideradas — Harmonia das Indicações Presentes. .... 173

## **ESTUDO VII**

### **DISPENSAÇÕES PARALELAS**

A Idade Judaica um Tipo da Idade Evangélica — Notável Paralelismo ou Correspondência Entre as Duas Dispensações — Entretanto são Distintas — Superioridade da Era Cristã, os Antitípicos. O Contraste do Israel Carnal e Espiritual — O Exame de Proeminentes Paralelos — Notificação Especial de Paralelos de Tempo — Períodos de Favor do Israel

Carnal — Tempo de Rejeição e Afastamento de Israel do Favor — O Período do Desfavor Demonstrado da Profecia para ser Igual ao Período de Favor — Testemunho Apostólico que seu Período de Desfavor é o Período para a Vocação Celestial do Israel Espiritual — A Duração da Idade Evangélica Demonstrada Indiretamente, mas Claramente — Harmonia da Cronologia Bíblica, Testemunho do Jubileu, Tempos dos Gentios, e outras Profecias com as Lições Destes Paralelos Incontestáveis, Conclusivos e Satisfatórios. .... 201

## **ESTUDO VIII**

### **ELIAS HAVIA DE VIR PRIMEIRO**

Como Esta Importante Profecia Está Relacionada com o Segundo Advento — Um Cumprimento Parcial e Típico em João, o Batista — O Cumprimento Real — A Visão no Monte Santo — Notáveis Correspondências entre Elias, o Típico, e o Elias Antitípico — O Tempo está Próximo — A Perspectiva — Eliseu, o Sucessor de Elias. .... 249

## **ESTUDO IX**

### **O HOMEM DO PECADO — ANTICRISTO**

O Anticristo Deve ser Desenvolvido, Revelado, e Atingido Duramente Antes do Dia do Senhor — Considerada uma Visão Contrária a Este Assunto — Delineamento Profético — Nascimento do Anticristo — Seu Rápido Desenvolvimento — A Ilustração Histórica e a Descrição Bíblica Estão de Acordo — Seu Reino uma Falsificação — Sua Cabeça e Boca são Notáveis — Seu Grande Aumento de Palavras de Blasfêmia — Seus Ensinamentos Blasfemos — Seu Desgaste dos Santos do Altíssimo — Seu Reino de Mil Anos — Anticristo Atingido com a Espada do Espírito — Sua Luta Final e seu Fim. .... 267

## **ESTUDO X**

### **O TEMPO ESTÁ PRÓXIMO**

Nada Intervém — O Estabelecimento do Reino de Cristo, o Trabalho Agora em Progresso — A Concordância do Testemunho da Profecia — Conhecedor da Vida e do Mundo Vê Muito — Os Santos Vigilantes Vêm Mais Distintamente — É importante a Todos, Abrirem os Olhos na Direção Certa. .... 363

Símbolos das traduções bíblicas citadas ou mencionadas neste livro:

AL — A Bíblia Sagrada, traduzida por João Ferreira de Almeida, edição revista e corrigida.

ALA — A Bíblia Sagrada, traduzida por João Ferreira de Almeida, edição revista e atualizada no Brasil.

As citações da Bíblia não acompanhadas por uma abreviatura específica são tiradas da VERSÃO REVISADA (IBB) da TRADUÇÃO de **João Ferreira de Almeida**

DATAS: Nas datas a abreviatura a. C. significa antes de Cristo e a abreviatura d. C. significa depois de Cristo.

## ESTUDO I

---

# OS TEMPOS E AS ÉPOCAS ESPECIAIS DIVINAMENTE DETERMINADOS

Os Tempos e as Épocas de Designação Divina — Por Que Não Declarados Mais Claramente — A Seu Tempo Revelados — Sério Desejo pelo Conhecimento dos Tempos e Épocas é Recomendável — Os Erros dos Adventistas — O Real Objetivo das Profecias de Tempo — Nossa Posição Presente — O Objetivo dos Estudos Seguintes.

**ASSIM COMO** em “O PLANO DIVINO DAS ERAS” procuramos apresentar os proeminentes delineamentos dos arranjos divinos para salvação humana a partir de um ponto de vista puramente das Escrituras, do mesmo modo este é o propósito deste volume para indicar, com a mesma autoridade, que os vários delineamentos desse plano têm determinado definitivamente os tempos e as épocas para o seu cumprimento; que, até aqui esse plano tem progredido, cada delineamento sucessivo dele tem sido cumprido exatamente no tempo; e que **o tempo está próximo agora** para sua culminação na bênção de todas as famílias da terra. — Gên. 28:14; Gál. 3:16.

Durante os longos séculos da Idade Evangélica, a Igreja, assim como instruída pelo seu Senhor, tem orado: “Venha o teu reino, seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu”. Mas, como crianças sonolentas, porque o tempo tem sido longo, muitos haviam quase que esquecido a importância das palavras que agora parecem como mortas nos seus lábios. A todos estes cujos corações são ainda leais ao Senhor, recorreremos com as palavras do apóstolo

Paulo: “E isso fazei, conhecendo o tempo, que já é hora de despertares do sono; porque a nossa salvação está agora mais perto de nós do que quando nos tornamos crentes. A noite é passada, e o dia [Milenar] é chegado”. Sim, ele está próximo, mesmo às portas. É chegado o reino dos céus, agora não em seu simples estágio embrionário ou incipiente, como na primeira vinda do nosso Senhor (Mat. 3:2), mas no sentido no qual ele declarou que ainda devia vir outra vez (João 18:36, 37) — “com poder e grande glória”.

Apenas esses, entretanto, que têm feito um cuidadoso estudo de “O Plano Divino das Idades” estão preparados para apreciar o ensino deste volume concernente aos tempos ou épocas divinamente determinados para o desenvolvimento dos vários delineamentos desse plano, e de sua consumação final. Assim é esperado que ninguém poderia empreender este estudo, pois, antes eles têm de compreender completamente as lições do volume precedente. Caso contrário este volume não lhes será o sustento a seu tempo. A verdade é somente alimento a seu tempo quando estamos preparados para aceitá-la. Uma criança não está preparada para resolver um problema matemático antes dela ser primeiro instruída no uso dos números e da linguagem. Assim também é com a divina verdade: ela é desenvolvida passo por passo, e para obter um conhecimento dela nós temos de ascender pelos passos providos — cuidadosamente, naturalmente, comprovando pelas Escrituras cada passo avançado a ser usado, contudo sem timidez para tomar os passos bem como para acharmos em seguida um fundamento firme. Somente aqueles que têm fé implícita em Deus, e para os quais um “assim diz o Senhor” é o fim de toda dúvida e controvérsia, podem ser guiados pelo Espírito de Deus dentro da verdade avançada assim como eles viessem a ser devidamente — guiados para coisas novas, tanto como confirmadas nas coisas antigas como também provadas certas pela mesma autoridade.

Somente a tais, Deus propõe-se a guiar desta maneira. No fim da Idade, que é o tempo da ceifa, muita verdade devida está para ser

descoberta, a qual Deus não fez conhecer em tempos passados, nem ainda aos seus mais fiéis e dedicados filhos. Isto devia ser no **tempo do fim** do qual o profeta Habacuque (2:3, AL) declarou que a visão, concernente à gloriosa consumação do plano de Deus, devia falar e não mentir; e que para alguns filhos de Deus ela deve falar tão claramente, que eles serão capazes, bem como dirigidos, para torná-la bem legível sobre tábuas, para que por meio do seu auxílio outros sejam capacitados para lê-la claramente; e então Daniel também (12:4, 9, 10) declarou que a ciência se multiplicará, e que os sábios (através da fé) entenderão a visão.

Nosso objetivo aqui não é para profetizar além da abundante imaginação humana, nem em algum sentido para sermos sábios além do que está escrito nas Escrituras Sagradas. Portanto, rejeitando todas as invenções humanas, nós mantemo-nos na fonte da verdade divina. Procuraremos interpretar as profecias à luz da profecia e de seu manifesto cumprimento; e para torná-la bem legível sobre tábuas aquela que Deus disse que seria sobre selos, a qual portanto não pode ser entendida antes do tempo do fim, mas da qual Ele dá garantia que ela deve **então** ser entendida.

Neste volume oferecemos uma cadeia de testemunhos sobre os assuntos de Deus que determinam os tempos ou as épocas, cada ligação a qual consideramos fortemente de acordo com a Escritura, enquanto o conjunto dela quando visto ao mesmo tempo, na conexão que uma parte possui para uma parte adicional, dando as evidências de um plano tão amplo e abrangente, um desígnio tão profundo, e uma harmonia tão perfeita, bem como para claramente manifestar ao estudioso e reverente pesquisador que este plano é fora da amplitude e da profundidade do pensamento humano, e portanto não pode ser de origem humana.

Constatamos que o fim da Idade Evangélica, tal como o fim da Idade Judaica, é chamado ceifa (Mat. 9:37; 13:24, 30, 39); que assim como aquele, como também este, são períodos de quarenta anos; e que sobre a ceifa das Idades os raios de testemunho profético estão especialmente concentrados, particularmente

sobre a ceifa desta idade, onde ainda a luz da Idade Judaica — por causa de seu caráter típico — convergem num glorioso foco. Nesta luz podemos agora distintamente ver o grandioso modo de andar de nosso Deus, não apenas à vista do longo alcance das idades passadas, mas também no trabalho presente do Seu plano. E não somente assim, como também de acordo com a Sua promessa de nos anunciar as coisas vindouras (João 16:13), vemos, com notável distinção de visão, Seu sábio programa para as bênçãos de todos na entrada da Idade Milenária — ainda até sua gloriosa consumação na restauração de todas as coisas. Descobrimos que muito grandes e maravilhosos eventos concentram-se nesta ceifa: que nela ocorrerá o grande tempo de tribulação, o dia de Jeová; a final e completa derrota do Anticristo e a queda da Grande Babilônia; o começo da volta do favor para os judeus; o segundo advento de nosso Senhor e o estabelecimento do seu reino; também a ressurreição e a recompensa dos santos.

Descobrimos na profecia o começo e o fim deste período da ceifa claramente marcados, como também os eventos para ocorrerem devidamente nela. E para chamar a atenção, também para traçar as várias linhas do tempo profético para os eventos em que eles culminam é, em substância, o objetivo deste volume. Para receber seu testemunho, o leitor necessitará de ter ouvidos para ouvir (Apoc. 2:7; Mat. 11:15), e deve esperar humildemente jogar fora muitas opiniões preconcebidas logo assim que chegar a ver a falta de harmonia delas com a Palavra de Deus. Portanto a tais que estão assim dispostos, e aqueles que procurarem as lições deste volume com paciência e atenção, e na ordem de seu arranjo, não temos dúvida que ele virá ser uma grande bênção. Se suas lições são recebidas com coração reto e bom, confiamos que ele virá a ser um poder para separá-los da parte do mundo e para amadurecê-los como trigo para o celeiro. Para deste modo avivar, amadurecer e separar os santos, como trigo do joio, neste tempo de ceifa, o objetivo é que entendamos estas profecias agora esclarecidas, de certo modo intencionalmente pelo nosso Senhor.

Aqueles que Deus permitiu verem o grande Mapa das Idades, o qual tão claramente por meio dos mapas revela em ordem o arranjo, o profundo desígnio e a maravilhosa finalidade do plano divino como demonstrado no volume precedente, devem estar ansiosos para descobrir tudo quanto Deus pode estar satisfeito para revelar algo concernente a seus tempos ou épocas. Este interesse neste assunto deveria ser muitas vezes maior do que algum na idade passada que não fez ver as grandes bênçãos em reserva para todos. Fieis, filhos de Deus anelam em saber quando o Rei da Glória deve vir na sua glória, e o príncipe das trevas será amarrado; quando os filhos da luz resplandecerão como o sol, e as trevas se dispersarão; quando os santos devem ser aceitos para a total adoção divina, e a gemente criação há de ser liberta do cativo da corrupção; e quando o glorioso caráter do nosso Pai celestial há de ser totalmente revelado para grande surpresa do mundo, causando assim que todos aqueles que amam a justiça dobrarão os seus corações na adoração, amor e obediência.

Ser falto de tais desejos indica uma falta de interesse e apreciação de planos de Deus. Os apóstolos, os profetas, e todos os anjos desejavam e procuravam seriamente saber a que **tempo** o espírito de Deus indicava através dos profetas. E este interesse sobre a parte de seus filhos é sempre agradável a Deus; por pensamento Ele nunca anteriormente gratificou tais desejos de alguma amplitude considerável, porque o tempo oportuno ainda não havia chegado, Ele nunca algum dia repreendeu tal interesse. Pelo contrário, Ele chama o inquiridor Daniel de muito amado, e responde sua inquirição na medida em que está consistente com seu plano.

Tais inquirições, portanto, não devem ser consideradas como impróprias curiosidades para dentro dos segredos de Deus. Deus quer que manifestemos esse interesse em seus planos o qual determina: “Examinais as Escrituras”, e “temos ainda mais firme a palavra profética à qual bem fazeis em estar atentos”, e assim estar nessa propriamente dita, esperada atitude a qual rapidamente

discerne a verdade no momento em que ela torna-se **devida**. As coisas encobertas pertencem ao Senhor nosso Deus, mas as reveladas pertencem a nós e a nossos filhos para sempre. (Deut. 29:29) Portanto, se nós mesmos nos limitamos estritamente à Palavra de Deus, e evitamos a especulação inútil, nós estamos sobre um fundamento seguro. Se os planos de Deus, os tempos ou as épocas não estivessem registrados nas Escrituras, ninguém poderia encontrá-los ali; e Deus certamente não teria registrado pelos seus profetas e Apóstolos o que Ele desejava reservar secretamente para sempre. No tempo oportuno cada registro e ordem de delineamento do plano divino, e seus tempos e épocas, são manifestados a esses vigilantes; mas o inteiro esboço do plano, junto com o tempo de seu delineamento, não foi previsto para ser entendido até “o tempo do fim”. (Dan. 12:9, 10) E tenhamos em mente que até certo tempo como Deus propôs revelar seus segredos, nenhum sábio nem piedoso poderá descobri-los fora dele. Apesar de que as profecias encontravam-se durante séculos diante dos olhos de todos aqueles que liam as Escrituras, elas **não podiam** ser desvendadas e seus mistérios decifrados antes que o tempo oportuno tivesse vindo.

Quando alguns dos discípulos vieram ao nosso Senhor perguntando concernente ao tempo para o estabelecimento do Reino de Deus, antes que ele fosse ainda oportuno para ser revelado, respondeu-lhes: “A vós não vos compete saber os tempos ou as épocas que o Pai reservou à sua própria autoridade.” (At. 1:7) E em outra ocasião, concernente ao mesmo assunto, ele disse: “Quanto, porém, ao dia e à hora, ninguém sabe, nem os anjos no céu nem o Filho, senão o Pai. Olhai! Vigiai! Porque não sabeis quando chegará o tempo. ... O que vos digo a vós, a todos o digo: **Vigiai.**”— Mar. 13:32, 33, 37.

Estas palavras de nosso Senhor não podem ser entendidas para pretender que ninguém apenas o Pai **sempre** saberá os seus tempos ou épocas; pois isto não prova mais de que nós não podemos saber esses tempos ou épocas **agora**, e que nosso Senhor não pode sabê-

los agora. E o próprio fato de que o inteiro esboço do plano de nosso Pai, e também seus tempos ou épocas, são agora claramente discerníveis, é forte prova que agora vivemos no fim do tempo do presente domínio do mal, e na aurora do Dia Milenar, em que a ciência se multiplicará, e os sábios entenderão. (Dan. 12:4, 10) Se as profecias nunca fossem designadas para serem entendidas, não poderia ter havido objetivo razoável para que fossem dadas.

Estas expressões do Mestre indicam que Deus não executa as várias partes de seu plano num acaso, por casual maneira, mas que Ele tem **fixado** e definido os tempos ou as épocas para cada delineamento de Sua palavra. E Seu infinito poder e sabedoria garantem que não pode haver fracasso ou demora.

Estas palavras também impressionam o pensamento que até esse tempo o Pai não havia revelado os tempos ou as épocas ligadas aos seus planos, a ninguém, nem sequer para o nosso Senhor Jesus. Tão longe de autorizar a suposição comum, de que nosso Senhor censurou a investigação e o interesse nos tempos ou nas épocas, e por estas palavras **proibiu** tal pesquisa, exatamente o reverso é a verdade. Suas palavras claramente indicam que apesar de que o conhecimento dos tempos e das épocas **ainda não** foi dado, ele seria muito importante em alguma época, e seria nesse tempo revelado a aqueles que estão vigilantes. À vista dos fatos que ele em algum tempo seria descerrado, e que **então** seria muito importante, Jesus urge-lhes, dizendo: **“Olhai”**, e não permitais que o desinteresse venha sobre vós, mas **“vigiai”** continuamente, para que possais saber quando o tempo oportuno deve vir.

Esses que **vigiaram** durante toda a idade, embora eles acabassem não vendo tudo o que esperavam, foram todavia grandemente abençoados, sustentados e separados do mundo, por fazê-lo assim; enquanto aqueles que estarão vivos **“em tempos oportunos”** e obedientemente **vigiarem**, saberão, verão, “entenderão”, e não estarão em ignorância, no meio dos maravilhosos eventos da “ceifa” desta idade. Aquele que em qualquer tempo negligencia em vigiar, perde uma bênção sobre a qual o Mestre deu grande

ênfase e ele mesmo demonstra que está cegado com preconceito pelo deus deste mundo, ou sobrecarregado com os cuidados desta vida e interesses presentes, para a negligência de seus votos de total consagração ao Senhor, para buscar principalmente o Reino e a vida futura.

Os apóstolos Pedro e Paulo chamam a atenção a este assunto dos tempos ou das épocas. Pedro declarou (2 Ped. 1:16), que não seguimos fábulas engenhosas; o que ele viu numa figura foi a glória do vindouro reino de Cristo sobre o monte da transfiguração, quando ele viu a gloriosa “visão” de Moisés e Elias, e Jesus em vestes resplandecentes — Moisés representando os antigos dignos (Heb. 11:38-40), que serão os representantes terrestres do Reino celestial, e Elias representando os “vencedores” desta Idade Evangélica — o cenário como um todo prefigurava a “glória que se lhes havia de seguir”, pois depois do sofrimento por causa da justiça finalmente deve ser completada segundo a eleição da graça. Entretanto Pedro, ainda enquanto relata sua visão, aponta o testemunho profético, dizendo: “E temos ainda **mais firme** a palavra profética à qual bem fazeis em estar atentos, como a uma candeia que alumia em lugar escuro, até que o dia amanheça.” (2 Ped. 1:19) Ele também sabia que todas as profecias não podem ser compreendidas totalmente por alguns **então**, e assim impeliu uma atitude de vigília sobre a parte dos santos — não uma vigília do céu, mas uma vigília pelo cumprimento de tudo o que Deus falou pela boca dos seus santos profetas concernente à restituição e os “tempos da restauração”, os quais formam portanto uma parte tão grande e importante de seu testemunho. Ele assegurou-nos que a profecia terá novamente verdades importantes para nós, por todo o tempo no caminho **até que** o dia amanheça.

O apóstolo Paulo declara: “Mas, irmãos; acerca dos tempos e das épocas não necessitais de que se vos escreva; porque vós mesmos sabeis perfeitamente que o dia do Senhor virá como vem o ladrão de noite; [quietamente, secretamente ele virá, e depois que ele

tiver vindo, muitos por algum tempo não saberão que eles estão neste dia] pois quando estiverem dizendo: Paz e segurança! então lhes sobrevirá repentina destruição [repentina ou rápida, comparando com o lento progresso dos passados seis mil anos, assim como nosso dia é chamado o dia rápido do vapor e eletricidade — não repentino como relâmpago, mas repentino], **como as dores de parto** àquela que está grávida; e de modo nenhum escaparão. Mas vós, irmãos, não estais em trevas, para que aquele dia, como ladrão vos surpreenda.” — 1 Tess. 5:1-4.

Todos os “irmãos” têm a lâmpada, a firme palavra profética mencionada por Pedro, como uma candeia que alumia em lugar escuro; e enquanto eles sustentam a atitude apropriada de irmãos, como fiéis, brandos e humildes estudantes da Palavra eles nunca estarão nas trevas; **eles** sempre terão o suprimento da verdade como sustento **a seu tempo**. Aqueles que haviam vivido no tempo determinado em plena harmonia com Deus nunca tinham sido deixados em ignorância da verdade necessária, apalmando seu caminho na escuridão com o mundo. Abraão e Ló sabiam da destruição de Sodoma **antecipadamente**, disse o Senhor: “Ocultarei eu a Abraão o que estou para fazer?” (Gên. 18:17, SBB) Noé sabia do dilúvio em tempo para construir a arca, e foi informado do **dia exato** que ele devia estar dentro dela. Sobre o primeiro advento, também, Simeão e Ana, e os magos do oriente, estavam informados para esperar o Messias. De fato, a expectativa então foi geral. (Luc. 2:25-38; Mat. 2:2; Luc. 3:15) E se Deus de tal modo ocupou-se com a casa dos servos, fará Ele menos pela casa dos Filhos? Nosso Senhor e Cabeça havia dito: “Já não vós chamo servos, porque o servo não sabe o que faz o seu Senhor; mas chamei-vos amigos, por que tudo quanto **ouvi de meu Pai vos dei a conhecer.**” Nosso Senhor certamente deverá saber dos tempos e das épocas no **tempo oportuno**, desde que ele está para executar o plano, e a não ser que **ele tem mudado**, ele fará conhecer os planos para esta conclusão a ele e aos associados no seu trabalho — **seus amigos, seus santos.**

A razão, então, nos ensinará de tal maneira como assim está escrito: “Certamente o Senhor Deus não fará coisa alguma, sem ter revelado o seu segredo aos seus servos, os profetas” (Am. 3:7), e aquilo que pela maior parte Ele revelou-lhes não foi para si mesmos, mas foi para nós, a Igreja Evangélica (I Ped. 1:12), também certamente os fiéis não serão deixados nas trevas, incapazes de discernir, quando o dia do Senhor virá. Ele não virá sobre **eles** como um ladrão e de improviso como um laço, por estarem eles vigilantes, pois terão a prometida luz em tempo devido sobre o assunto.

O Apóstolo declara por que ele faz a afirmação positiva que vós, irmãos, vós sabereis dos tempos e das épocas no seu vencimento, e não estareis em trevas, o que é dito (verso 5), “todos vós sois filhos da luz e filhos do dia”. Estes são gerados pela palavra da verdade, e estão desenvolvendo-se na verdade mais e mais até ser dia perfeito — para o qual pertencem. — Tiago 1:18; João 17:17, 19.

Notemos como cuidadosamente os pronomes vos, vós, lhes e os, destas e, outras Escrituras, distinguem do mundo as classes referidas — os santos. Este conhecimento que os santos têm no dia do Senhor está em contraste com a ignorância, sobre a parte do mundo, quanto á importância e tendência da realização dos eventos — “Mas irmãos, acerca dos tempos e das épocas não necessitais de que **vos** escreva”; “pois quando **estiverem** dizendo: Paz e segurança! então **lhes** sobrevirá repentina destruição, ... e de modo nenhum escaparão. Mas **vós**, irmãos, não estais em trevas, para que aquele dia, como ladrão, **vos** surpreenda; porque todos **vos** sois filhos da luz e filhos do dia”. “Olhai por vós mesmos”; disse nosso Senhor, “não aconteça que os **vossos** corações se carreguem de glotonaria, de embriaguez, e dos cuidados da vida, e aquele dia **vos** sobrevenha de improviso como um laço. Porque há de vir sobre todos **os** que habitam na face da terra. Vigiai, pois [Vigiai **vós** mesmos, e também tendes a palavra profética], em todo tempo, orando, para que possais escapar de todas estas coisas que hão de acontecer, e estar em pé na presença do filho do

homem.” Luc. 21:34-36.

Se deduzimos, então, que se um filho de Deus, vivendo no dia do Senhor, permaneça em trevas ou ignorância quanto ao fato, ele deve estar de algum modo a fartar-se com as coisas desta vida e a embriagar-se com as coisas do mundo, ou além disso deve estar sobrecarregado com os cuidados desta vida, e em um ou outro caso indiferentemente negligenciando vigiar com a sua lâmpada bem equipada e acesa e com azeite em suas vasilhas — isto é, com a Palavra de Deus no coração e na mente, e com o espírito da verdade em si mesmo.

Ainda quando muito, a conexão com os tempos ou as épocas, assim como com os detalhes do plano, havia sido predita pelos profetas, eles confessaram sua ignorância da importância das profecias para as quais eles davam expressão. (Veja Dan. 12:8; Ez. 20:49; Mat. 13:17; 1 Ped. 1:10-12) Ditas em linguagem obscura e simbólica, e ligadas com eventos então futuros para eles entenderem naquele tempo foi algo impossível. Portanto, ainda que registradas anteriormente, e feitas para prestar testemunho da presciência e arranjo divinos, elas foram para a erudição desses que estarão vivendo no tempo oportuno do seu cumprimento, e não para aqueles que expressaram-nas. (Rom. 15:4) Eles esperavam o desenvolvimento dos vários delineamentos interligados do plano divino e da história humana, os quais, arranjados por Deus, deviam se desvendar-lhes, e enriquecer o paciente, municiando o filho de Deus com o “sustento a tempo” numa hora de prova e necessidade “no dia mau” — o dia de tribulação com o qual esta idade terminará, e no meio do qual também a nova era e dispensação amanhecerão.

Uma invenção moderna e maravilhosa, que serve também para ilustrar o arranjo divino da profecia de tempo, é o que é chamado de uma Combinação de Fechadura de Tempo usada em alguns grandes bancos. Como em outras fechaduras de segredo, a chave ou manivela permanece na fechadura constantemente. Certos movimentos peculiares da manivela, somente conhecidos a al-

guém ciente do arranjo, são necessários para abri-lo, enquanto um pequeno desvio dos movimentos apropriados unicamente complica o trabalho de abertura e torna-a mais difícil para abrir. A Combinação de Fechadura de **Tempo** adiciona os próprios dispositivos, que por um relógio harmonizado dentro das galerias do banco, as portas quando fechadas perto da noite estão assim fechadas de tal modo que elas não podem ser abertas por qualquer um até um horário fixado da manhã seguinte; e então, somente em resposta para o uso de uma combinação adequada sobre a qual a fechadura tem sido fixada.

Assim o Pai celestial tem fechado em tempo e selado muitos delineamentos de Seu plano durante a noite com sua grande Fechadura de Tempo, que foi apenas fixada como que para impedir sua criatura abrir até “ao determinado tempo” — na manhã do grande dia da restauração. E naquele tempo o ungido de Jeová, “que tem a chave” e entende a combinação sobre a qual ela tem de ser estabelecida, “abre, e ninguém fecha”. (Apoc. 3:7) Ele abre para nós por dar-nos a necessária informação quanto à chave da profecia como é para ser operada por esses que desejam descobrir os tesouros da sabedoria infinita. E podemos abrir a fechadura dos tesouros da sabedoria divina agora, porque a hora da manhã tem chegado — entretanto ela é matinal e ainda não iluminou ao mundo. Mas apenas por cuidadosamente atender as instruções, e aplicar a chave da combinação estabelecida pelo grande Desenhista, abrir-se-ão seus tesouros para nós.

De fato, esta ilustração ajusta-se ao inteiro plano de Deus em todas as suas partes: Cada delineamento da verdade e cada profecia é mais do que uma parte de uma grande combinação, que pode ser aberta agora porque é a manhã — porque os pinos da grande Fechadura de Tempo retiraram-se. E esta grande combinação, uma vez aberta, revela plenamente e grandemente os tesouros ilimitados da divina sabedoria, justiça, amor, e poder. Aquele que abrirá certamente conhecerá a Deus como nunca antes.

Permitam-nos, então, examinarmos as Escrituras com um reverente espírito, para que possamos aprender que Deus está satisfeito em revelar a nós algo com referência a seus tempos e épocas. Desde que Ele tem recentemente feito tão claro o grande esboço do Seu plano, podemos razoavelmente esperar que o seu tempo é oportuno para guiar-nos a um conhecimento de seus tempos delineados. Os tempos e épocas sabiamente foram escondidos no passado, e os santos foram deste modo salvos de desânimo, porque o tempo foi longo; mas ao passo que o plano aproxima-se de sua gloriosa consumação, é privilégio dos santos sabê-lo, para que eles possam exultar e levantar as suas cabeças, porque a sua redenção se aproxima. (Luc. 21:28) O esclarecimento do tempo, no “tempo do fim”, será tão benéfico e estimulante aos santos assim como o seu esclarecimento no passado não teria sido proveitoso e desanimador.

Evidentemente nosso Deus é um Deus de ordem. Tudo que Ele faz está de acordo com um plano definitivo arranjado de antemão; e seus tempos ou épocas determinados não são parte insignificante ou sem importância desse plano. Notemos que Jesus nasceu a tempo — **“vindo a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher”**. (Gal. 4:4) Não antes, não depois, mas exatamente quando o tempo foi cumprido. A primeira pregação do nosso Senhor foi sobre o assunto do tempo — “Ele veio pregando, e dizendo: **O tempo está cumprido, ... Arrependei-vos, e crede no evangelho.**” (Mar. 1:15) “Cristo morreu **a seu tempo**”. (Rom. 5:6) Ele “foi ressuscitado ao terceiro dia, [no tempo determinado] **segundo as Escrituras**”. (1 Cor. 15:4) Durante seu ministério seus inimigos freqüentemente: “Procuravam, pois, prendê-lo; mas ninguém lhe deitou as mãos, **porque ainda não era chegada a sua hora.**” — João 7:30.

As profecias de tempos não foram dadas para satisfazer mera curiosidade, mas para habilitar o estudante da Palavra para reconhecer os prévios eventos **no seu vencimento**. Por exemplo: Apesar de que as profecias marcavam o tempo e a maneira do primeiro advento, ele não foi compreendido até que Cristo veio; e

então ajudou aqueles que cuidadosamente estudavam as Escrituras para identificar o homem Jesus como Cristo, enviado de Deus de acordo com a designação e a profecia. E, exatamente assim, as profecias marcando o tempo e a maneira do segundo advento são exatamente para serem entendidas junto ao tempo desse evento, para nos ajudarem na identificação de seu dia em que ele havia vindo — e a sua ordem dos eventos e as obrigações da hora. Ninguém pode ler o Antigo Testamento das Escrituras atenciosamente sem notar a proeminência dada às datas, e a grande particularidade com que algumas são marcadas, até para um dia, embora freqüentemente sejam totalmente ligadas a eventos que podem parecer muito insignificantes. Mas o cuidadoso estudante notará que estas várias datas e referências cronológicas são argolas numa maravilhosa corrente de evidências, que torna notório pontos com grande precisão particularmente dois dos mais notáveis e importantes eventos na história do mundo, a saber: o primeiro e o segundo adventos do Senhor e Redentor do mundo, e as importantes matérias associadas com isto.

O fato que a maioria dos cristãos são indiferentes para estas coisas não é o motivo pelo qual esses que amam a sua aparição, e desejam fundamentar a aprovação dele, devam desfalecer para uma similar condição de mornidão.

Deve manter-se em mente que o Israel carnal, exceto os “amigos” de Deus, tropeçou e **não conheceu o tempo** de sua visitação (Luc. 19:44), e o que o profeta tinha predito: O tropeço de **duas** casas de Israel — a casa nominal dos judeus, e a casa nominal dos cristãos. (Is. 8:14) Apenas “**um remanescente**” no fim ou ceifa de cada dispensação é preparado para receber e para apreciar as verdades então devidas, e, por conseguinte, em entrar para dentro dos especiais privilégios e bênçãos da dispensação da aurora. Portanto resta a cada cristão, no final do período desta idade, individualmente observar isto: que ele é um dos “remanescentes”, e não um dos mornos, desatentos e indiferentes da

Igreja cristã **nominal**, que certamente tropeçará, assim como foi predito pelo Profeta, pelo Senhor e pelos Apóstolos, e como foi prefigurado pelo procedimento do Israel carnal, qual foi declarado para ser seu tipo ou sombra.

Mas enquanto a profecia de tempo será de grande vantagem a seu tempo, demonstrando vários delineamentos do plano de Deus pertencentes à ceifa, etc., é também verdade que um conhecimento da maneira e aparição do nosso Senhor é muito necessário. Para isto, muita cuidadosa atenção, no lugar apropriado, é requerida. E antes de conhecer tudo isto, devemos submeter-nos á santidade e humildade, as quais devem abrir o caminho para sua recepção pela habilitação dos filhos de Deus para remover preconceitos de seus corações e procurar diligentemente em saber o que tinha sido revelado. Assim foi no primeiro advento: apenas os sinceros, consagrados e humildes discerniram o tempo e a maneira. Os mundanos e sobrecarregados, os fartos, não discernirão nem as profecias nem os sinais dos tempos cumprindo-se, até passar a sega e findar o verão de favor especial.

No fim ou na “ceifa” da Idade Judaica, os verdadeiramente humildes e sinceros “verdadeiros israelitas” estavam numa condição de expectação que diferia largamente daquela dos orgulhosos, cercados de idéias e pensamentos mundanos e farisaicos; por isso não somente estavam mais dispostos em aceitar o plano de Deus assim como Ele o havia arranjado, mas também eles estavam mais dispostos a ouvir e examinar a verdade quando eles puderam entrar em contato com ela. E nosso Senhor, enquanto despedia os presunçosos, censurando os sofismas dos fariseus com respostas obscuras ou evasivas, tomou o tempo e cuidado para tornar a verdade clara e manifesta aos humildes, e sinceros que a procuravam. (Mat. 13:10-17; 16:1-4; Mar. 7:1-23; Luc. 18:18-30; João 1:45-51; Luc. 24:13-32 e 33-49; João 20:24-28; 21:1-12) Os orgulhosos e presunçosos, e todos aqueles que os seguiam, tropeçaram, (Mat. 15:14), enquanto os humildes e desejosos da

verdade interrogaram-no sinceramente acerca da verdade. (Mat. 13:36; Mar. 4:10) E o Senhor expôs os ditos obscuros a tais, dizendo: “A **vós** é dado conhecer os mistérios do reino de Deus; mas aos outros [não **verdadeiros** israelitas] se fala por parábolas; para que vendo, não vejam, e ouvindo, não entendam.”

Assim, também, é no fim desta idade. Verdade aqui, como ali, separa os sinceros e humildes, e guia-os dentro do conhecimento presentemente devido a tais, e fortalece e ilumina-os, para que eles não tropecem com as massas de cristãos nominais; enquanto os mornos e presunçosos rejeitam as verdades aqui devidas, porque são cegados pelas condições impróprias de seus corações. Por isso eles serão rejeitados pelo Senhor como indignos de tornar-se participantes da classe a qual há de formar a Sua Noiva. — Ef. 4:1; 1 Cor. 9:27.

Este é um sério erro para dentro do qual muitos caem, por suporem que um conhecimento do procedimento e dos planos de Deus é de pouca importância, que a graça e o caráter do cristão são tudo o que Deus requer, e que estes são melhor conservados pela ignorância. Quão diferentemente as Escrituras apresentam a matéria! Elas nos aconselham, não apenas em cultivar a graça de caráter cristão, mas também em preservar constantemente essa condição de coração que habilita-nos a discernir a verdade — especialmente essa grande verdade da presença do Senhor a seu tempo — e quando mudanças dispensacionais tomam lugar. O conhecimento da verdade dispensacional é tão importante no fim desta idade assim como ele foi no fim da Idade Judaica. Aqueles que não discerniram a verdade então devida não receberam os favores então devidos. E exatamente assim no fim desta idade: Aqueles que não podem discernir a verdade agora a tempo, sendo cegados pela incredulidade e mundanismo, não podem receber favores **especiais** a seu tempo. Eles não são vencedores, e por isso são impróprios para a classe que há de formar a noiva de Cristo, e para entrar na gloriosa herança dos santos como co-herdeiros com Ele. A verdade nesta idade, sob as circunstâncias adversas para sua recepção, tor-

na-se um teste de nossa fidelidade a Deus, e portanto como uma foice separa a alguns próprios de aqueles impróprios — o trigo do joio.

O ódio atribui-se ao estudo do tempo profético pela razão do mau emprego no passado dele pelo “Segundo Adventismo” e outros, e as conseqüentes falhas de se realizarem os eventos esperados a ocorrerem nos tempos determinados. Vemos, entretanto, que isto ainda havia sido uma parte do plano de Deus para obscurecer o assunto a todos salvo à classe para a qual isto foi intencionado, para permitir a atribuição de desprezo e ridicularização, impedindo assim aos sábios e entendidos (segundo o mundo) de compreenderem-no. (Mat. 11:25) Isto, não duvidamos, foi mais outra parte do plano divino assim como a ação de mandar Jesus a Nazaré, uma cidade desprezada, “para que se cumprisse o que fora dito pelos profetas: Ele será chamado nazareno”, (Mat. 2:23) embora ele tenha na realidade nascido na nobre cidade de Belém. Assim os sábios e entendidos (segundo o mundo) daquele dia disseram: “Pode haver coisa boa vinda de Nazaré?” Também no dia de hoje, quando o tempo profético ou acontecimento relativo à segunda presença do Senhor é mencionado, muitos gritam “Adventista”, assim como se dissessem: “Pode haver coisa boa vinda do Adventismo?” — Ainda porém que eles admitam que muitas profecias contendo tempo ainda não são cumpridas, e que a segunda vinda do Senhor é o tópico mais proeminente da Escritura.

Nós temos grande simpatia por ambos os Primeiros Adventistas (os judeus) e os Segundos Adventistas, ainda que somente um pequeno número de ambos compreendeu as verdades, eles quase portanto compreenderam, no entanto falharam em compreender, sendo cada um cegado pelas **expectações falsas**. Nossos amigos adventistas haviam falhado no reconhecimento tanto da maneira como do objetivo da volta do Senhor como ensinados nas Escrituras; conseqüentemente eles não têm esperado em vê-lo “assim como **é**”, mas assim como ele **foi**. Eles consideram o objetivo de sua vinda de tal modo que só encherá com desânimo e

terror os corações de todos, exceto dos santos; que o seu objetivo é de reunir os eleitos de Deus, destruir todos os outros da humanidade, e queimar todo o mundo. Tendo tais idéias, eles usavam as profecias de tempo como um chicote para açoitar e conduzir o mundo para Deus. Mas o mundo calmamente olhou para os esforços deles, e disse que estes são irracionais entusiastas, e, se existe um Deus, Ele certamente é mais racional e mais justo do que aquele que eles apresentam. O desprezo do mundo aumentava cada vez mais intensamente, ao passo que tempo após tempo eles prediziam uma destruição parcial ou total da matéria e um esmagamento dos mundos, e tempo após tempo suas predições falharam — até agora a verdadeira menção do tempo profético é reconhecida grandemente em geral com um incrédulo sorriso, ou claro desprezo, ainda pelos cristãos que bem sabem que a cronologia e a profecia constituem uma grande proporção da revelação de Deus.

Mas abençoado é aquele,

“Que não afogam aflições,  
Nem Satanás seduz;  
Que suporta trevas aqui,  
Num mundo zombador.”

Mas Deus providenciou as profecias de tempo não para tal propósito, também não tentou converter o mundo de tal modo como este; porque Ele procura a tais que o adorem em espírito e em verdade (João 4:23), e não a tais que são amedrontados para Seu serviço. Se Ele havia designado aterrorizar o povo à obediência, Ele podia ter planejado algum método mais auspicioso do que a proclamação do **tempo** — como nossos amigos adventistas têm dado a conhecer. O tempo profético foi dado, não para alarmar o mundo — nem para o mundo em qualquer sentido — mas para iluminar, fortalecer, confortar, encorajar, e guiar a **Igreja** nos tempos turbulentos no fim da idade. Portanto, está escrito, “nenhum deles [os ímpios] entenderá; mas os sábios entenderão”. A estes (os sábios), isto se tornará sustento a seu tempo, e, com outro

sustento, fortalecerá aqueles que o usarem, desta maneira para que eles possam “**resistir** no dia mau” — o dia da tribulação com o qual esta idade terminará. Este sustento habilitá-los-á para entenderem os maravilhosos eventos realizados em torno deles, de tal modo que eles nem serão consumidos pelo medo e terror, nem tragados pelos projetos e falsas teorias — da falsamente chamada ciência — com os quais o dia de hoje está cheio. E além disso, eles podem estar no fogo devorador [tribulação], testemunhando para Deus e Seu plano, e ser professores do povo — indicando para o glorioso resultado do plano de Jeová, arvorando o estandarte aos povos. — Is. 62:10 (TB).

Este é o objetivo da profecia de tempo, e quão importante, quão indispensável — para que o homem de Deus seja perfeito, e perfeitamente preparado, neste tempo. Sem estas provas de tempo profético, poderíamos ver os eventos deste dia do Senhor, e não saber dele, ou de nossos deveres e privilégios nele. Ninguém deixe, então, da verdadeira consagração subestimando estas evidências dos tempos proféticos, os quais foram designados para guiar nossas palavras e obras na matinal Aurora do Milênio, antes de nascer o sol, enquanto o mundo e a Igreja nominal ainda estão adormecidos, ignorantes e negligentes das mudanças dispensacionais presentemente ocorridas. Estas provas de tempos proféticos foram amplos recursos de Deus para chamar a atenção do escritor detalhadamente e atentamente para os outros delineamentos do plano divino. A atenção dada a estes deve resultar em proveito durável para o estudante, não somente por informá-lo da “verdade já presente”, mas também por dar força e realidade vital a todas as verdades das Escrituras, por fornecer provas que todos os planos de Deus são obra simultaneamente em **tempo**, tanto como em **espécie** para o desenvolvimento de seus gloriosos propósitos.

A falha das predições dos adventistas, que tentaram fixar um tempo para a queima da terra, etc., etc., tem sido mais em consideração ao caráter dos eventos esperados de que do tempo. Iguais aos judeus, eles erraram por esperarem pelas **coisas impróprias** no

**tempo próprio.** Isto foi a causa secundária deles falharem em aprender claramente a verdade, entretanto a causa primária disto foi o fato que isto ainda não estava no tempo para um entendimento esclarecedor. Contudo foi um tempo estimulante aos santos para olharem para a aparição do Senhor — para um andamento forte para encontrar o Noivo, e um desapontamento prévio à sua vinda atual — tudo do que foi indicado nas parábolas de nosso Senhor das Dez Virgens, como será demonstrado detalhadamente depois. Como demonstrado no volume precedente, o fogo que será para devorar a terra no dia do Senhor, é simbólico, não literal; e nos estudos seguintes será demonstrado que as aplicações de algumas das profecias de tempo que os adventistas haviam descartado como falhadas, não foram falhadas, mas corretas, e que claramente marcam o simbólico fogo deste tempo — o qual logo estará em marcha.

O povo adventista, labutando sob a dificuldade de esperar uma queima literal da terra, tentou forçar todos os períodos proféticos para um dia comum de terminação — mesmo sendo um dia de vinte e quatro horas — e assim eles fizeram violência a algumas profecias afim de fazerem-nas ajustadas e concluídas com outras. Mas a mais clara visão do plano divino agora revela a harmonia perfeita das várias profecias de tempo, e não é necessário torcer ou violar algumas a fim de fazê-las ajustarem-se com as outras. Como nos estudos seguintes instituimos um exame das principais profecias, fizemos procurando não formar uma teoria e em seguida subjugar a ela todos os períodos proféticos, mas cuidadosamente traçamos cada período até a sua terminação, e então tecemos simultaneamente a teoria ou plano assim indicado pelo grande Revelador de segredos. Será constatado que a ordem e harmonia do plano de Deus são, exatamente, assim manifestos em seus tempos e épocas como delineamentos gloriosos desse plano traçado no volume precedente, e mostrados no Mapa das Idades. E quando o grande relógio das idades bater a hora indicada no mostrador profético, os eventos preditos, com certeza, haverão de se concluir assim como Deus os predisse.

## ESTUDO II

### CRONOLOGIA BÍBLICA

A Cronologia é Necessária para a Compreensão da Profecia — Data Indispensável Fornecida pela Bíblia — Desde a Criação de Adão até 1873 d. C. Passaram-se Seis Mil Anos — A Declaração da Cronologia da Bíblia em Grandes Períodos — Exame de seus Detalhes — Desde a Criação até o Dia em que Secaram-se as Águas do Dilúvio — Até o Pacto Abraâmico — Até a Doação da Lei — Até a Divisão de Canã entre as Tribos — O Período dos Juízes — O Período dos Reis — O Período da Desolação — Até 1873 d. C. — Em que esta Cronologia Difere da Apresentada pelo Bispo Ussher, Notada em Algumas Bíblias — A Verdadeira Data de Nascimento do Nosso Senhor.

**NESTE** estudo apresentamos as evidências da Bíblia as quais indicam que seis mil anos contando desde a criação de Adão se completaram em 1872 d. C.; e por esta razão, desde 1872 d. C., temos entrado cronologicamente no sétimo mil ou Milênio — do qual o princípio, o “dia do Senhor”, o “dia de tribulação e de angústia”, será testemunha da ruptura em fragmentos dos reinos do mundo, e do estabelecimento do Reino de Deus debaixo de todo o céu.

A cronologia é necessária, também, como um princípio fundamental para o exame dos períodos proféticos. Devemos verificar antes de tudo onde estamos no decurso do tempo; e para fazer isto, devemos ter datas seguras para o cálculo; por isso colocaremos primeiro em ordem o assunto da cronologia. E uma completa cronologia da história humana deve necessariamente começar com a criação do homem.

A duração do tempo desde a criação do homem é variavelmente estimada. Entre aqueles que aceitam o registro da Bíblia, nesse ponto pode haver pouca diferença de opinião; mas entre aqueles que o rejeitam as diferenças são enormes, variando todo o decurso desde dez mil até milhões de anos. Estas suposições são baseadas sobre fatos que produzem apenas fundamentos inadequados para

tais conclusões extravagantes e temerárias. Por exemplo: A descoberta de pontas das flechas de pederneira nas turfeiras da Suíça e Irlanda, numa considerável profundidade abaixo da superfície, é tomada como uma **prova** de que o seu nível foi outrora a superfície, e que os musgos das turfas gradualmente cresciam em volta e sobre elas; e o tempo necessário para tal crescimento é calculado desde a presente ordem de crescimento pelo espaço de cem anos, que realmente é pequeno. Se suas premissas fossem verdadeiras, naturalmente isto provaria que o homem havia vivido milhões de anos anteriormente. Mas outros geólogos nos mostram, e com boa razão, que estas turfeiras eram antigamente tão moles que uma ponta da flecha de pederneira podia facilmente descer até uma grande profundidade gradualmente, durante uns poucos séculos.

Citamos outro exemplo: “Ao determinar profundidade durante sondagens no solo enlodado do Vale do Nilo, dois tijolos queimados foram descobertos, um numa profundidade de vinte, o outro numa de vinte e quatro jardas (91,4 cm, é medida de cada jarda). Se nós estimamos a espessura do depósito anual formado pelo rio de até oito polegadas por século, temos que atribuir ao primeiro destes tijolos — a idade de 12.000 anos e o segundo a idade de 14.000 anos. **Por meio de cálculos análogos**, Burmeister [um célebre geólogo] supõe terem passado setenta e dois mil anos desde o primeiro aparecimento do homem sobre o solo do Egito; e Draper [outro geólogo notável] atribui ao homem europeu, que presenciou o último período glacial, uma antiguidade de mais de 250.000 anos.”\*

Naturalmente, “**se estimarmos**” exatamente como estes **grandes** homens o fazem, chegaremos às mesmas **grandes** conclusões. Mas alguns de nós são incientíficos o bastante para inquirir, se isto não é mais que provável do que as formações de depósitos de lodo do rio Nilo que têm sido bastante irregulares, assim como de outros rios,

---

\* Prof. N. Joly, em “Man Before Metals” (O Homem Antes dos Metais), p.183.

que às vezes mudam seus leitos e ainda carregam para longe suas ribanceiras notavelmente numa só inundação. Novamente, lembramos do Dilúvio dos dias de Noé, não apenas particularmente mencionado na Bíblia, mas preservado nas mais antigas tradições das nações pagãs, e admiramo-nos como muito lodo e entulhos de tal maneira causaram excedentes e altos de oito polegadas por século. Admiramo-nos, também, por que isto não tem ocorrido a estas **grandes mentes**, como isto naturalmente ocorre a algumas não **muito grandes**, que dois tijolos jogados nesse “solo **enlodado**”, através de certo tempo em que eles estavam cobertos com água e material realmente mole, desceriam completamente a certa distância por meio do seu próprio peso, sendo de substância muito mais densa do que o solo lodoso. Quanto à diferença de profundidade dos dois tijolos, isto teria parecido mais razoável a uma mente **não científica** para supor que um caiu no lodo lateralmente ou de pé, enquanto o outro caiu horizontalmente descendo lentamente, do que supor que homens que viveram há dois mil anos à parte fizessem dois tijolos iguais.

Não faz muitos anos desde que o esqueleto de um homem que foi encontrado num anterior leito do rio Mississipi, e assim alguns geólogos começaram a calcular quantos numerosos milhares de anos **poderiam** ser indicados ao comparar a camada com os muitos pés de sedimento, lodo, etc., que cobriam o esqueleto, e assim imaginavam eles terem realmente uma valiosa amostra do homem pré-histórico. Mas, mais tarde foram achadas, à distância de alguns pés (medida de extensão correspondente a 12 polegadas, ou 30,48 cm) abaixo do esqueleto, partes de uma barçaça larga e pouco funda, assim como estava em uso no Mississipi a menos do que cinqüenta anos passados, isto completamente mudou os cálculos, e aliviou a humanidade de “uma outra **prova**” de que o mundo seja milhões de anos mais antigo do que ensina a Bíblia.

Deixando para trás a discordância e a suposição totalmente incerta de alguns geólogos sobre estes assuntos da cronologia, recorreremos à história universal da humanidade em busca de infor-

mação. E o que encontramos? A história das mais antigas nações gentias pode ser traçada no passado claramente e distintamente menos do que três mil anos. Além disso, tudo é falto de clareza, incerto, mítico, fabuloso, e tradição indigna de confiança. A história romana não estende-se muito atrás, de qualquer forma, apenas dois mil e setecentos anos desde que Roma foi fundada, e também os seus primeiros séculos são cobertos por tradição incerta. Três mil anos no passado nas histórias de Babilônia, Síria e Egito nos conduzem a um período onde seus registros são fragmentários e envolvidos numa grande obscuridade. Na história da China, isto leva-nos à dinastia Tchou, onde os eventos da história chinesa **“começam** a serem mais dignos de confiança”. Na Grécia, notável por sua sabedoria nos passados três mil anos, sobre todas as nações. Com quem podíamos esperar encontrar a exatidão da história, no que nós encontramos? Encontramos as suas datas exatas durante os últimos dois mil e seiscentos anos, mas não exatas além disso no passado. As posteriores destas, nos aparecem no que é conhecido como “fabuloso, de um período pré-histórico” ou mitologia grega. O único cálculo razoável e interligado dos primeiros três mil anos do homem sobre a terra é fundamentado na Bíblia; e este fato está seguramente em harmonia com as suas reivindicações de origem divina, direção e preservação.

Assim como com a história, também com as datas: O mundo não tem recursos, à parte da Bíblia, para traçar sua cronologia antes do que 776 a. C. Sobre este assunto nós citamos o Professor Fisher, do colégio de Yale. Ele diz: “Um exato método de estabelecer datas foi alcançado lentamente. A divisão de eras foi indispensável para este fim. **A primitiva definição de tempo** data-se desde os eventos estabelecidos em Babilônia — a era de Nabonassar, 747 d. C. “Os gregos (começando cerca de 300 anos a. C.) dataram eventos desde a primeira vitória registrada nos jogos olímpicos, 776, a. C. Estes jogos ocorreram a cada quatro anos. Cada olimpíada portanto realizava-se num período de quatro em quatro anos. Os romanos, entretanto não por alguns séculos depois da fundação de Roma,

dataram a partir **desse** evento; isto é, desde 753 a. C.”

Em outra evidência essas numerosas assim chamadas histórias do passado remoto tão ligadas com imaginações e tradições míticas que fazem-nas sem valor para a data cronológica, e totalmente indignas de consideração, citamos como segue da *Enciclopédia Americana*, sob o título, **cronologia**: —

“A história dos povos da Antigüidade, a menos que façamos uma exceção no caso dos hebreus, estende-se no passado em períodos míticos de milhares ou milhões de anos; e até depois que os registros começam a assumir um aspecto histórico, as divergências são muito grandes. ... As inscrições assírias, babilônicas e egípcias estão em linguagens extintas, e em caracteres por longo tempo obsoletos. ... As datas gregas e romanas são geralmente bem autenticadas para a primeira olimpíada, 776, a. C., e o estabelecimento do consulado, 510 a. C., antecedentes a estas são principalmente tradicionais ou legendárias. Herodoto é de valor apenas quanto aos eventos do seu próprio tempo, cerca de 450 a. C., e esses de um ou dois séculos anteriores.”

Clinton na sua obra sobre *Cronologia Grega* (página 283) diz: “Estas histórias contidas nas Escrituras Hebraicas apresentam um agradável e notável contraste com os primitivos cálculos dos gregos. Na última traçamos com dificuldade uns poucos fatos obscuros preservados para nós pelos poetas, que transmitiram, com todos os embelezamentos da poesia e fábula, que eles tiverem reconhecido segundo tradição oral. Nos anais da nação hebraica, temos narrativas autênticas escritas pelos contemporâneos sob a orientação da inspiração. O que eles nos têm transmitido vem portanto sob dupla autorização. Eles foram ajudados pela inspiração divina, a registrar fatos sobre os quais, como meras testemunhas humanas, sua evidência seria válida.”

A Bíblia, nossa história provida por Deus, dos primeiros três mil anos, é a única obra no mundo que — começando com Adão, o primeiro homem mencionado na história, monumento ou inscri-

ção, cujo nome, o tempo da sua criação e morte estão registrados, e do qual seus descendentes podem ser traçados pelo nome e idade em sucessivas ligações por quase quatro mil anos — fornecendo-nos uma história clara e interligada com aplicação a um período onde a história universal é bem autenticada. Assim como deveremos ver, o registro bíblico prolonga-se até o primeiro ano de Ciro, 536 a. C. , uma data bem estabelecida e geralmente aceita. Ali a linha da cronologia bíblica é descontinuada — até a um ponto onde a história universal é de confiança. Deus tem portanto provido para seus filhos um registro claro e interligado com aplicação ao tempo presente. A Bíblia pelas suas profecias acrescenta à história, com aplicação até a consumação “da restauração de todas as coisas”, no fim do sétimo milênio, de onde a nova era de bem-aventurança eterna começará a ser datada. A Bíblia é portanto o único registro no mundo que fornece uma visão como um todo da história humana. Ela leva-nos desde o paraíso perdido de Gênesis até o paraíso restaurado do Apocalipse, traçando o caminho da humanidade dentro da eternidade. Tomadas em conjunto, a história e a profecia da Bíblia proporcionam uma visão panorâmica do processo completo dos eventos desde a criação e queda do homem até sua reconciliação e restituição. A Bíblia, portanto, é o mapa de toda a história. Sem ela, como tem sido verdadeiramente dito, a história seria “como rios que fluem desde nascentes desconhecidas para mares desconhecidos”; mas sob suas orientações podemos seguir o curso destes rios desde suas nascentes, sim e ver seu glorioso fim no oceano da eternidade.

Só na Bíblia, portanto, podemos esperar encontrar um registro que porá em ordem corretamente os períodos não harmônicos e irregularidades cronológicas que os anais da história humana à primeira vista apresentam — em harmonia mutuamente e com os períodos da natureza.

Começando com a pergunta: Quanto tempo transcorreu desde a criação do homem? Devemos depositar confiança naquele que

deu as profecias, e disse que no tempo do fim elas devem ser entendidas; ele tem provido em sua Palavra os dados necessários para habilitar-nos a corretamente determinar a posição dessas profecias. Todavia, seja quem for que espere encontrar estas matérias tão claramente estabelecidas assim como para serem convincentes ao mero leitor superficial, ou ao céptico não sincero, será desapontado. Os tempos e épocas de Deus são dados de uma certa maneira como que para ser convincente, até este tempo, apenas para aqueles que, pelo conhecimento com Deus, são aptos a reconhecerem os seus métodos característicos. A evidência é dada “para que **o homem de Deus** seja ... perfeitamente preparado”. (2 Tim. 3:17) Estes bem sabem que em todos os caminhos pelos quais seu Pai os guia eles devem andar pela fé, e não pela vista. A todos que estão preparados para andar assim, esperamos poder indicar a cada passo, as afirmações sólidas da Palavra de Deus — uma fundação segura para a fé razoável.

Não discutiremos aqui os méritos das versões *Septuaginta* e Hebraica das Escrituras do Velho Testamento, as suas diferenças nos dados cronológicos, etc., mas nós mesmos daremos satisfação, e confiamos ao leitor, afirmando que a primeira foi uma tradição dos egípcios, enquanto que a última é o registro hebraico original; fatos que, tomados em conexão com a quase supersticiosa veneração com a qual os hebreus guardavam todo i e til desses sagrados escritos, é forte evidência da confiança da Versão Hebraica. A sua aceitação pelos eruditos é completamente geral, e neste volume seguimos as suas datas, etc.

Aqui fornecemos a evidência de que desde a criação de Adão até 1873 d. C. transcorreram seis mil anos. E ainda que a Bíblia não contenha afirmação direta de que o sétimo milênio será a época do reinado de Cristo, o grande Dia do Sábado da restauração do mundo, contudo a tradição venerável não está sem um fundamento razoável. A lei dada a Israel, o povo típico, decretando que seis dias de trabalho e cansaço deviam ser seguidos por um de

repouso e descanso das suas próprias obras parece adequadamente ilustrar os seis mil anos nos quais toda a criação trabalha e geme debaixo da escravidão do pecado e morte (Rom. 8:22) num esforço vão de livrar-se; e o grande Dia Milenar no qual os cansados e oprimidos podem vir a Cristo Jesus, o pastor e bispo das suas almas, e através dele encontrar descanso, refrigério e restauração — no qual, pelos méritos do seu precioso sangue, poderão achar arrependimento e remissão dos pecados. No sétimo dia típico ele perguntou ao enfermo, “Queres ficar são?” E em resposta a sua fé e obediência deu-lhe a força para levantar, tomar o seu leito e andar. (Veja João 5:6-9; também Mat. 12:10, 13; João 7:23; Luc. 13:11-16; 14:1-5) Assim, durante o Sábado antitípico, o Milênio, isto será declarado a todo o mundo que “**quem quiser**” pode ter a vida e saúde eternas se tomar os passos da fé e obediência.

Não devemos olhar sem examinar o fato já notado (Volume I, Estudo VIII), que o termo **dia** é indefinido, e significa apenas um período de tempo, seja de longa ou curta duração. O apóstolo Pedro notificou que o sétimo período de mil anos da história do mundo seria o sétimo dia na conta de Deus, dizendo: “Mas vós, amados, não ignoreis uma coisa: que um dia para o Senhor é como mil anos, e mil anos como um dia. Virá, ... o dia do Senhor”, etc. — 2 Ped. 3:8, 10.

Se, então, o sétimo período de mil anos da história do mundo será uma época especialmente destacada como o período do reinado de Cristo, por demonstrar que começou em 1873 d. C., estaremos comprovando que **já nele** estamos. Isto traz à lembrança o que já temos notado no volume precedente, que as Escrituras indicam que a aurora do Milênio, ou dia do Senhor, será escuro e tempestuoso, e cheio de transtornos sobre o mundo e sobre a Igreja nominal, ainda que a sua luz amanhecendo mais matutina será cheia de conforto e ânimo para os santos, os quais tiram o seu conforto e paz da esperança que lhes está proposta no Evangelho,

a qual, como uma âncora, entra além do tempo de tribulação, e firma-se nas promessas preciosas do levantar do sol e esplendor Milenar: — vêem além do tempo de tribulação o reino glorioso e as bênçãos prometidas.

A condição geral do mundo hoje, e o desenvolvimento rápido desde 1873 do socialismo, niilismo e comunismo, cujo objetivo declarado é o transtorno das autoridades que existem, e a redistribuição das riquezas do mundo, certamente que não estão em desacordo com o que devemos esperar; seja o quanto for que, em alguns respeitos, estas coisas possam ser desaprovadas por aqueles que amam a lei, ordem e paz. Apenas os que vêem que a vindoura anarquia e tribulação serão agências de Deus para o estabelecimento de uma lei e ordem ainda mais completas e uma paz mais permanente, serão livrados do medo opressivo quando eles passarem por ela.

Nem é esta indicação da sétima época, ou Milênio, o único valor da cronologia; pois enquanto apresentaremos várias linhas de profecia inteiramente independentes da cronologia, esta é a medida pela qual as várias linhas da profecia estão estabelecidas. A concordância perfeita entre estas duas classes de ensino profético, algumas dependentes na, e outros independentes da, cronologia, é comprovação muito forte, não apenas da precisão dessas aplicações, senão também da precisão da cronologia que mostra esta harmonia; no mesmo princípio que uma chave que abrirá um guarda-jóias difícil de abrir é evidentemente a chave verdadeira. A cronologia dada abaixo harmoniza as várias declarações proféticas relativas ao Reino de Cristo e o seu estabelecimento, pela sua demonstração de ordem e tempo relativos. A cronologia é a haste ou cabo pelo qual todas as comprovações proféticas de tempo, como os entalhes ou dentes de uma chave, são unidos juntos e operados.

## UM RELATO ABREVIADO DA CRONOLOGIA ATÉ O ANO 6000 DEPOIS DA CRIAÇÃO DE ADÃO

O seguinte relato abreviado dos períodos cronológicos pode propriamente chamar-se cronologia bíblica, porque apenas a conta bíblica está em seqüência até o primeiro ano de Ciro, 536 a. C., uma data bem autenticada e geralmente aceita pelos eruditos. Aqui termina a linha da cronologia bíblica — um pouco além do período quando a história universal começa ser de confiança. Isto em si mesmo é uma evidência marcada da direção e superintendência divinas, para ajudar-nos apenas onde não podemos servir-nos a nós mesmos.

### Desde a Criação de Adão

Até o fim do dilúvio .....	1656 anos
Daquele tempo até o pacto com Abrão .....	427 ”
Daí até o Êxodo e a dada da Lei .....	430 ”
Daí até a divisão de Canaã .....	46 ”
O período dos Juízes .....	450 ”
O período dos Reis .....	513 ”
O período da desolação .....	70 ”
Daquele tempo até o ano 1 d. C. ....	536 ”
Daquele ano até o ano 1873 d. C. ....	1872 ”
Total .....	
	6000 anos

Enquanto consideramos particularmente cada um destes períodos, deixe o leitor calculá-lo por si mesmo, e ver quão firme é a fundação da nossa fé assentada na Palavra de Deus. Dois intervalos encontraremos na narrativa histórica do Velho Testamento; todavia quando descobrimos que no Novo Testamento Deus tem provido pontes para estender sobre estes dois vãos, deve aumentar a nossa confiança de que Deus de tal maneira arranjou o registro como para reservar os seus tempos ou épocas até que viesse o seu devido tem-

po para revelá-los — exatamente como Ele tem feito com outras verdades já noticiadas.

Agora examinaremos os períodos anteriores separadamente, e na sua ordem indicada acima, até o reinado de Ciro. Tendo vossa Bíblia à mão, verifiquemos cada citação para que possais receber isto como Palavra de Deus e não dos homens.

### A Cronologia do Período desde a Criação de Adão até o Dia em que Secaram-se as Águas do Dilúvio

“Adão viveu 130 anos, e gerou um filho ... e pôs-lhe o nome de Sete.” — Gên. 5:3 .....	130 anos
“Sete viveu 105 anos, e gerou a Enos.” — Gên. 5:6 .....	105 ”
“Enos viveu 90 anos, e gerou a Quenã.” — Gên. 5:9 .....	90 ”
“Quenã viveu 70 anos, e gerou a Maalael.” — Gên. 5:12 .....	70 ”
“Maalael viveu 65 anos, e gerou a Jaredé.” — Gên. 5:15 .....	65 ”
“Jaredé viveu 162 anos, e gerou a Enoque.” — Gên. 5:18 .....	162 ”
“Enoque viveu 65 anos, e gerou a Matusalém.” — Gên. 5:21 .....	65 ”
“Matusalém viveu 187 anos, e gerou a Lameque.” — Gên. 5:25 .....	187 ”
“Lameque viveu 182 anos, e gerou um filho, a quem chamou Noé”. — Gên. 5:28, 29 .....	182 ”
“Tinha Noé 600 anos de idade, quando o dilúvio veio sobre a terra.” — Gên. 7:6 .....	600 ”
Total desde a criação de Adão <b>até o dia</b> em que secaram-se as águas de sobre a terra. — Gên. 8:13 .....	1656 anos

Nada mais simples exato do que isto para algum dia puder ser pedido. Permitam agora examinar o seguinte período.

**O Período desde o Dilúvio até o Pacto com  
Abraão, no Tempo da Morte de Terra, o seu Pai**

“Sem ... gerou a Arfaxade, dois anos depois do dilúvio.” — Gên. 11:10 .....	2 anos
“Arfaxade viveu 35 anos, e gerou a Selá.” — Gên. 11:12 .....	35 ”
“Selá viveu 30 anos, e gerou a Eber.” — Gên. 11:14 .....	30 ”
“Eber viveu 34 anos, e gerou a Pelegue.” — Gên. 11:16 .....	34 ”
“Pelegue viveu 30 anos, e gerou a Réu.” — Gên. 11:18 .....	30 ”
“Réu viveu 32 anos, e gerou a Serugue.” — Gên. 11:20 .....	32 ”
“Serugue viveu 30 anos, e gerou a Naor.” — Gên. 11:22 .....	30 ”
“Naor viveu 29 anos, e gerou a Tera.” — Gên. 11:24 .....	29 ”
“Foram os dias de Tera 205 anos; e morreu”. — Gên. 11:32 .....	205 ”
Total .....	427 anos

Isto, também, é muito simples e exato. Mas o seguinte período não é tão facilmente traçado; pois a linha direta da cronologia está interrompida, até depois do êxodo de Israel do Egito. Daqui nós seríamos totalmente incapazes para prosseguir, se não fosse que Paulo e Estevão, como os oradores do Espírito, fornecessem o elo de ligação.

**O Período desde o Pacto com Abraão até a  
Dada da Lei**

Paulo declara que a duração deste período foi de quatrocentos e trinta anos. (Gál. 3:17) O Pacto incluiu a promessa da terra de

Canaã em perpétua possessão, e ainda que várias vezes reafirmada a Abraão, a Isaque, e a Jacó, sempre foi o mesmo pacto. (Veja Gên. 12:7, 8; 13:14-18; 26:3, 4; 35:9-12; 46:2-4; 50:24.) Como mostrado por uma comparação de Gên. 12:1-5, 7, e At. 7:2-5, o pacto foi feito (de acordo com a promessa prévia) tão logo como Abraão tinha plenamente cumprido as condições nas quais ele havia de recebê-lo: isso foi, tão logo como ele tinha chegado em Canaã, o que fez imediatamente depois da morte do seu pai, que morreu em Harã, no caminho para Canaã. Tendo a data do pacto — justamente depois da morte de Tera — assim estabelecida pela declaração de Estevão, e tendo a afirmação de Paulo que a Lei veio quatrocentos e trinta anos depois do pacto, o intervalo na cronologia do Velho Testamento é estendido e assim atravessa-se pelo Novo. Entretanto leiamos o relato cuidadosamente, e marquemos a particularidade com que a ponte é construída:

“Ora, o Senhor **disse** [previamente, antes dele partir da Mesopotâmia, ou Ur dos Caldeus] a Abrão: Sai-te da tua terra, da tua parentela, e da casa de teu pai [irmãos, e os demais], para a terra que eu te mostrarei. [E se assim farás] Eu farei de ti uma grande nação”; etc. (Gên. 12:1, 2. Compare At. 7:2.) Isto indica que Deus tinha **proposto** o pacto a Abrão antes da morte de Tera, o seu pai, e antes de Abrão vir para morar em Harã. Contudo ali havia uma estipulação que exigiu a fé e obediência de Abrão antes de verdadeiramente ser feito o pacto. Esta estipulação foi que ele devia de manifestar fé na promessa que desta maneira um pacto seria feito com ele, por partir da sua terra e parentela e ir à terra à que foi dirigido. Isto fez Abrão; enquanto a sua mulher, seu sobrinho Ló, e seu pai idoso participaram da sua fé e desejaram compartilhar, foi lhes permitido fazê-lo, e os quatro partiram para a Terra da Promissão. O seu pai Tera morreu no caminho, em Harã, depois do qual Abrão passou para Canaã, para que lá ele pudesse

assegurar e firmar o pacto. Como Estevão declarou a Israel: “depois que seu pai faleceu, Deus o trouxe para esta terra em que vós agora habitais”. “Partiu, pois, Abrão [para fora de Harã], **como o Senhor lhe ordenara**”. (At. 7:4; Gên. 12:4) E o pacto foi feito exatamente depois que ele chegou à terra. (Veja Gên. 12:5-7.) Assim temos a data do pacto, e o começo dos quatrocentos e trinta anos, fixados como imediatamente depois da morte de Tera, e a cadeia da cronologia completa até a dada da Lei. O primeiro delineamento da Lei foi a Páscoa, que foi instituída no mesmo dia em que Israel saiu do Egito. — Êx. 12:41-43, 47, 50, 51.

Em concordância com isto lemos: “Ora, o tempo que os filhos de Israel moraram no Egito foi de quatrocentos e trinta anos. E aconteceu que, ao fim de quatrocentos e trinta anos, **naquele mesmo dia**, todos os exércitos do Senhor saíram da terra do Egito.” — Êx. 12:40-42, 51.

Alguns podem supor que as declarações de Moisés e Paulo (Êx:12:40-42 e Gál. 3:17) não estão em harmonia, um afirma que o tempo em que os filhos de Israel moraram no Egito foi de quatrocentos e trinta anos, e o outro, que desde o testamento (pacto com Abrão) até a dada da Lei haviam quatrocentos e trinta anos, raciocinando que se apenas quatrocentos e trinta anos passaram entre a chegada de Abrão em Canaã e a dada da Lei, o tempo de morarem os filhos de Israel no Egito deve ter sido muito menor. Entretanto deve ser observado que a declaração não é que Israel morou no Egito quatrocentos e trinta anos, mas que a duração total da residência temporária desse povo que por algum tempo viveu no Egito durou quatrocentos e trinta anos. “Ora, o tempo que os filhos de Israel moraram no Egito foi de quatrocentos e trinta anos”. A residência temporária referida aqui começou antes de tudo

quando Abrão chegou em Canaã. (Heb. 11:8, 9) Israel residiu temporariamente em Abraão e em Isaque e em Jacó, ainda assim como Levi pagou dízimos a Melquisedeque, quando ele estava **ainda nos lombos de seu pai**. Heb. 7:9, 10.

O pacto com Abraão entrou em vigor desde o tempo em que, saindo de Harã, chegou em Canaã, a terra da promessa. Desde esse tempo, ele e todo Israel nele, ainda por nascer, vieram a ser herdeiros das coisas prometidas, **residentes temporários**, ou peregrinos, esperando por Deus para o cumprimento da promessa. Esta peregrinação tinha durado quatrocentos e trinta anos, até o dia, em que Israel saiu do Egito, e recebeu esse primeiro delineamento da Lei, a instituição da Páscoa. As declarações de Moisés e Paulo, portanto, referem-se precisamente ao mesmo período, assim dando evidência positivíssima de que desde o pacto com Abraão até a dada da Lei passaram-se quatrocentos e trinta anos. Paulo deu ênfase especial ao fato de que a Páscoa deve de ser considerada como o começo da Lei (o que Moisés também mostra, Êxodo 12:42, 43, 47, 50), e Moisés deu ênfase especial à exatidão do período, ao dia.

Assim temos o nosso terceiro período claramente estabelecido. E quando notamos a particularidade do Senhor para um dia, fornecer este elo na cadeia da cronologia, nos dá forte confiança, especialmente quando consideramos que tal particularidade provavelmente não foi de interesse especial para a Igreja do passado, e não foi dado a nenhum outro do que o presente uso.

### **Período desde o Êxodo até a Divisão de Canaã entre as Tribos**

Os quarenta anos de Israel, ou “dia da tentação no deserto” (Deut. 8:2; Sal. 95:8-10; Heb. 3:8, 9), foi seguido por seis anos de guerra em Canaã, e a divisão da terra entre as tribos. Um ano, um mês e cinco dias decorreram desde a sua saída do Egito até sua

saída de Sinai para Parã. (Num. 33:3; 10:11-13) E foi então desde Cades-Barnéia do deserto de Parã que os espias foram enviados. (Num. 13:3-26; 32:8-13) Um destes, Calebe, quando pediu a sua porção junto a divisão da terra (Jos. 11:23; 10:42), disse: “Quarenta anos tinha eu quando Moisés, servo do Senhor, me enviou de Cades-Barnéia para espiar a terra, e eu lhe trouxe resposta, ... E agora eis que o Senhor, como falou, me conservou em vida **estes quarenta e cinco anos, desde o tempo em que o Senhor falou esta palavra** a Moisés, andando Israel ainda no deserto; e eis que **hoje** tenho já oitenta e cinco anos.” (Jos. 14:7, 10) Assim se vê que isto foi quarenta e cinco anos desde a espionagem da divisão entre as tribos, como afirmado por Josué, e um pouco mais que um ano desde o êxodo até o envio dos espias, fazendo quarenta e seis anos completos a uma fração\* desde o êxodo até a divisão da terra. Enquanto os primeiros quarenta anos deste período foram decorridos no deserto, como está mostrado por muitas Escrituras, notavelmente At. 7:36 e Heb. 3:9, os restantes seis anos até a divisão da terra se passaram em Canaã, junto a conquista e tomada da posse da terra prometida.

### O Período dos Juízes

Agora chegamos até a parte mais dificultosa da cronologia, o período desde a divisão da terra até a unção de Saul como rei. Geralmente é chamado o período dos Juízes — ainda que os Juízes

---

\*Tomamos em consideração apenas os anos completos, sendo impossível uma conta mais exata. Às vezes, como acima, os anos são fracionariamente longos. E outra vez alguns são curtos, como no caso do reinado de Zedequias. Do Zedequias está dito que reinou onze anos (2 Crôn. 36:11); Jer. 52:11); contudo, dos versículos 3 até 7 do capítulo posterior, está claro que o seu reinado vigente foi de dez anos, quatro meses e nove dias. cremos que estas partes fracionárias de dez anos compensam-se; e que o Senhor tem assim dirigido e arranjado a matéria é a nossa confiança, apoiada pelo efeito e os resultados que se pode deduzir dela, e a exatidão para um dia, ainda em períodos longos já notados. Como ilustrar a atenção e particularidade de Deus nesta matéria, veja Gên. 7:11, 13; Êx. 12:40, 41

não ocupavam o cargo continuamente. O registro dado nos livros de Juízes e I Samuel menciona dezenove períodos, aproximando um total de quatrocentos e cinquenta anos; mas são desconexos, interrompidos, sobrepostos, e confundidos de tal modo em grande parte que não poderíamos chegar à conclusão definitiva deles; e seríamos obrigados de concluir como outros têm concluído, que nada positivo pode-se saber sobre o assunto, se não fosse de tal maneira no Novo Testamento suprida a deficiência. Paulo declara que Deus deu-lhe o território [a terra] delas [das nações] por [sorte] herança “durante cerca de quatrocentos e cinquenta anos. Depois disto, deu-lhes juízes até o profeta Samuel. Então pediram um rei, e Deus lhes deu por quarenta anos a Saul”. — At. 13:19-21.

A palavra grega traduzida **por quase** em Al (**cerca de** em SBB; **durante cerca de** em IBB é **hos**, e aqui tem o sentido de **durante**, ou **enquanto**. O mesmo escritor usa **hos** em outros lugares onde é traduzido **quando**, como em Luc. 24:32; **enquanto**, como em At. 10:17, SBB; IBB; e em outros não é traduzida por uma palavra, mas dá ao verbo a forma do particípio, como **estando** em At. 1:10 e 10:17, AL. Esta frase se traduziria melhor “**durante** quatrocentos e cinquenta anos, lhes deu juízes”. A versão siríaca diz: “E por quatrocentos e cinquenta anos lhes deu juízes, até Samuel o profeta” — o último dos “juízes”.

A afirmação da duração deste período dos Juízes pelo Apóstolo, aceitamos como uma solução especialmente intencional do problema. Em apenas duas instâncias — os quatrocentos e trinta anos desde o Pacto até a Lei, e este período dos Juízes — aqui está alguma incerteza razoável concernente à cronologia do Velho Testamento, e ambas estão claramente declaradas no Novo. Podemos supor que isto apenas por acaso aconteceu assim? É mais razoável de supor que Deus primeiro escondeu a matéria, por deixar incompleto o registro no Velho Testamento, e mais tarde supriu a deficiência no Novo Testamento; para que a seu tempo, quando a atenção devia ser chamada para isto, aqueles que teriam suficiente interesse de comparar os cálculos, pudessem achar os

## O Período dos Reis

elos que faltam, suprimindo numa maneira calculada para ensinar dependência sobre o Grande Cronômetro.

O reinado de Saul foi pelo espaço de quarenta anos seguindo o último Juiz, até que Davi foi ungido rei, como mostrado acima; e seguindo a ele, os períodos dos reis na linha de Davi são facilmente traçados nas Crônicas, assim: —

Saul	reinou	At.	13:21	40 anos
Davi	“	1 Crôn.	29:27	40 ”
Salomão	“	2 Crôn.	9:30	40 ”
Roboão	“	“ “	12:13	17 ”
Abias	“	“ “	13:1, 2	3 ”
Asa	“	“ “	16:13	41 ”
Jeosafá	“	“ “	20:31	25 ”
Jeorão	“	“ “	21:20	8 ”
Acazias	“	“ “	22:1, 2	1 ”
Atalia	“	“ “	22:12	6 ”
Joás	“	“ “	24:1	40 ”
Amasias	“	“ “	25:1	29 ”
Uzias	“	“ “	26:3	52 ”
Jotão	“	“ “	27:1	16 ”
Acaz	“	“ “	28:1	16 ”
Ezequias	“	“ “	29:1	29 ”
Manassés	“	“ “	33:1	55 ”
Amom	“	“ “	33:21	2 ”
Josias	“	“ “	34:1	31 ”
Jeoiaquim	“	“ “	36:5	11 ”
Zedequias	“	“ “	36:11	11 ”

---

Soma..... 513 anos

## Os Setenta Anos de Desolação

Isto nos traz ao período da desolação da terra, que durou setenta anos, e terminou pela restauração do seu povo da Babilônia, no primeiro ano de Ciro, em 536 a. C. (Veja 2 Crôn. 36:20, 23), uma data bem estabelecida na história universal, e além da qual a linha da cronologia bíblica não estende-se.

### O Período desde a Restauração até 1873 d. C.

O período desde o tempo da restauração dos judeus da Babilônia, até o fim dos setenta anos de desolação de sua terra, no primeiro ano de Ciro, até a data conhecida como 1 d. C., não está abrangido pela história bíblica. Entretanto como já temos dito, está bem estabelecido pela história universal como um período de 536 anos. Ptolomeu, um sábio grego-egípcio, geômetra e astrônomo, tem bem estabelecido estes cálculos. Eles são geralmente aceitados pelos eruditos, e conhecidos como o Cânon de Ptolomeu.

Assim temos achado uma linha de cronologia clara e ligada desde a criação até o começo da era cristã (d. C.) — em conjunto, um período de quatro mil e cento e vinte e oito (4128) anos, que, junto com mil e oitocentos e setenta e dois anos da era cristã, fazem seis mil anos desde a criação **até** o ano 1873 d. C.

### Esta Comparada com a Cronologia de Ussher

Será interessante para alguns saber em que difere a cronologia acima da introduzida nas margens de algumas Bíblias, conhecida por Cronologia de Ussher. A diferença entre as duas, até o tempo dos setenta anos de desolação, é de cento e vinte e quatro (124) anos. Esta diferença é feita sobre quatro períodos de 18, 4, 2, e 100 anos — como segue:

Ussher data os setenta anos da desolação, **dezoito anos** mais antecipado do que os acima citados — isto é, antes do

destronamento de Zedequias, o último rei de Judá — porque ele figurou que o rei da Babilônia tomou muito do povo cativo naquele tempo.\* (2 Crôn. 36:9, 10, 17; 2 Reis 24:8-16) Evidentemente faz o equívoco não incomum de considerar a esses setenta anos como o período do **cativoiro**, enquanto que o Senhor expressamente os declara serem setenta anos de **desolação** da terra, que a terra devia repousar em “uma desolação, de sorte que fiquem sem habitantes”. Tal não foi o caso antes do destronamento de Zedequias. (2 Reis 24:14) Porém a desolação que seguiu a derrota de Zedequias foi completa; pois, ainda que alguns dos pobres da terra foram deixados ficar para vinheiros e para lavradores (2 Reis 25:12), por curto tempo; ainda estes — “todo o povo, tanto pequenos como grandes” — foram para o Egito, porque temiam os caldeus. (Versículo 26) Não cabe dúvida aqui: e portanto na contagem de tempo até a **desolação da terra**, todos os períodos até o fim do reinado de Zedequias devem ser incluídos, como temos feito.

A diferença de **quatro anos** está no reinado de Jeorão. Ussher o dá como um reinado de quatro anos, enquanto a Bíblia diz que foi de oito anos. — 2 Crôn. 21:5; 2 Reis 8:17.

Da diferença de **dois anos**, um ano acha-se durante o curso do reinado de Acaz, o que Ussher dá como quinze, enquanto a Bíblia diz que foi de dezesseis anos. (2 Crôn. 28:1; 2 Reis 16:2) E o outro está no período de Joás, que Ussher conta como trinta e nove, enquanto que a Bíblia o dá como quarenta anos. — 2 Reis 12:1; 2 Crôn. 24:1.

Estas diferenças podem ser esclarecidas apenas pela suposição que Ussher seguiu, ou procurou seguir, a Josefo, um historiador judaico cujas datas cronológicas são já geralmente reconhecidas como imperfeitas e sem fundamento. Nós confiamos exclusivamente na Bíblia, crendo que Deus é o seu próprio interprete.

À parte desta diferença de vinte e quatro anos no período dos

---

\*Note, entretanto, que este cativoiro parcial ocorreu **onze**, não dezoito, anos antes do destronamento do Rei Zedequias.

Reis, está outra discordância entre a cronologia bíblica acima e a de Ussher, a saber, **cem anos** no período dos Juízes. Aqui Ussher é enganado pelo erro evidente de 1 Reis 6:1, que diz que o quarto ano do reinado de Salomão foi no ano quatrocentos e oitenta depois da saída da terra do Egito. Evidentemente deve ser o ano quinhentos e oitenta, e possivelmente deve ser um erro de transcrição; pois se aos quatro anos de Salomão adicionarmos os quarenta de Davi e os quarenta de Saul, e os quarenta e seis desde a saída do Egito até a divisão da terra, temos cento e trinta anos, os quais subtraídos dos quatrocentos e oitenta deixariam apenas trezentos e cinqüenta anos para o período dos Juízes, em vez de os **quatrocentos** e cinqüenta anos mencionados nos Livro dos Juízes, e por Paulo, como antes indicado. A letra hebraica “daleth” (4) é muito parecida como a letra “hê” (5), e supõe-se que foi assim se deu o erro, possivelmente o erro de um transcritor. Portanto, 1 Reis 6:1, deve rezar **quinhentos** e oitenta, e assim estar em harmonia perfeita com as outras declarações.

Desta maneira a Palavra de Deus corrige os poucos e pequenos erros que foram insinuados para dentro dela por qualquer forma.\* E deve-se lembrar que interrupções ocorrem no período atravessado eficazmente pelo testemunho inspirado do Novo Testamento.

Então, enquanto Ussher conta 1 d. C. como o ano 4005 desde a criação de Adão, realmente como temos mostrado, o ano 4129, de acordo como conta o registro bíblico, assim mostrando o ano 1872 d. C. ser o ano do mundo 6000, e 1873 d. C. o começo do sétimo

---

\*Uma discordância similar será notada na comparação de 2 Crônicas 36:9 com 2 Reis 24:8, um dando dezoito anos e o outro evidentemente incorreto, dando oito anos como a idade de Joaquim, que reinou três meses, e fez o que era mau aos olhos do Senhor, e foi castigado pelo cativoiro, etc. Tal erro facilmente poderia ocorrer, mas Deus assim tem guardado a sua Palavra, que os poucos erros triviais de copistas são feitos muito óbvios, e a harmonia plena da sua Palavra dá fundamento amplo a fé.

período de mil anos, o sétimo milênio, ou dia de mil anos da história da terra.

Assim a cronologia colhida da Bíblia só, desde a criação até a bem autenticada história universal, é clara e forte, trazendo evidência, também, dos métodos peculiares da providência divina no seu registro, no seu encobrimento e no seu gradual esclarecimento a seu tempo. E isto, junto com as datas seguras da era cristã e os vários séculos anteriores à mão, nos habilita determinar a nossa situação no decurso do tempo. E começamos esperançosamente levantar nossas cabeças e regozijar-nos, quando compreendemos que atualmente estamos impulsionados para a gloriosa idade do sétimo milênio — ainda que reconhecemos que o seu início é para ser escuro e cheio de tribulação, como predito pelos profetas, e que as nuvens tempestuosas já estão formando-se e obscurecendo cada vez mais.

### **A DATA DO NASCIMENTO DO NOSSO SENHOR**

No sexto século a Igreja começou a contar o tempo desde o nascimento do nosso Senhor, e fixou a data de d. C. como agora permanece; isto é, 536 anos depois do primeiro ano de Ciro, rei da Pérsia.\* Se o colocaram corretamente, ou não, isto não afeta a cronologia já dada agora mesmo, que mostra que os seis mil anos desde a criação de Adão terminaram em 1872 d. C.; porque faz mil oitocentos e setenta e dois anos desde o ano designado d. C., e o primeiro ano de Ciro foi quinhentos e trinta e seis anos antes desse ano (d. C.), ou o ano do nascimento do nosso Senhor, ou não.

---

\*O ano d. C. foi fixado já no sexto século por Dionísio Exíguio e outros homens versados desse período, ainda que acabou não entrando em uso geral até dois séculos mais tarde.

Talvez não podemos explicar isto melhor do que pela velha ilustração de uma linha com um asterisco nela — assim:

a.C. \_\_\_\_\_\*\_\_\_\_\_ d.C.

Faça com que a linha represente aos seis mil anos da história desde a criação de Adão até 1873 d. C.; e deixe o asterisco representar o ponto decisivo entre a. C. e d. C. A mudança desse ponto para um ou outro lado não alteraria o comprimento do período inteiro, ainda que mudaria os nomes dos anos. A mudança do ponto de d. C. para trás um ano faria o período a. C. um ano menos, e o período d. C. um ano mais, porém a soma dos anos a. C. e d. C. todavia seria a mesma; pois o número de anos tomado de um é sempre uma adição ao outro. Entretanto, deixe-nos examinar **resumidamente** a data do nascimento do nosso Senhor, como ela será encontrada útil nos nossos estudos subseqüentes.

Tem tornado-se costumário entre os sábios para admitir que nosso comumente aceitado d. C. é incorreto para a soma de quatro anos — que o nosso Senhor nasceu quatro anos antes do ano designado d. C., que é, no ano 4 a. C. E esta teoria têm sido seguida pelos publicadores da versão comum da Bíblia em inglês. Não podemos concordar que 4 a. C. fosse a data verdadeira do nascimento do nosso Senhor. Ao contrário, encontramos que ele nasceu apenas um ano e três meses antes da nossa era comum d. C., a saber, em outubro do ano 2 a. C.

A razão geral com a maioria daqueles que pretendem que d. C. deveria de colocar-se quatro anos antes para corretamente indicar o nascimento do Salvador, é um desejo de harmonizar isto com certas declarações do historiador judaico, Josefo, concernentes à duração do reinado de Heródes o Grande. Segundo uma das suas declarações, appareceria que Heródes morreu três anos antes do ano estimado d. C. Se isto fosse verdade, certamente comprovaria que o nosso Senhor nasceu no ano 4 a. C.; pois ele foi este Heródes que lançou o decreto para a matança dos infantes de Belém, do

qual o infante Jesus foi livrado. (Mat. 2:14-16) Mas esta declaração de Josefo é de confiança? É verdade que Herodes morreu quatro anos antes do ano d. C.? Nós respondemos, não: Josefo só não é autoridade suficiente para uma decisão desta maneira, visto que ele é conhecido e admitido de ser incorreto no seu registro de datas.

Entretanto esta opinião tem prevalecido: a data 4 a. C. tem sido geralmente aceita, e os acontecimentos históricos e datas têm sido um tanto torcidos para ajustarem-se a esta teoria e sustentá-la. Entre outras provas supostas de que 4 a. C. fosse a data própria, foi um eclipse da lua, dito por Josefo de ter ocorrido um curto tempo antes da morte de Herodes. Tudo o que se sabe desse eclipse é como segue: Herodes teve colocado uma grande águia dourada sobre o portão do Templo. Dois judeus notáveis, chamados Matias e Judas, persuadiram a alguns moços para puxarem-na para baixo. Eles o fizeram, foram aprendidos e executados. Para fazer a matéria clara, Josefo relata que havia naquele tempo outro Matias, um sumo sacerdote, que não teve participação na sedição. Então acrescenta: “Mas Herodes destituiu este Matias do seu sumo sacerdócio, e queimou o outro Matias que teve incitado a sedição, junto com os seus companheiros, vivos, e nessa mesma noite havia um eclipse da lua.” Isto está registrado como um dos últimos atos proeminentes de Herodes, e é dada uma data que poderia corresponder com 4 a. C. por Josefo, quem marca a data pelo eclipse mencionado.

Entretanto desde que às vezes até quatro eclipses da lua ocorreram num ano, isto é evidente que exceto sob circunstâncias muito peculiares o registro de tal ocorrência não prova nada. Onde se dá a hora da noite, a estação do ano e o total do obscurecimento, como se tem feito em vários casos, o registro é de grande valor em fixação de datas; mas no caso em consideração, não há nada disso; portanto absolutamente nada é provado pelo registro, tanto quanto é concernente à cronologia. Josefo menciona um jejum como tinha sido observado antes do evento; mas qual jejum, ou quanto tempo

antes, não está dito por ele.

Como isto ocorreu, havia apenas um eclipse da lua em 4 a. C., entretanto em 1 a. C. haviam três. O eclipse de 4 a. C. foi apenas parcial (seis dígitos, ou apenas a metade da lua sendo obscurecida), ao passo que todos os três em 1 a. C. foram eclipses totais — a lua inteira foi obscurecida, e naturalmente por mais tempo, causando o evento ser muito mais notável. Daqui se a teoria do eclipse tenha qualquer importância, certamente não é a favor da data anterior, 4 a. C.

Infelizmente, o tempo da morte de Herodes não é dado por um historiador de confiança. Josefo dá alguns períodos importantes na sua história, assim como as datas de alguns eventos; porém estas datas não são dignas de confiança. Algumas delas ensinariam que Herodes morreu em 4 a. C., mas outras não podem ser reconciliadas com essa data. Por exemplo, a sua morte é mencionada de ter acontecido na idade de setenta anos. Ele foi feito governador da Galiléia em 47 a. C., no tempo em que Josefo diz que teve vinte e cinco anos de idade. (*Antiquities of the Jews*, página 149:2, isto é: *Antiguidades dos Judeus*) Isto daria ao seu nascimento a data 72 a. C. (47 mais 25). Então sua morte na idade de setenta seria em 2 a. C. em vez de 4 a. C.

Nesta conexão isto poderá ser bom notar o conflito de opinião entre homens versados concernente à data exata da morte de Herodes, para que assim seja claro a todos que não é razão bem fundada aceitar 4 a. C. como a única data em harmonia com Mat. 2:14-16. A *Enciclopédia Bíblica de Faussett* dá a idade de Herodes quando se fez governador cerca de vinte anos. Isto determinaria a sua morte, aos setenta anos, 2 d. C. A *Enciclopédia de Chambers* e o *Dicionário da Bíblia de Smith* dão sua idade de 50 anos até esse tempo, o que colocaria a sua morte em 7 d. C. A *Enciclopédia de Appleton*, no artigo sobre ‘Cronologia’, diz: “Josefo sempre dá datas, mas ele é ao todo descuidado demais para serem tomadas em consideração.”

Agora procedemos para dar a evidência bíblica relativa a este assunto, que concorda mais de perto com a era comum, e mostra que o nascimento do nosso Senhor ocorreu apenas um ano e três meses antes de janeiro, do 1 d. C. É como segue:

O ministério do nosso Senhor durou três anos e meio. As sessenta e nove semanas simbólicas de anos (Dan. 9:24-27) alcançaram o seu batismo e unção como Messias, e lá começou a última ou septuagésima semana (sete anos) de favor a Israel. Ele foi cortado [na morte] no **meio** dessa septuagésima semana — três anos e meio do início do seu ministério. Sabemos que foi crucificado no tempo da páscoa, perto do primeiro de abril, seja qual ano for. Os três anos e **meio** do seu ministério, que terminou em abril, conseqüentemente deve ter começado perto de outubro, seja qual ano for. E outubro de algum ano deve ter sido o mês verdadeiro do seu nascimento, porque **sem demora** iniciou o seu ministério tão logo quando teve trinta anos, e não pôde, segundo a Lei (sob a qual nasceu e a qual obedeceu), começar antes de ter trinta anos. Como lemos, “Ora, Jesus, **ao começar** o seu ministério, **tinha** cerca de trinta anos”.

João, o Batista, teve seis meses mais do que o nosso Senhor (Luc. 1:26, 36), portanto atingiu a maioridade (trinta anos segundo a Lei — Núm. 4:3; Luc. 3:23, e etc.) e começou a pregar seis meses antes que o nosso Senhor chegou à maioridade e iniciou o seu ministério. A data do começo do ministério de João é claramente afirmada de ter sido “no décimo quinto ano do reinado de Tibério César”, o terceiro imperador de Roma. (Luc. 3:1) Esta é uma data, marcada claramente, da qual não pode haver nenhuma dúvida razoável. Tibério tornou-se imperador junto a morte de Augusto César, no ano de Roma 767, que foi o ano 14 **d.C.**

No entanto aqueles enganados pelas declarações incorretas de Josefo relativas a Herodes, e que colocam o nascimento de Jesus em 4 a. C. a fim de concordar com ele, encontram uma dificuldade nesta data claramente registrada por Lucas, e esforçaram-se

para fazê-la harmonizar também com a sua teoria de 4 a. C. Para efetuar isto alegam que Tibério começou de exercer autoridade uns três ou quatro anos antes que Augusto morreu, e antes de ser ele plenamente constituído imperador. Pretendem que possivelmente o seu reinado poderia ter sido contado dessa data.

Mas tais suposições serão encontradas sem fundamento, por aqueles que investigarão a matéria nas páginas da história. Verdade é que Tibério foi exaltado a uma posição muito importante por Augusto. Porém não foi **quatro** anos antes da morte de Augusto, como a sua teoria exigiria, senão **dez** anos antes, em 4 d. C. Contudo o poder então conferido nele foi apenas tal como teve sido desfrutado por outros antes de seus dias. Não foi em nenhum sentido da palavra poder imperial, e em nenhum sentido da palavra pode ser dito de seu **“reinado”** ter começado lá: ele era apenas o herdeiro legítimo. Ainda no uso mais exagerado de linguagem, do seu **“reinado”** não pode ser dito de ter começado antes da morte de Augusto e a sua própria investidura no cargo nas mãos do Senado Romano em 14 d. C.

A história diz: “O Imperador, cuja idade avançada precisou de um associado, adotou a Tibério em 4 d. C., **renovando** o seu poder de tribuna.” — Article Tiberius (Artigo sobre Tibério), Rees’ Cyclopedia (Enciclopédia de Rees).

Ele [Augusto] determinou conformemente para desenvolver junto a ele [Tibério] uma participação no governo. ... Esta investidura formal o colocou na mesma posição como aquela desfrutada pelo veterano Agripa durante seus anos posteriores, e não cabe dúvida de que foi geralmente considerada como uma introdução para o primeiro posto no império. ... O programa **para a sucessão** foi significativamente delineado: Tibério tinha sido ordenado para assumir seu lugar como o cabeça do Senado, do povo e do exército. ... A **adoção**, que realizou-se ao mesmo tempo, é datada 27 de junho (ano de Roma 757) — 4 d. C.” — História dos romanos por Merivale (de Appleton), Volume IV, páginas 220, 221.

Assim há prova conclusiva de que o primeiro ano do reinado de Tibério César não foi três ou quatro anos antes que Augusto morreu; e que as honras mencionadas como conferidas durante o reinado de Augusto foram conferidas dez, e não quatro anos antes da morte de Augusto, e não foram em nenhum sentido honras imperiais.

Podemos, portanto, considerar a data de Lucas 3:1 não meramente a única fornecida no Novo Testamento, senão como uma inequívoca. Não cabe a menor dúvida com respeito a isto nas mentes daqueles que têm investigado isto. Tibério começou a reinar em 14 d. C. O décimo quinto ano do seu reinado seria portanto o ano 29 d. C., no qual ano, segundo Lucas 3:1-3, iniciou João o seu ministério. Desde que o trigésimo dia natalício do nosso Senhor e o começo do seu ministério foram em outubro; e desde que a data do nascimento de João e o começo do seu ministério foram exatamente seis meses antes, isto deduz que João começou o seu ministério na primavera, ao redor do primeiro de abril — exatamente tão logo que atingiu a maioridade. Pois os planos de Deus sempre são concluídos em tempo exato. Assim, João tinha trinta anos em 29 d. C., no primeiro de abril; conseqüentemente nasceu em 2 a. C.,\* em primeiro de abril. E o nascimento de Jesus, seis meses mais tarde, deve ter sido em 2 a. C., no primeiro de outubro.

De novo, aí é clara e forte evidência que Jesus foi crucificado na sexta-feira, 3 de abril, 33 d. C. O fato que a sua crucificação ocorreu no fim do décimo quarto dia do mês “nisã”, e que esta data raramente cai na sexta-feira, entretanto acabou caindo no ano 33 d. C., estas datas fundamentais tão completas que até Ussher, que adotou o 4 a C. como a data de nascimento de Jesus, foi obrigado a admitir que a sua crucificação foi em 33 d. C. Compare as datas de Ussher na margem da versão comum da Bíblia em inglês com

---

\*Para o benefício dos leitores não acostumados a calcular datas, chamamos a atenção ao fato que no começo do ano 29 d.C., apenas 28 anos completos tiveram decorrido: o vigésimo nono apenas começou.

Lucas 2:21 e Mateus 2:1 com as de Mateus 27 e Lucas 23. A data da crucificação sendo 33 d. C., segue que se Jesus tivesse nascido em 4 a. C., teria tido a idade de 36 anos quando morreu; e o seu ministério desde seu trigésimo até seu trigésimo sexto ano teria sido de seis anos. No entanto é claro que o ministério do nosso Senhor foi apenas de três anos e meio. E este fato geralmente concedido é comprovado pela profecia de Daniel concernente ao corte do Messias no **meio** da septuagésima semana do favor para Israel.

Assim, é novamente provado que o nascimento de Jesus aconteceu ao redor de um ano e três meses antes da nossa era comum, 1 d. C., pois, acabando-se o seu ministério quando teve trinta e três anos e meio de idade, em 3 de abril de 33 d. C., a data de seu nascimento pode-se prontamente achar por avaliação recuando até a data de três anos e meio antes do 3 de abril de 33 d. C. Trinta e dois anos e três meses antes de 33 d. C. seria o 3 de janeiro, 1 d. C., e um ano e três meses mais atrás nos traria ao 3 de outubro de 2 d. C., como a data de nascimento do nosso Senhor em Belém. A diferença entre o tempo lunar usado pelos judeus, e o tempo solar, agora em uso comum, seria duns poucos dias, assim que não poderíamos ter certeza de que o dia exato não seja em setembro perto do dia 27; entretanto o 1 de outubro de 2 a. C. é **aproximadamente** correto. Nove meses antes desta data nos traria perto do tempo do Natal, 3 a. C., como a data em que o nosso Senhor deixou de lado a glória que tinha com o Pai antes que o mundo existisse e a tomada da, ou mudança para a, natureza humana começou. Parece que isto foi a origem da celebração do 25 de dezembro como o dia do Natal. Alguns escritores da história da Igreja ainda alegam que o dia do Natal celebrou-se originalmente como a data do anúncio por Gabriel à virgem Maria (Luc. 1:26) Certo é que uma data no meio do inverno não concorda bem com a declaração da Escritura, que no tempo do nascimento do nosso Senhor os pastores estavam no campo com o seu rebanho.

**O Tempo Está Próximo**

Ó peregrinos animai-vos;  
A ventos vossos medos daí;  
Durante mil anos reinará,  
Quem no Calvário morto foi.

À terra glória por anos mil!  
Dia feliz predito já;  
Profetas tinham previsto já,  
Manhã da glória de Sião.

As boas novas a todos daí;  
Que o melhor tempo virá;  
Ó oprimidos, vós das nações,  
Mil anos dura Jubileu.

Se nuvens por um momento só  
Da alva turvem raios seus?  
Mas da promessa logo o sol  
Há de brilhar por anos mil.

De glória eras apressam-se;  
Tempo que Cristo surgirá,  
Com ele eu através da fé  
Hei de reinar por anos mil.

— **Bonar**

## ESTUDO III

### O CUMPRIMENTO DA PROFECIA DO TEMPO NO PRIMEIRO ADVENTO DE CRISTO

**Dan. 9:23-27.**

As Setenta Semanas da Profecia de Daniel — Acontecimentos Preditos para Acontecerem dentro desse Tempo — Indicado o Tempo da Vinda do Messias, e um Princípio Estabelecido pela Maneira em que Ele está Indicado — Uma Chave para Outros Tempos das Profecias — Indicado o Tempo da Crucificação do Messias — O Favor Especial para Israel como Nação Cortado em Justiça, mas Continuado Individualmente — Unção do Santíssimo — A Destruição Derramada sobre o Assolador.

**“CONSIDERA,** pois, a palavra e entende a visão. Setenta semanas estão decretadas sobre o teu povo, e sobre a tua santa cidade, para fazer cessar a transgressão, para dar fim aos pecados, e para expiar a iniquidade, e trazer a justiça eterna, e selar a visão e a profecia, e para ungir o santíssimo. Sabe e entende: desde a saída da ordem para restaurar e para edificar Jerusalém até o unguido, o príncipe, haverá sete semanas, e sessenta e duas semanas [7 e 60 e 2 igualam 69 semanas]; com praças e tranqueiras se reedificará, mas em tempos angustiosos.”

“E depois de sessenta e duas semanas será cortado o unguido, e nada lhe subsistirá; e o povo do príncipe que há de vir [o príncipe romano — as tropas de Tito] destruirá a cidade e o santuário, e o seu fim será com uma inundação e até o fim haverá guerra; estão determinadas assolações. E ele [Messias] fará um pacto firme com muitos por uma semana [a setuagésima, ou última semana do pacto de favor]; e na metade da semana fará cessar o sacrifício e a oblação; e sobre [ou a causa de] a asa das abominações virá o [Messias] assolador; e até a destruição [ou consumação — AL] determinada [no plano de Deus], a qual será derramada sobre o as-

solador” [o assolado\* — povo — representado por Jerusalém]. — Dan. 9:23-27.

Enquanto esta profecia marca o começo da “ceifa” da Idade Judaica e a presença do nosso Senhor ali como o Chefe dos ceifeiros, existem várias profecias que muito mais claramente marcam o começo da “ceifa” da Idade Evangélica, na qual também nosso Senhor está, na sua segunda vinda, para ser o Chefe dos ceifeiros. O cumprimento desta profecia ilustra geralmente os cumprimentos proféticos, tanto como estabelece um ponto marcado numa outra profecia, ainda para ser demonstrada.

Enquanto muitas profecias combinam em marcar e confirmar a data da segunda vinda de Cristo, esta exclusivamente marcou a data do primeiro advento. Se o seu cumprimento está estabelecido claramente, nos ajudará a calcular e julgar essas que se relacionam com o segundo advento. Por esta razão aqui damos lugar a esta profecia cumprida, tanto como porque algumas das datas estabelecidas nesta serão necessárias de serem entendidas em conexão com profecias relacionadas ao segundo advento, consideradas em seguida.

A Daniel tinham sido mostradas muitas visões, como está recordado nos capítulos 2, 4, 7 e 8 desta profecia, todas as quais mostraram grande prosperidade e exaltação dos reinos gentios ou pagãos; mas seu interesse especial estava em Israel, e ele não tinha sido informado acerca do futuro de Israel. Ele sabia, no entanto, da profecia de Jeremias (Jer. 29:10; 2 Crôn. 36:20-23), que a desolação da Judéia continuaria setenta anos; e sabendo que este período estava quase completo (Daniel 9:2), ele orou fervorosamente para o retorno do favor de Deus a Israel (versículos 17-19),

---

\*Nota dos tradutores: As traduções bíblicas em português, assim como muitas traduções em inglês traduzem a última palavra do versículo 27 “assolador”, em vez de “assolado”. A palavra hebraica, não obstante é um tanto ambígua, e algumas autoridades do idioma grego tal como o notável lexicógrafo Professor Robert Young, preferem “assolado”. O autor deste Volume concorda com o Professor Young.

e o precedente foi a resposta de Deus a ele por meio de um anjo.

O período **marcado** (“cortado”, ou “determinado”) da história de Israel aqui mostrado é **“setenta semanas”** desde um ponto de começo conhecido — isto é, desde a saída da ordem para “restaurar e para edificar Jerusalém”. (Note! Não o Templo.) Durante o período grandes coisas haviam de acontecer. — A cidade seria reedificada sob circunstâncias não favoráveis (Neem.4), em tempos angustiosos; o pecado seria terminado por uma reconciliação sendo feita pela iniquidade; e a justiça (justificação) seria estabelecida — não como essa levada a efeito de ano em ano com o sangue de novilhos e bodes, mas a verdadeira “justiça eterna”, realizada pelo sacrifício de Cristo. Daniel também foi informado que aquele que introduziria o sacrifício melhor, por meio disso, causaria o **cessamento** dos sacrifícios típicos e oblações da Lei.

Neste período, Messias, o Salvador muito tempo esperado por Israel, viria, e sete semanas e sessenta e duas semanas, ou sessenta e nove semanas são ditas como a medida do tempo da presença do Messias. E depois deste tempo Ele seria cortado, mas não por si mesmo. Portanto ficaria, depois da vinda do Messias, uma semana, a última, a setuagésima deste favor prometido; e na metade dessa semana foi predito que Ele faria cessar os sacrifícios típicos, quando “ele se puser como oferta pelo pecado”. — Is. 53:10-12.

Estas setenta semanas, ou quatrocentos e noventa dias, representavam quatrocentos e noventa anos, cada dia simbólico representando um ano. E sendo **cumprido assim** nesta, a única profecia de tempo diretamente relacionada ao primeiro advento, dá uma chave a algumas outras profecias que em seguida serão mostradas de estarem assim escondidas em números simbólicos — **cada dia por um ano** — até que venha o seu tempo oportuno para solução. Esta profecia foi redigida assim que Daniel e outros judeus poderiam, se eles escolhessem, considerá-la inacreditável, e com o tempo esquecê-la; ou poderia ser lembrada por aqueles que

**esperavam** “a consolação de Israel”, e que poderiam inferir o tempo para ser simbólico como no caso de Ezequiel. (Capítulo 4:6) Certo é que homens fiéis sabiam esperar o Messias; e ainda está escrito que estava o povo em expectativa dele (Luc. 3:15), ainda que não foram todos capazes de recebê-lo de maneira que veio.

Deve notar-se que as sessenta e nove semanas simbólicas, ou quatrocentos e oitenta e três anos, alcançam **até o Messias, o príncipe**, e não até o nascimento de Jesus em Belém. A palavra hebraica **Messias** corresponde à palavra grega **Cristo**, significa **O Ungido**, e é um título em vez de um nome. Jesus não foi o Ungido, o Messias, o Cristo, antes do seu batismo. Compare At. 10:37, 38 e Mat. 3:16. Ele foi ungido com o Espírito Santo imediatamente ao sair da água. Isto aconteceu quando tinha alcançado a maioridade, que era a de trinta anos de idade segundo a Lei, debaixo da qual nasceu, e debaixo da qual estava sujeito assim como todo judeu, até que ele acabou com o domínio da lei por cumprir suas condições — cravando-a na cruz. Portanto as sessenta e nove semanas desta profecia alcançam até o tempo do seu batismo e unção, desde aquele tempo, e não antes, ele tornou-se o Messias, o Cristo, o Ungido. Por isso que as sessenta e nove semanas, ou quatrocentos e oitenta e três anos, terminaram no outono de 29 d. C. E aí cumpriu-se essa porção da profecia que diz: “desde a saída da ordem para restaurar e para edificar Jerusalém (Dan. 9:25), até o ungido [o Messias], o príncipe, haverá sete semanas, e sessenta e duas [sessenta e nove] semanas”. Começando ali, encontramos a setuagésima semana cumprida como as demais — cada dia por um ano.

A maioria dos escritores neste tema têm começado a contar este período desde o setuagésimo ano de Artaxerxes, quando uma comissão foi dada a Esdras (Esd. 7:7-14), suposta ser a execução do decreto de Ciro. (Esd. 1:3; 5:13; 6:1-12) Deve notar-se,

entretanto, que a ordem de Ciro foi para edificar a casa do Senhor — o Templo e o muro de seu átrio. Embora havia outro decreto concedido a Neemias no vigésimo ano de Artaxerxes **para reedificar os muros de Jerusalém**, que naquele tempo ainda estavam arruinados. (Neem. 2:3-8; 6:15; 7:1) E é deste decreto “para restaurar e para edificar Jerusalém” que deve-se iniciar o cálculo desta profecia de Daniel. Todo o cálculo harmoniza com isto, apenas uma aparente objeção existe numa profecia concernente a isto, por Isaías, que tinha dito de Ciro, não somente “libertará os meus cativos”, senão também “ele edificará a minha **cidade**”. (Is. 45:13) Esta aparente objeção contestamos assim: A palavra aqui traduzida **cidade** é **ir**, e significa um lugar com muros. Entendemos que se refere aqui aos muros do átrio do Templo, e com isto estão de acordo os fatos referidos acima. A mesma palavra **ir** está traduzida **pátio** em 2 Reis 20:4.

A data da comissão de Neemias é geralmente declarada para ser o ano 445 a. C. Entretanto, a obra do Dr. Hale sobre a cronologia (página 449 e 531) e a do Dr. Priestlie tratando sobre a “Harmonia dos Evangelistas” (páginas 24-38) mostram que neste parecer comum falta nove anos, que daria 454 a. C. como a data verdadeira da comissão de Neemias; e com esta data concorda a prognosticação de Daniel (capítulo 9:25), concernente ao decreto para restaurar e para reedificar Jerusalém.

Desde que sessenta e nove semanas (7 e 62), ou quatrocentos e oitenta e três anos, alcançam **até** Messias (o Ungido) o Príncipe, portanto desde este período de sessenta e nove semanas simbólicas, ou quatrocentos e oitenta e três (483) anos, subtraímos quatrocentos e cinquenta e quatro (454) anos a. C. como a verdadeira data do decreto para restaurar e para edificar Jerusalém; e o restante — 29 d. C. — deve de ser o ano no qual o Ungido (Messias) seria manifestado. Isto está de acordo exato com o que já temos demonstrado, a saber, que Jesus foi batizado por João e

recebeu a unção do Espírito no ano 29 d. C., por volta do dia 3 de outubro, tempo em que ele estava com trinta anos de idade, de acordo com a verdadeira data do seu nascimento, como está demonstrado no estudo precedente.

O ministério do nosso Senhor cobriu **três anos e meio**, terminando com a sua crucificação, no tempo da Páscoa, na primavera de 33 d. C. Nisto ele cumpriu exatamente a profecia concernente à semana restante, ou última, (sete anos de favor prometido, que diz: “E **depois** de (7 e 62) sessenta e nove semanas será cortado [SBB: “será morto”] o ungido, e nada lhe subsistirá” — “na **metade da semana** [restante — a setuagésima] fará cessar o sacrifício e a oblação.

Os sacrifícios que se ofereciam segundo a Lei cessaram lá; não foi que os sacerdotes não ofereciam os animais, incenso, etc., depois disso, pois continuavam oferecendo-os de ano em ano, senão que não foram aceitados por Jeová, e não foram em nenhum sentido sacrifícios pelo pecado. O verdadeiro sacrifício tinha vindo, o nosso Senhor Jesus, “para aniquilar o pecado pelo sacrifício de si mesmo” (Heb. 9:26); Jeová já não podia mais reconhecer outros oferecimentos como sacrifícios, nem alguma necessidade deles.

Ali através da cruz, Messias, que tinha estado sacrificando-se durante três anos e meio, acabou o trabalho (João 19:30) e assim deu “fim aos pecados”, fez plena e completa reconciliação para com Deus pela iniquidade dos homens, assim trazendo a toda a humanidade uma justificação **eterna** do pecado, em vez da justificação típica anual, efetuada pelos tipos para o povo típico, Israel. A morte do Messias foi também o “**selo**” — a garantia do cumprimento — de todas as visões e profecias de bênçãos vindouras, e “tempos da restauração de todas as coisas, das quais Deus falou pela boca dos seus santos profetas, desde o princípio”.

(At. 3:21) Essas promessas, ambos o Pacto Abraâmico e o Novo Pacto foram conseguidos, assegurados, com “seu próprio sangue” precioso (Luc. 22:20; 1 Cor. 11:25), que fala melhor do que o de novilhos e bodes — isto é a justificação eterna e a remissão dos pecados, para todos esses que o recebem. E no resto ou metade posterior desta setuagésima ou última semana de favor judaico — os três anos e meio a começar com Pentecostes — os seus seguidores, “o santíssimo” dessa nação, foram ungidos com o Espírito Santo de Deus, como o tinha sido o Messias no fim da semana sessenta e nove.

Assim se cumpriram as declarações do versículo 24 desta profecia: “Setenta semanas estão decretadas [separadas] sobre **o teu povo**, e sobre a tua santa cidade, **a**) para fazer cessar a transgressão, para dar fim aos pecados, e para expiar a iniquidade, e trazer a justiça eterna, e **b**) selar a visão e a profecia, e **c**) para ungir o santíssimo.” A profecia não mostrou que esta obra inteira seria adiada até a última “semana”, quando Messias estaria presente; e sem dúvida eles entenderam que seria concluída grande reforma moral na **sua parte** que os prepararia em prol de Messias, e a unção sob ele de sua nação como o povo “santíssimo” para abençoar o mundo em geral. Durante séculos de experiência não tinham aprendido que **eles** estavam impotentes para tirar o pecado e fazer reconciliação pela iniquidade, e que requereria um sacrifício de resgate perfeito para efetuar esta grande obra de apagar o pecado e justificar os condenados.

Por outro lado, a profecia de Daniel, enquanto mostra que o Messias seria cortado (morto) na metade da última semana não mostrou que a maioria do seu povo seria **profano** e por conseguinte rejeitado, como foram na metade dessa semana. (Mat. 23:38) Outro profeta tinha dito, “executará a sua palavra sobre a terra, **consumando-a e abreviando-a** [justamente]”; e tudo se acabou na metade da semana (três anos e meio) do ministério de Jesus, exceto a unção do santíssimo.

Mas que do resto da semana septuagésima, os três anos e meio dela que estenderam-se além da cruz? Jeová prometeu apartar setenta semanas de favor em Israel, mas realmente lhes deu apenas sessenta e nove e meia? À primeira vista tem esta aparência, especialmente quando lembramos que foi apenas cinco dias antes da sua morte “na metade da semana” que Jesus chorou sobre a sua cidade e lhes deu como perdidos, dizendo: “Eis aí abandonada vos é a vossa casa.” Embora não sendo assim: Jeová sabia o fim desde o princípio e quando prometeu setenta semanas, se dispôs a dar. Daqui devemos olhar para o favor sobre esse povo durante três anos e meio depois da crucificação, ainda que eles ficaram então abandonados nacionalmente.

Que os israelitas como nação não estavam aptos para ser os recipientes do favor principal ou espiritual (nem tampouco do favor terrestre) se demonstrou pela sua rejeição do Messias, como Deus tinha previsto e predito; portanto lhes foi inútil continuar a sua prova nacional além da metade da sua semana setuagésima, e se interrompeu lá, quando estavam “abandonados” — rejeitados do favor. Durante a porção restante (três anos e meio) do seu período, o favor **se aumentou**, ainda que confinado ao “remanescente”, os mais santos, os mais puros ou aptos, aos quais somente podia beneficiar. (Is. 10:22, 23. Compare Rom. 9:28) O aumento de favor consistiu no fato de que deu a esse remanescente três anos e meio de atenção e ministério exclusivo, sob as vantagens aumentadas da dispensação espiritual que, ao começar com os discípulos em Pentecostes, atingiu provavelmente a todo o trigo maduro dessa nação durante esse período de favor especial. Veja At. 2:41 e 4:4 quanto ao resultado dos primeiros poucos dias.

Foi por esta razão que, ainda que Jesus tinha provado a morte por todos, e o Evangelho havia de ser proclamado a todos, no entanto suas instruções aos seus discípulos foram, que eles **começassem em Jerusalém**. Nem haviam eles de deixar esse

trabalho especial, ou oferecer o favor da nova dispensação a alguns outros, até que os três anos e meio de **favor prometido a Israel** se cumprissem — até que Deus o enviasse especialmente tanto a gentios como a judeus. — At. 10.

A data exata da conversão de Cornélio, os cronologistas apenas podem conjecturar; por isso que se calcula variavelmente como houvesse acontecido desde 37 até 40 d. C.; embora em vista desta profecia marcada que agora consideremos, não duvidamos que foi no outono de 36 d. C.; pois ali terminaram as setenta semanas, ou quatrocentos e noventa anos, de favor em Israel. Desde que o seu favor exclusivo se terminou lá, muito apropriadamente isto deve ser marcado pela ação de enviar o Evangelho aos gentios. Israelitas não foram privados do Evangelho depois disso, mas foram tratados assim como os gentios, ainda que o preconceito sem dúvida colocou os demais numa posição menos favorável. Os mais santos já sendo escolhidos, não se confinou o Evangelho para com eles exclusivamente, senão foi aberto a toda pessoa que tem ouvidos para ouvir.

Depois das setenta semanas vieram a aflição e angústia mencionadas nas partes posteriores dos versículos 26 e 27. O príncipe romano veio e destruiu a cidade e o Templo, e, como uma enchente, deixou atrás dele perda e destruição terrível. E o Messias, quem eles rejeitaram, desde então tem permitido a vários males virem sobre esse povo, e continuará a permiti-los “até a consumação”, até que deles tenham tido o suficiente, até que Ele dirá: “Falai benignamente a Jerusalém, e bradai-lhe que já a sua malícia é acabada [é findo o tempo dela], que a sua iniquidade está expiada”. (Is. 40:2 — Compare SBB) Entretanto a destruição determinada será derramada sobre o assolador [ou: assolado, ou povo rejeitado] até que seu cálice seja cheio de pesar — até aquele dia em que dirão, “bendito o que vem em nome do Senhor”! Esse dia da libertação de Israel já está amanhecendo, graças a Deus; e apesar de que sua desolação e angústia ainda não têm chegado ao

fim, cada hora apressa o tempo em que suas mentes cegadas por preconceito verão dentre a escuridão “aquele a quem traspassaram, e o prantearão como quem pranteia por seu filho único; e chorarão amargamente por ele, como se chora pelo primogênito”. — Zac. 12:10.

Desde que muitos, ao ler a passagem aqui examinada, têm caído em grande confusão e erro por meio de uma falta de entender acertadamente o arranjo das palavras do Profeta, confundindo a Messias o Príncipe com o príncipe romano, etc., sugerimos um estudo cuidadoso da passagem segundo o arranjo no começo deste estudo, notando os parênteses e os explicativos dentro dos colchetes.

## ESTUDO IV OS TEMPOS DOS GENTIOS

O Que são os Tempos dos Gentios? — Seu Começo; sua Duração; seu Fim, 1914 d. C. — Eventos Concomitantes — Eventos a Seguirem — Tempo Literal e Simbólico — Um Tipo Notável — Indicações Presentes — O Reino de Deus Derrubará o Domínio Gentio — Portanto Organizado Antes do Fim Dele — Antes de 1914 d. C. — Por Que Contrariado por Reinos Gentios? — Como e Por Que Todos o Aceitarão por Último com Regozijo? — “As Coisas Preciosas de Todas as Nações Virão”.

[Desde que o tópico considerado neste estudo se relaciona muito de perto ao do estudo XIII do Primeiro Volume “O Plano Divino das Idades”, o leitor será ajudado sobremaneira por uma recapitulação daquele estudo antes de começar este.]

“**JERUSALÉM** será pisada pelos gentios, até que os tempos destes se completem”. — Luc. 21:24.

A expressão “Tempos dos Gentios” foi aplicada por nosso Senhor a esse intervalo na história do mundo entre a remoção do típico reino de Deus, o Reino de Israel (Ez. 21:25-27), e a introdução e o estabelecimento do seu antitípico, o verdadeiro Reino de Deus, quando naquele dia Cristo vier para ser “glorificado nos seus santos e para ser admirado em todos os que tiverem crido”.

Durante este intervalo o domínio da terra havia de ser exercido pelos governos gentios; e Israel, tanto carnal como espiritual, têm sido e hão de ser sujeitos a estes poderes até que o seu tempo se expire. Enquanto Deus não aprova nem recomenda estes governos, reconhece o seu domínio. Em outras palavras, para fins sábios tem permitido o seu domínio por um tempo determinado.

O domínio da terra foi dado originalmente a Adão, para sujeitá-la, possuí-la e governá-la em justiça. (Gên. 1:28) Adão fracassou, e o domínio perdido pelo pecado foi tirado dele. Então em seguida aos anjos foi permitido o controle. No entanto, em vez de elevar a raça caída, alguns deles “não guardaram o seu principado”, mas caíram na transgressão. Depois do dilúvio, Deus declarou a Abraão

o seu propósito de trazer a ajuda necessária à raça pecaminosa e agonizante através de sua descendência, do meio da qual havia de ser levantado um libertador, governador e professor, dizendo: “por meio de ti e da tua descendência serão benditas todas as famílias da terra”.

Esta foi a primitiva sugestão de um domínio nacional e universal sobre a terra. E esta sugestão, vinda de Deus, incluía uma aptidão especial, uma superioridade peculiar deste governador além de todos os outros, e que a sujeição a um tal governador seria vantagem para toda a humanidade. Que esta promessa para Abraão encheu os corações e mentes da sua descendência, Israel, e foi bem conhecida pelos seus parentes, os moabitas e edomitas, a este respeito não pode haver dúvida. Que tal esperança nacional chegaria a ser conhecida por outras nações é provável; e se conhecida, não podemos duvidar de que o orgulho engendraria neles o desejo de ser a nação principal, e de ter domínio universal, como sendo eles de todos modos tão aptos de dominar e ensinar e assim abençoar as nações como qualquer um da descendência de Abraão.

A esperança de Israel de alcançar o domínio universal, não pela escolha das nações de tê-lo assim, senão pela escolha e poder de Deus manifestados em seu favor, parece ter-se expandido também a outras nações. Em qualquer caso, achamos que estes reis e povos gentios aceitavam os seus domínios como favores dos deuses que adoravam. E o mesmo pensamento ainda agarra tanto a todo príncipe e governador insignificante, como aos reis e imperadores mais poderosos. Não importa quão fracos mentalmente ou fisicamente que sejam, nem quão viciosos e incompetentes para governar a si mesmos ou aos outros, possuem até um grau quase insano à idéia que Deus especialmente escolheu a eles e as suas famílias para governar e abençoar” (?) toda a terra. Esta teoria, aceita pelas massas do povo, está blasonada em medalhas, moedas, e papéis do Estado nas palavras: “Rei ————— pela graça de Deus.”

Assim, enquanto Israel estava aguardando e esperando o prometido domínio da terra, e amiúde supunha que estivesse quase ao alcance da sua realização, particularmente sob os reis Davi e Salomão, o desejo de império universal chegou a ser geral entre outras nações. E quando Deus estava para tirar a coroa de Israel até que o verdadeiro descendente da promessa viesse a tomar o domínio, determinou permitir aos reinos gentios tomar controle e tentar o experimento de dominar o mundo, para que assim o mundo pudesse também aprender a futilidade dos seus próprios esforços, através de governo autônomo, enquanto está em sua atual condição pecaminosa. Como teve dado aos anjos o domínio perdido por Adão, para demonstrar a inaptidão deles para governar e abençoar o mundo, assim também nessas circunstâncias entregou esse domínio aos gentios, para deixá-los tentarem os seus vários métodos, sem ajuda de Deus. Estes vários **experimentos** Deus permite, como tantas lições valiosas e necessárias, ocupando o tempo restante até que venha o Ungido do Senhor, a quem pertence de direito, e tome o domínio e efetue todos os seus propósitos bondosos.

Visto que Israel segundo a carne foi típico de Israel espiritual, a Igreja Evangélica, que também é chamada neste sentido mais alto “o sacerdócio real, a nação santa” (1 Ped. 2:9), e que a seu tempo há de governar e abençoar a todas as nações, deste modo o seu reino foi típico em alguns respeitos do Reino de Cristo. Portanto, quando veio o tempo para Deus entregar o domínio da terra ao controle dos gentios, foi apropriado que primeiro tirasse a coroa típica de Israel, e que o reino típico por longo tempo não fosse reconhecido. Isto fez, declarando que tinham **demonstrando-se inadequados** para exaltação a domínio universal, tendo chegado a ser corruptos, vãos, e idolátricos em proporção como tinham atingido a distinção nacional. Isto foi nos dias do rei Zedequias; e o decreto divino expressou-se nas palavras do profeta: “assim diz

o Senhor Deus: Remove o diadema, e tira a coroa; esta não será a mesma: exalta ao humilde, e humilha ao soberbo. Ao revés, ao revés, ao revés o porei; também o que é não continuará assim, até que venha aquele a quem pertence de direito; e lho darei a ele". — Ez. 21:24-27.

Esta tirada da coroa, ou o domínio, se tem efetuado. Primeiro foi transferido para Babilônia, e em seguida para Medo-Pérsia, depois para Grécia, e finalmente para Roma. O caráter destes impérios, assim como registrado nas páginas da história, temos achado estar de acordo perfeito com as descrições proféticas, como retratado na visão de Nabucodonosor da grande estátua e na visão de Daniel dos quatro animais. Esta condição transtornada do domínio de Israel havia de continuar até Cristo, o herdeiro legítimo do trono de Israel e de toda a terra, o qual comprou com o seu próprio sangue precioso, viria e tomaria o controle. Seu, como temos visto, será o quinto império universal da Terra, o Reino de Deus debaixo de todos os céus. Porém ao contrário dos quatro domínios precedentes que foram permitidos por um tempo determinado, e portanto reconhecidos, ainda que não aprobativamente, este será aprovado e estabelecido por Deus, como o seu representante na Terra. Será o Reino de Deus, o Reino do Ungido de Jeová. Será estabelecido gradualmente, durante um tempo de grande tribulação com o qual a Idade Evangélica concluir-se-á, e no meio do qual os domínios atuais serão totalmente consumidos, passando com grande confusão.

Neste estudo apresentamos a evidência bíblica comprovando que o fim cabal dos tempos dos gentios, isto é, o fim cabal do seu arrendamento de domínio, se alcançará em 1914 d. C.; e que essa data verá a desintegração do governo de homens imperfeitos. E seja observado, se isto é para ser um fato firmemente estabelecido pelas Escrituras, ele o provará.\*—

---

\*Nota dos Tradutores: O Prefácio do Autor mais tarde (1916), páginas III, IV, expôs suas idéias acerca dos sete pontos anotados aqui.

Primeiro, que nessa data o Reino de Deus, pelo qual o nosso Senhor ensinou-nos orar, dizendo: “venha o teu reino”, começará de assumir o controle, e que então em breve se “suscitará” ou estabelecer-se-á firmemente, na terra, sobre as ruínas das instituições presentes.

Segundo, comprovará, portanto, que aquele a quem pertence de direito tomar o domínio estará presente então como o novo Governador da Terra; e não apenas isto, mas também ainda comprovará que estará presente por um período considerável antes dessa data; porque o transtorno destes governos gentios será diretamente causado por Ele para despedaçá-los como a um vaso de oleiro (Sal. 2:9; Apoc. 2:27), e estabelecer em seu lugar o seu próprio governo justo.

Terceiro, comprovará que durante algum tempo antes do fim do transtorno, o último membro da divinamente reconhecida Igreja de Cristo, o “sacerdócio real”, “o corpo de Cristo”, será glorificado com o Cabeça; porque cada membro há de reinar com Cristo, sendo co-herdeiro com ele do Reino, o qual não pode ser suscitado plenamente sem todos os membros.

Quarto, comprovará que daí em diante Jerusalém não será pisada mais pelos gentios, mas levantar-se-á do estado do desfavor divino, até a honra; porque os Tempos dos Gentios já estarão cumpridos ou completados.

Quinto, comprovará que nessa data, ou antes, começará a desviar-se, a cegueira, ou endurecimento, de Israel; porque seu endurecimento “em parte” havia de continuar “até que a plenitude dos gentios haja entrado” (Rom. 11:25), ou, em outras palavras, até que o número completo dentre os gentios, que hão de ser membros do corpo ou noiva de Cristo, seria plenamente escolhido.

Sexto, comprovará que o grande “tempo de tribulação, qual

nunca houve, desde que existiu nação”, atingirá a sua culminação num reinado de anarquia mundial; e então os homens aprenderão a aquietar-se, e a saber que Jeová é Deus e que ele será exaltado na terra. (Sal. 46:10) As condições das coisas declaradas em linguagem simbólica como ondas furiosas do mar, os elementos ardendo, montes caindo, e os céus dissolvendo-se em fogo, então passarão, e os “novos céus e uma nova terra” com as suas bênçãos pacíficas começarão de ser reconhecidos pela humanidade atormentada por aflições da tribulação. No entanto o Ungido do Senhor e a sua justa autoridade por direito serão reconhecidos primeiro por uma companhia dos filhos de Deus enquanto passam pela grande tribulação — a classe representada por **m** e **t** no Mapa das Idades (veja também as páginas 271 até 276, Volume I; ou 235 até 239, 2.<sup>a</sup> edição); depois, exatamente no seu fim, por Israel segundo a carne; finalmente pela humanidade em geral.

Sétimo, comprovará que **antes dessa data** o reino de Deus, organizado em poder, já estará na terra e então ferirá e esmiuçará a estátua gentia (Dan. 2:34) — e totalmente consumirá o poder destes reis. O seu próprio poder e domínio estabelecer-se-ão quando pelas suas diversas influências e agências ele esmaga às “autoridades que existem” — civis e eclesiásticas — ferro e barro.

### O Começo dos Tempos dos Gentios, 606 a. C.

As palavras do nosso Senhor, “até que os tempos\* destes [dos gentios] se **completem**” implicam que os tempos dos gentios devem ter um limite definitivamente determinado; porque um indefinido período sem limites não poderia ser dito se completem. Assim, então, teve o governo gentio um começo, durará por um **tempo fixo**, e terminará no tempo determinado.

---

\*A palavra grega aqui traduzida “tempos” é **cairos**, que significa um **tempo fixo**. É a mesma palavra traduzida “tempos” nas seguintes passagens: Mar. 1:15; I Tim. 6:15; Apoc. 12:14; At. 3:19; 17:26. A palavra “época” em At. 1:7 é da mesma palavra grega.

O começo destes Tempos dos Gentios está colocado claramente pelas Escrituras. Daqui, se elas nos fornecem o cumprimento **também** do período fixo, o arrendamento de domínio gentio, podemos saber positivamente o tempo em que terminará. A Bíblia fornece este período fixo, que há de completar-se; mas ele foi fornecido de tal maneira que não podia ser entendido quando foi escrito, só quando o lapso de tempo e os acontecimentos da história o tivessem esclarecido; e ainda então, apenas por aqueles que estavam vigiando e não estavam sobrecarregados com cuidados do mundo.

A evidência bíblica é clara e forte que os “Tempos dos Gentios” são um período de 2520 anos, desde o ano 606 a. C. até 1914 d. C. Este arrendamento de domínio universal aos governos gentios, como já temos visto, começou com Nabucodonosor — não quando iniciou-se seu reinado, mas quando o reino típico do Senhor findou-se, e o domínio do mundo inteiro ficou nas mãos dos gentios. A data do começo dos Tempos dos Gentios é, portanto, definitivamente marcada desde o tempo da remoção da coroa do reino típico de Deus, de Zedequias, seu último rei.

De acordo com as palavras do profeta (Ez. 21:25-27), a coroa foi tirada de Zedequias; e Jerusalém foi sitiada pelo exército de Nabucodonosor e arruinada, e assim ficou durante setenta anos — até a restauração no primeiro ano de Ciro. (2 Crôn. 36:21-23) Ainda que Jerusalém foi reconstruída e os cativos voltaram, Israel nunca teve outro rei desde aquele tempo até o dia de hoje. Embora restaurados à sua terra e à liberdade pessoal por Ciro, eles, como uma nação, foram sujeitos sucessivamente aos persas, gregos e romanos. Sob o jugo destes últimos viviam quando aconteceu o primeiro advento do nosso Senhor, sendo Pilatos e Herodes deputados de César.

Com estes fatos diante de nós, prontamente encontramos a data do começo do domínio dos Tempos dos Gentios; pois o primeiro

ano do reinado de Ciro é uma data muito claramente fixada — as histórias tanto seculares como religiosas com unanimidade marcada estão de acordo com o Cânon de Ptolomeu, que coloca em 536 a. C. E se 536 a. C. foi o ano em que terminaram-se os setenta anos da desolação de Jerusalém e começou a restauração dos judeus, segue que seu reino foi derrocado precisamente setenta anos antes de 536 a. C., isto é, 536 mais 70, ou 606 a. C. Isto nos dá a data do começo dos Tempos dos Gentios — 606 a.C.

Reconhecendo o arrendamento de poder por Deus a estes governos mundanos ou gentios, sabemos não somente que enfraquecerão e serão derrotados e sucedidos pelo reino de Cristo quando os seus “tempos” expiram, mas também que Deus não tirará o domínio deles, para dá-lo ao seu Ungido, até que esse arrendamento expire — “até que os tempos destes se completem”. Por conseguinte, estamos protegidos contra a idéia falsa na qual o Papado tem induzido o mundo — de que o Reino de Deus foi **suscitado** em Pentecostes, e mais plenamente estabelecido como por ele é pretendido, quando o império romano converteu-se à cristandade (ao Papado), e atingiu o império tanto mundano como espiritual no mundo. Vemos desta profecia dos Tempos dos Gentios que esta pretensão feita pela Igreja de Roma, e mais ou menos endossada pelos protestantes, é falsa. Vemos que essas nações, as quais ambos o Papado e o Protestantismo nomeiam-se Nações Cristãs, e cujos domínios chamam cristandade (isto é, o Reino de Cristo), não são tais. São “reinos do mundo”, e até que os seus “tempos” se completem, o Reino de Cristo não pode tomar controle, embora estará organizando-se e preparando para fazê-lo nos poucos anos que concluem os Tempos dos Gentios, enquanto estes reinos estarão trêmulos, desintegrandose, e caindo em anarquia.

Durante a Idade Evangélica o Reino de Cristo tem existido apenas em sua fase incipiente, em sua humilhação, sem poder

ou privilégio de reinar — sem a coroa, possuindo apenas o cetro da promessa: não reconhecido pelo mundo, e sujeito às autoridades “que existem” — os reinos gentios. E os herdeiros do reino celeste têm que seguir assim, até o tempo determinado para eles reinarem junto com Cristo. Durante o tempo de tribulação, encerrando esta idade, serão exaltados ao poder, entretanto seu “**reinado**” de justiça sobre o mundo não poderá preceder a 1915 d. C. — quando os Tempos dos Gentios tiverem expirado. Portanto é o dever da Igreja aguardar pacientemente até o tempo determinado para o seu triunfo glorioso: guardar-se separada dos reinos do mundo como estrangeiros, peregrinos e forasteiros; e, como herdeiros do Reino vindouro, deixar as suas esperanças e ambições centralizar-se nele. Os cristãos devem reconhecer o caráter verdadeiro destes reinos, e, enquanto ficam separados deles, devem prestar-lhes o devido respeito e obediência, porque Deus lhes tem permitido governar. Como o apóstolo Paulo ensina: “Toda alma esteja sujeita às autoridades superiores; porque não há autoridade que não venha de Deus”. — Rom. 13:1.

Nem pode Israel segundo a carne entrar na sua herança há muito prometida, até esse tempo, ainda que as medidas preparatórias estão sendo previamente tomados; pois Deus não estabelecerá plenamente nem a fase terrestre nem a espiritual do seu Reino antes que expire-se este arrendamento aos gentios.

A coroa (o domínio) foi tirado do povo de Deus (tanto da descendência espiritual como da carnal) até que os Tempos dos Gentios terminassem — na gloriosa presença do Messias, que será não somente “Rei dos judeus”, mas também “Rei sobre toda a terra, naquele dia”. Alguns podem pensar que esta remoção da coroa de Israel fosse uma violação da promessa; “O cetro não se arredará de Judá, nem o bastão de autoridade dentre seus pés, até que venha aquele a quem pertence”. (Gên. 49:10) Note, porém, uma distinção entre a **coroa** e o **cetro**; pois, ainda que a coroa passou

nos dias de Zedequias, o cetro, como veremos não arrendou-se até seiscentos e trinta e nove anos — quando o nosso Senhor Jesus, da tribo de Judá e descendência de Davi segundo a carne, sendo aprovado por Deus, chegou a ser o legítimo e único herdeiro do cetro da terra prometido há muito tempo.

A promessa de Deus a Abraão, feita novamente a Isaque e a Jacó, foi que da sua posteridade viria o grande Libertador que não somente abençoaria e exaltaria a sua família no mundo, mas também **abençoaria “todas as famílias da terra”**. Parecia por um tempo como se Moisés, o grande doador da Lei e libertador, fosse o prometido; mas profeticamente declarou ele ao povo, “Suscitavos-á o Senhor vosso Deus, dentre vossos irmãos, um profeta **semelhante a mim**”, assim indicando que ele foi apenas um tipo daquele que havia de vir; e Moisés morreu. Em seguida, a promessa: “O cetro não se arredará de Judá”, limitou a expectativa a essa tribo. E todas as outras tribos numa medida apegaram-se a Judá em proporção como tinham fé nas promessas de Deus, esperando uma bênção em combinação com Judá, a seu tempo.

Quando o Rei Davi levantou-se da tribo prometida, suas vitórias conduziram a grandes expectativas de um reino estendido, cuja influência se espalharia e abrangeria o mundo, e **sujeitaria** a todas as nações à Lei. E quando a sabedoria e a grandeza de Salomão mundialmente famosas estavam no seu apogeu, seguramente parecia como se a coroa de **domínio universal** estivesse quase a seu alcance. A promessa do Senhor a Davi que **dentre a sua descendência** levantaria um para assentar-se no seu trono para sempre, tinha limitado a promessa na tribo de Judá a **uma família**, e essa família já no trono de Israel. E quando o grande Templo de Salomão foi edificado, e suas centenas de cantores e sacerdotes foram uma exibição impressionante; quando a fama da sabedoria e das riquezas de Salomão espalhou-se pelo mundo interior; quando reis lhe enviavam presentes e desejavam o seu favor; e quando a rainha de Sabá veio com dádivas para ver a este muitíssimo reno-

mado e maravilhoso rei que o mundo ainda não tinha conhecido, não é de admirar que o peito judaico inchou com esperança e orgulho com o momento, esperado por longo tempo, para a exaltação da descendência de Abraão, e a bênção de todas as nações por meio deles, parecia estar exatamente à mão.

Profundo foi o seu desapontamento quando, depois da morte de Salomão, o reino foi rasgado e por fim totalmente derrocado, e o povo que tinha esperado governar e abençoar a todas as nações como a nação santa de Deus, foi levado cativo à Babilônia. “Junto aos rios de Babilônia, ali nos assentamos e nos pusemos a chorar, recordando-nos de Sião.” — Sal. 137:1.

Porém ainda que a coroa foi tirada, isto é, ainda que o **poder** de governar ainda a si mesmos foi removido, o **direito** de reger (o cetro), transmitido originalmente na promessa de Deus, não foi removido. Ainda que o domínio universal foi dado a Nabucodonosor e seus sucessores, como ilustrado na grande estátua, e pelos quatro grandes animais, todavia havia de continuar por apenas um período limitado. A promessa original a Israel tinha cumprido-se — a coroa foi tirada, mas o cetro ficou até que viesse (Siló) aquele a quem pertence. Isto ainda foi indicado no decreto contra Zedequias: Tira a coroa — ao revés o porei, até que venha aquele a quem **pertence de direito**; e lho darei a ele.

Enquanto o pacto feito com Abraão prometeu o governo e a bênção do mundo por meio da sua descendência, o pacto da Lei feito com Israel, os filhos de Abraão, limitou e restringiu esse Pacto Abraâmico, para que apenas tais que plena e perfeitamente obedeceriam a Lei poderiam reivindicar, ou ter algum direito de esperar por uma parte no governo e bênção prometidos no Pacto Abraâmico. Pelo visto este fato, conduziu à formação da seita dos fariseus, que pretenderam cumprir todo particular da Lei irrepreensivelmente, e “confiavam em si mesmos, crendo que eram **justos**, e desprezavam os outros”, chamando a outros “pu-

blicanos e pecadores” e a si mesmos os “filhos de Abraão”, herdeiros do domínio prometido que havia de abençoar o mundo.

O ensino claro e forçoso do nosso Senhor Jesus foi em parte dirigido contra os erros dos fariseus, que supunham que a sua execução cuidadosa de algumas cerimônias externas da Lei fosse uma plena conformidade com a sua letra e o seu espírito. O nosso Senhor ensinou o que todos os cristãos agora sabem, que a Lei, quando vista em sua plenitude, é tão majestosamente perfeita; enquanto o homem é tão caído e **imperfeito**, e tão sitiado com tentações tanto de fora como por fraqueza de dentro, que nenhum deles poderia possivelmente cumprir essa Lei perfeitamente nem ter direito à bênção abraâmica. As censuras por nosso Senhor contra o farisaísmo não devem ser entendidas portanto com objeções ao seu esforço para cumprir a Lei sem falta; nem repreendeu-lhes por falta de plenamente cumprirem à Lei, o que nenhum homem imperfeito pode fazer. Mas sim repreendeu-os pela hipocrisia que faziam, em enganar-se a si mesmos e a outros com pretensões de perfeição e santidade, que tanto eles como outros podiam reconhecer como meramente uma limpeza do exterior, enquanto os seus corações estavam todavia impuros e não consagrados. Ele censurou-os por terem uma mera aparência de piedade, e dedicação simulada, enquanto tinham os seus corações afastados para longe de Deus. Assim, como o nosso Senhor e Paulo declaram, nenhum deles realmente cumpriu ou realmente **podia** cumprir à Lei perfeitamente (João 7:19; Rom. 3:20), ainda que poderiam ter vindo muito mais perto a uma observância perfeita dos seus requerimentos do que fizeram.

Não somente declarou o nosso Senhor em palavras a plena importância da Lei ser: “Amarás ao Senhor teu Deus de **todo** o teu coração, de **toda** a tua alma, de **todas** as tuas forças e de **todo** o teu entendimento, e ao teu próximo como a ti mesmo”, senão que **ilustrou** isto na sua plena rendição de si mesmo à vontade e ao plano de Deus, em evitar qualquer plano e ambição própria, e de todo o interesse — um bem entusiástico de fazer a vontade de

Deus com **todo** seu coração, entendimento, alma e força, e amando ao seu próximo como a si mesmo — tudo isto ainda até a **morte**.

Assim por cumprir as suas condições — por obedecer a Lei perfeitamente, como ninguém da família humana imperfeita **podia fazer** — o nosso Senhor Jesus **chegou a ser herdeiro de todas as bênçãos prometidas naquele Pacto da Lei feito com Israel no Monte Sinai; e assim também evidenciou-se ser A Descendência de Abraão a quem a inteira promessa abraâmica agora é aplicada**. O nosso Senhor assim alcançou para si mesmo o **cetro** (o prometido direito ou autoridade ou domínio da Terra), que por séculos esteve prometido que seria dado da tribo de Judá e merecido por alguém da família de Davi. O grande prêmio pelo qual Israel tinha estado esperando e esforçando-se e anelando durante séculos, foi ganhado por fim pelo Leão (o forte) da tribo de Judá. Siló, o grande **Pacificador**, tinha vindo: ele que não somente fez a paz entre Deus e o homem pelo sangue da sua cruz, quando redimiu a humanidade da condenação à morte justamente sobre todos; mas ele que também, quando tomar o seu grande poder e reinar como Rei dos reis e Senhor dos senhores, derrubará toda a injustiça, a maldade e o pecado, e estabelecerá paz em uma base segura de santidade. Ele é o Príncipe da Paz.

Quando o cetro (o **direito**) sob o pacto passou ao nosso Senhor Jesus, aquele Pacto da Lei **terminou-se**; pois como poderia Deus seguir a **oferecer** a outros, sob quaisquer condições, o prêmio que já tinha sido ganhado por Siló? Portanto, como o Apóstolo declara que “Cristo é o fim da lei” (do pacto da Lei), “cravando-o na cruz”. — Col. 2:14.

Assim o “Príncipe da Paz” obteve a seus súditos tanto a remissão dos pecados como a restauração, e estabeleceu um reino sempiterno na base da justiça, tal qual não poderia de nenhum outro modo ter efetuado-se. Desta maneira cumpriu-se a predição, “O cetro não se arredará de Judá, nem o bastão de autoridade dentre seus

pés [força geratriz], **até que** venha [Siló] a quem pertence”. Então ele ficou arredado de Judá, sendo dado ao “Leão (o forte, a criatura espiritual soberanamente exaltada, o Senhor da glória) **da** tribo de Judá”, que agora possui este cetro (ou título de autoridade) como o Rei dos reis e Senhor dos senhores.

Ainda depois dos setenta anos do cativo em Babilônia, quando alguns voltaram e edificaram o Templo de novo e os muros da cidade, foram eles que tinham respeito à promessa de Deus, e que esperavam “a consolação de Israel”. Estes juntaram-se com a tribo de Judá, lembrando-se da promessa de Deus que o Bastão de autoridade (ou, Legislador), o Libertador, o grande Siló, ou pacificador, devia de vir dessa tribo. Mas ai! quando veio o pacífico que fez a paz e propiciação pela iniquidade pelo sangue da sua cruz, lhe desprezaram e rejeitaram, esperando não um grande Sumo Sacerdote, senão um grande general.

Tendo recebido Siló o cetro e “toda a autoridade” na sua ressurreição, por causa da sua obediência até a morte, certamente primeiro abençoará a Israel — porém não a Israel carnal, porque não são todos verdadeiros israelitas aqueles que são chamados assim segundo a carne. (Rom. 9:6) Siló, o **herdeiro**, está procurando e achando filhos de Abraão segundo o espírito — tais quais participam da disposição abraâmica de fé e obediência, tanto da sua posteridade natural como dentre os gentios — para ser um povo para o seu Nome. (At. 15:14) E “**depois disto**” [depois de efetuar-se o ajuntamento da sua Igreja escolhida — na ceifa ou fim da Idade Evangélica, na conclusão dos Tempos dos Gentios] Ele voltará novamente o seu favor e reedificará as ruínas de Israel, e finalmente de todas as famílias da Terra, sobre um fundamento melhor que nem penetrou o coração do homem para idear. Ele que já segura o cetro — “a quem pertence de direito” o governo — também receberá no vencimento dos Tempos dos Gentios a coroa; “e a ele obedecerão os povos.” (Gên. 49:10) O cetro, ou título de “toda a autoridade no céu e na terra”, foi lhe dado na sua ressurreição, mas espera o tempo determinado pelo Pai — o limite

dos Tempos dos Gentios — antes de tomar seu grande poder e começar o seu reinado glorioso. Veja no Apoc. 11:17, 18.

Agora guardemos na memória a data já achada pelo começo destes Tempos dos Gentios — a saber, 606 a. C. — enquanto prosseguimos a examinar a evidência comprovando o seu cumprimento ser de 2520 anos, terminando em 1914 d. C.

Não devemos esperar encontrar esta informação declarada em palavras explícitas. Portanto se ela fosse declarada, teria sido conhecida antes do seu tempo. Ela foi dada de uma maneira pormenorizada como para escondê-la antes do “fim do tempo”. — Dan. 12:4, 10.

As palavras do nosso Senhor, “Jerusalém será pisada pelos gentios, até que os tempos destes se completem”, não somente sugerem um limite e período definido das dominações gentias, senão também elas sugerem o pensamento que ainda que tanto o Israel espiritual como carnal têm estado sujeitos a estes poderes gentios, todavia estes **“tempos”** são de algum modo ligados com medidas na cidade terrestre, Jerusalém, e a casa carnal de Israel. E se nos ocorre — pode ser que Deus predissesse sobre a história de Israel alguma coisa que nos dê a medida exata destes **“tempos”** aos quais o nosso Senhor faz alusão? Isto é, com certeza assim.

Dirigindo-nos a Levítico encontramos registradas bênçãos e maldições de um caráter terrestre e temporal. Se Israel obedeceria a Deus fielmente, seriam abençoados sobre outras nações; se não, certos males lhes aconteceriam. A conclusão é determinada assim: “Andarei no meio de vós, e serei o vosso Deus, e vós sereis o meu povo. ... Mas se não me ouvirdes, e não cumprirdes todos os meus mandamentos, ... Porei o meu rosto contra vós, e sereis feridos diante de vossos inimigos; os que vos odiarem dominarão sobre vós, ... em vão sementeis a vossa semente, pois os vossos inimigos a comerão.” **“Se nem ainda com isto me ouvirdes, prosseguirei em castigar-vos sete vezes mais, por**

**causa dos vossos pecados.”** — Lev. 26:12, 14, 17, 18, 24, 28.

Esta ameaça de **“sete vezes** de castigo é mencionada três vezes. Os vários castigos mencionados antes das **“sete vezes”** referem-se a vários cativeiros sob assírios, moabitas, midianitas, filisteus, etc., durante todos dos quais o cuidado de Deus continuou sobre eles. O seu procedimento para com eles foi “preceito sobre preceito, preceito sobre preceito; regra sobre regra, regra sobre regra; um pouco aqui, um pouco ali”, todavia guardou-lhes, e quando arrependeram-se e clamaram a Ele, lhes escutou e os livrou dos seus inimigos. (Juí. 3:9, 15) Mas quando estes castigos haviam falhado, Ele aplicou as ameaças sete vezes: a coroa foi tirada permanentemente, e tanto Israel como o mundo inteiro, foi sujeito aos poderes bestiais durante **sete vezes**. Assim lhes aconteceu segundo a advertência de Deus — “Se nem ainda com isto [os castigos prévios] me ouvirdes ... vos castigarei **sete vezes”**.

A conexão em que as **“sete vezes”** (mais, além, ou adicional) são ameaçadas, indica que incluem um castigo final e conclusivo sobre este povo **depois** de que os outros castigos tinham repetidamente falhado a reformá-los permanentemente. A punição destas **“sete vezes”** terá o efeito designado de completamente humilhá-los perante o Senhor, assim preparando-os para receberem as suas bênçãos. Estas **sete vezes** portanto referem-se ao **cumprimento do tempo** durante o qual os gentios deviam governar sobre eles. E sem dúvida foi a este período de “sete vezes” que o nosso Senhor referiu-se, falando dos **“Tempos dos Gentios”**.

No tempo, em que os cativeiros e castigos menores deram lugar a este final e grande castigo nacional de “sete vezes”, aconteceu, como já foi demonstrado, quando o seu último rei Zedequias foi afastado — desde o qual tem havido um longo período de castigo — as preditas “sete vezes” ou 2520 anos.

Na Bíblia uma “vez”, ou um “tempo”, é usado no sentido de um ano, quer literal, quer simbólico; mas ao tempo da expressão de qualquer profecia, não poderia ser entendido se o tempo referido fosse literal ou simbólico. Os profetas indagaram diligentemente, mas em vão, para aprender qual o tempo ou qual a ocasião (literal ou simbólico) que o Espírito indicava. (I Ped. 1:11) Um ano **simbólico** tão usado na profecia é contado na base de um ano lunar — doze meses de trinta dias cada um, ou trezentos e sessenta dias — cada dia representando um ano. Por conseguinte, uma “vez”, um “tempo” ou ano, se simbólico, significa trezentos e sessenta (360) dias simbólicos, e “sete vezes” (ou tempos) representam dois mil e quinhentos e vinte ( $7 \times 360 = 2520$ ) dias simbólicos, ou 2520 anos literais.

A pergunta aqui apresentando-se é, foram estas “sete vezes” literais ou simbólicas? Referiram-se a sete anos, ou a dois mil e quinhentos e vinte anos? Contestamos, foram vezes simbólicas, 2520 anos. Não podem ser entendidos como sete anos literais; pois Israel teve muitos cativeiros de duração mais extensa — por exemplo, serviram o rei da Mesopotâmia oito anos (Juí. 3:8), o rei de Moabe dezoito anos (Juí. 3:14), Rei Jabim vinte anos (Juí. 4:2, 3), os filisteus um período de quarenta anos e outro de dezoito anos (Juí. 10:7, 8; 13:1), além dos seus setenta anos na Babilônia. Sendo todos estes períodos muito mais extensos de “sete vezes” ou anos literais, entretanto as “sete vezes” mencionadas como o último castigo, mais grande e final, comprova que significam tempo simbólico, não literal, ainda que a palavra hebraica traduzida “**sete vezes**” em Lev. 26:18, 21, 24, 28, é a mesma palavra traduzida “**tempos**” em Dan. 4:16, 23, 25, 32, exceto que em Daniel a palavra **iddan** está agregada, enquanto que em Levítico é deixada para ser compreendida. E peculiarmente, também, repete-se quatro vezes em cada caso. No caso de Nabucodonosor foram anos literais; não obstante, como veremos, tanto Nabucodonosor

como os seus “sete tempos” foram típicos.

Os “**sete tempos**” da degradação de Nabucodonosor (Dan. 4:16, 23-26) **evidenciaram-se** por sete anos literais, quando atualmente assim cumpriram-se; e deste modo a humilhação de Israel e o mundo sob as autoridades “que existem” tem **evidenciado-se** por sete vezes ou tempos simbólicos — dois mil quinhentos e vinte anos literais. Este período agora\* falta apenas vinte e seis anos para vencer-se, e agencias estão trabalhando em todos lados apontando o fim do domínio gentio, e na vinda da justiça eterna e de todas as bênçãos do Novo Pacto a Israel e a toda a criação gemente.

### O Fim dos Sete Tempos de Israel

Este período longo (“sete vezes”, ou 2520 anos) do castigo de Israel é o período de domínio gentio — os Tempos dos Gentios. Desde que, como já temos mostrado, os Tempos dos Gentios começaram em 606 a. C., e haviam de continuar dois mil e quinhentos e vinte anos, terminarão em 1914 d. C. (2520 – 606 = 1914) Então as bênçãos registradas na última parte do mesmo capítulo (Lev. 26:44, 45) cumprir-se-ão; Deus lembrar-se-á e cumprirá a Israel o pacto feito com os seus pais. — Rom. 11:25-27.

Isto pode mostrar-se mais claramente a alguns assim:

As “sete vezes” de castigo de Israel são =	2520 anos.
Começaram quando o arrendamento de poder deu-se aos gentios, que como temos mostrado, foi 606 a. C. Portanto, em 1 d. C.,	606 anos
do seu período tinham passado, e o resto indicaria a data	1914 d. C.

---

\*Nota dos tradutores: Este livro foi escrito em inglês em 1889.

Como prova de que um dia por um ano é **uso bíblico** em profecia simbólica, citamos os seguintes exemplos cumpridos:

**a)** Os espias andaram quarenta dias espiando a Canaã, típico dos quarenta anos durante os quais Israel andava pelo deserto. (Núm. 14:33, 34) **b)** Quando Deus quis anunciar a Israel por meio de Ezequiel um período da adversidade, fez que o profeta o simbolizasse, declarando: “te dei, cada dia por um ano”. (Ez. 4:1-8) **c)** Nessa notável profecia já cumprida de Dan. 9:24-27, examinada no estudo anterior, no qual é mostrado o tempo até a unção do nosso Senhor, e também os sete anos de graça a Israel depois, no meio dos quais o Messias foi “cortado”, tempo simbólico é usado: Cada dia das setenta semanas simbólicas representou um ano, e assim cumpriu-se. **d)** De novo, em Dan. 7:25 e 12:7 o período do triunfo do Papado é dado como três tempos e meio, e sabemos (e mostraremos neste volume) que este cumpriu-se em mil duzentos e sessenta anos ( $360 \times 3 \frac{1}{2} = 1260$ ). O mesmo período é mencionado no livro do Apocalipse: No capítulo 12:14 ele é chamado três tempos e a metade de um tempo ( $360 \times 3 \frac{1}{2} = 1260$ ); no capítulo 13:5 denomina-se quarenta e dois meses ( $30 \times 42 = 1260$ ); e no capítulo 12:6 é designado mil duzentos e sessenta dias. O cumprimento destas profecias será particularmente examinado depois. Basta agora notar que o uso pelo Espírito da palavra “tempo”, ou “vez”, noutra parte, concorda com o uso atual desse termo — que na profecia simbólica um “tempo” ou “vez” é um ano simbólico de trezentos e sessenta anos; e o fato de que três tempos e meio, aplicados como uma medida ao triunfo da igreja apóstata, se têm cumprido em mil duzentos e sessenta anos, estabelece o princípio a partir do qual os **sete tempos** de domínio gentio são contados ( $360 \times 7 = 2520$ ) e comprova o seu fim ser em 1914 d. C.; pois se três tempos e a metade são 1260 dias (anos), sete tempos (vezes) será um período mais longo exatamente como — duas vezes, isto é, 2520 anos.

Se tivessem cumprido-se as “sete vezes” de Israel em tempo literal (sete anos), a bênção garantida-lhes pelo pacto incondicional de Deus com os seus pais teria seguido. (Veja Lev. 26:45; Rom. 11:28) Mas não foi este o caso. Todavia não têm jamais desfrutado dessas bênçãos prometidas; e esse pacto não se cumprirá, diz Paulo (Rom. 11:25, 26), até que a eleita Igreja Evangélica, o corpo de Cristo, tenha sido aperfeiçoado como o seu libertador, por meio do qual o pacto entrará em vigor. “Mas este é o pacto que farei com a casa de Israel depois daqueles dias [isto é, as **sete vezes** de castigo], diz o Senhor: Porei a minha lei no seu interior, e a escreverei no seu coração; e eu serei o seu Deus e eles serão o meu povo. E não ensinarão mais cada um a seu próximo, nem cada um a seu irmão, dizendo: Conheci ao Senhor; porque todos me conhecerão, desde o menor deles até o maior, diz o Senhor; pois lhes perdorei a sua iniquidade, e não me lembrarei mais dos seus pecados.” (Jer. 31:33, 34; Heb. 10:16, 17) “Naqueles dias [os dias de graça seguindo as sete vezes de castigo] não dirão mais: Os pais comeram uvas verdes, e os dentes dos filhos se embotaram. Pelo contrário, cada um [que morrer] morrerá pela sua própria iniquidade; de todo homem que comer uvas verdes, é que os dentes se embotarão.” — Jer. 31:29, 30.

A restauração no fim dos setenta anos em Babilônia não foi um livramento do governo gentio; pois continuavam um povo tributário desde então. Essa restauração meramente serviu para guardar juntos um povo ao qual o Messias devia apresentar-se. Foi enquanto o governo gentio já estava segurando o Israel em sujeição, e devido a esse fato, que o nosso Senhor declarou que eles seguiriam sendo pisados até que os Tempos dos Gentios expirassem, ou completarem-se. O mundo é testemunha ao fato de que o castigo de Israel sob o domínio dos gentios tem sido contínuo desde 606 a. C., que ainda continua, e que não há razão para esperar a sua reorganização nacional antes de 1914 d. C., o limite das suas “sete vezes” — 2520 anos. Entretanto, ao passo que este período longo do seu castigo nacional aproxima-se do

seu fim, podemos ver indicações marcadas de que a figueira infrutífera está prestes a brotar, mostrando que o inverno — tempo do mal está terminando, e o verão milenário aproximando-se, que plenamente restaurará à sua herança prometida e independência nacional. O fato de que agora estão acontecendo grandes preparações e expectativas relativas à volta de Israel à sua própria terra é de si mesmo forte indicação confirmativa deste ensino bíblico. Quanto ao significado de tal acontecimento, veja o Volume I, páginas 328-342; ou 286-289, 2ª edição.

### **Outra Linha de Testemunho**

Outro parecer dos Tempos dos Gentios é apresentado por Daniel — Capítulo 4. Aqui o domínio original do homem sobre a terra inteira, a sua remoção, e a certeza da sua restauração, a começar no fim dos Tempos dos Gentios, ilustra-se convincentemente num sonho dado a Nabucodonosor, a sua interpretação por Daniel, e o seu cumprimento em Nabucodonosor.

No seu sonho Nabucodonosor “olhava, e eis uma árvore no meio da terra, e grande era a sua altura; crescia a árvore, e se fazia forte, de maneira que a sua altura chegava até o céu, e era vista até os confins da terra. A sua folhagem era formosa, e o seu fruto abundante, e havia nela sustento para todos; debaixo dela os animais do campo achavam sombra, e as aves do céu faziam morada nos seus ramos, e dela se mantinha toda a carne. ... e eis que um vigia, um santo, descia do céu. Ele clamou em alta voz e disse assim: Derrubai a árvore, e cortai-lhe os ramos, sacudi as suas folhas e espalhai o seu fruto; afugentem-se os animais de debaixo dela, e as aves dos seus ramos. Contudo deixai na terra o tronco com as suas raízes, numa cinta de ferro e de bronze, no meio da tenra relva do campo; e seja molhado do orvalho do céu, e seja a sua porção com os animais na erva da terra. Seja mudada

a sua mente, para que não seja mais a do homem, e lhe seja dada mente de animal; e passem sobre ele **sete tempos**. Esta sentença é por decreto dos vigias, e mandado dos santos; a fim de que conheçam os viventes que o Altíssimo tem domínio sobre o reino dos homens, e o dá a quem quer, e até o mais humilde dos homens constitui sobre eles”.

Está árvore notável, na sua glória e formosura, representou o primeiro domínio da terra dada à raça humana no seu representante e cabeça, Adão, a quem Deus disse: “Frutificai e multiplicai-vos; enchei a terra e sujeitai-a; **dominai** sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu e sobre todos os animais que se arrastam sobre a terra.” (Gên. 1:28) A Glória original do homem e o poder investido nele foram na verdade sublimes, e estavam sobre a terra inteira, para abençoar, alimentar, proteger, e abrigar a tudo o que vive. Porém quando entrou o pecado, veio a ordem para derrubar a árvore, e a glória, a formosura e o poder da humanidade foram tirados; e a criação mais baixa já não encontrava abrigo, proteção, e bênção sob a sua influência. A morte derrubou a grande árvore, espalhou o seu fruto e as suas folhas, e deixou à criação mais baixa sem o seu senhor e benfeitor.

No que toca ao homem, todo poder para recobrar o domínio perdido já tinha passado sem esperança. Mas desde o ponto de vista de Deus, não foi assim. O domínio originalmente surgiu do seu plano, e foi a sua dádiva graciosa; e ainda que tinha mandado derrubá-lo, todavia a raiz — o propósito e plano de Deus de uma restituição — continuou, ainda que atado com fortes grilhões, para que não brote até o tempo divinamente determinado.

Como no sonho a figura muda-se do tronco duma árvore para um homem degradado e trazido à companhia e semelhança de animais, com o raciocínio destronado e toda a sua glória afastada, assim vemos o homem, o caído e degradado senhor da terra: o seu

esplendor e domínio haviam passado. Sempre depois de que a sentença passou, a raça tem estado tendo a sua porção com os animais, e o coração humano tem chegado a ser bestial e degradado. Que quadro espantoso, quando consideramos a passada atual condição semi-civilizada e selvagem da grande maioria da raça humana; e que ainda a pequena maioria que aspiram a superar a tendência para baixo têm êxito apenas até um grau limitado, e isto com grande trabalho e esforços constantes. A raça tem que ficar na sua degradação, sob o domínio do mal, até que a lição seja aprendida, que o altíssimo tem domínio sobre o reino dos homens, e o dá a quem quer. E enquanto os homens estão nesta condição degradada Deus permite alguns dos caracteres mais vis entre eles para governar sobre eles, para que a sua amarga experiência atual possa evidenciar-se no futuro para ser de benefício duradouro.

A veracidade da interpretação de Daniel, está informando-nos que: “Tudo isso veio sobre o rei Nabucodonosor”, e que nesta condição insana, degradada e bestial ele andava errante entre os animais até que **sete tempos** (sete anos literais no seu caso) passaram-se sobre ele. A interpretação por Daniel do sonho é relacionada apenas com o seu cumprimento sobre Nabucodonosor; mas o fato de que o sonho, a interpretação, e o cumprimento são todos tão cuidadosamente relatados, aqui é evidência de um objetivo, na sua narração. E a sua aptidão singular como ilustração do propósito divino em sujeitar toda a raça ao domínio do mal para a sua punição e correção, para a seu tempo Deus restaurá-la e estabelecê-la em justiça e vida eterna, nos autoriza a aceitá-lo como um tipo tencionado.

O sonho no seu cumprimento em Nabucodonosor é especialmente notável quando lembramo-nos que ele foi feito o representante ou **cabeça** reinante do domínio humano (Dan. 2:38), e a ele, como senhor da terra, dirigiu-se o profeta quase com as mesmas palavras que Deus no princípio dirigiu a Adão —

“a quem o Deus do céu tem dado o reino, o poder, a força e a glória; e em cuja mão ele entregou os filhos dos homens, onde quer que habitem, os animais do campo e as aves do céu, e te fez reinar sobre todos eles”. (Dan. 2:37, 38. Compare Gên. 1:28) Depois, por causa do pecado, Nabucodonosor recebeu os “sete tempos” de castigo, depois dos quais o seu entendimento começou de voltar, e se efetuou a sua restauração ao domínio. Foi restabelecido no seu reino, e a grandeza foi-lhe acrescentada depois que ele tinha aprendido a lição precisada à qual referiu-se na linguagem seguinte:

“Mas ao fim daqueles dias eu, Nabucodonosor, levantei ao céu os meus olhos, e voltou a mim o meu entendimento, e eu bendisse o Altíssimo, e louvei, e glorifiquei ao que vive para sempre; porque o seu domínio é um domínio sempiterno, e o seu reino é de geração em geração. E todos os moradores da terra são reputados em nada; e segundo a sua vontade ele opera no exército do céu e entre os moradores da terra; não há quem lhe possa deter a mão, nem lhe dizer: Que fazes? No mesmo tempo voltou a mim o meu entendimento; e para a glória do meu reino voltou a mim a minha majestade e o meu resplendor. ... e fui restabelecido no meu reino, e foi-me acrescentada excelente grandeza. Agora, pois, eu, Nabucodonosor, louvo, e exalto, e glorifico ao Rei do céu; porque todas as suas obras são retas, e os seus caminhos justos, e ele pode humilhar aos que andam na soberba.”

A degradação de Nabucodonosor foi típica da degradação humana sob governos bestiais durante sete tempos ou anos simbólicos — um ano por um dia, 2520 anos — desde seu dia por diante. E seja observado que isto corresponde exatamente com as sete vezes preditas em Israel, as quais, como acabamos de ver, terminam em 1914 d. C. Pois foi sob este Nabucodonosor que Israel foi levado em cativeiro a Babilônia, quando a coroa do reino de Deus foi tirada, e as sete vezes começaram.

É em perfeita harmonia com isto que Deus, ao representar estes governos dos gentios, os descreveu a Daniel como tantos animais selvagens, enquanto no fim deles o reino de Deus representa-se como dado a **um como o filho do homem**.

A menos que foi para assim prefigurar a degradação e duração dos Tempos dos Gentios, não conhecemos a nenhum motivo pelo registro deste pedaço da história de um rei pagão. Que os seus sete anos de degradação adequadamente ilustraram a depravação humana, é um fato; que Deus tem prometido uma restauração do domínio da terra depois de que a humanidade tenha aprendido certas lições importantes, é também um fato; e que os **sete** tempos simbólicos dos gentios (2520 anos) terminam no ponto exato quando a humanidade terá reconhecido a sua própria degradação e inaptidão atual para governar o mundo com desenvolvimento, e estará preparada para o domínio e reino de Deus, é um terceiro fato. E a aptidão da ilustração estimula a convicção que os sete anos de Nabucodonosor, enquanto literalmente cumpridos nele pessoalmente, tinham uma significação ainda mais importante e mais ampla como uma figura das sete vezes simbólicas de domínio gentio, que ele representou.

A data exata da degradação de Nabucodonosor não está declarada, e é sem importância, porque o prêmio da sua degradação tipificou o inteiro período do domínio gentio, que começou quando a coroa do típico reino de Deus foi tirada de Zedequias. Foi bestial exatamente desde o seu início, e os seus tempos são numerados: os seus limites são colocados por Jeová, e não podem ser ultrapassados.

Que reanimador é o prospecto trazido à vista no fim destes sete tempos! Nem Israel nem o mundo da humanidade representado por esse povo já não serão pisados, oprimidos nem mal governados pelos bestiais poderes gentios. O Reino de Deus e do seu Cristo será então estabelecido na Terra, e Israel e todo o mundo

serão abençoados sob a sua autoridade legítima e justa. Então a raiz da promessa e esperança plantada por primeira vez no Éden (Gên. 3:15), e trazida através do dilúvio e transplantada em Israel, o povo típico (Gên. 12:1-3), brotará e florescerá de novo.

Começou a brotar no primeiro advento do nosso Senhor, entretanto o tempo determinado ainda não tinha chegado para ela florescer e produzir os seus frutos abençoados na restauração de todas as coisas. Mas no fim dos Tempos dos Gentios não faltarão os sinais seguros da primavera, e será gloriosa a ceifa outonal e ricos serão os frutos de verão para serem colhidos e gozados nas idades eternas de glória em seguimento. Então o senhor original da terra, com o raciocínio restaurado, será plenamente restabelecido, com acrescentada excelência e glória, como no tipo, e louvará e exaltará e glorificará ao Rei do Céu.

Já começamos a ver o raciocínio voltando à humanidade: os homens estão despertando-se a algum sentido da sua degradação, e estão vigilantes para melhorar a sua condição. Estão pensando, planejando e conspirando para uma condição melhor da que têm estado submetendo-se sob os poderes bestiais. No entanto, antes de que chegam a reconhecer a Deus e o seu domínio sobre todos, experimentarão ainda um espasmo terrível de demência, do qual conflito despertar-se-ão fracos, desamparados e desgastados, mas com o raciocínio restaurado a tal grau como para reconhecer e submeter-se à autoridade dele que vem para restabelecer o primeiro domínio já há muito tempo perdido, na base permanente da experiência e conhecimento tanto do bem como do mal.

De fato, isto é esperança de grandes coisas para alegar, como fazemos, que dentro dos vinte e seis anos vindouros todos os governos atuais serão derrotados e dissolvidos\*; no entanto estamos vivendo num tempo especial e peculiar, o “Dia de

---

\*Nota dos Tradutores: Veja o Prefácio do Autor (1916), páginas III, IV.

Jeová”, no qual os assuntos culminam rapidamente; e está escrito, “o Senhor executará a sua palavra sobre a terra, consumando-a e abreviando”. (Veja o Volume I, estudo XV) Pelos passados onze anos estas coisas tinham sido proclamadas e publicadas **substancialmente** como demonstrado acima; e nesse tempo breve o desenvolvimento das influências e agências para a subversão e derrota dos impérios mais fortes da terra tem sido estupendo. Nesse tempo o comunismo, socialismo e niilismo surgiram vigorosamente, e já estão causando grande inquietação entre os governadores e principais da terra, cujos corações estão desfalecendo-lhes de terror, e pela expectativa das coisas que sobrevirão ao mundo; pois os poderes presentes estão sendo abalados imensamente, e por fim passarão com grande estrondo.

Em vista desta forte evidência bíblica a respeito dos Tempos dos Gentios, consideramos isto uma verdade estabelecida que o término dos reinos deste mundo, e o pleno estabelecimento do Reino de Deus, serão realizados perto do fim de 1915 E. C.\* Então a oração da Igreja, desde o tempo que o seu Senhor partiu — “venha o teu reino” — será contestada; e sob essa sabia e justa admiração, toda a terra se encherá da glória do Senhor — com conhecimento, e retidão e paz (Sal. 72:19; Is. 6:3; Hab. 2:14); e a vontade de Deus será feita **“assim na terra como no céu”**.

A declaração de Daniel, de que o Reino de Deus será suscitado, não depois de que estes reinos da terra estejam dissolvidos, mas nos seus dias, enquanto todavia existem e têm poder, e que é o Reino de Deus que esmiuçarà e consumirá todos esses reinos (Dan. 2:44), merece a nossa consideração especial. Assim foi com cada um destes governos bestiais: existiram antes de adquirirem o domínio universal. Babilônia existiram por longo tempo antes de conquistar

---

\*Nota dos Tradutores: Veja o Prefácio do Autor (1916), páginas III, IV.

a Jerusalém e obter o domínio (Dan. 2:37, 38); Medo-Pérsia existiu antes de conquistar a Babilônia; e assim com todos os reinos: precisavam primeiro terem existido e terem recebido poder superior antes que pudessem conquistar os outros. Assim, também, é com o Reino de Deus: tem existido em estado embrionário durante dezoito séculos; mas com o mundo conjuntamente foi sujeito às autoridades “que existem”, “ordenadas por Deus”. Até os seus “sete tempos” não terminarem, o Reino de Deus não pode chegar a domínio universal. Porém, como os outros, tem que obter poder adequado para a derrota destes reinos antes de esmiuçá-los.

Portanto, neste “Dia de Jeová”, o “dia de tumulto”, “dia de tribulação e de angústia”, o nosso Senhor toma o seu grande poder (até agora adormecido) e reina, e é isto que causará o transtorno, ainda que o mundo não o conhecerá durante algum tempo. Que os santos participarão neste trabalho de esmiuçar aos reinos atuais, não cabe dúvida. Está escrito: “esta honra será para todos os santos — para executarem neles o juízo escrito; para prenderem os seus reis com cadeias, e os seus nobres com grilhões de ferro”. (Sal. 149:8, 9) “Ao que vencer, e ao que guardar as minhas obras até o fim, eu lhe darei autoridade sobre as nações, e com vara de ferro as regerá, quebrando-as [nações — os impérios] do modo como são quebrados os vasos de oleiro”. — Apoc. 2:26, 27; Sal. 2:8, 9.

Mas o nosso exame, no Volume precedente, da grande diferença de caráter entre o Reino de Deus e os reinos bestiais da terra, nos prepara para vermos também uma diferença nos modos da arte de guerra. Os métodos de conquista e quebramento serão largamente diferentes de quaisquer que têm já anteriormente derrotado nações. Ele que agora toma o seu grande poder para reinar é mostrado em símbolo (Apoc. 19:15) como um cavaleiro que: **“Da sua boca saía uma espada afiada, para ferir com ela as nações; ele as regerá com**

vara de ferro”. Essa espada é a **verdade** (Ef. 6:17); e tanto os santos viventes como muitos do mundo estão sendo usados agora como os soldados do Senhor para derrotar erros e males. Mas que ninguém apressadamente deduza uma **conversão pacífica** das nações ser simbolizada aqui; pois muitas Escrituras, tais como Apoc. 11:17, 18; Dan. 12:1; 2 Tess. 2:8; Sal. 149 e 47, ensinam precisamente ao contrário.

Não surpreenda-se, então, quando nos estudos subseqüentes apresentamos provas de que a suscitação do Reino de Deus já está iniciada, que está apontado na profecia como a seu tempo começou o exercício de poder em 1878 d. C., e que a “batalha do grande dia do Deus Todo-Poderoso” (Apoc. 16:14), que terminará em 1915 d. C.\*, com a completa derrota do governo atual da terra, já tem começado. O ajuntamento dos exércitos está claramente visível desde o ponto de vista da Palavra de Deus.

Se a nossa visão está livre de preconceitos, quando temos o telescópio da Palavra de Deus regulado acertadamente, podemos ver claramente o caráter de muitos dos eventos que hão de acontecer no “dia do Senhor” — que já estamos no meio desses eventos, e que “é vindo o grande dia da ira deles”.

A espada da verdade, já afiada, há de ferir todo costume e sistema mal — civil, social e eclesiástico. Ainda mais, podemos ver que o ferimento está começando: liberdade de pensamento, e direitos humanos, civis e religiosos, por muito tempo perdidos da visão debaixo de reis e imperadores, papas, sínodos, conselhos, tradições, e credos, estão sendo apreciados e defendidos como nunca antes. O conflito interno já está fomentando-se: em breve saltará como um fogo consumidor, e os sistemas humanos e erros, que durante séculos têm agrilhado a verdade e oprimido a criação gemente, terão que dissolver-se diante dele. Sim, a verdade — e o muito difundido e aumentado conhecimento dela — é a espada que está

---

\*Nota dos Tradutores: Veja o Prefácio do Autor (1916), páginas III e IV.

desconcertando e quebrando os cabeças de muitos países. (Sal. 110:6) Ainda que nesta tribulação uma bênção está disfarçada: Preparará a humanidade para a apreciação mais plena da justiça e da verdade, sob o reinado do Rei da Justiça.

Enquanto os homens eventualmente virão a compreender que o juízo está feito a linha para medir, e a justiça o prumo (Is. 28:17), também aprenderão que só as regras estritas da justiça podem garantir as bênçãos que todos desejam. E, inteiramente desalentados com os seus próprios meios e os frutos miseráveis do egoísmo, receberão com agrado e alegremente submeter-se-ão à autoridade justa que toma o controle; e assim, como está escrito, “as coisas preciosas de todas as nações virão” — o Reino de Deus, sob o controle absoluto e ilimitado do Ungido de Jeová.

“Estamos vivendo, estamos morando,  
Num tempo grande e terrível.  
Numa idade, idades revelando,  
Estar vivendo é sublime.  
Ouça! o barulho em toda nação,  
Ferro com barro feitos em pó.  
Escute! o que soa? “É esta criação  
Gemendo por um dia melhor.

“Zombadores com desprezo, o Céu vê,  
Mas tens só uma hora para lutar.  
Vê, a verdade profética se revela!  
Vigiai! e vestes brancas cuidai.  
Oh! com toda a tua alma permita  
Pela verdade difundir a mensagem!  
Faça! com toda energia e toda força!  
Fale das idades — por Deus reveladas!”

## ESTUDO V

### A MANEIRA DA VOLTA E DO APARECIMENTO DO NOSSO SENHOR

A Harmonia da Maneira do Segundo Advento do nosso Senhor com outros Aspectos do Plano Divino — Como e Quando a Igreja O Verá — Como e Quando a Glória do Senhor se Revelará; e Toda a Carne Juntamente a Verá — Afirmações Aparentemente Contraditórias Demonstradas serem Harmoniosas — Vem “Como um Ladrão” — Não com Aparência Exterior — E no entanto “Com Grande Brado” — Com “Vozes” — E “ao Som da Trombeta” — Se Manifestará “em Chama de Fogo, e Tomará Vingança” — E entretanto, “Há de Vir Assim Como” Foi — Demonstrada a Importância de Tempo Profético nesta Conexão — A Harmonia de Indicações Presentes.

À VISTA do que acabamos de considerar, o rápido fim dos Tempos dos Gentios, e a garantia de que a consumação da esperança da Igreja deverá anteceder o seu fim, somente estimula o apetite dos que agora estão esperando a consolação de Israel. Tais terão anseio por qualquer informação que o nosso Pai pode ter providenciado por meio dos profetas, no que toca à “ceifa”, o fim ou período final desta idade — a separação do trigo do joio no meio dos membros viventes da Igreja nominal, e o tempo da transformação dos vencedores, para estarem com o seu Senhor e Cabeça e semelhantes a ele.

Entretanto, para apreciar a racionalidade de ensino profético sobre estes assuntos profundamente interessantes, é absolutamente necessário termos visão clara tanto do **objetivo** da segunda vinda do nosso Senhor, como da **maneira** em que ele se revelará. Confiamos em que todos os leitores atuais ao ler o Volume I se têm convencido de que o **objetivo** de sua vinda é para reconciliar “quem quiser” do mundo, com Deus, por um processo de reger,

ensinar e disciplinar, chamado julgamento e bênção. A maneira da vinda e do aparecimento do Senhor, por conseguinte, é de importância suprema, antes de proceder no nosso estudo do tempo da ceifa, etc. O estudante tem que manter claramente na mente o objetivo, enquanto estuda a maneira da volta do nosso Senhor; e ambos destes, quando vem a estudar o tempo. Isto é necessário como contrapesar às opiniões errôneas já preocupando muitas mentes, baseadas em idéias falsas tanto do objetivo como da maneira da vinda do nosso Senhor.

Compreenda e tenha na mente tão firmemente como possível o fato, já demonstrado, que o Plano de Deus é uma totalidade harmoniosa, a qual está sendo elaborada por meio de Cristo; e que a obra do segundo advento fica relacionada com a obra do primeiro como efeito da causa: isto é, que a grande obra da Restauração no segundo advento segue a obra da Redenção realizada no primeiro advento como uma seqüência lógica segundo o Plano Divino. Por conseguinte, a volta do Senhor é **a aurora da esperança para o mundo**, o tempo dos outorgados favores assegurados pela redenção — sendo a Idade Evangélica apenas um parênteses intervindo, durante a qual a esposa de Cristo é escolhida, para associar-se com o seu Senhor no grande trabalho da restauração que Ele vem para realizar.

E já que a Igreja de Cristo, que tem estado desenvolvendo-se durante a Idade Evangélica, há de associar-se com o seu Senhor no grande trabalho de restituição da Idade Milenária, a primeira obra de Cristo no segundo advento tem que ser o ajuntamento da sua Igreja eleita, à qual é feita referência pelo profeta (Sal. 50:5), dizendo: “Congregarei os meus santos, aqueles que fizeram comigo um pacto por meio de sacrifícios.” Esta congregação ou tempo de ceifa está no período de sobreposição das duas idades. Como será mostrado, é um período de quarenta anos, \* que tanto termina a

---

\*Veja o Prefácio do Autor, página III-V

Idade Evangélica como introduz a Idade Milenária. (Veja o Vol. I. pp. 253-256; 270-274; ou pp. 219-221; 234-237, 2.<sup>a</sup> edição; e o Mapa das Idades.) Este período da ceifa não somente efetua a separação do trigo do joio na Igreja nominal do Evangelho e no ajuntamento e glorificação da classe do trigo; mas também há de efetuar a queima (destruição) do joio, ou imitação do trigo — não como indivíduos; o fogo de destruição é simbólico assim como o joio), e a vindima e destruição da frutificação corrupta da “vinha da terra” (ambição, avareza e egoísmo humanos), que tem estado crescendo e amadurecendo através de séculos nos reinos do mundo e nas várias organizações civis e sociais entre os homens.

Embora que, quando tratando do objetivo da volta do nosso Senhor, demonstramos que seria uma vinda **pessoal**, nos permitam mais uma vez guardar o estudante contra confusão de pensamento tomando em consideração as duas aparentemente incompatíveis expressões do nosso Senhor — “eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos” (**aionos** idade), e, “**vou** preparar-vos lugar. E, ... **virei outra vez**, e vos tomarei para mim mesmo”. (Mat. 28:20; João 14:2, 3) O seguinte incidente servirá de ilustração da harmonia das duas promessas: — Um amigo disse a outro enquanto estavam para separar-se, lembre-se, estarei contigo por toda a tua viagem. Como? Naturalmente não em pessoa; pois tomaram trens em direções opostas para lugares distantes. A idéia foi que em amor e pensamento e cuidado um pelo outro, não seriam separados. Num sentido semelhante, contudo mais amplo, o Senhor sempre tem estado com a sua Igreja, o seu poder divino habilita-o para vigiar, dirigir e assistir esta Igreja desde o princípio até o fim. No entanto, agora estamos considerando a presença do nosso Senhor conosco não neste sentido figurativo, senão a maneira da sua segunda presença pessoal e do seu aparecimento, “quando naquele dia ele vier para ser glorificado nos seus santos e para ser admirado em todos os que tiverem crido”.

As Escrituras ensinam que Cristo vem de novo para reinar; que é necessário que ele reine até que haja posto todos os inimigos de-

baixo de seus pés — todos os oponentes, todas as coisas que estorvavam a grande restituição que ele vem para efetuar — o último inimigo a ser destruído é a morte (1 Cor. 15:25, 26); e que ele reinará mil anos. É portanto apenas como se deve esperar, que encontramos muito mais lugar na profecia dedicado ao segundo advento e os seus mil anos de reinado triunfante e derrota do mal, do que aos trinta e quatro anos do primeiro advento para a redenção. E como temos percebido que a profecia toca os vários pontos importantes desses trinta e quatro anos, desde Belém e Nazaré até o fel e vinagre, as vestes repartidas, a cruz, o sepulcro e a ressurreição, assim achamos que a profecia do mesmo modo toca a vários pontos dos mil anos da segunda presença, particularmente o seu começo e fim.

A segunda presença do nosso Senhor abrangerá um período de tempo mais longo do que a primeira. A missão do seu primeiro advento terminou em menos de trinta e quatro anos, enquanto que são requeridos mil anos para levar a cabo a obra designada da sua presença. Assim pode ver-se numa olhada que, ao passo que a obra do primeiro advento não foi de menor importância do que aquela do segundo advento — sim, ainda que foi **tão importante** que o trabalho do segundo advento **nunca poderia ter sido possível sem o primeiro** — porém não estava tão diferente, e daqui requeria menos descrição do que a obra do segundo advento.

Ao considerar o segundo advento, igualmente como o primeiro advento, não devemos esperar para todas as profecias marcarem um, particularmente significativo momento da chegada do nosso Senhor, e chamarem a atenção de todos os homens ao fato da sua presença. Não é tal o método usual de Deus; não foi tal o método no primeiro advento. O primeiro advento do Messias não foi assinalado por qualquer demonstração repentina ou surpreendente fora da ordem normal, senão que foi manifestado e comprovado pelo cumprimento gradual de profecia, mostrando a observadores

atentos que os acontecimentos que deveriam ser esperados estavam efetuando-se em seu tempo. E assim será no seu segundo advento. É de menor importância que descubramos o momento preciso da sua chegada, do que discernirmos o fato da sua presença quando ele tinha vindo, exatamente como no primeiro advento era importante poder reconhecer a sua presença e quanto antes melhor, entretanto muito menos importante foi para saber a data exata do seu nascimento. Ao considerar o segundo advento, o ato de vinda e o momento de chegada estão também frequentemente no pensamento, enquanto que deve considerar-se como um **período de presença**, como foi o primeiro advento. O momento preciso no qual começaria essa presença pareceria, então, menos importante, e o seu objetivo e trabalho durante o período da sua presença receberia a consideração principal.

Devemos de ter em mente, também, que o nosso Senhor já não é mais um ser humano; que como ser humano se deu a si mesmo em resgate pelos homens, tendo tornado-se homem por esse mesmo propósito. (I Tim. 2:6; Heb. 10:4, 5; I Cor. 15:21, 22) Ele está agora exaltado soberanamente, à natureza divina. Portanto Paulo disse: “ainda que tenhamos conhecido Cristo segundo a carne, contudo agora já não o conhecemos desse modo”. (2 Cor. 5:16) Ele foi ressuscitado dentre os mortos um **Espírito** (Ser espiritual) vivificante (I Cor. 15:45), e não um **homem**, da terra, terreno. Já não é mais humano em nenhum sentido ou grau; pois não devemos esquecer do que temos aprendido (Veja o Volume I, Estudo 10) — que as naturezas são separadas e distintas. Desde que ele já não é mais em nenhum sentido ou grau um ser humano, não devemos esperar para ele vir mais uma vez como ser humano, como no primeiro advento. Sua segunda vinda há de ser numa maneira diferente.

Notando o fato de que a **transformação** do nosso Senhor desde a natureza humana até a divina na sua ressurreição foi uma transformação ainda mais grande da que aconteceu uns trinta e

quatro anos previamente, quando ele deixou a glória de ser espiritual e “se fez carne”, podemos considerar com grande proveito muito minuciosamente todas as suas ações durante os quarenta dias depois da sua ressurreição antes que fosse “para o Pai”; porque é o Jesus ressurgido desses quarenta dias quem há de vir de novo, e não o Cristo Jesus, **homem**, o qual se deu a si mesmo em resgate nosso, à morte. Ele que foi morto como um ser de carne, foi também na sua ressurreição vivificado um ser espiritual. — I Ped. 3:18\*

No seu segundo advento Ele não vem para ser sujeito às autoridades que agora existem, para pagar o tributo a César e para sofrer a humilhação, injustiça e violência; mas vem para reinar, exercendo toda a autoridade no céu e na terra. Não vem no corpo da sua humilhação, um corpo humano, que tomou para sofrer a morte, inferior ao seu corpo glorioso anterior (Heb. 2:9); senão no seu corpo espiritual glorioso, que é “a expressa imagem do seu Ser” (do Ser do Pai, Deus) (Heb. 1:1, 3); visto que, por causa da sua obediência ainda até a morte, já está soberanamente exaltado à semelhança e **natureza divina**, e foi lhe dado o nome que é sobre todo nome — sendo excetuado o nome do Pai unicamente. (Fil. 2:9; I Cor. 15:27) O Apóstolo mostra que “ainda não é manifesto” ao nosso entendimento humano como Ele agora é; daqui não sabemos o que havemos de ser quando se tornaremos feitos semelhantes a ele, mas nós (a Igreja) podemos regozijarmo-nos na segurança

---

\*Nesta passagem as palavras “na” e “no” são fornecidas arbitrariamente pelos tradutores, e são ilusórias. O grego diz simplesmente — “morto na carne, mas vivificado no espírito”. O nosso Senhor foi morto um ser carnal ou humano, mas foi vivificado dentre os mortos um ser espiritual. E visto que a Igreja há de ser “**transformada**” para que possa ser como Cristo, é evidente que a transformação que ocorreu na Cabeça foi de uma espécie parecida a essa descrita como reservada para os vencedores, os quais serão transformados da natureza humana em divina, e feitos semelhantes a ele — “participantes da natureza divina”. Daqui, a seguinte descrição da transformação dos santos é aplicável também ao seu Senhor; a saber “Semeia-se em ignomínia, é ressuscitado em glória. Semeia-se em fraqueza, é ressuscitado em poder. Semeia-se corpo animal, é ressuscitado corpo espiritual.”

que algum dia estaremos com ele, e seremos semelhantes a ele, e **assim como é** o veremos (1 João 3:2) — não como estava no seu primeiro advento em humilhação, quando tinha deixado sua glória anterior e se fez pobre, para que pela sua pobreza pudéssemos ser enriquecidos.

Se consideramos a sabedoria e prudência dos métodos do nosso Senhor de manifestar a sua presença aos seus discípulos depois da sua ressurreição como também previamente, pode nos ajudá-lo a lembrarmos que a mesma sabedoria será demonstrada nos seus métodos de revelar-se no seu segundo advento, tanto à Igreja como ao mundo — métodos não necessariamente similares, mas em cada caso bem convenientes para o seu objetivo, o que nunca está para alarmar ou excitar os homens, senão para **convencer** os seus raciocínios moderados e calmos das grandes verdades para produzirem impressão sobre eles. O primeiro advento do nosso Senhor não foi um evento espantador, excitante, nem alarmante. Quão quietamente e moderadamente veio! Assim foi até tal grau que apenas os que tinham **fé e humildade** puderam reconhecer na criança de nascimento humilde, no homem de dores, no amigo dos humildes e pobres, e por fim no crucificado, o Messias já esperado por longo tempo.

Depois da sua ressurreição, a manifestação da sua presença seria naturalmente um fato mais assombroso, particularmente quando considera-se a sua transformação de natureza. Contudo o fato da sua ressurreição, junto com o fato da sua natureza mudada, havia de ser manifestado plenamente, não a todo o mundo nesse então, senão a testemunhas escolhidas que dariam testemunho acreditável do acontecimento a gerações sucessivas. Se todo o mundo tivesse inteirado-se do acontecimento naquele tempo, o testemunho estendendo-se aos nossos dias provavelmente teria sido menos digno de confiança, sendo colorido e torcido pelas idéias dos homens e misturado com as suas tradições, a tal grau que a verdade poderia aparecer quase ou plenamente inacreditável. Mas Deus a confiou apenas a testemunhas escolhidas, fiéis e meritórias; e en-

quanto notamos a consideração, que cada um note quão perfeitamente o **objetivo** foi concluído, e quão clara, positiva e convincente foi a prova da ressurreição e transformação de Cristo oferecida-lhes. Note também o cuidado com que evitou alarmá-los ou indevidamente excitá-los enquanto fazia manifesto e dava ênfase a estas grandes verdades. E pode assegurar-se de que a mesma sabedoria, prudência e habilidade se manifestarão nos seus métodos de fazer conhecer o fato da sua gloriosa presença no seu segundo advento. O raciocínio calmo e moderado será convincente em todo caso, ainda que o mundo em geral precisará de ser trazido por meio de disciplina severa para a atitude apropriada para receber o testemunho, enquanto os que são de coração reto terão o abençoado entendimento mais cedo. Todas as provas da sua ressurreição e transformação à natureza espiritual não foram dadas aos seus discípulos imediatamente, senão ao passo que podiam suportá-las e na maneira calculada para impressioná-los o mais profundamente.

Durante os três anos e meio do ministério do nosso Senhor, os seus discípulos haviam sacrificado amigos, reputação, negócios, etc., para dedicar tempo e energia ao anúncio da presença do Messias e o estabelecimento do seu reino. Mas eles tinham idéias necessariamente cruas com respeito à maneira e ao tempo da exaltação do seu Mestre, e da sua prometida exaltação com ele. Também não era o pleno conhecimento nesse então necessário; foi realmente suficiente que eles deviam aceitar cada passo como isto devia vir a ser. Portanto o Mestre os ensinou pouco a pouco, tanto quanto eram aptos para aceitá-lo. E perto do fim do seu ministério disse: “Ainda tenho muito que vos dizer; mas vós não o podeis suportar agora. Quando vier, porém, aquele, o Espírito da verdade, ele vos guiará a toda a verdade; ... e vós ensinará todas as coisas, e vos fará lembrar de tudo quanto eu vos tenho dito.” — João 16:12, 13; 14:26.

Quem poderá contar o seu grande desapontamento, ainda que

tanto quanto tinham sido prevenidos contra isto, quando eles viram o Mestre repentinamente tirado deles e ignominiosamente crucificado como um criminoso — este cujo reino e glória eles tinham estado esperando e anunciando, e que apenas cinco dias antes de sua crucificação tinha parecido a eles tão perto da realização. (João 12:1, 12-19) Ainda quando souberam que ele foi falsamente acusado e injustamente crucificado, isto não alterou o fato de que as suas esperanças nacionais por longo tempo alimentadas de um rei judaico, que restauraria a sua nação à influência e poder em conjunto com as suas esperanças individuais, ambições e imaginações de cargos de importância e altas honras no Reino, inesperadamente demoliram-se todas por este desfavorável transtorno que tinham sofrido na crucificação do seu rei.

Muito bem sabia o Mestre quanto desolados, incertos e perplexos eles se sentiriam; pois assim foi escrito pelo profeta: “Ferirei o pastor, e as ovelhas se dispersarão.” (Zac. 13:7; Mar. 14:27) E durante os quarenta dias entre a sua ressurreição e ascensão, portanto, foi a sua preocupação principal ajuntá-los de novo, e restabelecer a sua fé nele como o Messias por longo tempo esperado, para demonstrar-lhes o fato da sua ressurreição, e que desde sua ressurreição, ainda que mantinha a mesma individualidade, ele já não era humano, senão um ser espiritual exaltado, tendo “toda a autoridade no céu e na terra”. — Mat. 28:18.

Ele divulgava a eles gradualmente a notícia da sua ressurreição — primeiro, através das mulheres (Maria Madalena, e Joana, e Maria, mãe de Tiago, e Salomé, também outras que estavam com elas — Mar. 16:1; Luc. 24:1, 10), que foram ao sepulcro muito cedo para ungir o seu corpo morto com especiarias aromáticas. Ao passo que pensavam a quem poderiam pedir para revolver a pedra da porta do sepulcro, eis que houvera um grande terremoto; e quando vieram acharam a pedra revolvida, e um anjo do Senhor estava sentado sobre a pedra, que disse às mulheres: “Não temais vós; pois eu sei que buscais a Jesus, que foi crucificado. Não está

aqui, porque ressurgiu, como ele disse. Vinde, vede o lugar onde jazia; e ide depressa, e dissei aos seus discípulos que ressurgiu dos mortos; e eis que vai adiante de vós para a Galiléia; ali o vereis.” — Mat. 28:5-7.

Parece que Maria Madalena separou-se das outras mulheres e correu a anunciá-lo a Pedro e João (João 20:1, 2), enquanto as outras foram para dizer aos demais discípulos, e que depois que ela tinha partido delas, Jesus apareceu às outras mulheres no caminho, dizendo (Mat. 28:9, 10): “Salve.” E elas, aproximando-se, abraçaram-lhe os pés, e o adoraram. Então lhes disse Jesus: “Não temais; ide dizer a meus irmãos que vão para a Galiléia [para sua casa], ali me verão.” E com temor e grande alegria correram a anunciá-lo aos outros discípulos. Nos seus sentimentos misturados de surpresa, perplexidade, alegria, temor e a sua confusão geral, quase não sabiam como relatar a sua experiência estranha e maravilhosa. Quando Maria foi ter com Pedro e João, tristemente disse: “Tiraram do sepulcro o Senhor, e não sabemos onde o puseram.” (João 20:2) As outras mulheres declararam que junto ao sepulcro tinham tido uma visão de anjos que diziam estar ele vivo (Luc. 24:22, 23), e também como elas mais tarde encontraram o Senhor no caminho. — Mat. 28:8, 10.

A maioria dos discípulos evidentemente consideraram o seu relato como mera excitação supersticiosa, todavia Pedro e João resolveram ir e ver por eles mesmos; e Maria voltou ao sepulcro com eles. Somente o que Pedro e João viram era que o corpo já não estava lá, e que os panos de enterro estavam ali deixados, e que a pedra já estava revolvida da porta. Portanto, na perplexidade eles voltaram, ainda que a Maria todavia ficou lá chorando. Enquanto chorava, abaixou-se e olhou para dentro do sepulcro, e viu dois anjos, que perguntaram-lhe “Mulher, por que choras?” Ela respondeu-lhes: “Porque tiraram o meu Senhor, e não sei onde o puseram.” E ao voltar-se para trás, viu a Jesus ali em pé, mas não

sabia que era ele. Perguntou-lhe Jesus: “Mulher, por que choras? A quem procuras?” Ela, julgando que fosse o jardineiro, respondeu-lhe: “Senhor, se tu o levaste, dize-me onde o puseste, e eu o levarei.” Então, no tom de voz familiar anterior que ela prontamente reconheceu, disse-lhe Jesus: “Maria!”

Isto foi o suficiente para estabelecer a sua fé na declaração do anjo, que Ele ressurgiu, o que até esse momento lhe tinha parecido como um sonho ou um delírio; e na sua alegria ela exclamou, “**Mestre!**” O seu primeiro impulso foi o de abraçar-lhe, e permanecer em sua presença. Porém Jesus informou-lhe moderadamente que agora ela tem uma missão para levar a cabo, em testificar do fato da sua ressurreição, e que ele devia apressadamente levar a mensagem e estabelecer a fé dos outros discípulos ainda na perplexidade e incerteza, dizendo: “Deixa de me tocar [grego, **haptomai**, abraçar; não demora para demonstração adicional da sua afeição agora]; porque ainda não subi ao Pai [ainda estarei convosco por apenas um pouco de tempo]; mas vai a meus irmãos e dize-lhes que eu subo para meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus.” (João 20:17) Por meio das outras mulheres também lhes tinha informado que se reuniria com eles na Galiléia.

Em seguida, se aproximou de dois discípulos tristes e perplexos, no momento em que iam estes de Jerusalém para Emaús, e lhes perguntou o motivo da sua tristeza e desanimação. (Luc. 24:13-35) E um deles respondeu-lhe: “És tu o único peregrino em Jerusalém que não soube das coisas que nela têm sucedido nestes dias? Ao que ele lhes perguntou: Quais? Disseram-lhe: As que dizem respeito a Jesus, o nazareno, que foi profeta, poderoso em obras e palavras diante de Deus e de todo o povo; e como os principais sacerdotes e as nossas autoridades o entregaram para ser condenado à morte, e o crucificaram. Ora, nós esperávamos que fosse ele

quem havia de remir Israel; e, além de tudo isso, é já hoje o terceiro dia desde que estas coisas aconteceram. [Aqui eles provavelmente estavam lembrando as palavras de João 2:19, 21, 22.] Verdade é, também, que algumas mulheres do nosso meio nos encheram de espanto; pois foram de madrugada ao sepulcro e, não achando o corpo dele, voltaram, declarando que tinham tido uma visão de anjos que diziam estar ele vivo. Além disso, alguns dos que estavam conosco foram ao sepulcro, e acharam ser assim como as mulheres haviam dito; a ele, porém, não o viram.”

Não é de admirar que eles estiveram perplexos; quanto estranho isto tudo pareceu! quão peculiar e sensacional tinham sido os acontecimentos dos passados poucos dias!

Então o forasteiro lhes pregou um sermão animador desde as profecias, mostrando-lhes que as mesmas coisas que lhes tinham assim desanimado foram as coisas que os profetas tinham predito concernentes ao verdadeiro Messias: que antes de que Ele pudesse governar, abençoar e levantar o Israel e todo o mundo, primeiro devia que redimi-los com a sua própria vida desde a maldição da morte, que veio sobre todos através de Adão, e que depois, levantado para vida e glória por Jeová, o Mestre deles cumpriria tudo o que pelos profetas foi escrito concernente à sua glória e honra futura, tão verdadeiramente como ele tinha cumprido essas profecias que predisseram os seus sofrimentos, humilhação e morte. Um pregador admirável! e um sermão admirável foi esse! Iniciou novas idéias e abriu novas expectativas e esperanças. Quando se aproximaram da aldeia, eles o constrangeram para ficar com eles, porque era tarde, e já declinava o dia. E entrou para ficar com eles. Estando com eles à mesa, tomou o pão e, partindo-o, lhes dava. Abriram-se-lhes então os olhos; nisto ele desapareceu de diante deles.

Não antes desse momento o reconheceram, ainda que tinha anda-

do, falado e estado à mesa com eles. Ele foi reconhecido por eles não pela face, senão no simples ato de abençoar e partir o pão na velha maneira familiar, assim assegurando a sua fé no que já tinham ouvido — que tinha ressurgido, e que os tornaria a ver.

Então os dois discípulos surpreendidos e enlevados na mesma hora levantaram-se e voltaram para Jerusalém, disseram um para o outro: “Porventura não se nos abrasava o coração, quando pelo caminho nos falava, e quando nos abria as Escrituras?” Chegando em Jerusalém encontraram reunidos os outros regozijando-se também, os quais diziam: “Realmente o Senhor ressurgiu, e apareceu a Simão.” Então os dois contaram o que acontecera no caminho, e como se lhes fizera conhecer no partir do pão. Provavelmente estavam quase todos lá naquela noite, casas, trabalhos, e todos os outros assuntos foram esquecidos — Maria Madalena com suas lágrimas de alegria, dizendo: Reconheci-lhe no momento que chamou o meu nome — não pude acreditar a afirmação do anjo da sua ressurreição até então; e as outras mulheres declarando a sua experiência maravilhosa da manhã, e como lhe tiveram encontrado pelo caminho. Em seguida Simão teve a sua história para contar; e então aqui haviam duas testemunhas adicionais desde Emaús. Que dia mais memorável! Não é de admirar que eles desejavam reunir-se juntos no primeiro dia de todas as semanas depois disso, para conversar sobre o assunto e trazer à lembrança todas as circunstâncias associadas com este evento estupendo da ressurreição do Senhor, e para os seus corações “abrasarem” muitas vezes.

Enquanto a pequena companhia animada e extática estava assim reunida e relatando uns para os outros as suas várias experiências, o próprio Senhor Jesus se apresentou no meio deles (Luc. 24:36-49) e disse-lhes: “Paz seja convosco.” De onde ele tinha vindo? Todas reuniões tais realizavam-se secretamente com as portas cerradas por medo dos judeus (João 20:19, 26), porém aqui estava um apare-

cimento repentino sem nenhuma aproximação visível; mas eles, espantados e atemorizados, pensavam que viam algum espírito. Então ele confortou-os, disse-lhes para acalmarem os seus medos, e lhes mostrou as suas mãos e os seus pés, dizendo: “sou eu mesmo; apalpai-me e vede; porque um espírito não tem carne nem ossos, como percebeis que eu tenho”. Não acreditando eles ainda, por causa da alegria, e estando admirados, perguntou-lhes Jesus: Tendes aqui alguma coisa que comer? Então lhe deram um pedaço de peixe assado, o qual ele tomou e comeu diante deles. Então lhes abriu o **entendimento**, os seus olhos mentais, e explicou-lhes as Escrituras, mostrando da lei e dos profetas que estas coisas tinham acontecido exatamente como preditas. Entretanto, Tomé estava ausente (João 20:24); e quando os outros discípulos disseram-lhe que tinham visto o Senhor, ele não acreditou, mas disse: “Se eu não vir o sinal dos cravos nas suas mãos, e não meter o dedo no lugar dos cravos, e não meter a mão no seu lado, de maneira nenhuma creerei.”

Oito dias passaram sem novas manifestações adicionais, e tiveram tempo para pensarem calmamente e discutirem as experiências daquele dia magnífico, quando, estavam os discípulos de novo reunidos como antes, Jesus pôs-se no meio deles e disse: “Paz seja convosco.” (João 20:26) Esta vez Tomé estava presente, e o Senhor dirigiu-se a ele, e disse: “Chega aqui o teu dedo, e vê as minhas mãos; chega a tua mão, e mete-a no meu lado; e não mais sejais incrédulo, mas crente.” Deste modo demonstrou que Ele sabia o que Tomé tinha dito, sem que lhe fosse contado, e forneceu a prova da sua ressurreição que Tomé tinha declarado que lhe convenceria; e com alegria respondeu-lhe Tomé: “Senhor meu, e Deus meu!”

Depois disso, ali realmente devia de ter um intervalo bastante longo antes de haver mais alguma manifestação da presença do Senhor, e os discípulos que estavam na Galiléia começaram a pensar no lar e no futuro; e lembrando-se da mensagem do Senhor pelas mulheres, e de que iria adiante deles para a Galiléia, eles

foram para lá. Provavelmente foi no caminho deles, que Jesus encontrou-os, como Mateus o relata, num monte. Estavam perplexos; já não sentiram a mesma familiaridade que outrora tinham para com ele; desde a sua crucificação pareceu-lhes tão grandemente mudado desta maneira que ele costumava ter — apareceu e desapareceu em tempos e lugares tão peculiares; já não pareceu-lhes como “Cristo Jesus, homem”; portanto diz Mateus: “o adoraram; mas alguns duvidaram”. Depois de umas poucas palavras com eles o Senhor “desapareceu” de diante deles, e deixou-os ficarem curiosos por saber o que em seguida aconteceria. Durante algum tempo depois da sua volta para Galiléia não aconteceu nada extraordinário, e não havia mais indicação da presença do Senhor. Certo que reuniram-se e discutiam a situação e queriam saber por que não apareceu a eles mais freqüentemente.

Enquanto esperavam, os dias e as semanas pareciam-lhes compridos. Eles tinham há muito tempo abandonado as ocupações ordinárias da vida, para seguir o Senhor de lugar em lugar, aprendendo dele e pregando a outros: “É chegado o reino dos céus.” (Mat. 10:5-7, AL; IBB) Não queriam agora voltar às velhas ocupações. Entretanto, como deveriam proceder com o trabalho do Senhor? Compreenderam a situação claramente e o suficiente para saber que já não podiam pregar como dantes que o reino está próximo; pois todo o povo sabia que o seu Mestre e Rei tinha sido crucificado, e ninguém sem ser eles mesmos sabiam da sua ressurreição. Enquanto todos os onze estavam assim perplexos e ansiosos, esperando a algo, não sabendo o que, Pedro disse: Bem, não podemos ficar inativos; voltarei ao meu trabalho anterior de pescar; e seis dos outros disseram: Faremos o mesmo: Nós também vamos contigo. (João 21:3) É provável que os demais também retornaram aos seus empregos anteriores.

Quem pode duvidar que o Senhor estivesse invisivelmente presente com eles muitas vezes enquanto iam comentando entre si, dominando e dirigindo o curso das circunstâncias, etc., para o seu

melhor bem? Se tivessem eles grande sucesso e viessem a ser absorvidos inteiramente pelo interesse de trabalho, logo se tornariam impróprios para o mais alto serviço; contudo se eles não tivessem sucesso nenhum, pareceria como a ação de forçá-los; portanto o Senhor adotou um plano que lhes ensinou uma lição tal como muitas vezes ensina aos seus seguidores, a saber: que os sucessos ou fracassos de seus esforços, em qualquer direção, ele pode controlar, se ele quiser.

A velha empresa de pescadores reorganizou-se: juntaram seus barcos, redes, etc., e partiram para a sua primeira pesca. Mas trabalharam a noite toda e não apanharam nenhum peixe, e começaram de desanimar-se. Pela manhã um forasteiro na praia chama a eles para saber do seu sucesso. Sucesso infeliz! Nada apanhamos, respondem. Procurai outra vez, disse o forasteiro. Agora lançai a rede à direita do barco. Não adianta, forasteiro, temos procurado nos dois lados durante toda a noite, e se houvesse peixes num lado haveriam também no outro. Entretanto, tentaremos de novo e deixaremos você ver. Assim fizeram, e apanharam uma quantidade imensa. Que estranho! Observaram alguns; mas o ligeiro e impressionável João logo entendeu a idéia correta, e disse: Irmãos, apenas o Senhor poderia fazer isto. Não lembrais a alimentação das multidões, etc? Esse tem que ser o Senhor na praia, e este é outro modo que tem escolhido para manifestar-se nos. Não lembrais que foi mesmo assim quando por primeira vez o Senhor nos chamou? Então, também, tínhamos a noite toda, e nada apanhamos até que ele chamou-nos, dizendo: “Faze-te ao largo e lançai as vossas redes para a pesca.” (Luc. 5:4-11) Sim, claro que é o Senhor, ainda que, depois da sua ressurreição, não podemos reconhecê-lo pela sua aparência. Agora aparece numa variedade de formas; porém cada vez conhecemos que é ele por algumas circunstâncias peculiares como esta, trazendo à lembrança alguns incidentes marcados do nosso passado conhecimento com ele.

E enquanto eles desembarcaram notaram que Jesus tinha tanto

pão como peixes, e aprenderam a lição de que sob sua direção e cuidado no seu serviço não seriam abandonados para morrer de fome. (Luc. 12:29, 30) Não lhe perguntaram se era o Senhor; pois nesta ocasião como em outras, sendo iluminados os **olhos do seu entendimento**, lhe reconheceram, não pela vista física, senão pelo milagre. Então seguiram as instruções dessa hora deleitável, tranquilizando Pedro da sua continuada aceitação apesar de sua negação ao Senhor, pelo qual arrependeu-se e chorou. Agora aprendeu novamente do amor do seu Mestre, e do seu privilégio continuado de pastorear as ovelhas e os cordeirinhos. Parece-nos que ouvimos o Senhor dizer: Não te é preciso voltar-te à vocação de pescador, Pedro: Eu te chamei uma vez para ser um pescador de homens, e, tendo certeza de que teu coração continuaria leal e zeloso, renovo a tua comissão como um pescador de homens.

“Estando com eles, ordenou-lhes que não se ausentassem de Jerusalém, mas que esperassem a promessa do Pai, a qual (disse ele) de mim ouvistes. Porque, na verdade, João batizou em água, mas vós sereis batizados no Espírito Santo, dentro de poucos dias.” (At. 1:4, 5) Portanto vieram a Jerusalém, como foram instruídos, e já fez quarenta dias depois da ressurreição dele, que reuniu-se com eles pela última vez e falou com eles. Nesta ocasião armaram-se de coragem para perguntar-lhe acerca do reino que lhes tinha prometido, dizendo: “Senhor, é neste tempo que restauras o reino a Israel?” Este pensamento do reino era o único predominante na mente de todo judeu. Compreenderam que Israel havia de ser líder entre as nações sob o Messias, mas não sabiam dos longos Tempos dos Gentios, e ainda não viram que a bênção principal tinha sido tirada do Israel segunda a carne (Mat. 21:43; Rom. 11:7), e que eles mesmos haviam de ser membros do novo Israel (espiritual), o sacerdócio real e nação santa, por meio de qual, como o corpo de Cristo, viria a bênção do mundo. Ainda não entenderam nenhuma destas coisas. Como poderiam? Eles não tinham ainda recebido o Espírito Santo de adoção como filhos, mas estavam ainda sob a

condenação; porque, embora o sacrifício de resgate tinha sido feito pelo Redentor, ainda não tinha sido formalmente apresentado em nosso favor no Santíssimo, no próprio céu. (João 7:39) Daqui o nosso Senhor não tentou fazer nenhuma resposta explicativa à pergunta deles, senão apenas disse: “A vós não vos compete saber [agora] os tempos ou as épocas, que o pai reservou à sua própria autoridade. **Mas recebereis poder,\*** ao descer sobre vós o Espírito Santo, e ser-me-eis testemunhas, tanto em Jerusalém, como em toda a Judéia e Samaria, e até os confins da terra.” — At. 1:7, 8.

Então o Senhor, que estava andando com eles, quando chegaram ao Monte das Oliveiras, levantando as mãos, os abençoou; e apartou-se deles; e foi levado para cima; e uma nuvem o recebeu, ocultando-o a seus olhos. (Luc. 24:48-52; At.1:6-15) Agora começaram a ver algo mais do plano de Deus. O Senhor que desceu do céu tinha voltado para o Pai, como lhes tinha dito antes de sua morte — tinha partido agora para uma terra longínqua, a fim de tomar posse do reino prometido e depois voltar (Luc. 19:12); e entretanto haviam de ser as suas **testemunhas** até os confins da terra para chamar e preparar um povo para recebê-lo quando ele vier para ser glorificado nos seus santos, e para reinar como Rei dos reis e Senhor dos senhores. Viram a sua nova missão de proclamarem a toda criatura um vindouro Rei do céu com “toda a autoridade no céu e na terra”, para ser um trabalho muito mais importante do que aquele dos anos procedentes, quando eles

---

\*Este prometido poder para entender e saber os tempos ou as épocas, e todas as coisas concernentes a um testemunho próprio, aplica-se à Igreja inteira desde o princípio até o fim; e sob a orientação e poder do Espírito Santo, está provido o sustento a tempo concernente a cada lineamento do plano, afim de que possamos ser as testemunhas, ainda até a consumação desta idade. — Compare João 16:12, 13.

anunciavam “Cristo Jesus, homem”, e seguiam-no, aquele que “era desprezado, e rejeitado dos homens”. O seu levantado Senhor foi mudado de fato, não somente na sua aparência pessoal — aparecendo às vezes num modo e lugar, e de novo numa distinta maneira e lugar, manifestando sua “toda autoridade” — mas também foi mudado de condição ou natureza. Já não atraiu os judeus, nem manifestou-se a eles; pois desde a sua ressurreição ninguém viu-o em nenhum sentido, exceto os seus amigos e seguidores. Suas palavras: “Ainda um pouco, e o mundo **não** me verá **mais**”; foram assim autenticadas.

Assim foi estabelecida a fé dos apóstolos e da Igreja primitiva, no fato da ressurreição do Senhor. As suas dúvidas se dispersaram, e alegraram-se os seus corações; e voltaram para Jerusalém e perseveraram unanimemente em oração e súplica e estudo das Escrituras, aguardando a adoção prometida pelo Pai, e a sua adoção com entendimento espiritual, e com especiais dons milagrosos de poder, para capacitá-los a convencer aos israelitas verdadeiros, e para estabelecer a Igreja do Evangelho, no dia de Pentecostes. — At. 1:14; 2:1.

Ainda que o nosso Senhor no seu segundo advento não manifestará a sua presença da mesma maneira em que fazia durante esses quarenta dias depois da sua ressurreição, todavia temos a sua garantia de que os “irmãos” não estão “em trevas”. Antes, teremos uma ajuda que eles não tinham e não podiam ter para ajudá-los durante esses quarenta dias, a saber, “**poder do alto**”, para guiarnos ao entendimento de toda a verdade devida para ser entendida, e, ainda como prometido, nos anunciará as coisas **vindouras**. Daqui a seu tempo teremos pleno entendimento da maneira, do tempo, e das circunstâncias concomitantes do seu aparecimento, os quais, se cuidadosamente vigiados e notados, não serão menos convincentes do que as evidências da ressurreição do nosso Senhor

fornecidas à Igreja primitiva, ainda que de um gênero diferente.

Que o nosso Senhor no seu segundo advento **poderia** assumir a forma humana, e assim aparecer aos homens, tal como tem feito a seus discípulos depois da sua ressurreição, não cabe dúvida; não somente porque assim apareceu em forma humana durante esses quarenta dias, senão também porque seres espirituais tinham no passado manifestado o poder de aparecer como homens na carne e em várias formas. Mas tal manifestação estaria fora de harmonia com a tendência geral do plano de Deus, tanto como fora de harmonia com as dadas indicações bíblicas, relativas a maneira das suas manifestações, como veremos. Em lugar disso, é o plano do Senhor que o seu Reino espiritual comunicará, operará, e manifestará a sua presença e poder por meio de seres humanos, carnis terrestres. Tal como o príncipe deste mundo, Satanás, ainda que não visto pelos homens, exerce uma influência extensa no mundo por intermédio daqueles que estão sujeitos a ele, possuindo e sendo controlados pelo seu espírito, do mesmo modo o novo Príncipe da Paz, o Senhor principalmente operará e manifestará a sua presença e poder por meio de seres humanos, sujeitos a ele e possuindo e sendo controlados pelo seu espírito.

Ver com o olho natural e ouvir com o ouvido natural não é tudo que se pode ver e ouvir. “Ninguém jamais viu a Deus.” Assim, no entanto todos os filhos de Deus o têm visto e conhecido, e tido comunhão com ele. (João 1:18; 5:37; 14:7) **Ouvimos** o convite de Deus, a nossa “vocação celestial”, **ouvimos** a voz do nosso Pastor, e estamos constantemente **fitando** os olhos em Jesus, e  **vemos** o prêmio, a coroa da vida que ele promete — não por vista e ouvido natural, senão pelo nosso entendimento. Muito mais preciosa é a visão que temos do nosso Senhor glorificado como ser espiritual, Rei da glória exaltado soberanamente, tanto nosso Redentor como nosso Rei, pelos iluminados olhos do nosso coração e fé, do que a visão dada ao olho natural antes de Pentecostes.

Havia uma necessidade do nosso Senhor aparecer em tal maneira ante seus discípulos, depois da sua ressurreição, qual necessidade não existirá no seu segundo advento. De fato, aparecer assim no seu segundo advento seria prejudicial ao propósito que havia de efetuar-se nesse então. Seu objetivo de aparecer a seus discípulos depois da sua ressurreição foi o de convencê-los que, aquele que foi morto, está vivo pelos séculos, para que eles pudessem ir adiante como testemunhas do fato da sua ressurreição (Luc. 24:28), e para que pudesse ser o seu testemunho um firme fundamento para a fé de gerações vindouras. Desde que ninguém pode vir a Deus com aceitabilidade, para receber o espírito de adoção, sem **fé** em Cristo, tornou-se necessário não somente por causa dos discípulos naquele tempo, mas também a todos depois, que as **evidências** da sua ressurreição e transformação sejam tais que **os homens naturais pudessem compreender e apreciar**. Depois de tornarem-se participantes do Espírito Santo e entenderem coisas espirituais (Veja I Cor. 2:12-16), poderiam ter crido aos anjos diante do sepulcro, que ele tivesse ressurgido da condição de ser morto, ainda se tivessem visto o corpo carnal do Cristo Jesus, homem, todavia deitado no sepulcro; mas não antes — o corpo havia de estar ausente para fazer possível a eles a fé na sua ressurreição. Depois do Espírito Santo habilitá-los a discernir as coisas espirituais, poderiam ter crido no testemunho dos profetas que ele precisava morrer e **ressurgir dentre os mortos**, e que seria exaltado soberanamente como Rei da Glória, sem haver necessidade de **aparecer como um homem**, e assumir vários corpos de carne como também um vestuário, para que eles pudessem tocá-lo e **vê-lo** ascender. Porém, tudo isso foi necessário a eles e a todos os homens naturais. Credo, nós nos aproximamos de Deus por meio dele e recebemos a remissão dos pecados e o espírito de adoção, para compreendermos as coisas espirituais.

Ainda quando estava removendo os obstáculos **naturais** à fé, por assumir forma humana, etc., o nosso Senhor **convenceu** os discípu-

los, e os fez **testemunhas** para outros, não pelo seu tato natural e visão, senão por raciocinar com eles sobre as Escrituras: “Então lhes abriu o entendimento para compreenderem as Escrituras; e disse-lhes: Assim está escrito que o Cristo padecesse, e ao terceiro dia ressurgisse dentre os mortos; e que em seu nome se pregasse o arrependimento para remissão dos pecados, a todas as nações, começando por Jerusalém. **Vós sois testemunhas destas coisas.**” (Luc. 24:45-48) Pedro também declara este propósito claramente, dizendo: “A este ressuscitou Deus ao terceiro dia e **lhe concedeu que se manifestasse**, não a todo o povo, mas às testemunhas predeterminadas por Deus, a nós, que comemos e bebemos juntamente com ele, depois que ressurgiu dentre os mortos; este nos mandou pregar ao povo, e testificar que ele [o ressuscitado Jesus] é o que por Deus foi constituído juiz dos vivos e dos mortos.” — At. 10:40-42.

Com o nosso Senhor, depois da sua ressurreição, foi simplesmente uma questão de expediente quanto ao método de aparecer a seus discípulos que efetuaria melhor o seu objetivo, o de manifestar a sua ressurreição e transformação de natureza. De aparecer em **uma chama de fogo**, como o anjo apareceu a Moisés do meio duma sarça ardente. (Êx.3:2), ele poderia na verdade ter conversado como eles, mas a evidência assim dada estaria longe de ser tão convincente como o método que adotou, tanto para os Apóstolos como para o mundo em geral ao qual deram testemunho.

Se ele tivesse aparecido na glória da forma espiritual, como fez o anjo a Daniel (Dan. 10:5-8), a glória teria sido maior do que as testemunhas poderiam ter suportado. Provavelmente teriam alarmado-se até o grau que seriam incapazes de receber instruções dele. A ninguém, exceto a Paulo, o Senhor nunca apareceu desta maneira; e Paulo ficou dominado por essa aparição instantânea da sua glória que caiu por terra e foi cegado pela sua luz, que

excedia o esplendor do sol ao meio-dia.

No nosso exame do método de manifestação adotado pelo nosso Senhor durante esses quarenta dias, vimos que ele “**permitiu**” a fazer-se manifesto ainda que às escolhidas testemunhas somente umas poucas vezes, e ainda apenas brevemente. O tempo inteiro que ele manifestava-se a eles, se fosse reduzido a um dia, em vez de ser de tempo em tempo durante os quarenta dias, provavelmente teria sido menos de doze horas, ou a octogésima parte de todo esse tempo. Sendo isto verdadeiro, é evidente que ele estava presente com eles **invisível** quase setenta e nove a octogésima parte desse período de quarenta dias. E ainda quando lhes fazia **manifestações**, não eram (exceto uma vez, no caso do São Tomé) numa forma exatamente como a que tão intimamente tinham conhecido durante três anos, e que tinham visto apenas uns poucos dias antes. Nem sequer uma vez está notificado que o conhecessem pelas feições familiares do seus rosto, nem ainda que fosse reconhecido pela mesma aparência como em outras manifestações.

Maria supôs que fosse “o jardineiro”. Para os dois no caminho de Emaús foi “um peregrino”. Foi como um forasteiro para os pescadores no mar da Galiléia, e para os onze no cenáculo. Em toda ocasião foi reconhecido pelas suas ações, palavras, ou pelos tons familiares da sua voz.

Quando Tomé declarou que somente a prova que satisfaria os seus sentidos naturais da vista e o toque seria aceitável para ele, o Senhor, ainda que admitiu a sua exigência repreendeu-o levemente, dizendo: “Porque me viste, creste? Bem-aventurados os que **não viram** e creram.” (João 20:27-29) A evidência mais forte foi esta que não apresentou-se à vista natural; e mais abençoados são os que estão prontos para receber a verdade por meio de quaisquer provas que Deus digne-se de confirmá-las.

Assim Jesus lhes demonstrou, não somente que teve o poder de aparecer numa variedade de maneiras e formas, senão também que nem sequer um desses corpos que eles viram fosse o seu glorioso corpo espiritual ainda que os fatos da sua ressurreição e presença manifestaram-se assim a eles. As distintas formas, e os longos intervalos de presença invisível sem nenhuma manifestação aparente, evidenciou o fato que ainda que o seu Senhor e Mestre estava vivo e ainda não tinha subido ao Pai, já era um ser espiritual, realmente invisível à vista humana, porém com a habilidade de manifestar a sua presença e poder numa variedade de maneiras como aprouver.\*

A criação do corpo e da roupa em que apareceu a eles, no mesmo quarto em que estavam reunidos, foi prova inquestionável de que Cristo já não era mais um humano, ainda que assegurou aos seus discípulos de que o corpo que eles viram, e que Tomé apalpou, foi um verdadeiro corpo de carne e ossos, e não uma mera visão ou aparição.\*\* Como ser humano não poderia entrar no quarto sem

---

\*A ocorrência registrada por Lucas (4:30) não deve considerar-se como um caso paralelo ao seu aparecimento depois da sua ressurreição. Esse não foi um desaparecimento no sentido de tornar-se invisível ao povo. Foi apenas um ágil movimento rápido, pelo qual iludiu o desígnio mortífero dos seus inimigos. Antes de que tinham efetuado seus planos para a sua morte, ele virou-se, e, passando pelo meio deles, ninguém tinha coragem ou poder para molestá-lo, porque ainda não era chegada a sua hora.

\*\*Que ninguém precipitadamente suponha que aqui estamos seguindo o Espiritismo, ou qualquer outro **ismo**. Estamos simplesmente seguindo e logicamente conectando os preceitos apostólicos. A vasta diferença entre o ensino bíblico, isto é, a falsificação dele promulgada por Satanás, conhecida por Espiritualismo, nós distintamente discerniremos e examinaremos num volume seguinte. É suficiente aqui indicar que o Espiritismo procura a comunicação entre **homens mortos** e homens vivos, enquanto a Bíblia condena a isto (Is. 8:19), e ensina que tais comunicações quais foram verdadeiras têm sido feitas somente por seres espirituais, tais como anjos, e pelo nosso Senhor; e não pelo nosso Senhor enquanto foi “Cristo Jesus, **homem**”, nem enquanto ele estava morto, senão depois da sua ressurreição, quando tinha tornado-se “espírito vivificante”.

abrir a porta, mas como ser espiritual podia, e lá num instante criou e assumiu tal corpo de carne e tal roupa qual achou conveniente para o propósito pretendido.

Nem por um momento podemos admitir a sugestão oferecida por alguns, de que o nosso Senhor abrisse as portas sem ser observado; porque o registro é bem claro que, chegou Jesus, **estando as portas fechadas**, pôs-se no meio deles — provavelmente muito cuidadosamente estavam também barradas as portas cerradas “por medo dos judeus”. — João 20:19, 26.

A lição da sua natureza transformada foi ainda enfatizada pela sua maneira de sair da vista deles: “ele **desapareceu** de diante deles”. O corpo humano de carne e ossos, etc., e a sua roupa, nos quais **apareceu** repentinamente com as portas cerradas não saiu pela porta, senão simplesmente desaparecia ou dissolvia-se em mesmos elementos dos quais os tinha criado há uns poucos momentos. Ele **desaparecia de diante** deles, e já não era mais **visto** por eles quando a carne e os ossos e a roupa no qual tinha manifestado-se eram dissolvidos, ainda que sem dúvida continuava com eles — invisivelmente presente; e assim como consta grande parte do tempo durante esses quarenta dias.

Em ocasiões especiais, para instrução especial, Deus tem dado poder semelhante a outros seres espirituais, anjos, habilitando-lhes aparecer como homens, em corpos de carne e ossos que comeram e falaram a esses, aos quais instruíram exatamente assim como o Senhor fez. Veja Gên. 18; Juí. 6:11-22; 13:3-20; e os comentários sobre estes no Vol. I, pp. 206 a 210; ou pp. 178-180, 2.<sup>a</sup> edição.

O poder manifestado pelo nosso Senhor, e pelos anjos que mencionados, para criar e dissolver a roupa em que apareceram, foi igualmente sobre-humano como a criação e dissolução dos seus corpos humanos assumidos; e os corpos não foram mais os seus corpos espirituais gloriosos nem foram as roupas que usaram. Deve-se lembrar que a túnica sem costura e outras vestes que nosso Redentor usava antes da sua crucificação foram repartidas

entre os soldados romanos, e que o lenço estava enrolado num lugar à parte no sepulcro (João 19:23, 24; 20:5-7), assim que as roupas com quais apareceu nas ocasiões mencionadas, precisavam ter sido criadas especialmente, e provavelmente foram as mais apropriadas para cada ocasião. Por exemplo, quando apareceu como um jardineiro a Maria, provavelmente estava com tal roupa qual um jardineiro usaria.

Que os corpos nos quais o nosso Senhor apareceu foram verdadeiros corpos humanos, e não meras ilusões, ele deu a eles para entenderem claramente quando comeu diante deles, e convidou-os para apalparem-no e verem que o corpo era verdadeira carne e verdadeiros ossos, dizendo: “Por que estais perturbados? ... Olhai as minhas mãos e os meus pés, que sou eu mesmo; apalpai-me e vede; porque **um espírito não tem carne nem ossos**, como percebeis que eu tenho.”

Alguns cristãos tiram umas conclusões muito absurdas desta expressão do nosso Senhor quanto à realidade do seu adotado corpo de carne e ossos. Eles consideram o corpo assumido como o seu corpo espiritual, e declaram que um corpo espiritual é carne e ossos, e semelhante a um corpo humano, com exceção de que alguma coisa indefinível, que eles chamam espírito, flui pelas suas veias em vez de sangue. Parecem desatender a declaração do nosso Senhor, de que este não era um corpo espiritual — porque um espírito não tem carne nem ossos. Se acaso esquecem o relato de João, de que “ainda não é manifesto” o que é um corpo espiritual, e que não saberemos até que seremos transformados e feitos “semelhantes a ele” porque assim como é o veremos? (I João 3:2) Se também esquecem a declaração explícita do apóstolo Paulo de que “**carne e sangue** não podem herdar o reino de Deus”? — e a sua garantia adicional de que **portanto** todos os herdeiros de Cristo também serão “**transformados**”? — I Cor. 15:50, 51.

Muitos cristãos têm a idéia que o glorioso corpo espiritual do

nosso Senhor é o mesmo corpo que foi crucificado e depositado no sepulcro de José; esperam, quando verem o Senhor em glória, identificá-lo pelas cicatrizes que recebeu no Calvário. Isto é um grande erro, o qual deve manifestar-se com um pouco de consideração. — Primeiro, provaria que o seu corpo ressuscitado não fosse glorioso nem perfeito, senão cicatrizado e desfigurado. Segundo, provaria que de fato soubéssemos o que é um corpo espiritual, apesar da declaração do Apóstolo ao contrário. Terceiro, provaria que o preço da nossa redenção tivesse sido retirado, pois Jesus disse: “darei pela vida do mundo ... a minha carne”. Foi a sua carne, a sua vida **como um homem**, a sua humanidade, a qual foi sacrificada para a nossa redenção. E quando ele foi vivificado de novo pelo poder do Pai, não foi para a existência humana; porque esta foi sacrificada como o preço de nossa compra. E se esse preço tivesse sido retirado, estaríamos ainda sob a condenação da morte, e sem esperança.

Não temos mais razão de supor, que o corpo espiritual do nosso Senhor depois da sua ressurreição seja um corpo humano, nem temos motivo para supor, que o seu corpo espiritual antes do seu primeiro advento fosse humano, ou que outros seres espirituais tenham corpos humanos; porque um espírito não tem carne nem ossos; e, diz o apóstolo Pedro, o nosso Senhor foi morto na carne, mas vivificado no espírito.

Não obstante, o corpo humano do nosso Senhor foi removido sobrenaturalmente do sepulcro; porque se tivesse ficado lá, teria sido um obstáculo insuperável à fé dos discípulos, que ainda não foram instruídos nas coisas espirituais — pois “o Espírito ainda não fora dado”. (João 7:39) Não sabemos nada a respeito do que foi feito dele, salvo que sabemos que não teve decomposição nem corrupção. (At. 2:27, 31) Quer fosse dissolvido em gases, quer ainda esteja preservado em algum lugar como o grande memorial do amor de Deus, da obediência de Cristo, e da nossa redenção,

ninguém sabe — nem é necessário tal conhecimento. Que Deus milagrosamente escondeu o corpo de Moisés, está nos assegurado (Deut. 34:6; Jud. 9) e que como **memorial** Deus milagrosamente preservou de corrupção o maná no vaso de ouro, o qual foi posto na Arca sob o Propiciatório no Tabernáculo, e que era um símbolo da carne do nosso Senhor, o pão do céu, também sabemos. (Êx. 16:20, 33; Heb. 9:4; João 6:51-58) Por isso, não nos surpreenderá, se no Reino, Deus mostrar ao mundo o corpo de carne, crucificado para dar por todos o resgate como seu representante — não permitindo a corrupção, mas preservando como perpétuo testemunho do amor infinito e da obediência perfeita. É pelo menos possível que João 19:37 e Zacarias 12:10 possam ter tal cumprimento. Aqueles que clamavam: “Seja crucificado”, talvez poderão, como testemunhas, identificar o mesmo corpo furado pela lança e rasgado pelos cravos e espinhos.

Considerar o corpo glorioso do nosso Senhor como um corpo de carne de modo algum não presta esclarecimentos a respeito dos seus aparecimentos peculiares e repentinos durante esses quarenta dias antes da sua ascensão. Como poderia ele tão repentinamente aparecer e então desaparecer? Como foi que ele ocultou-se quase constantemente invisível durante esses quarenta dias? E por que foi que a sua aparência cada vez estava tão alterada para não ser reconhecida como a mesma vista em qualquer outra ocasião anterior, nem como o que estava tão bem conhecido e amado por todos, antes da sua crucificação — apenas uns poucos dias antes?

Não bastará meramente dizer que estes foram milagres, pois então algum uso ou necessidade de milagres deveria ser mencionado. Se o seu corpo depois da sua ressurreição fosse carne e ossos, e o mesmo corpo que foi crucificado, com todas as feições e cicatrizes, **por que** fez milagres que não somente não estabeleceram esse fato, mas também foram provavelmente como vemos, para ensinar ao contrário? — que ele mesmo já não era humano — carne e ossos — mas um ser espiritual que podia ir e vir

como o vento, assim que ninguém poderia saber donde vinha e para onde ia, porém quem, para o propósito de instruí-los, apareceu **como** um homem **em** vários corpos de carne e ossos que ele criava e dissolvia segundo as ocasiões requeressem.

Antes da crucificação do nosso Senhor, ele tinha relações amistosas com os seus discípulos, mas depois da sua ressurreição, ainda que o seu amor para eles não tinha diminuído, a sua maneira para com eles estava mais reservada. Sem dúvida, isto foi para impressioná-los mais forçosamente com a dignidade e honra da sua alta exaltação, e para inspirar a devida referência à sua personalidade e autoridade. Ainda que como um homem, Jesus, nunca necessitou dessa dignidade de comportamento que merece respeito, contudo, maior reserva e expediente eram necessários depois da sua transformação em natureza divina. Tal reserva sempre tem sido mantida por Jeová para as suas criaturas, e é expediente diante das condições. Esta reserva marcava todas as conversações do nosso Senhor com os seus discípulos depois da sua ressurreição. Eram muito breves, ainda como ele tinha dito: “Já não falarei muito convosco”. — João 14:30.

Esses que crêem que o nosso Pai celestial é um espírito e não um homem, não devem de achar nenhuma dificuldade em compreender que o nosso Senhor Jesus, que já está agora enaltecido à natureza divina, e que é não somente uma semelhança moral de Deus, mas também de fato **“a expressa imagem do seu Ser”, do Pai**, já não é mais um homem, mas um ser espiritual, a quem nenhum dos homens tem visto nem pode ver sem um milagre. É realmente tão impossível os homens verem a glória desvelada do Senhor Jesus, isto é como eles olhassem para Jeová. Pensai por um momento como ainda uma reflexão da glória espiritual afetou a Moisés e Israel no Sinai. (Heb. 12:21; Êx. 19;20:19-21; 33:20-23; 34:29-35) “E tão terrível era a visão”, tão opressiva e temível, “que Moisés disse: Estou todo aterrorizado e trêmulo”. E ainda que Moisés esteve fortalecido de modo sobrenatural para olhar à glória do Senhor, assim que durante quarenta dias e quarenta noites, sozinho

com Deus, abrigado pela sua glória e sem comida, sem bebida, recebeu e escreveu a lei divina (Êx. 34:28); entretanto, quando desejou ver o Senhor face a face, foi lhe dito: “Não poderás ver a minha face, porquanto homem nenhum pode ver a minha face e viver.” (Êx. 33:20) Tudo o que Moisés já viu, portanto, foi uma **aparição** representando a Deus, e nada mais foi possível. Isto está de acordo, também, com as declarações do Apóstolo: “**Ninguém jamais viu a Deus.**” Ele é o Rei imortal, invisível, **a quem nenhum dos homens tem visto nem pode ver [jamais].** (I Tim. 6:15, 16) No entanto que os seres espirituais podem ver e vêem a Deus, que ele mesmo é um ser espiritual, está claramente declarado. — Mat. 18:10.

Se o nosso Senhor é ainda “Cristo Jesus, **homem**, o qual **se deu a si mesmo** em resgate por todos” (I Tim. 2:5, 6) — embora sendo morto na carne e fosse ressuscitado à mesma carne, e não, como o Apóstolo declara, um espírito vivificante — então em vez de ser exaltado muito acima dos anjos e de todo nome que se nomeia tanto no céu como na terra, seria ainda um homem. E se mantivesse a forma de servo, que tomou por causa da paixão da morte por todos, e fosse ainda um pouco menor do que os anjos, nunca poderia ver a Deus. Mas quão irracional é tal opinião quando plenamente examinada à luz do testemunho apostólico. Tomai em consideração, também, que se a carne do nosso Senhor, que foi furada e ferida com cravos e lança e coroa de espinhos, e marcada com tristeza, seja o seu glorioso corpo espiritual; e se as cicatrizes e desfiguradas feições humanas fossem partes ou parcelas do Senhor exaltado, estariam muito longe do caráter ou natureza do que é de belo, ainda que amássemos as feridas suportadas por causa de nós. E se ele ainda possuísse um corpo imperfeito cicatrizado e desfigurado, e se seremos **semelhantes a ele**, não significaria que os Apóstolos e santos que foram crucificados, decapitados, apedrejados mortalmente, queimados, cortados em pedaços dilacerados por feras, assim como aqueles que foram acidentados, possuíssem cada um do mesmo modo os seus defeitos e cicatrizes?

E nessa perspectiva não se apresentaria o céu um espetáculo muito horrível — por toda a eternidade? No entanto, isto não é o caso, e ninguém poderia defender por longo tempo tão desarrazoada opinião em desacordo com a Escritura. Seres espirituais são perfeitos em todo particular; e assim o Apóstolo faz lembrar à Igreja, que são herdeiros da glória e honra celestial ou espiritual: Semeia-se em ignomínia [com rugas causadas por preocupações e tristezas, etc.], é ressuscitado em glória. Semeia-se [na morte] em fraqueza [cicatrizes e feridas, etc.], [o ser] é ressuscitado em poder. Semeia-se corpo animal, é ressuscitado corpo espiritual. E assim como trouxemos a imagem do [pai] terreno, traremos a imagem do [Senhor] celestial. (I Cor. 15:42-51) O nosso Senhor Jesus por amor de nós tomou e trouxe também a imagem do terreno, por algum tempo, para nos redimir. Porém na sua ressurreição tornou a viver, para ser Senhor [celestial] (Rom.14:9), e nós, se fiéis, logo traremos a imagem do Senhor celestial (corpos espirituais), como agora todavia trazemos a imagem do senhor terreno, Adão (corpos humanos).

Lembraí o caso de Paulo — Afim de que pudesse ser um dos Apóstolos, teve que tornar-se uma **testemunha** — devia ver o Senhor depois da sua ressurreição. Não foi um daqueles que viram as manifestações da ressurreição e presença durante os quarenta dias, por isso foi dada a ele uma especial aparição instantânea do Senhor. Mas o viu, não como os outros o viram — não velado na carne com roupa de várias formas. E o magnífico esplendor da gloriosa pessoa desvelada do nosso Senhor causou-lhe a cair por terra, cegado por uma glória que muito “excedia o esplendor do sol” ao meio-dia: desde que ficou cego, para restaurar-lhe a visão ainda que parcialmente requeria um milagre. (At. 9:17, 18) E Paulo não viu o Senhor como **é** — um ser espiritual? E não foi que o nosso Senhor durante os quarenta dias **aparecia** como **era**, isto é, como tinha sido previamente, para os propósitos especiais e razões já indicados? Aqui não dá lugar a dúvida sobre isto. Mas o Senhor tinha um objetivo de aparecer assim a Paulo, exatamente como ele

tinha feito, e serviu um outro objetivo por aparecer de maneira distinta aos outros. Paulo demonstra este objetivo, dizendo: “e por derradeiro de todos **apareceu** também a mim, **como a um abortivo**”. (I Cor. 15:8) Tal como a ressurreição do nosso Senhor foi o seu **nascimento** dentre os mortos, para plena perfeição de ser espiritual (Col. 1:18; Rom. 8:29), assim a ressurreição da Igreja, o corpo de Cristo, aqui e em outras partes refere-se assim como a um nascimento. No nosso nascimento ou ressurreição como seres espirituais, veremos ao Senhor **assim como é**, exatamente como Paulo o viu; mas nós, sendo **transformados** ou nascidos então, como seres espirituais, não seremos acometidos para baixo nem cegados pela vista da gloriosa pessoa do nosso Senhor. A declaração de Paulo significa que viu o Senhor **como** o veremos — **“assim como é”**: Paulo o viu **assim como** todo o corpo de Cristo (a Igreja) o verá, mas viu o Senhor **antes do tempo próprio**, ainda antes de nascer dentre os mortos, e portanto antes de estar apto para suportá-lo esta aparição, mas **“assim como”** cada um nascido desta maneira (na primeira ressurreição) no tempo próprio o verá.

Moisés, descendo do monte para comunicar a Israel o Pacto da Lei, foi um tipo do mais grande Legislador e Mediador do Novo Pacto, que no seu segundo advento vem para governar e abençoar o mundo. Portanto, Moisés tipificou a Igreja inteira, da qual o Senhor é a Cabeça. O rosto de Moisés resplandecia, assim que o povo não pôde olhar para ele, e ele pôs um véu, como tipo da glória espiritual de Cristo, uma ilustração do assunto que agora estamos examinando. Cristo tem a verdadeira glória e resplendor, sendo a expressa imagem do Ser do Pai, seremos semelhantes a ele, e nenhum homem pode olhar para essa glória; Por isso qualquer manifestação do Legislador nesse particular será para o mundo quando a glória do Senhor há de ser revelada, a glória dos seres espirituais não se pode ver. Falarão através do véu — sob a cobertura. Isto, tanto como mais, foi significado pelo véu de Moisés. — Êx. 34:30-33.

Ao passo que damos à matéria estudo cuidadoso, cada vez mais e mais chegamos a reconhecer a sabedoria divina mostrada na maneira de revelar a ressurreição do nosso Senhor aos Apóstolos, para que pudessem ser de uma parte a outra testemunhas convencidas e de confiança, e para que os mansos e humildes do mundo pudessem ser capazes de aceitar o seu testemunho e crer que Deus levantou o nosso Senhor dentre os mortos — para que pudessem reconhecer aquele que foi morto, mas agora está vivo pelos séculos dos séculos, e, crendo pudessem vir a Deus por meio dele. E assim como o consideramos sob a direção do Espírito Santo da verdade, as nossas mentes expandem-se e já não vemos a Cristo Jesus como homem, senão como o Senhor da glória e do poder, participante da natureza divina. Assim conhecemos a ele, para cuja vinda e reino a Igreja tão sinceramente tem orado e anelado. E ninguém propriamente reconhecendo o seu grande enaltecimento pode esperar na sua Segunda vinda o Cristo Jesus, homem, no corpo da carne preparado para sacrifício e ferido e **dado** à morte como o nosso resgate. Nem deveríamos esperar que na sua segunda vinda apareceria ou **manifestar-se-ia** em várias formas de carne e ossos ao mundo — o que era necessário para primitivas **testemunhas**, mas agora já não é necessário. Como veremos, manifestará a sua segunda presença de maneira muito distinta.

Do que temos visto com respeito a seres espirituais e suas manifestações em tempos passados, é evidente que se o nosso Senhor se manifestar no seu segundo advento, ou por abrir os olhos dos homens para verem a sua glória, assim como fez com Paulo e Daniel, ou por assumir um corpo humano, seria prejudicial ao plano revelado na sua Palavra. O efeito de aparecimento ao mundo, seus olhos sendo preparados milagrosamente para habilitá-los a vê-lo, seria quase que paralisá-los com a visão irresistível, enquanto a aparição **como um homem** seria rebaixar os padrões de dignidade e dar uma avaliação mais baixa do que a verdadeira da

sua natureza divina e forma. Visto que nenhum pareceria ser necessário ou recomendável agora, não devemos presumir que qualquer destes métodos será adotado.

Ao contrário, deveríamos esperar que o Cristo fosse manifesto na carne da humanidade da mesma maneira que quando o Senhor “**se fez carne**” e habitou entre os homens, Deus foi manifestado na carne dele. A natureza humana, quando perfeita e em harmonia com Deus, é uma **semelhança de Deus** na carne; daqui o originalmente perfeito Adão foi uma semelhança de Deus, e o perfeito Cristo Jesus, homem, também o foi; assim que pôde dizer ao discípulo Filipe, qual pediu **ver** o Pai, “Quem me viu a mim, viu o Pai” — este tem visto a semelhança de Deus na carne: “Aquele que se manifestou em carne”.

Da mesma maneira, também, a humanidade em geral, assim como os seus membros voltam gradualmente à imagem de Deus, perdida há muito tempo, serão na carne imagens e semelhanças do Pai e do Cristo. Exatamente no começo do Milênio, como temos visto, haverão exemplos de humanidade perfeita perante o mundo (Volume I, Estudo XIV). Abraão, Isaque e Jacó, e os santos profetas, já provados e aprovados, serão os “príncipes” entre os homens, os expoentes e representantes do invisível reino espiritual. Nestes será Cristo manifestado — na **carne deles** — ainda assim como o Pai foi manifestado na carne dele. E ao passo que “quem quiser” chegar à perfeição e entrar em plena harmonia com a vontade de Cristo, cada tal será uma imagem de Deus e de Cristo, e em cada um destes Cristo será manifestado.

Por causa de ser criado à imagem moral de Deus, o homem perfeito, plenamente consagrado, será capaz de apreciar perpetuamente o Espírito Santo e a Palavra de Deus; e a Igreja glorificada dirigi-lo-á. Sem dúvida, também, visões e diretas revelações, e comunicações gerais entre o reino espiritual e os seus expoentes e representantes terrestres, serão muito mais livres e gerais do que comunicações similares já têm sido antes — mais

livres segundo a ordem das comunicações do Éden, antes de que o pecado trouxe condenação e separação do favor e comunhão de Deus.

Nada, então, tampouco em razão ou nas Escrituras Sagradas, demanda que o nosso Senhor no seu segundo advento aparecerá em vários corpos de carne e ossos. Esse tal proceder não é essencial, evidencia-se pelo sucesso do reino de Satanás, que opera através de seres humanos como agentes. Aqueles que participam do espírito do mal e erro representam o grande príncipe invisível, e em maior parte completamente. Ele é, assim manifestado na carne deles, ainda que é pessoalmente um ser espiritual, invisível aos homens.

Os membros do Cristo “transformados”, feitos participantes da natureza divina, serão seres espirituais assim como na realidade o é Satanás, e igualmente invisíveis aos homens. As suas operações serão de maneira parecida; ainda que diretamente opostas em caráter e resultados; os seus agentes honrados, não constrangidos e feitos escravos pela ignorância e fraqueza, assim como é a maior parte dos servos de Satanás, mas feitos perfeitos, e “verdadeiramente livres”, agirão inteligentemente e harmoniosamente a partir da escolha e do amor. E as suas nomeações serão prêmios da justiça.

A presença do nosso Senhor será manifestada ao **mundo** por exibições com “poder e grande glória”, não, no entanto, somente à vista natural, senão aos olhos do seu entendimento, enquanto abrir-se-ão a uma apreciação das grandes mudanças que o novo Governador efetuará. A sua presença e justa autoridade reconhecer-se-ão em ambos: os castigos e as bênçãos que fluirão para a humanidade do reino dele.

Por muito tempo tem sido geralmente crido que a desgraça e tribulação vêm como castigo pelas más ações, sobre os maus. Parecendo isto ser uma lei natural e própria, o povo em geral o tem aceitado, pensando que deveria de ser assim, ainda se isto não é assim; todavia os fatos difíceis da experiência concordam com a Bíblia, que no passado foram os piedosos que muitas vezes têm

padecido muitas perseguições e aflições. (2 Tim. 3:12) Porém no “dia de angústia”, o período de quarenta anos\* introduzindo o reino do Messias, esta ordem começará a inverter-se. Nesse dia os poderes do mal serão derrotados; e a justiça, estabelecida por um processo gradual, rapidamente aplicará uma retribuição correspondente aos malfeitores, e bênçãos para os que tiverem feito o bem, — “tribulação e angústia sobre a alma de todo homem que pratica o mal, ... glória, porém, e honra e paz a todo aquele que pratica o bem” — nesse “dia da ira e da revelação do justo juízo de Deus, que retribuirá a cada um segundo as suas obras”. (Rom. 2:9, 10, 5, 6) E visto que agora existe tanto mal, a retribuição será muito forte no começo, fazendo um “tempo de tribulação, qual nunca houve, desde que existiu nação”. Assim na vingança, e tribulação, e ira sobre as nações, revelará o Senhor ao mundo o fato da mudança das dispensações, e a mudança de governadores; porque, quando os juízos do Senhor “estão na terra, os moradores do mundo aprendem justiça”. (Is. 26:5-11) Aprenderão que sob a nova ordem de coisas os fazedores da justiça não de ser enaltecidos, e os malfeitores restringidos e punidos. Para claro testemunho profético relativo a este reino e a sua operação a favor dos humildes, os justos, os pobres, os necessitados e os oprimidos, e sua ruína de monopólios e de todo sistema da injustiça e opressão, e a igualdade geral dos afazeres, pode ler cuidadosamente os Salmos 72:1-19; 37:1-14.

O nosso Rei assim revelar-se-á gradualmente: alguns discernirão o novo Governador prontamente antes do que os outros. Mas ultimamente “todo olho o verá [**horao** — discernirá]”. (Apoc. 1:7) “Eis que vem com as nuvens”, e enquanto as nuvens de tribulação estão pesadas e escuras, quando os montes (reinos deste mundo) estão tremendo e caindo, e a terra (sociedade organizada) está sendo abalada, desintegrada, e derretida, alguns começarão a com-

---

\*Veja o Prefácio do Autor

preender o que agora proclamamos como já perto — que o grande dia de Jeová tem vindo; que o predito dia de indignação, e dia de tribulação e de angústia sobre as nações está começando; e que o Ungido de Jeová está tomando o seu grande poder, e começando o seu trabalho, de fazer o juízo a linha para medir, e a justiça o prumo. (Is. 28:17) “Pois é necessário que ele reine até que haja **posto**” **abaixo** todas as autoridades e leis na Terra contrárias a essas que controla no Céu.

Quando a tribulação aumentar-se-á, os homens procurarão, mas em vão, a proteção nas “cavernas” e nas grandes rochas e fortalezas da sociedade (Livre Maçonaria, Uniões Comerciais, Corporações, Trustes, e todas as sociedades mundanas e eclesiásticas), e nos montes (governos) da terra; dizendo: “Caí sobre\* nós, [cobri-nos, protegei-nos] e escondi-nos da face daquele que está assentado sobre o trono, e da ira do Cordeiro; porque é vindo o grande dia da ira deles”. Apoc. 6:15-17.

A idolatria do dinheiro na qual o mundo inteiro se tem enlouquecido, e a que há de ter tão proeminente lugar na tribulação, causando a ansiedade não apenas para a sua acumulação, senão também para a sua preservação, há de ser completamente arruinada, assim como indica em Isaías 2:8-21, e Ezequiel 7:17-19.

O grande dia de tribulação será reconhecido, e da sua tempestade todos buscarão a proteção, ainda que poucos reconhecerão a justiça do Senhor e os seus juízos então amplamente no mundo como resultado da sua **presença**, o estabelecimento da sua autoridade, e a

---

\*A palavra grega **epi**, aqui usada, é geralmente traduzida **sobre**, mas tem também o significado de **sobre** e **ao redor**, e é assim traduzida muitas vezes na versão comum. O pensamento é esse de proteção, não de destruição. A opinião comum desta passagem, de que ensine que os homens maus ganhassem a fé suficiente como para rezar que os montes literais caíssem, é absurdo. O cumprimento verdadeiro já está começando: os grandes, os ricos, e também os pobres, estão procurando os montes, rochas e cavernas para abrigo do tenebroso temporal de tribulação que todos vêem estar em formação.

execução das suas leis. No fim, entretanto, todos reconhecerão [“verão”] o Rei da Glória; e todos aqueles que então amam a justiça com regozijo o obedecerão e se conformarão plenamente com suas exigências justas.

Esse será um tempo de retribuição e todos que por fraude e por força, às vezes no nome da lei e sob a sua sanção, têm injustamente tomado os direitos ou a propriedade de outros. A retribuição, como temos visto, virá **do Senhor, por meio do** levantamento do povo. Na sua angústia, relutantes em repartir um dólar ou um acre de terra, ou um assumido direito ou dignidade por muito tempo desfrutado e por muito tempo não disputado, mas vendo a retribuição aproximar-se, muitos buscarão a cobertura das até agora poderosas organizações — civis, sociais, e eclesiásticas — para promover e proteger os seus interesses, sentindo que sozinhos serão obrigados a caírem. Porém, estas não poderão livrá-los no dia da ira do Senhor. O aproximado conflito e retribuição causarão lamentação a todas as famílias da Terra; pois será um tempo de tribulação qual nunca houve, desde que existiu nação — nem jamais haverá de novo. Será **“sobre ele”** que se lamentarão; por causa dos seus juízos produzindo numa maneira natural a grande tribulação; porque o Senhor se levanta para assombrar a terra, e para destruir as suas corrupções. (Is. 2:21) Os juízos e a tribulação serão tão profundos e atingíveis que ninguém escapará. Ultimamente todo olho discernirá a mudança, e reconhecerá que o Senhor reina. A tribulação poderia ser muito reduzida, se os homens pudessem ver e prontamente fazer segundo os princípios da equidade, ignorando e abandonando todos os privilégios injustos do passado, ainda que legalizados. No entanto, o egoísmo não permitirá a isto, até a tribulação arruinar e derrotar os orgulhosos, humilhar os poderosos, e enaltecer os humildes.

Entretanto, não antes que o grande dia de tribulação esteja quase terminando — não antes que os reinos gentios sejam reduzidos a pó e completamente removidos, e não se possa achar nenhum vestígio

deles (1915 d. C.; como mostrado no capítulo anterior) — não antes que a grande Babilônia esteja completamente derrotada e a sua influência sobre o mundo seja quebrada — poderá a grande massa da humanidade dar-se conta do verdadeiro estado de coisas. Então verão que a grande tribulação pela qual terão passado, foi essa simbolicamente chamada “a batalha do grande dia do Deus Todo-Poderoso” (Apoc. 16:14); que na proporção que tinham ajudado o erro e a injustiça, tinham estado lutando contra a lei e as forças do novo domínio e do novo Governador da Terra; e que na proporção que as suas línguas, e penas, e mãos, e influência, e recursos, foram usados para apoiar a **justiça** e a verdade em qualquer circunstância, eles tinham estado de tal maneira lutando no partido do Senhor.

Alguns aprenderão o significado da tribulação mais rapidamente do que os outros, porque tornaram-se mais disciplináveis. E durante toda a tribulação estarão no mundo aqueles que darão testemunho da causa dela, declarando a presença do Senhor e o estabelecimento do seu reino — que está em oposição aos poderes da escuridão — a verdadeira causa da tribulação e agitação e transtorno da sociedade, mostrando que todos aqueles que se opõem à verdade e justiça são os inimigos do novo reino, a não ser que rapidamente rendam-se, terão que sofrer derrota ignominiosa. No entanto as massas estarão descuidadas de conselho sábio, como sempre têm estado, até que serão completamente humilhadas sob o regime de ferro do novo reino, apenas finalmente entenderão a loucura do seu proceder.

O professor verdadeiro e portador de luz (Mat. 5:14), a Igreja verdadeira, o corpo de Cristo, não há de ser deixado na escuridão para aprender da presença do seu Senhor pelas manifestações da ira e do poder dele, tal como o mundo aprenderá dela. Para a sua iluminação tem sido feita provisão especial. Pela mais firme palavra profética que alumia em lugar escuro, a Igreja é claramente e definitivamente informada exatamente sobre o que deve

esperar. (2 Ped. 1:19) Por meio da palavra profética, esta não apenas estará protegida do desânimo e habilitada para vencer as ciladas, armadilhas e pedras de tropeço tão prevalecentes no “dia mau”, e assim estar aprovada por Deus, mas também se tornará portadora de luz e instrutora do mundo. A Igreja está assim habilitada para indicar ao mundo a causa da tribulação, anunciar a presença do novo Regente, declarar o novo programa de ação, plano e objetivo da nova dispensação, e para instruir o mundo conforme o curso ciente que há de seguir em vista destas coisas. E ainda que os homens não prestarão atenção à instrução até que a lição da submissão haja sido forçada sobre eles pela tribulação, muito ajudá-los-á aprender a lição. Será isto a missão dos “pés”, ou dos últimos membros da Igreja, que anunciarão e proclamarão sobre os montes (reinos) **o reino de Cristo começado**, ao qual Isaías 52:7 faz alusão.

### Escrituras que Parecem ser Contraditórias

Algumas declarações das Escrituras com referência à maneira da volta e aparecimento do Senhor que, até examinadas criticamente, parecem ser mutuamente contraditórias. Sem dúvida, durante séculos tinham servido ao propósito divino de esconder a verdade até o devido tempo, em que deviam ser entendidas; e ainda então, estariam escondidas de todos exceto a uma classe especial de consagrados para os quais foram programadas.

Por exemplo, o nosso Senhor disse: “Eis que venho **como ladrão.**” “Como aconteceu **nos dias** de Noé, assim também será **nos dias** do Filho do homem [nos dias da sua **presença**]. Comiam, bebiam, casavam e davam-se em casamento”, “e **não o perceberam**, até que veio o dilúvio”. “Sendo Jesus interrogado pelos fariseus sobre quando viria o reino de Deus, respondeu-lhes: O reino de Deus **não vem com aparência exterior**” [“com visível

aparência” — SBB; “visivelmente” — HG]. Apoc. 16:15; Luc. 17:26, 27, 20; Mat. 24:38, 39.

Estas Escrituras claramente declaram e ilustram a maneira da vinda do Senhor. Mostram que estará presente e invisível, fazendo uma obra da qual o mundo durante certo tempo ficará inteiramente desapercibido. Portanto a sua chegada deve ser numa maneira calma, não observada, e totalmente não reconhecida pelo mundo; exatamente “como ladrão” viria, sem ruído ou outra demonstração para atrair atenção. Assim como nos dias de Noé o mundo continuou com os seus afazeres como de praxe, de maneira alguma desconcertado, e sem nenhuma fé na pregação de Noé com referência ao dilúvio vindouro, assim na primitiva parte do dia do Senhor, o mundo — não tendo nenhuma fé no anúncio da sua presença nem da tribulação que está por acontecer — procederá como de praxe, não prestando nenhuma atenção a tal pregação até que, no grande dilúvio de tribulação, o velho mundo — a velha ordem de coisas — cai, passa, em preparação para o pleno estabelecimento da nova ordem, o Reino de Deus debaixo de todos os céus — “Como aconteceu nos dias de Noé, assim também será nos dias **[da presença]** do Filho do homem.”

Por outro lado, achamos Escrituras que à primeira vista parecem estar em conflito direto com estas; como, por exemplo: “Porque o Senhor mesmo descerá do céu com grande **brado**, à **voz** do arcanjo, ao som da **trombeta** de Deus”. — “... quando do céu se manifestar o Senhor Jesus com os anjos do seu poder em chama de fogo, e tomar vingança dos que não conhecem a Deus e dos que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus”. — Os povos [do mundo] “**verão** vir o Filho do homem sobre as nuvens do céu, com poder e grande glória”. — “Eis que vem com as nuvens, e **todo olho o verá**”. — I Tess. 4:16; 2 Tess. 1:7, 8; Mat. 24:30; Apoc. 1:7.

Como aos que procuram obter a verdade, não nos bastará dizermos, em vista destas passagens, que a **maioria** delas parecem favorecer a qualquer perspectiva que inclinamos a preferir, e então

ignoramos as outras. Até que tenhamos uma visão da matéria na qual toda declaração da Bíblia encontre uma representação razoável, não devemos nos sentirmos certos de que tenhamos a verdade no tema. Uma declaração de Deus é tão verdadeira, e tão firme fundação para a fé, como cem declarações. Seria melhor procurar um entendimento harmonioso, do que chegar a uma conclusão ou adotar uma teoria baseada numa interpretação unilateral, e assim enganar a nós mesmos e a outros.

Os cristãos geralmente não fazem nenhum esforço para harmonizar estas declarações, e portanto as suas idéias são de um lado só e incorretas. O último grupo de declarações é exatamente tão positivo como o primeiro, e aparentemente ensina ao contrário de uma maneira quieta, inobservada, como ladrão na vinda e presença do Senhor. Em adição a estas declarações, nós nos dirigimos a duas outras ilustrações da maneira da sua vinda, a saber: “Esse Jesus, que dentre vós foi elevado para o céu, **há de vir assim como** para o céu o vistes ir.” “Porque assim como o relâmpago sai do oriente e se mostra até o ocidente, assim será também a vinda do Filho do homem.” (At. 1:11; Mat. 24:27) Para chegar a uma conclusão correta, a estas ilustrações também é preciso dar a devida importância.

Na nossa pesquisa do tema devemos notar o que enquanto o nosso Senhor declarou, como fato positivo, que o seu reino estabelecer-se-ia sem aparência exterior, e que a sua vinda, a sua presença, seria **como** um ladrão, exigindo cuidadosa e atenta vigília para compreender e discerni-la; todos os textos acima geralmente citados como prova duma aparência exterior, uma visível manifestação aparente, estão em **linguagem altamente figurativa**, salvo o único que diz que há de vir assim como (da maneira em que) se foi. Os simbolismos devem sempre ser submetidos à interpretação mais clara, e literal da declaração, tão logo como o seu caráter do símbolo seja reconhecido. Sempre que uma interpretação literal contrariaria a razão, e também poria a passagem em

antagonismo direto a **declarações claras** das Escrituras, tal passagem deve ser considerada figurativa, e a sua interpretação como um símbolo deve-se procurar obter em harmonia com passagens obviamente claras e literais, e com o objetivo e caráter geral do plano revelado. Por reconhecer e assim interpretar os símbolos neste caso, manifesta-se a formosa harmonia de todas as declarações. Agora as examinemos e vejamos quão perfeitamente concordam com as declarações que não são simbólicas.

“Porque o Senhor mesmo descera do céu com grande **brado**, à **voz do arcanjo**, ao som da **trombeta de Deus**”. (I Tess. 4:16) A voz e a trombeta aqui mencionadas correspondem em todo modo com as mesmas figuras usadas no Apoc. 11:15-19 — “E **tocou** o sétimo anjo a sua trombeta, e houve no céu grandes vozes, que diziam: O reino do mundo passou a ser de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará pelos séculos dos séculos. ... Iraram-se, na verdade, as nações; então veio a tua ira, e o tempo de serem julgados os mortos”, etc. Os mesmos eventos são aludidos na profecia de Daniel: — “Naquele tempo se levantará [assumirá o controle] Miguel [Cristo], o grande príncipe, ... e haverá um tempo de tribulação, qual nunca houve, desde que existiu nação ... E muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão”, ... e Paulo inclui à sua menção das vozes e da trombeta a declaração, “e os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro”. Em 2 Tim. 4:1 mais além relata que Cristo Jesus, há de julgar os vivos e os mortos, neste tempo da sua vinda e do seu reino; O começo deste julgamento das nações vivas é descrito em toda parte como o mais grande tempo de tribulação qual o mundo nunca conheceu. — Dan. 12:1.

Assim Paulo, João e Daniel aparentemente fazem alusão ao mesmo tempo, o tempo do aparecimento do nosso Senhor, e o estabelecimento do seu reino no meio de um grande tempo de tribulação, e aos eventos precedentes e introdutório dele. O mesmo

resultado está mostrado por cada escritor para seguir o levantamento de Miguel, as vozes e a trombeta: a saber, tribulação e ira sobre as nações e a ressurreição dos mortos. Em seguida, note a figura usada:

“COM GRANDE BRADO”. — A palavra grega aqui traduzida “brado” é **keleusma**, que significa **um brado de encorajamento**. Um brado implica uma mensagem pública designada para os ouvidos, não duns poucos, senão de uma multidão confusa. Está geralmente destinada uma a outra para alarmar e apavorar ou para assistir e encorajar. Ou pode ter um efeito sobre uma classe e o efeito reverso sobre outra, de acordo com as circunstâncias e condições.

O aspecto dos afazeres no mundo durante os passados quinze anos muito surpreendentemente corresponde com este símbolo, em irrupções de encorajamento pelo mundo inteiro para todos os homens despertaram-se a um sentido dos seus direitos e privilégios como homens, e considerarem suas mútuas afinidades, os princípios nas quais são fundadas, e os fins que devem realizar. Onde sobre a face da Terra está a nação civilizada que não tenha ouvido o brado, e que não seja influenciada pelo mesmo! Nos últimos poucos anos o mundo inteiro civilizado tem estado estudando a economia política, os direitos civis, e as liberdades sociais como nunca antes nos anais da história; e os homens estão animando-se mutuamente e sendo encorajados, como nunca antes, para sondar estes objetivos para a verdadeira fundação. O brado de encorajamento começado pelos progressos da ciência entre os homens já tem rodeado a Terra, e sob a sua influência os homens estão unindo-se, encorajados e apoiados por homens de intelecto e gênio, para conter e lutar por ambos: os verdadeiros e imaginários direitos e liberdades; e enquanto as suas organizações aumentam-se e multiplicam-se, o brado aumenta e está tornando-se cada vez mais ameaçador e extenso, e por fim resultará como predito, em um grande tempo de tribulação e tumulto das nações iradas. Este resul-

tado está graficamente descrito pelo Profeta. — “Eis um tumulto sobre os montes [reinos], como o de grande multidão! Eis um tumulto de reinos, de nações congregadas! O Senhor dos exércitos passa em revista o exército para a guerra.” — Is. 13:4.

“À VOZ DO ARCANJO” — é outro símbolo notável de similar importância. O nome “arcanjo” significa **mensageiro principal**; e o nosso ungido Senhor ele mesmo é o Principal Mensageiro de Jeová — o “anjo do pacto”. (Mal. 3:1) Daniel refere-se ao mesmo personagem, chamando-o Miguel, cujo nome significa **aquele como Deus** — um nome apropriado para ele que é “a expressa imagem do seu Ser”, do Pai, e o representante do seu poder e autoridade. A voz do Arcanjo representa a autoridade e o comando de Cristo. Então este símbolo representa a Cristo como tomando o controle, ou começando o seu reino e emitindo os seus comandos, as suas ordens oficiais, anunciando a mudança de dispensação pela execução das leis do seu reino.

O mesmo pensamento é expressado diferentemente por Daniel, quando diz: Naquele tempo Miguel, o grande Príncipe, **“se levantará”**. Levantar-se significa assumir a autoridade, dar ordens. Veja “quando ele **se levantar**”, Is. 2:19, 21. Outra ilustração deste símbolo vem de Davi, que diz profeticamente de Cristo, “ele levanta a sua voz, e a terra se derrete”. O grande tempo de tribulação será precipitado, e a terra (sociedade organizada) derreter-se-á, ou desintegrar-se-á, sob a mudança de administração realizando-se quando o novo Rei levanta a sua voz de comando. Debaixo de sua ordem, os sistemas de erro — civis, sociais e religiosos — têm que cair, seja como for, antigos ou firmemente instituídos e fortificados. A espada da sua boca causará a destruição: A verdade em todo tema, e em todos os seus vários aspectos, julgará os homens, e, sob o seu poder e domínio causará o transtorno do mau e erro em todas as suas mil formas.

“A TROMBETA DE DEUS”. — Muitos parecem irrefletidamente admitir a idéia de que esta trombeta haja de ser um som literal no

ar. No entanto, isto parece ser uma expectativa irracional, quando se nota que Paulo aqui refere-se ao que o Revelador designa por “Sétima Trombeta”, a Última Trombeta numa **série** de trombetas simbólicas. (Apoc. 11:15; I Cor. 15:52) A prova de que estas referências são para a mesma trombeta encontra-se no registro dos eventos ligados com cada uma. Paulo menciona a ressurreição, e o estabelecimento do Reino do Senhor, como relacionamento com a “trombeta de Deus”, e o Revelador menciona a mesma ainda com mais exatidão. A adequação da chamada “sétima”, ou “última trombeta”, a “trombeta de Deus”, é evidente, também, quando recordamos que os eventos mencionados sob as precedentes seis trombetas do Apocalipse referem-se às ações da humanidade, enquanto a sétima refere-se especialmente à obra de Deus, e abrange o “dia do Senhor”. Desde que as seis trombetas precedentes foram símbolos — e isto é geralmente admitido por comentadores e estudantes que fazem qualquer pretensão de serem expositores do Apocalipse — seria uma violação da razão e do bom senso esperar a sétima trombeta, a última da série, ser um audível som literal no ar. E não somente assim, mas também seria fora da harmonia com os métodos gerais do Senhor, assim como com essas declarações das Escrituras indicando o **segredo** da sua vinda; pois um ladrão nunca faz soar uma trombeta para anunciar a sua vinda.

As sete trombetas do Apocalipse são todas simbólicas, e representam sete grandes períodos de tempos e os seus eventos. A pesquisa destes deixamos para um volume subsequente. É suficiente aqui dizer que nós nos encontramos hoje no meio dos eventos que marcam o soar da sétima trombeta. As grandes vozes, os progressos da ciência, as nações iradas, etc., tomados em conexão com as profecias do tempo, estabelecem isto como um fato. Muitos eventos ainda estão para realizarem-se antes de que esta sétima ou última trombeta cesse de soar; como, por exemplo, dar recompensa aos santos e profetas, e a ressurreição de todos os

mortos, etc. De fato, abrange o período inteiro do reino Milenário de Cristo, como indicado pelos eventos que hão de cumprir-se sob o mesmo. — Apoc. 10:7; 11:15, 18.

Assim achamos o “**brado**”, a “**voz do Arcanjo**” e, “**a trombeta de Deus**” todos são simbólicos, e agora estão em processo de cumprimento. Note cuidadosamente, também, o fato de que cada uma das três profecias agora mesmo referidas. (Dan. 12:1; Apoc. 11:15; I Tess. 4:16) declara a **presença** do Senhor no tempo em que os eventos mencionados realizam-se. Foram preditos para o exato propósito de indicar a maneira em que a sua **presença invisível** seria manifestada para aqueles que têm fé na palavra da profecia. Paulo diz: “o Senhor mesmo **descerá ...** com [literalmente **em**, ou **durante**] grande brado”, voz, trombeta, etc. João diz que os reinos do mundo passam a ser dele durante o tempo destes eventos; e Daniel diz: “Naquele tempo se levantará [estará **presente**] Miguel, o grande Príncipe” [Cristo] e assumirá o seu grande poder. Se, portanto, podemos reconhecer o brado, as vozes e o soar da grande trombeta, devemos aceitá-los como indicações, não de que o nosso Senhor virá brevemente, mas antes, que já veio e agora está presente, e que o trabalho da ceifa, a colheita do trigo e a queima do joio, já está em marcha. Isto, logo veremos, comprovar-se abundantemente pelas profecias de tempo. No entanto, não é para a visão natural, mas apenas para o olho da fé, por meio da firme palavra profética, que a sua presença e obra podem ser discernidas.

Aqui não deve negligenciar-se outro fato, a saber, que o “Brado”, a “Voz do Arcanjo”, e a “Trombeta de Deus”, como acima explicado, são todos instrumentos para o cumprimento da obra da ceifa da Idade Evangélica. Portanto, vendo não somente o significado destes símbolos, mas também os preditos **resultados** atualmente realizando-se, temos provas adicionais tanto que temos corretamente interpretado os símbolos, e que agora estamos neste período chamado a “ceifa”, em que a Idade Evangélica e a Idade

Milenária sobrepõem-se — uma terminando-se e a outra começando. Muitos não precisarão de nenhuma ajuda em traçar um **trabalho de separação** agora realizando-se entre os verdadeiramente consagrados e os cristãos meramente nominais. Muitos podem ver o fogo simbólico já em marcha, e podem discernir o “brado” do povo, o comando do novo Rei Emanuel e os eventos chamados a “sétima trombeta” e as “nuvens” de tribulação, nas quais o Senhor vem, e das quais e pelas quais o seu poder há de manifestar-se — sujeitando a si todas as coisas.

Já temos chamado atenção (Vol. I, p. 273; ou p. 237, 2.<sup>a</sup> edição) ao fato de que o reconhecimento do trabalho da ceifa atualmente em progresso é prova da presença do Senhor, desde que declarou que ele seria o líder ceifeiro e diretor da obra inteira, e que este seria o seu primeiro trabalho — “eis uma nuvem branca, e assentado sobre a nuvem um semelhante a filho de homem, que tinha sobre a cabeça uma coroa de ouro, e na mão uma foice afiada. ... Então aquele que estava assentado sobre a nuvem meteu a foice à terra, e a terra foi ceifada”. — **“Por ocasião** da ceifa, direi aos ceifeiros: Ajuntai”, etc. (Apoc. 14:14, 16; Mat. 13:30) O trabalho da ceifa ocupará quarenta anos para seu pleno cumprimento, terminando em 1914 d. C.\* Os seus vários lineamentos cumprir-se-ão gradualmente, mas todos os seus dias são “dias do Filho do homem” — dias da presença e do poder do nosso Senhor — os quais finalmente serão reconhecidos, mas no princípio unicamente pela classe especificada pelo Apóstolo — “vós, irmãos, não estais em trevas”.

“EM CHAMA DE FOGO.” — O seguinte destas declarações simbólicas pode ser entendido facilmente, se temos em mente o significado dos símbolos, fogo, etc., já explicados (Vol. I, p. 365; ou p. 317, 2.<sup>a</sup> edição). O texto diz: “quando do céu se manifestar o Senhor Jesus com os anjos de seu poder em chama de fogo, e tomar

---

\*Nota dos tradutores: Veja o Prefácio do Autor, páginas IV, V.

vingança dos que não conhecem a Deus e dos que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus”. — 2 Tess. 1:7, 8.

Expressando literalmente, entendemos que isto significa que no seu dia (a Idade Milenária) a presença do nosso Senhor revelar-se-á ou manifestar-se-á ao mundo desde a sua posição de controle espiritual (“céu”), na ira e punição fazendo visitas sobre o mal e os malfetores. Será ira abrasadora, como indicada pelos símbolos, **fogo**, e não lhes deixará nem raiz nem ramo dos sistemas maus, erro, opressão, ou pecadores voluntariosos; e todos os soberbos, e todos os que cometem impiedade, serão como restolho abrasados nesse dia Milenário. No seu começo — neste período de “ceifa” — este fogo queimará muito ferozmente, consumindo o orgulho e o mal, agora de tão viçoso crescimento. Felizes aqueles que abandonam o seu orgulho e maldade para serem destruídos, para que eles mesmos não sejam destruídos também (na “segunda morte”), como evidentemente haverá alguns que resistirão durante a Idade Milenária. É deste tempo que lemos: “Pois eis que aquele dia vem ardendo como fornalha; todos os soberbos, e todos os que cometem impiedade, serão como restolho; e o dia que está para vir os abrasará, diz o Senhor dos exércitos, de sorte que não lhes deixará nem raiz nem ramo.” — Mal. 4:1.

Os “anjos do seu poder”, mensageiros, ou agentes do seu poder, são vários, e podem propriamente entender-se como aplicáveis e inclusivos a todas as várias agências, animadas e inanimadas, que serão usadas pelo nosso Senhor na derrota dos sistemas maus do presente, e no castigo dos malfetores.

Enquanto a ira ou vingança do Senhor há de manifestar-se assim em chama de fogo, em tribulação consumidora, tal como nunca antes foi conhecida — tão geral e muito difundida, e tão destruidora da maldade — a justiça e os justos começarão a ser favorecidos. E ao passo que estes procedimentos tornarem-se cada vez mais evidentes, os homens começarão de atrair a inferência que um novo poder tenha tomado o controle dos afazeres humanos; e

assim a **presença** do nosso Senhor como o Rei dos reis será revelada ao mundo. Ele manifestar-se-á “em chama de fogo, e tomará vingança [tanto] sobre os que não conhecem a Deus [que não estão realmente familiarizados com Deus, mas deixaram de obedecer a luz de consciência, que todos até certo grau], como [também sobre aqueles que, enquanto conhecem a Deus, todavia] não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus”.

Sob os castigos e aumentada luz e oportunidades favoráveis do Dia Milenário, todos serão trazidos a tão claro conhecimento da verdade e do caminho da justiça assim como para serem sem a desculpa de ignorância, ou de incapacidade de obedecer à verdade. E aqueles que persistentemente **continuarem** inimigos de Deus e da justiça sofrerão, como castigo a **perdição eterna** (uma destruição da qual não haverá ressurreição) banidos da face [presença] do Senhor e da glória do seu poder.

“COM PODER E GRANDE GLÓRIA”. A contígua afirmação é com o sentido que o mundo verá o Filho do homem **vir**, antes que o seu reino seja plenamente estabelecido ou os seus co-herdeiros sejam todos recolhidos e enaltecidos com ele. E, vendo a sua vinda, todas as tribos da terra se lamentarão — “verão vir o Filho do homem ... com poder e grande glória.

O mundo já vê as nuvens da tribulação formando-se e escurecendo. Compreendem que um poder já está penetrando nos afazeres dos homens, com o qual não podem competir; o próximo futuro, desde a perspectiva presente, está sombrio e ominoso para todos que têm a inteligência suficiente para notar o curso dos acontecimentos. Homens pensativos observam a persistência com que questões do bem e mal, da justiça e injustiça, estão **forçadas** na sua consideração, **exigindo** uma expressão dos seus princípios individuais. Muitos reconhecem a **glória e poder** do novo Soberano da Terra, no entanto desde que as nuvens e a escuridão estão ao redor dele, não reconhecem a ele mesmo o Rei. Os povos vêem **as nuvens**, e portanto vêem ele vindo nas nuvens com poder

e grande glória [a glória de poder e justiça], porém não reconhecem a **ele**. Não até que as nuvens deixem cair saraiva e brasas de fogo (Sal. 18:12, 13) para abater o orgulho dos povos, o egoísmo, os preconceitos, e consumir estes, desaparecerão as nuvens, e virá à luz a plena majestade e glória da presença de Cristo. Se os homens considerariam, e escutariam à voz do Senhor, que agora dirige o curso da justiça, e adverte da retribuição que está por acontecer, evitar-se-iam os grandes desastres do próximo futuro. Pois “Deus fala de um modo, ainda de outro se o homem não lhe atende. ... então abre os ouvidos dos homens [aos tons do trovão do “dia de tribulação”], e os atemoriza com avisos, para apertar o homem do seu [próprio] desígnio, e esconder do homem a soberba”.

“Eis que vem com as nuvens”, e no devido tempo “todo olho o verá [discernirá], reconhecerá a sua presença, o seu poder e autoridade; E todos terão de submeter-se a ele, quer dispostos, ou com relutância, até a soltura de Satanás por um pouco de tempo, no fim do Milênio, quando depois da experiência plena será provada plenamente a sua boa vontade ou má vontade, os relutantes serão destruídos — na segunda morte, simbolicamente chamada o lago de fogo. — Apoc. 21:8.

Assim vistas, todas estas explicações simbólicas da maneira da vinda do nosso Senhor concordam perfeitamente com as afirmações claras que declaram que a sua presença será secreta por algum tempo, conhecida apenas por esses que estão vigiando.

### **Assim Como**

O que, agora, está ensinado pela declaração do anjo no tempo da partida do nosso Senhor — At. 1:11 — “Esse Jesus, que dentre vós foi elevado para o céu, há de vir assim como para o céu o vistes ir.”

Um exame cuidadoso deste texto manifestará a sua harmonia com o precedente. Muitos parecem opinar que a passagem diga: Como

**vistes** o Senhor elevar-se para o céu, assim da mesma maneira **vereis** ele vir de novo. Tais devem de lê-lo muitas vezes, até que notem o fato de que não diz que aqueles que o viram ir hajam de vê-lo vir, nem que qualquer outro vá vê-lo vir. O que diz é que a **maneira** da sua vinda será **assim como** a **maneira** da sua partida. Qual, então, foi a maneira da sua partida? Foi com grande esplendor, e com grande demonstração? Foi com som de trombeta e vozes e um grande brado rasgando o ar, e a pessoa do Senhor brilhando em glória sobrenatural e esplendor? Neste caso, deveríamos de esperar a sua volta realizar-se “**assim como**” (**da mesma maneira**). Por outro lado, se a partida não foi tão quietamente e secretamente como era possível, consistente com o seu propósito de ter testemunhas inteiramente convencidas do fato? Ninguém o viu nem soube do fato, exceto os seus fiéis seguidores. A sua declaração (João 14:19) : “Ainda um pouco, e o mundo não me verá mais”, até agora nunca foi refutada. Pois ninguém, mas os irmãos viram ainda as suas manifestações depois da sua ressurreição, e os outros não testemunharam a sua ascensão. E assim como se foi (quietamente, secretamente, tanto quanto toca ao mundo, não é conhecido a ninguém, exceto aos seus seguidores), **assim**, desta maneira, vem de novo. E como quando ele partia, levantou as suas mãos e os abençoou, assim, quando vem de novo, é para que o gozo deles seja completo, como disse: “virei outra vez, e vos tomarei para mim mesmo”; “eu vos tornarei a ver, e alegrar-se-á o vosso coração, e a vossa alegria ninguém vo-la tirará”. — Luc. 24:50, 51; João 14:3; 16:22.

O anjo pareceu também dar ênfase especial ao fato que a segunda vinda seria a vinda deste **mesmo Jesus** — o mesmo que deixou aquela glória que tinha junto ao Pai antes que o mundo existisse, e se fez homem — se fez pobre, para que pela sua pobreza fôssemos enriquecidos; o mesmo Jesus que morreu no Calvário; o mesmo Jesus que levantou-se espírito vivificante no terceiro dia; o mesmo Jesus que tinha manifestado a sua **transformação** durante os qua-

renta dias — **este** mesmo Jesus agora subiu ao alto. Sim, é o **mesmo** Jesus quem tem experimentado duas transformações de natureza — primeiro desde a espiritual à humana, e então desde a humana à divina. Estas mudanças de natureza não têm destruído a sua individualidade. A sua identidade foi preservada, como o anjo assim nos assegura, se a filosofia desse fato está entendida ou não. E ainda que não o conhecemos mais segundo a carne (como homem), no entanto devemos lembrar o seu enaltecimento, que agora tem a natureza divina, espiritual, e devemos antecipar a sua vinda em harmonia com esta transformação e exaltação. Contudo podemos recordar que ele é **o mesmo amoroso Jesus**, e não mudado neste respeito. É “esse Jesus”, quem, embora presente durante quarenta dias depois da sua ressurreição, foi visto apenas pelos discípulos, mas brevemente, quem na sua segunda presença será tão invisível ao mundo como durante os quarenta dias antes da sua ascensão. Precisamos lembrar que ele não vem para dar a si mesmo como um sacrifício, e ele não precisa mais usar um corpo humano preparado para sacrifício. (Heb. 10:5) Isto já está completamente passado: ele já não morre mais, mas agora vem para governar, abençoar e levantar a raça remida.

O nosso Senhor forneceu-nos uma ilustração belíssima da maneira em que a sua presença será revelada, quando disse: “Porque, assim como o relâmpago sai do oriente e se mostra até o ocidente, assim será também a vinda [**presença**] do Filho do homem.” (Mat. 24:27) É evidente que a maioria das traduções deste versículo são errôneas em usar a palavra relâmpago, onde significa luz solar; porque os relâmpagos não vêm do oriente nem brilham até o ocidente. Tão freqüentemente vêm desde outras partes, e raras vezes, se alguma vez, lampejam através do céu inteiro. A ilustração dada pelo Senhor, e a única que comportar-se-á com as suas palavras, é a luz do sol, que de fato invariavelmente sai do oriente e resplandece ainda até o ocidente. A palavra grega **astrape**, aqui usada assim, demonstra-se ser traduzida impropria-

mente neste texto, e também no relato das mesmas palavras por Lucas (17:24). Outro exemplo do uso desta palavra **astrape** pelo nosso Senhor acha-se em Lucas 11:36, onde aplica-se ao brilho de uma candeia, e na versão comum está traduzida “resplendor”. Incorretas idéias da maneira da vinda e revelação do nosso Senhor, firmemente fixadas nas mentes dos tradutores, os conduziram para este erro de traduzir a palavra **astrape** pela palavra “relâmpago”. Eles supuseram que ele seria revelado repentinamente, como um relâmpago, e não gradualmente, como a luz solar da aurora. Mas que bela é a figura do levantar do sol, como ilustrando gradualmente a aurora da verdade e bênção no dia da sua presença. O Senhor associa os vencedores com ele mesmo nesta figura, dizendo: “Então os justos resplandecerão como o sol, no reino do seu Pai.” E o profeta, usando a mesma figura, diz: “nascerá o sol da justiça, trazendo curas nas suas asas”. A aurora é **gradual**, mas finalmente a luz clara e plena banirá completamente a escuridão do mal, ignorância, superstição, e pecado.

Uma tradução imperfeita da palavra **parousia** tem tendido mais além a obscurecer o sentido desta passagem. Na tradução em inglês Emphatic Diaglott e também na do Professor Young está traduzida **presence** (**presença**); em Rotherham é **arrival** (**chegada**); enquanto na versão comum está traduzida **coming** (**vinda**). E ainda que o texto da Versão Revisada em inglês conserva esta última tradução — **coming** (**vinda**) — no entanto na margem reconhece a “**presence**” (**presença**) ser a definição verdadeira da palavra grega. A palavra grega **parousia** invariavelmente significa presença pessoal, como ter vindo, ter chegado. E nunca deveria entender-se como significando estar no caminho, assim como em português a palavra **vinda** é geralmente usada. O texto sob consideração portanto ensina que enquanto a **luz solar** gradualmente amanhece, assim há de manifestar-se ou revelar-se a **presença** do Filho do homem.

Junto com esta ilustração, o nosso Senhor uniu palavras de caute-

la para prevenir-nos contra certos erros que seriam promovidos sobre o tempo do seu segundo advento, calculados para desencaminhar a sua Igreja. “Eis que de antemão vo-lo tenho dito. Portanto, se vos disserem: Eis que ele está no deserto, não saiais; ou: Eis que ele está no interior da casa; não acrediteis. Porque assim como o resplendor [do sol] sai do oriente e [gradualmente] se mostra até o ocidente, assim será também a **presença** do Filho do homem.” Deste modo o nosso Senhor nos previne contra dois erros que crescem rapidamente nos nossos dias. Um é a alegação de que o nosso Senhor viria na carne, no deserto de Palestina; e, crendo assim, muitos têm ido para lá, e estão esperando ver a Jesus na **carne**, com as feridas, como quando foi crucificado. Esperando-o assim como **foi**, e não “assim como é”, seriamente erram, e cegam-se a si mesmos à verdade, como o fizeram os judeus no primeiro advento. Estas expectativas falsas conduzem a esta classe interpretar literalmente a declaração do profeta (Zac. 14:4): “Naquele dia estarão os seus pés sobre o monte das Oliveiras”, etc.\* Cegados por expectativas falsas, não vêem que os “pés” nesta passagem são figurativos, tão verdadeiramente como no Sal. 91:12; Is. 52:7; Sal. 8:6; 110:1; Ef. 6:15; Deut. 33:3; e em muitas outras passagens. Se eles soubessem **o que** devem esperar, saberiam não irem para Jerusalém buscar o Cristo Jesus, **homem**; pois o altamente exaltado Rei vem como a luz do sol, fazendo sentir a sua presença e influência por todo o mundo. Portanto, “não saiais”.

“Portanto, se vos disserem ... Eis que ele está no interior da casa; não acrediteis.” O espiritismo, sempre pronto para enganar por contrafações, e sempre pronto para usar verdades avançadas como roupa de luz (2 Cor. 11:13, 14), não tem hesitado de alegar que estamos num período de mudança dispensacional, a aurora duma idade gloriosa. Entre outras coisas tais, alguns ainda ensinam que Cristo está **presente**, e, não duvidamos que em breve darão **sessões**

---

\*Deixamos o exame desta profecia para outra ocasião.

nas quais eles pretenderão mostrá-lo **no interior da casa**. Por apresentar-se o erro desta forma, ou de qualquer outra, deixa-nos lembrarmos as palavras do nosso Senhor e repudiarmos todas alegações semelhantes como falsas, sabendo que não será desta maneira que **revelará** a sua presença, mas “como a luz solar” emergindo gradualmente — “nascerá o sol da justiça, trazendo curas nas suas asas”.

### A Parousia do Nosso Senhor na Ceifa

A linguagem grega é muito exata: um fato que grandemente aumenta o seu valor em dar expressão exata à verdade. Assim, por exemplo, na tradução IBB a palavra **vir** usa-se para traduzir a trinta e duas palavras gregas, cada uma das quais tem uma pequena distinção de significação. Exemplos: **ephistemi** significa **sobrevir**, como em Luc. 21:34 — “vos **sobrevenha** de improviso”; **sunerchomai** significa **reunir-se**, ou **ajuntar-se**, como em I Cor. 11:18 — “vos **ajuntais** na igreja”; **proserchomai** significa **aproximar-se**, como em Heb. 4:16 — “**Cheguemo-nos**, pois, confiadamente”; **heko** significa **chegar**, ou **ter vindo**, ou **veio**, como quando a ação de vir é completada, como em João 2:4 — “Ainda não é **chegada** a minha hora”; **enistemi** significa **estar presente**, e esta traduzida assim, exceto em dois lugares onde deve de ser assim traduzida: 2 Tim. 3:1 — “**sobrevirão** tempos penosos” — estarão presentes; e 2 Tess. 2:2 — “como se o dia do Senhor estivesse já **perto**” — presente. **Parousia**, também, significa **presença**, e nunca deve ser traduzida **vinda**, como em traduções das Bíblias em português. Na *Versão Revisada da Imprensa Bíblica Brasileira* é três vezes traduzida, **presença**. (2 Cor. 10:10; Fil. 1:26; 2:12) A *Edição Revista e Atualizada da Sociedade Bíblica do Brasil* traduz **presença** nas mesmas passagens, e também em duas outras. (I Tess. 2:19, 3:13) A versão “**Emphatic Diaglott**,” uma tradução em inglês muito valiosa do Novo Testamento, traduz **parousia** propriamente, **presença**, em quase toda ocorrência da palavra.

As duas palavras gregas, **heko** e **parousia**, e seu uso no Novo Testamento, são as que queremos notar no momento, e particularmente a segunda destas; porque uma apreciação correta de sua significação esclarece a maneira da volta do nosso Senhor, por meio de passagens em que ocorrem, enquanto a tradução comum, mas errônea, escurece muito os pontos que deveriam ser iluminados.\*

Com o correto pensamento na mente, quanto ao significado de **parousia** — não aquele de **vinda**, como estar a caminho, mas **presença**, como depois da chegada — nos permitam examinar algumas passagens nas quais a palavra é usada. E destas aprenderemos que **presença** não necessariamente envolve a visão, senão que aplica-se também as coisas presentes, mas invisíveis. Deste modo, por exemplo, anjos, seres espirituais, podem estar presentes conosco, mas invisíveis assim como o nosso Senhor estava **presente** no mundo e muitas vezes com os discípulos durante os quarenta dias depois da sua ressurreição, sem ser visto pelo mundo, ou pelos seus discípulos exceto nas poucas ocasiões breves já referidas. Esses dias foram dias da sua **parousia** (presença), tanto quanto os precedentes trinta e três anos e meio tinham sido anos de sua presença.

Na conversação prévia da pergunta de Mateus 24:3, o nosso Senhor tinha predito a destruição do templo, e a rejeição de Israel segundo a carne até um tempo em que alegremente o reconheceriam como seu Messias e diriam, “bendito o que vem”. Ele tinha dito aos seus discípulos que partiria, e viria outra vez, e os tomaria para si mesmo. Chamou este dia “ceifa” ou fim do mundo (idade), também ele tinha dito a eles da “ceifa” vindoura no tempo

---

\*A palavra **parousia** ocorre vinte e quatro vezes no Testamento Grego, e somente três vezes na Versão Revisada — IBB (2 Cor. 10:10; Fil. 1:26; 2:12) está traduzida **presença**. As outras ocorrências, nas quais está traduzida incorretamente **vinda** são como segue: — Mat. 24:3, 27, 37, 39; I Cor. 15:23; 16:17; 2 Cor. 7:6, 7. Na Edição Revista e Atualizada — SBB; I Tess. 2:19; 3:13; 4:15; 5:23; 2 Tess. 2:1, 8 (traduzida **aparecimento** no versículo 9, SBB) Tiago 5:7, 8; 2Ped.1:16; 3:4, 12; I João 2:28.

da sua segunda vinda. (Mat. 9:37, 38; 13:39, 40) Sem dúvida, lembrando que poucos reconheceram-no como o Cristo no seu primeiro advento, quiseram saber **como** poderia ser seguramente reconhecido no seu segundo advento — provavelmente esperando que seu segundo advento ocorreria nos seus dias. Daqui por isso eles perguntaram: “que sinal haverá da tua **parousia** [presença] e do fim do mundo (da consumação do século — SBB)”?

A causa da sua disposição para misturar os acontecimentos finais da Idade Judaica, ou ceifa, nos quais já estavam, com a “ceifa” futura, ou fim da dispensação Evangélica, o nosso Senhor deu um relato bastante detalhado dos eventos que haviam de intervir primeiro, indicando um lapso de um considerável período entre as duas ceifas, todavia não dando nenhuma idéia clara da sua duração; pois ainda ele não sabia nesse então quão longa seria. — Mar. 13:32.

A resposta do nosso Senhor nos versículos 1 a 14 abrange a inteira Idade Evangélica; e as suas palavras nos versículos 15 a 22 têm aplicação dupla — literalmente no fim da Idade Judaica, e figurativamente no fim desta Idade Evangélica, da qual era a Idade Judaica uma sombra. Versículos 23-26 contêm palavras de advertência contra falsos cristos, e no versículo 27 atinge a pergunta deles com respeito a sua **parousia**, e declara [propriamente traduzida], “assim como o relâmpago [a luz solar] sai do oriente e se mostra até o ocidente, assim será também a **parousia** [a presença] do Filho do homem”. A luz solar vem imediatamente, mas silenciosamente; e é discernida primeiro por estes que acordaram-se primeiros.

Deixando os outros característicos intermediários do discurso do nosso Senhor para pesquisa em seu lugar apropriado, notamos a sua segunda referência à sua pergunta a respeito de sua **parousia** em versículos 37 e 39. Diz: “Pois como foi nos dias de Noé, assim será também a **parousia** [presença] do Filho do homem.” Note, que a comparação não é entre a **vinda** de Noé e a **vinda** do nosso

Senhor, nem entre a **vinda** do dilúvio e a **vinda** do nosso Senhor. A vinda de Noé não está mencionada de qualquer modo; nem está mencionada a **vinda** do nosso Senhor; pois, já como consta, **parousia** não significa **vinda**, mas **presença**. O contraste, então, é entre o tempo da presença de Noé entre o povo “**nos dias anteriores** ao dilúvio”, e o tempo da presença de Cristo no mundo, no seu segundo advento, **antes** do fogo — a extrema tribulação do dia do Senhor com que esta idade termina-se.

E ainda que os povos foram maus no dia de Noé, **antes** do dilúvio, e serão maus no tempo da presença do nosso Senhor, **antes** que o fogo quente da tribulação venha sobre eles, no entanto **este não é** o ponto de comparação ou semelhança a que nosso Senhor faz alusão. Pois a maldade tem abundado em toda idade. O ponto de comparação é claramente determinado, e se vê facilmente, se lemos criticamente: Os povos, exceto os membros da família de Noé, foram **ignorantes** da tempestade próxima, e **descrentes** quanto ao testemunho de Noé e da sua família, e por isso eles “**não o perceberam**”; e este é o ponto de comparação. **Assim será** também a **presença** do Filho do homem. Ninguém salvo esses da família de Deus crerão agora. Outros “**não perceberão**”, até que a sociedade, como agora organizada, começa a dissolver-se com o calor ardente do tempo de tribulação que está por acontecer agora. Isto está ilustrado pela palavras, “**assim como nos dias anteriores** ao dilúvio, comiam, bebiam, casavam e davam-se em casamento [Lucas (17:28) acrescenta “plantavam e edificavam”], até o dia em que Noé entrou na arca, e não o perceberam, ... assim será também a **parousia** [a presença] do Filho do homem”. No tempo da **presença** do Filho do homem, portanto, o mundo seguirá com os seus comes e bebes, plantações, construções, e casamentos — não mencionados como feitos pecaminosos, senão como indicativos da sua **ignorância quanto à presença de Cristo**, e da tribulação que prevalecerá no mundo. Esta, então, é a resposta do nosso Senhor à pergunta dos discípulos — Que sinal [indicação] haverá da tua

[**parousia**] presença e do fim do mundo ou ceifa da idade? Em substância, disse: Não haverá sinal nenhum para as massas mundanas; não saberão da minha presença e das novas mudanças dispensacionais. Apenas alguns poucos saberão, e eles serão ensinados por Deus (dum modo não explicado aqui) antes de haver qualquer **sinal** (indicação) que os mundanos possam discernir.

O relato de Lucas deste mesmo discurso (Luc. 17:26-29), ainda que não nas mesmas palavras, está em perfeito acordo. Lucas não usava a palavra **parousia**, no entanto expressa exatamente o mesmo pensamento, dizendo: “Como aconteceu **nos dias de Noé, assim** também será **nos dias do Filho do homem**” — nos dias da sua **presença**. Não **antes** dos seus dias, nem **depois** dos seus dias, **mas (durante)** seus dias, o mundo estará comendo, bebendo, casando-se, comprando, vendendo, plantando, e construindo. Estas Escrituras, então, claramente ensinam que o nosso Senhor estará **presente** no fim desta idade, totalmente desconhecido ao mundo, e despercebido por eles.

Ainda que não haverá mais **dilúvio** para destruir a terra (Gên. 9:11), está escrito que a terra toda será consumida pelo **fogo** do zelo de Deus (Sof. 3:8) — não a literal, a terra física, em qualquer caso, mas a existente **ordem de** coisas em ambos casos: na primeira instância realizado por afogamento de todo o povo com exceção da família de Noé; no último, por queimar todos, com exceção da família de Deus, no fogo simbólico — a grande tribulação do dia do Senhor. Os filhos fiéis de Deus serão considerados por merecedores para que possam escapar de todas estas coisas que hão de acontecer na Terra (Luc. 21:36): não necessariamente por estarem ausentes, levados da Terra mas possivelmente por tornarem-se à prova de fogo, como na ilustração típica dos três hebreus que andaram passeando no meio da fornalha de fogo ardente aquecida sete vezes mais do que se costumava aquecer, em cujos mantos, ainda, não havia nem o cheiro de fogo; porque um semelhante ao Filho de Deus estava presente com eles. — Dan. 3:19-25.

Em seguida notaremos as Escrituras que ensinam que muitos na Igreja, por algum tempo, serão ignorantes da presença do Senhor, e da “ceifa” e do fim desta idade, enquanto ele deveras está presente, e o trabalho da ceifa está em progresso.

Os últimos versículos de Mateus 24, desde 42 até o fim, são muito significantes. No versículo 37 o nosso Senhor tinha mostrado que o mundo não compreendia nada da parousia do Filho do homem; e agora avisa aos seus discípulos professos que, a menos que estejam de guarda, estarão semelhantemente em trevas com respeito a sua **parousia**. Ele disse: “Vigiai, pois, porque não sabeis em que dia vem [**erchomai** — chega] o vosso Senhor.” Se pessoas esperassem um ladrão num tempo definido, ficariam despertadas para não serem apanhadas de improviso; portanto vós deveis estar sempre vigilantes, sempre de prontidão, e sempre vigiando pela primeira evidência da minha **parousia**. Em resposta da vossa pergunta, “**quando** serão essas coisas”, apenas vos digo vigiai e estai preparados, e quando eu chegar, quando eu estiver **presente**, comunicarei o fato a todos que são fiéis e estão vigiando, e apenas eles terão o direito de saber. Todos os outros devem e têm que estar nas trevas exteriores, e têm que aprender com e como o mundo — por meio de tribulação.

“Quem é, **pois** [na “ceifa”], o servo fiel e prudente, que o senhor pôs\* sobre os seus serviçais, para a tempo dar-lhes o sustento? Bem-aventurado aquele servo a quem o seu senhor, quando vier [**erchomai** — quando ele **chegar**], achar assim fazendo. Em verdade vos digo que o porá sobre todos os seus bens” — todo o vasto armazém de verdade preciosa abrir-se-á a tais servos fiéis, para fortalecer, suprir e alimentar a todos os da família da fé.

Porém se o coração do servo não é reto, dirá: Meu senhor tarda em vir [**não tem chegado**], e começará espancar [opor e contradizer] os seus conservos [aqueles os que discordam com ele;

---

\*MSS Vaticano e Sinaítico lê-se “**deve fazer**.”

os que portanto estão declarando o oposto — Meu Senhor não tarda, mas **tem vindo**, está **presente**]. Tal pode comer e beber com os ébrios [tornar-se embriagado com o espírito do mundo], mas, virá [grego, **heko** — chegará] o senhor daquele servo, chegará num dia em que não o espera, e numa hora de que não sabe, e cortá-lo-á pelo meio [por ser um dos servos privilegiado para a tempo dar sustento aos serviçais], e lhe dará a sua parte com os hipócritas [ainda que não será um hipócrita, mas um servo genuíno, ele deve, por causa da incredulidade e exagero, ter a sua parte com os hipócritas na perplexidade e tribulação que está vindo sobre a Babilônia]; “ali haverá choro e ranger de dentes”.

O antecedente, cuidadosamente examinado, nos ensina claramente que no fim desta idade haverá uma classe negando que o Senhor **está presente** (não negando que ele virá em algum tempo, mas negando que ele veio), e espancando ou asperamente contrariando esses conservos que portanto devem de estar ensinando o oposto — que o Senhor tem vindo. Qual é o fiel, o verdadeiro servo, e qual aquele em erro, está claramente determinado pelo nosso Senhor. O fiel, aquele que encontrar-se dando o “sustento” adequado, será enaltecido e dando-lhes a mais plena administração sobre o armazém da verdade, com aumentada habilidade cada vez maior para apresentá-lo perante a família da fé, enquanto o mau servo será gradualmente separado e cada vez mais persuadir-se-á e concluirá simpatia com os meros professores ou hipócritas. E note o fato de que o que não é fiel é assim cortado, ou separado, num tempo de que **não sabe** — no tempo da ceifa — enquanto o seu Senhor está realmente **presente** sem que ele o saiba, escolhendo e ajuntando as suas jóias. — Mat. 13:30; Sal. 50:5; Mal. 3:17; Mat. 24:31.

Especificamos aqui, apenas para mostrar que, em resposta à pergunta dos discípulos acerca de sinais e evidências da sua segunda **presença**, o nosso Senhor ensinou que nem o mundo nem os servos infiéis estariam cientes dela, até o fogo intenso de tribula-

ção tiver pelo menos começado. Evidentemente os fiéis o **verão presente** apenas pelo olho da fé — por meio das Escrituras que dantes foram escritas para o seu ensino, para serem compreendidas no momento em que chega o seu tempo. Verdades presentes em todo assunto são partes dos “seus bens” e tesouro de coisas novas e velhas que o nosso Senhor pôs diante de nos e agora sinceramente dá-nos. — Mat. 24:45-47.

Enquanto desta maneira, por indicações preditas, o Senhor fez preparação ampla para habilitar a Igreja afim de reconhecer a presença dele a seu tempo, ainda que não lhe veriam com o olho natural, também nos avisou cuidadosamente contra enganos que se levantariam — enganos que pareceriam tão plausíveis, de modo que, se possível fora, enganariam até os escolhidos. No entanto, isto não é possível, porque todos os escolhidos prestam atenção cuidadosa ao aviso, e estudiosamente familiarizam-se com as preditas indicações da sua presença, e estão vigiando por seu cumprimento. Aqueles de diferente opinião não são da classe escolhida. Apenas os vencedores hão de reinar com o Senhor. Estes enganos, como mostrar-se-ão num estudo seguinte, já existem, e estão induzindo muitos a engano. Mas, graças a Deus, os escolhidos estão prevenidos e premunidos, e não enganar-se-ão nem desanimar-se-ão. Embora nuvens e escuridão estão ao redor dele, reconhecem a sua presença, e exultam-se porque a sua redenção se aproxima. Se, pois, alguém vos disser: Eis aqui o Cristo! ou: Ei-lo aí! [em qualquer **lugar** particular], não acrediteis. Portanto se vos disserem: Eis que ele está no deserto; não saiais; ou Eis que ele está no interior da casa, não acrediteis. Porque assim como a resplandecente luz do sol, que gradualmente aparece e ilumina sobre a terra, **assim será a sua presença.** (Mat. 24:23, 26, 27) Manifestar-se-á como predito, pela luz amanhecendo da verdade — verdade em todo tópico, como agora a vemos tão rápida e gloriosamente desenvolvendo-se. Ainda uns poucos anos, e plena-

mente nascerá o Sol da justiça, trazendo curas nas suas asas para abençoar e levantar o mundo acometido de morte.

À vista das evidências apresentadas neste e nos precedentes como também nos seguintes estudos, não hesitamos em anunciar a animadora informação, que o Mestre de novo está presente, como o Líder Ceifeiro — não na carne, como na ceifa judaica, mas com poder e grande glória, como o exaltado soberanamente, o Cristo divino, cujo corpo glorioso agora é “a expressa imagem” do Ser do Pai, ainda que o seu ser glorioso está com benevolência vendado da visão humana. Ele está “inaugurando o seu reino de justiça; a sua foice da verdade está separando; ele está congregando em unidade de coração e mente as maduras primícias do Israel espiritual; e em breve esse “corpo” eleito estará completo e governará e abençoará ao mundo.

Este anúncio é feito aqui, para que enquanto prossigamos o leitor possa ter a idéia mais clara do que as profecias de tempo mais particularmente indicam, quando demonstrar-se-á que a ceifa, e todos os seus concomitantes eventos estão **agora** cronologicamente devidos, e acontecendo como foi predito.

Assim vistas, estas profecias de tempo e toda esta particularidade de instrução com referência à maneira e às circunstâncias concomitantes da aparição do Senhor não foram dadas para alarmar o mundo, nem para satisfazer à curiosidade ociosa, nem para despertar a uma adormecida igreja nominal; mas foram dadas por norma para que aqueles que não estão dormindo, e que não são do mundo, senão que estão despertos, consagrados e fiéis, e sinceros estudantes do plano do seu Pai, pudessem ser informados da significância dos eventos acontecendo, e não ficarem em trevas sobre o assunto e com respeito a **eventos que não são discerníveis de nenhum outro modo com certeza** — a ceifa, a presença do grande Ceifeiro, o debulho e a peneiração do verdadeiro trigo, o atar e a queima do joio no tempo de tribulação, etc.

### Escárnio e Zombaria Preditos

O apóstolo Pedro descreve como alguns dos servos infiéis e hipócritas escarnecerão com zombaria durante a **presença** do Senhor, ainda como escarneciam nos dias de Noé. (2 Ped. 3:3, 4, 10, 12) Note que o Apóstolo escreveu à Igreja, e que os escarnecedores que descreve estão **na** igreja nominal e declaradamente interessados no plano e trabalho do Senhor, e portanto crentes de que ele **virá em alguma ocasião**. O escárnio descrito é no mesmo assunto aqui notado, e tal como ouvimos e ouviremos de cristãos professos, em qualquer tempo que apresentasse o assunto da presença do Senhor e do trabalho da ceifa, etc. Geralmente os cristãos antes de pesquisarem o assunto, têm tais idéias de manifestações literais de fogo, trombetas, vozes, etc., e de ver o Senhor descendo pelo ar, um brilhante corpo de carne, esses quando ouvem da sua **presença** invisível, sem tomar o tempo para pesquisar um assunto sobre o qual sentem-se tão seguros, ocupados com planos mundanos, e embriagados com o espírito do mundo, rejeitam a matéria prontamente como indigna de investigação.

É a esta classe de cristãos professos que o Apóstolo faz alusão, dizendo: “nos últimos dias [nos anos finais da Idade Evangélica — na “ceifa”] virão escarnecedores com zombaria, andando segundo as suas próprias concupiscências [planos, teorias, etc.], dizendo: **Onde** está a promessa da sua **presença** [parousia]? porque desde que os pais dormiram, todas as coisas permanecem como desde o princípio da criação”. Quando refere-se à declaração do nosso Senhor (Mat. 24:37-39; Luc. 17:26) de que nos **seus dias**, nos dias da sua **presença**, as coisas deveras continuariam como antes; e que, como nos dias de Noé, os povos comeriam, beberiam, casariam, plantariam e edificariam; e que, assim como naquele tempo, o mundo **não perceberia** a sua presença, e não notaria os sinais das rápidas e grandes mudanças exatamente à mão, os povos estão

ocupados demais para considerar o testemunho cuidadosamente, e somente continuam escarnecendo com zombaria.

Ah! diz Pedro, esquecem da grande mudança que aconteceu nos dias de Noé; e então, sob o símbolo de fogo, descreve o irresistível dilúvio de tribulação que dentro de pouco tempo alcançará o mundo inteiro, completamente derrotando todo governo civil e eclesiástico [os céus] e dissolvendo a inteira estrutura social [a terra] — produzindo anarquia e caos social até que os novos céus [poderes governamentais — o Reino de Deus] estarão estabelecidos plenamente, tanto como uma nova terra [a sociedade organizada numa nova e melhor base, de amor, igualdade, e retidão]. O Apóstolo então lembra-nos (verso 8) de que este Dia da **presença** do Senhor, que a Igreja por muito tempo tem esperado e contemplado, é um dia de mil anos — o milênio do reino de Cristo na Terra.

No versículo 10 nos assegura: “Virá [grego, **heko** — **chegar**], pois, **como ladrão\*** [despercebidamente, pelas caladas: estará presente, enquanto alguns estão zombando e espancando a esses conservos que declaram a verdade] o dia do Senhor”. Então o Apóstolo exorta aos santos para separação do mundo; que não sejam absorvidos por política, por dinheiro, lucros, etc., mas que ponham as suas afeições nas coisas mais altas. Diz: Visto que no plano de Deus as atuais condições mundanas são apenas temporárias e em breve cederão lugar à melhor ordem, que tipo de pessoas devemos ser em santo procedimento e piedade? — **“aguardando ... a presença [parousia] do dia de Deus”** — vigiando pelas evidências (sinais) afim de comprovar que tem chegado.

E, graças a Deus, a sua provisão é tão abundante que todos aqueles piedosos, que estão **aguardando** por esse dia, saberão dele antes da total explosão do fogo da ira. Através do Paulo nos assegura que nenhum dos filhos da luz estarão deixados em trevas,

---

\*Velhos Manuscritos omitem aqui as palavras, **“de noite.”**

para que aquele dia os surpreenda. (I Tess. 5:4) Portanto, ainda que já estamos **no** dia da **presença** do Senhor, e no começo do grande fogo de tribulação, vemos que isto é ainda assim como mostrados em símbolo (Apoc. 7:1, 2) — a tempestade está mantida sob controle até que os servos fiéis de Deus sejam selados “na sua frente”: isto é, até que a tais seja dada uma apreciação intelectual do **tempo, presença**, etc., o que não somente os confortará, e os protegerá, senão também será um **signal**, selo ou evidência da sua filiação, como indicado pelo nosso Senhor, quando prometeu, que o Espírito Santo anunciaria aos fiéis “as coisas **vindouras**”. — João 16:13.

Alguns tomam a declaração de Pedro literalmente, de que “os céus passarão com grande estrondo, e os elementos, ardendo, se dissolverão”; e também a descrição do Revelador dos mesmos eventos, por um símbolo muito semelhante, “o céu recolheu-se como um livro que se enrola”. Pareceria, no entanto, que uma olhada dirigida para cima às miríades de jóias da noite resplandecendo através de milhões de milhas no espaço, com nada entre elas para enrolar e remover-se, nem pegar fogo, deve ser argumentação bastante em um momento para convencer a tais que tinham errado em supor que estas declarações sejam literais — deve convencê-los que a sua expectativa de um cumprimento literal é absurdo em extremo.

Assim, então, Deus escondeu da humanidade sob figuras de trombetas, vozes, fogo, etc., informação (que não foi para os mundanos saber, senão apenas para o “pequeno rebanho” de santos consagrados) com respeito à ceifa, a presença do Senhor, o seu reino espiritual, etc. E todavia as arranjou para que em seu tempo, falassem claramente e enfaticamente à classe para qual programou a informação. Tal como no primeiro advento, assim a uma classe consagrada similar pode dizer-se agora, no tempo do segundo advento — “A vós é confiado o mistério do reino de Deus, mas aos de fora tudo se lhes diz por parábolas” — em figuras e

enigmas — a fim de que, ainda que tenham a Bíblia na frente deles, outros fora dos consagrados não possam realmente verem e entenderem. — Mar. 4:11, 12.

O mundo não está ignorante dos eventos e circunstâncias sem precedente do tempo atual, e sua aumentada notabilidade com todo ano que passa. Entretanto não percebendo o grande resultado, estes apenas enchem as suas mentes com escuros presságios do mal. Assim como predito, estão com medo, pela expectativa das coisas que sobrevirão ao mundo; pois os poderes do céu (os atuais poderes governamentais) estão sendo abalados.

### A Ligação da Cadeia Profética

No estudo precedente apresentamos evidência mostrando que os “Tempos dos Gentios” ou seu arrendamento de domínio, terminará plenamente com o ano de 1914 d. C., e que nesse tempo serão derrubados\* e o Reino de Cristo plenamente estabelecido. Que o Senhor deve estar presente, e estabelecer o seu Reino e exercitar seu grande poder de tal modo para despedaçar as nações como a um vaso de oleiro, está então claramente determinado. “Mas, nos dias desses reis” — antes da sua derrota — a saber, antes de 1914 d. C. — que o Deus do céu suscitará o seu Reino. E **ESTE esmiuçará e consumirá todos esses reinos.** (Dan. 2:44) E em harmonia com isto, vemos em toda parte evidência do começo de transtorno, abalo, e derrocamento dos poderes atuais, em preparação para o estabelecimento do reino “que não pode ser abalado” — o governo forte.

O próximo estudo apresentará evidência da Bíblia que 1874 d.C. foi a data exata do começo dos “Tempos da Restauração”, e

---

\*Quanto tempo isto requererá para executar este derrocamento não está nos informado, no entanto existe razão para crer que o período será breve”.

portanto da volta do nosso Senhor. Desde essa data ele tem estado verificando a sua promessa a esses na atitude própria de vigilância — “Bem-aventurados aqueles servos, aos quais o senhor, quando vier, achar vigiando! Em verdade vos digo que se cingirá, e os fará reclinar-se à mesa e, chegando-se, os servirá.” (Luc. 12:37) Ainda assim, tem aberto para nós as Escrituras, mostrando-nos verdade concernente à sua presente natureza gloriosa, o objetivo, a maneira e o tempo da sua vinda, e o caráter das suas manifestações aos da família da fé e ao mundo. Tem chagado a nossa atenção a profecias que nos colocam definitivamente na corrente de tempo, e tem mostrado-nos a ordem do seu plano de operações neste tempo da ceifa. Tem demonstrado-nos, antes de tudo, que é uma ceifa dos santos, um tempo para o seu pleno amadurecimento, e para sua separação do joio; e em segundo lugar, que é um tempo do mundo para colher a sua ceifa de turbulência — para a vindima dos cachos de uvas da vinha da terra, e o pisar dos seus frutos no grande lagar da ira de Deus Todo-poderoso. Ele tem mostrado-nos que ambos destes amadurecimentos (Apoc. 14:1-4, 18-20) completar-se-ão num período de quarenta anos, terminando com o ano 1915 d.C.\*

Mas enquanto o leitor está assim informado de que será comprovado nos estudos seguintes, não deve esperar passagens das Escrituras apontadas em que estas matérias e estas datas sejam obviamente escritas. Ao contrário, deve tê-lo em mente que todas estas coisas têm sido **escondidas** pelo Senhor, de tal maneira que não poderiam ser entendidas nem apreciadas até que o devido tempo tivesse vindo, e então somente pelos seus sinceros, filhos fiéis, que estimam a verdade como mais preciosa do que os rubis e os diamantes, e que estão dispostos a procurá-la assim como os povos procuram por ouro e prata. Verdade, como prata, tem que ser não somente minerada, mas também refinada, separada da escória, antes que seu valor possa ser avaliado com precisão. As coisas aqui

---

\*Veja o Prefácio do Autor, páginas III-V.

afirmadas em poucas palavras serão comprovadas ponto por ponto; e enquanto muitos podem preferir tomar uma declaração sem o trabalho de verificá-la nas Escrituras, isto não será o caso com o buscador sincero da verdade. Ele deve, tanto quanto possível, fazer a todo ponto, argumento e sua própria comprovação, diretamente da Palavra de Deus, por traçar todas as ligações, e assim convencendo a si mesmo da veracidade do relatório apresentado.

Ainda que o Senhor previu isto, e os servos dão “a tempo” “o sustento” para os “serviçais”, todavia cada um, para ser fortalecido pelo mesmo, tem que comer este alimento individualmente.

“Meus olhos vêem glória da presença do Senhor;  
Já pisa uvas no lagar da grã ira de Deus;  
Sua espada deixa já ouvir o seu fragor:  
Já marcha nosso Rei.”

Glória, Glória, Aleluia! Glória, Glória,  
Aleluia! Glória, Glória, Aleluia!  
Já marcha nosso Rei.

“Juízos Seus que rodeiam a Terra posso ver,  
Sinais que preludiam da aurora o nascer;  
Eu leio Sua sentença nos tronos a cair:  
Já marcha nosso Rei.

“Os ‘Tempos dos Gentios’ já chegaram ao fim,  
Com eles o pecado e tristeza partirão;  
Chegou Leão da tribo de Judá a dominar:  
Já marcha nosso Rei.

“Já soa sétima trombeta, vence nosso Rei,  
Julgar há ante trono, povos e seus corações  
Apressa alma minha recebê-lo com amor:  
Já marcha nosso Rei.”

## ESTUDO VI

### O GRANDE JUBILEU DA TERRA

“Os Tempos da Restauração de Todas as Coisas” Preditos por Moisés — Indicada a Data do seu Começo — Não Podem Começar antes da Vinda do Grande Restaurador — Evidência da Lei — Testemunho Corroborativo dos Profetas — Lógicas Conclusões Tiradas Destes como Separadamente e Unidamente Consideradas — Harmonia das Indicações Presentes.

“EM VERDADE vos digo que, até que o céu e a terra passem, de modo nenhum passará da lei um só i ou um só til, até que tudo seja **cumprido.**” — Mat. 5:18.

É somente quando reconhecemos o caráter típico dos procedimentos de Deus para com Israel, que podemos corretamente apreciar a história maravilhosa desse povo, ou entender por que a sua história, em preferência a essa de todas as outras nações, é tão particularmente registrada pelos profetas e os escritores do Novo Testamento. Nesses procedimentos, como os escritores do Novo Testamento mostram, Deus tem dado ilustrações fortes dos seus planos, para os ambos a Igreja e o mundo. Seu serviço do Tabernáculo, tão minuciosamente prescrito na Lei divinamente dada, com suas imolações de animais e todos os seus arranjos peculiares, suas festas e dias santos, seus sábados, e todas as suas cerimônias, como tipos apontaram para diante a antítipos, muito mais amplos, altos e maiores do que aquelas sombras. E o apóstolo Paulo assegura-nos que esses antítipos serão carregados de bênçãos para o gênero humano, quando diz que a Lei prefigurou “bens **futuros**” e “coisas vindouras” (Heb. 10:1; 8:5; Col. 2:17); enquanto o nosso Senhor, na expressão acima, nos assevera que todos os bens e coisas prefiguradas são seguros de cumprimento.

No entanto, ao considerar tipos, deveríamos cuidadosamente evitar o erro de muita gente bem intencionada, que, quando come-

çam ver que nas Escrituras existem tipos significantes, correm ao extremo de considerar a cada figura e incidente na Bíblia como típicos, e assim conduzem-se ao erro por mera curiosidade e ingenuidade. Nós não edificamos sobre fundamento tão inseguro, quando examinamos as cerimônias da Lei judaica, dadas especialmente como tipos e declaradas pelos Apóstolos de serem tais. Nem podemos permitir que estes tipos passem sem a consideração devida e cuidadoso estudo das lições que eles ensinam, assim como não podemos dispor de tempo em especulação e em edificação de fé sobre mera conjectura.

Quando o nosso Senhor disse que, de modo nenhum passará da Lei um só i ou um só til, até que tudo seja cumprido, referiu não somente ao cumprimento das suas obrigações do pacto para todos sob esse Pacto da Lei, acabando seu poder sobre eles por satisfazer as suas demandas contra eles totalmente com a sua própria vida, mas também ele significou mais do que isto: Ele significou, além disso, que todas as bênçãos expressadas nele tipicamente também seriam seguras de cumprimento numa escala antitípica. Em todas as cerimônias judaicas, Deus não mandou fazer nenhum tipo que seria sem significado, ou passaria sem cumprimento; e a observância de todos os tipos continuava até que seu cumprimento **pelo menos começou**. Todos os tipos têm que repetir-se continuamente, até que seus antítipos apareçam; pois aguarda do tipo não é o cumprimento dele. O cumprimento alcança-se onde o tipo termina-se, sendo substituído pela realidade, o antítipo.

Assim, por exemplo: a matança do cordeiro pascal cumpriu-se na morte de Cristo, o “Cordeiro de Deus”, e aí começou a bênção especial sobre os primogênitos antitípicos, os crentes da Idade Evangélica. A bênção, alimentada neste tipo, não está ainda completamente cumprida, ainda que o cumprimento começou com a morte de Cristo, nosso Cordeiro Pascal. De outra maneira, toda cerimônia prescrita na Lei evidencia-se ser cheia de significância típica. E a particularidade com que a observância de todo detalhe

dos tipos foi obrigada através da Idade Judaica, dá ênfase às palavras do nosso Senhor acima citadas — que toda particularidade exata, todo i e til, têm de ser tão detalhadamente cumpridos como era com exatidão obrigado nas cerimônias da Lei.

Neste estudo propomos examinar esse delineamento típico da Lei Mosaica conhecido como o Jubileu, e demonstrar que ele foi planejado para prefigurar a grande Restauração, a recuperação da humanidade da queda, para realizar-se na Idade Milenária; que no seu caráter foi uma ilustração da Restauração vindoura; e que na maneira de seu cálculo fornece regulamentos de tempo que, quando compreendidos e aplicados, indicam claramente **o tempo para o começo do antítipo**, a “Restauração de todas as coisas”. At. 3:19-21.

Posto que o Jubileu era uma parte da Lei, e desde que a repetição não cumpre-o, e desde que o nosso Senhor declarou que o tipo não pode passar sem cumprimento; e além disso, visto que sabemos que nenhuma tal restauração de todas as coisas, como essa predita por todos “seus santos profetas, desde o princípio”, e prefigurada neste tipo, tinha já ocorrido, sabemos que tem que **cumprir-se** no futuro.

### O Ano do Jubileu de Israel

O ano de Jubileu foi um Sábado de descanso e refrigério, assim para o povo como para a terra que Deus lhes deu. Foi o principal de uma série de sábados ou descansos.\* Tinham um **dia** de sábado todo sétimo dia; e uma vez cada ano estes dias de Sábado típico alcançaram um clímax — a saber, um ciclo de sete destes sábados, assim marcando um período de quarenta e nove dias ( $7 \times 7 = 49$ ), era seguido por um **dia de Jubileu**, o quinquagésimo dia (Lev. 23:15, 16), conhecido entre os judeus como Pentecostes. Era um dia de alegria e ação de graças.

---

\*A palavra “sábado”, significa **descanso**.

O **ano** de sábado ocorreu cada sétimo ano. Durante o qual era permitido à terra descansar, e não deviam colher nem plantar. Um clímax destes anos de Sábado (descansos) efetuou-se na mesma maneira que o Pentecostes, ou quinquagésimo sábado. Sete dos anos de sábado, abraçando um período de sete vezes sete anos, ou quarenta e nove anos ( $7 \times 7 = 49$ ), constituiu um ciclo de anos de sábados; e o ano seguinte, o **ANO QÜINQUAGÉSIMO, FOI O ANO DO JUBILEU**.

Permitam examinarmos tomando em consideração o Jubileu e marcar sua aptidão como uma ilustração do grande milênio da restauração.

Quando Israel entrou em Canaã, a terra foi dividida entre os judeus por sorte, segundo as suas tribos e famílias. O sucesso depois poderia aumentar, ou a adversidade reduzir, as suas posses individuais, seja o caso como for. Se um homem ficasse envolvido com dívida, poderia ser obrigado a vender uma parte ou ainda toda sua propriedade, e com a sua família entrar em servidão. Porém Deus fez a provisão generosa para o desventurado: Ele arranjou que tais circunstâncias adversas não continuariam para sempre, senão que todas as suas contas — créditos e dívidas — deviam ser contadas apenas até o Ano do Jubileu, quando todos haviam de ser libertados de velhas dificuldades para fazer um novo começo para o próximo período de cinquenta anos.\*

Assim todo quinquagésimo ano, a contar do tempo da sua entrada em Canaã, era para Israel um ano de Jubileu, um tempo de alegria e restauração, em que famílias separadas eram reunidas, e terrenos perdidos foram restaurados. Não é de admitir que foi chamado

---

\*Um arranjo algo parecido sob um **Lei de Bancarrota** tem sido achado em nossos dias e na nossa terra, assim endossando o princípio então enunciado. Nem segue, que um cancelamento de dívidas cada **cinquenta anos**, e a **forma** judaica, nos serviriam melhor do que os métodos de hoje; pois no seu caso, o tempo, as circunstâncias, etc., não eram **especialmente** para eles mesmos, a sua conveniência, e as circunstâncias, mas **especialmente** como lições e figuras proféticas relativas ao plano de Deus no seu desenvolvimento futuro.

Jubileu. Se a propriedade tinha sido vendida por dívida, devia considerar-se apenas uma dádiva de tal propriedade até o ano do Jubileu, e o preço que atrairia se vendida dependia sobre se o vindouro Jubileu estava próximo ou distante.

A história desta observância encontra-se no livro de Levítico capítulo 25. Os versículos 10 até 16 dizem assim: “E santificareis o ano quinquagésimo, e apregoareis liberdade na terra a todos os seus habitantes; ano de jubileu será para vós; pois tornareis, cada um à sua possessão, e cada um à sua família. ... Se venderdes alguma coisa ao vosso próximo ou a comprardes da mão do vosso próximo, não vos defraudareis uns aos outros. Conforme o número de anos desde o jubileu é que comprarás ao teu próximo, e conforme o número de anos das colheitas é que ele te venderá. Quanto mais forem os anos, tanto mais aumentarás o preço, e quanto menos forem os anos, tanto mais abaixarás o preço”.

Este arranjo previsto por Deus através do seu líder e mediador típico, Moisés, ainda que em si era um amparo abençoado, prenunciava uma bênção ainda mais grande, que Deus tinha em vista — a liberação de toda a humanidade da dívida do pecado e da sua escravidão e servidão, por meio de Cristo nosso Senhor, o grande Mediador e Libertador, quem Moisés tipificava. (Deut. 18:15) Foi assim, em tipos, que Moisés escreveu de Cristo e as bênçãos que hão de vir por meio dele (João 5:46; 1:45) — a Grande Restauração e Jubileu que hão de vir para toda a raça, agora gemendo sob o cativeiro da corrupção e do pecado.

Se a sombra trouxe alegria e regozijo ao povo típico, a substancial, a real restauração, resultará em regozijo sem limites e de fato será um grande Jubileu para todo o povo — todo o mundo, incluindo Israel, sendo tipificado por esse povo, assim como o seu

sacerdócio representava a Igreja, o “sacerdócio real”. Ainda se não fossemos definitivamente informados, o que seria mais razoável do que presumir que o mesmo amor infinito que providenciou o bem-estar temporário de Israel, um “povo de dura cerviz”, quanto mais faria provisão para o duradouro bem-estar do mundo inteiro, o qual Deus amou de tal maneira que o remiu, sendo os homens ainda pecadores? Aqui pode ser bom notar o que mostrar-se-á mais plenamente depois, que embora num aspecto os israelitas eram típicos dos crentes da Idade Evangélica, em outro representaram a todos aqueles que, em qualquer idade, crerão a Deus e aceitarão a sua direção. E neste caráter estamos considerando-os agora. O seu pacto, selado com o sangue de bodes e touros, foi típico do Novo Pacto, selado com o precioso sangue de Cristo, sob o qual a reconciliação do mundo efetuar-se-á na idade vindoura. Seu dia da expiação e as suas ofertas pelo pecado, ainda que no tipo para esse povo, e para os seus pecados somente, tipificavam os “sacrifícios melhores” e a expiação efetiva **pelos pecados “de todo o mundo”**. Mas note que o Jubileu foi aplicado não ao sacerdócio de Israel (típico da Igreja Evangélica), mas aos **outros somente**; pois ao sacerdócio não foram dadas posses, e portanto não podiam perderem alguma nem tinham restaurado alguma. O Jubileu era para todo o povo exceto a tribo sacerdotal, e daqui tipificava, não aquelas bênçãos que hão de vir à Igreja, o “Sacerdócio Real”, porém as bênçãos da restauração — bênçãos terrestres — no tempo próprio para virem sobre todos aqueles que cheguem a ser crentes e seguidores de Deus.

O ensino deste tipo está em perfeito acordo com o que temos aprendido no nosso exame de O Plano Divino das Idades. Aponta inequivocamente aos “Tempos da Restauração de todas as coisas, das quais Deus falou pela boca dos seus santos profetas, desde o princípio”. Moisés foi um dos profetas; e aqui particularmente **ele** nos fala da vindoura restauração ao primeiro estado e liberdade do homem, por longo tempo perdidos, vendidos sob o pecado. Pelo

malogro dos nossos primeiros pais tudo foi perdido: todos os direitos foram perdidos por confisco, e todos chegaram a ser escravos ao Pecado tirano, e foram incapazes de libertar-se a si mesmos. O círculo da família tem sido tristemente rompido pelo cativo da corrupção — a morte. Graças a Deus pelo prometido tempo da liberação! O Jubileu está próximo, e logo os cativos da Morte e escravos do Pecado voltarão ao seu primeiro estado, a humanidade perfeita, a sua primeira herança, a terra — o dom de Deus por meio de Jesus Cristo, o Mediador e Ratificador do Novo Pacto.

Enquanto no ano do Jubileu típico muitas bênçãos e liberdades restauradas sem demora instituíram-se, no entanto provavelmente a maior parte do ano foi necessária para pôr os afazeres em ordem e inteiramente estabelecer de novo a cada um em todos os seus direitos, liberdades e posses anteriores. Outrossim com o antítipo, a Idade Milenária da Restauração: abrir-se-á com reformas extensas, com o reconhecimento de direitos, e liberdades e posses por muito tempo desconsiderados; entretanto o trabalho de completamente restaurar (aos obedientes) **tudo o que perdeu-se originalmente** requererá toda essa idade da restauração — mil anos.

É certo que nenhum antítipo do Jubileu correspondendo aos delineamentos deste tipo já tenha ocorrido. E, no vigor da afirmação do nosso Senhor, igualmente confiamos em que o tipo não poderia passar sem cumprir-se: “É, porém, mais fácil passar o céu e a terra do que cair um til da lei.” (Luc. 16:17) Não obstante, **aparentemente**, este delineamento da Lei tinha falhado. O fato é que, o tipo, o qual foi observado regularmente todo quinquagésimo ano durante o tempo em que os israelitas estavam na sua própria terra, não tem sido observado desde o seu cativo em Babilônia. **Aparentemente**, portanto, este delineamento da Lei “passou” sem ainda **começar** um cumprimento. O que responderemos defrontando-se com esta aparente contradição da declaração do Senhor? Mas é realmente assim? Ou pode encontrar-se qualquer Antítipo do Jubileu, a partir donde a última observância do Jubileu

típico terminou-se? Sim, contestamos; um antítipo claramente definido teve o seu começo nesse ponto exato, e em grande escala, como os antítipos sempre são. Vemos, por cumprimento efetivo, que os **ciclos**, tão bem como os Anos do Jubileu em que culminaram, incluíam-se no tipo; e que o mesmo **método** pelo qual o Jubileu típico era indicado (pela multiplicação) devia observar-se ao calcular o tempo para do antítipo — o Grande Jubileu da Terra. Quando o último Jubileu típico tinha sido observado e tinha passado, **o grande ciclo começou a contar-se**, o fim do qual introduzirá o Jubileu antítípico ou Idade da Restauração.

Já temos referido ao método de contar os sábados — que a multiplicação do sábado ou sétimo dia por sete ( $7 \times 7 = 49$ ) indicou a Pentecostes, o Dia do Jubileu que seguia; e a multiplicação do sétimo ano por sete ( $7 \times 7 = 49$ ) fazia o ciclo que indicava e conduzia para o quinquagésimo ano, ou Ano do Jubileu. E o mesmo sistema efetuado indicaria que para alcançar o grande antítipo que procuramos, devemos da mesma maneira enquadrar o Jubileu — isto é, multiplicar ao quinquagésimo ano por cinquenta. Em outras palavras, o ciclo antítípico, pelo método de multiplicar aqui nos ensinado, deve calcular-se por multiplicar o Jubileu típico ou quinquagésimo ano sabático por cinquenta, assim como ao alcançá-lo multiplicamos o sétimo ano sabático por sete. Lev. 25:2-13.

Ao seguir este método divinamente indicado de calcular, resultados maravilhosos abrem-se ante nós, que nos asseguram que temos a chave correta e estamos usando-a como intentado por Ele que formou este guarda-jóias. Cinquenta vezes cinquenta anos dá o longo período de dois mil e quinhentos anos ( $50 \times 50 = 2500$ ), como a duração desse grande **ciclo**, que começou a contar-se quando o último Jubileu típico de Israel terminou, e que tem de culminar-se no grande Jubileu antítípico. Sabemos que onde o tipo cessou deve de ter **começado a contagem** de um tal ciclo; porque,

se de modo nenhum passará da Lei um só i ou um só til sem um cumprimento pelo menos começar, então o tipo do Jubileu, o que era muito mais do que um i ou til, de fato um delineamento grande e importante da Lei, não teria sido permitido passar até o tempo próprio para o seu antítipo começar. É evidente que o antítipo do Jubileu não começou de nenhuma maneira quando os israelitas cessaram de observá-lo; daqui podemos estar certos que a contagem de um grande **ciclo** começou nesse então. O novo, longo ciclo principiou lá, ainda que Israel e todo o mundo são ambos ignorantes do fato de que um grande ciclo tem estado em **contagem**, e também do grande Jubileu antitípico pelo qual terminar-se-á. Não devemos de esperar pelo grande Jubileu de Jubileus para começar **depois** deste ciclo, senão como o antítipo para tomar o lugar do quinquagésimo ou último Jubileu do ciclo. Um antítipo nunca **segue** ao seu tipo, mas toma o seu lugar na mesma data. Por isso o ano 2500, que seria o grande quinquagésimo Jubileu, há de ser o antítipo, o verdadeiro Jubileu ou Restauração. Mas em vez de ser um ano, como no tipo, será mais grande. Será o começo do grande Jubileu de mil anos — o milênio do reino de Cristo na Terra. Exatamente como consta tinha estado no cumprimento de todo tipo no **tempo** em que foi um delineamento. Assim a efusão pentecostal do Espírito Santo veio no dia típico de Pentecostes — ou quinquagésimo dia. Cristo, nosso sacrifício pascoal, morreu na mesma noite em que era decretado para o cordeiro típico ser matado — um dia antes ou um dia depois não corresponderia. Deste modo aqui, não o ano depois nem o ano antes do ano 2500, ou fim do ciclo típico, corresponderia; no entanto exatamente esse ano, ao começar de outubro, 1874, deve ter principiado o antítipo dos tempos da Restauração.

A observância do tipo não pode cessar até que o grande ciclo (50 x 50) começou a ser contado. O ponto importante para determinar-se, então, é a **data exata** em que o último Jubileu típico foi observado por Israel. Com essa data definitivamente estabelecida,

chega a ser bem fácil contar o grande ciclo de cinqüenta vezes cinqüenta ou vinte e cinco centenas de anos, e assim determinar definitivamente a data do começo do grande Jubileu da Terra — os “Tempos da Restauração de todas as coisas”.

Não obstante, temos que buscar apenas os começos deste trabalho estupendo de restaurar a todas as coisas. Os primeiros poucos dias no Ano do Jubileu típico veriam comparativamente pouco executado; e assim devemos esperar, nos primeiros poucos anos da aurora do grande Jubileu Milenário, ver apenas um pouco realizado. O primeiro trabalho no Ano do Jubileu típico naturalmente seria uma pesquisa de direitos e posses anteriores e a determinação de faltas presentes. Ao traçar o paralelo disto, devemos esperar no antítipo exatamente o que agora vemos acontecendo por todos os lados; pois, como logo demonstrar-se-á, já temos entrado no período do grande Jubileu antítípico, e temos estado nele desde outubro de 1874 d. C. O que é que vemos acontecendo em torno de nós? Vemos investigação da parte do povo da sua original, herança dada por Deus, e suas presentes necessidades, direitos, etc., muitos em ignorância e egoísmo pretendendo o que outros têm; e o esforço de manter tanto quanto possível da parte daqueles que têm posse — causando disputas, controvérsias, greves e dispensa de trabalhadores, com mais ou menos de justiça e injustiça em ambos lados, que finalmente serão deixados à adjudicação de Cristo, assim como as disputas sob a Lei foram decididas por Moisés, e depois da sua morte por aqueles que se assentaram na cadeira de Moisés. (Mat. 23:2) Com estas expectativas e conclusões fixas, faz com que busquemos a data que Deus evidentemente escondeu de nós neste tipo, “afim de compreendermos as coisas que nos foram dadas gratuitamente por Deus”, e agora estão a seu tempo para serem entendidas.

Não temos nenhum registro bíblico **direto** da observância por Israel dos seus Jubileus típicos que mostrariam qual fosse o último observado. Marcamos a data pelo Jubileu imediatamente preceden-

te ao cativo babilônico e setenta anos de desolação da sua terra, como o último, por dois motivos: Primeiro, isto não podia ter acontecido neste lado desta desolação, porque ali, certamente, o **tipo** cessou, “passou”; pois a terra se tornou em desolação por setenta anos e o povo em cativo numa terra estrangeira, um Jubileu devia ter tido devidamente algum lugar no meio destes setenta anos e **devia ter passado e inobservado**. Uma olhada é suficiente para mostrar que os mandamentos e provisões relativos ao Ano do Jubileu não podiam ser cumpridos por eles enquanto como uma nação estavam em cativo e a terra estava desolada. Daqui dizemos que o tipo passou naquele tempo, ou antes da interrupção: isto não podia acontecer ao lado dela. E sempre que a observância do tipo cessou, o **ciclo** do grande antítipo deve ter começado de ser contado. Uma tal falta de observar o tipo indicaria que o **tipo tinha cessado** e que o ciclo conduzindo ao antítipo tinha começado. Outrossim, nunca depois do cativo em Babilônia tinha Israel o controle da terra. Eles e a sua terra têm sido desde então sujeitos ao domínio gentio.

Segundo, em todo cativo antes desse, Deus evidentemente livrou-os dos seus inimigos no tempo de voltarem à sua própria terra para celebrar o Ano do Jubileu, e assim para perpetuá-lo como um tipo até o tempo certo para o grande (50 x 50) ciclo começar de ser contado. Pois os seus cativos prévios, ainda que freqüentes, parece que nunca duraram mais do que quarenta anos, assim permitindo-os, de acordo com o arranjo do Jubileu, livrar-se e receber de novo todo homem a sua herança em cada Ano do Jubileu. Além disso, quando em breve mostraremos que, computado desde o começo dos setenta anos de desolação sob a Babilônia, o grande ciclo termina-se com o ano 1875 d. C., será manifesto a todos que não podia ter começado numa data prematura, antes desse cativo babilônico; pois se colocarmos ainda um Jubileu mais cedo, poria a terminação do ciclo cinquenta

anos mais cedo de que 1875 d. C., a saber, 1825 d. C.; e seguramente nenhuma idade do Jubileu de restauração começou com esse ano.

Assim satisfeitos de que o último Jubileu típico, do qual conta-se o grande ciclo (50 x 50), não foi mais cedo, e **não pôde ser depois** do cativo em Babilônia, e daqui aquele o único Jubileu imediatamente precedente a esse cativo foi o último Ano do Jubileu típico, e que ao seu fim começou a contagem do grande ciclo silencioso, procedemos a achar o tempo exato desse último Jubileu típico, assim:

O sistema de anos sabáticos sendo identificados com a sua **terra**, Canaã, e a sua herança nela, o primeiro ciclo de quarenta e nove anos, conduzindo para o primeiro Jubileu, deve de ser contado começando desde o tempo que entraram em Canaã. Esta inferência razoável faz-se positiva pelas palavras do Senhor — “Quando tiverdes **entrado na terra** que eu vos dou, a terra guardará um sábio [observará o sistema de sábados] ao Senhor. Seis anos semearás a tua terra, e seis anos podarás a tua vinha, e colherás os seus frutos; mas no sétimo ano [da entrada na terra] haverá sábio de descanso solene para a terra”. Assim, então, o ciclo de sete vezes sete, ou quarenta e nove anos ( $7 \times 7 = 49$ ), começou a ser contado **imediatamente**, e o quinquagésimo ano depois da entrada na terra de Canaã foi o primeiro Jubileu típico.\*

---

\*Alguns têm sugerido que como haviam seis anos gastados em guerra antes da repartição da terra terminar, portanto a contagem dos ciclos do Jubileu não começasse até então. Mas não, entraram na terra quando atravessaram o Jordão, e o mandamento diz: “Quando tiverdes entrado na terra”, e não: Quando tiverdes repartido a terra. Ela foi repartida pedaço por pedaço durante os seis anos, mas não ganharam **posse** de toda terra durante esses anos, nem durante um tempo indefinido depois — até que os inimigos fossem expulsos, o que em alguns casos nunca foi concluído. (Veja Josué 18:2, 3; 17:12, 13; 23:4, 7, 13, 15.) Daqui, se tivessem esperado a posse plena antes de começar a contar os ciclos, nunca teriam começado.

Será visto, com referência à tabela da Cronologia, que 969 anos passaram entre a entrada em Canaã e os setenta anos da desolação.

Até a repartição da terra .....	6 anos
Período dos Juízes .....	450 ”
Período dos Reis .....	513 ”
<hr/>	
Total .....	969 anos

Podemos saber quantos Jubileus tinham observado os israelitas até esse tempo por dividir 969 anos por 50. Existiriam 19 quinquagésimos em 969, mostrando esse número de Jubileus, e os restantes 19 anos mostram que seu décimo nono, que foi o último dos Jubileus típicos, ocorreu apenas dezenove anos antes do começo dos setenta anos de desolação da terra enquanto estavam em cativo em Babilônia, e novecentos e cinquenta anos depois da entrada em Canaã.

Lá, então, apenas dezenove anos antes dos setenta anos da desolação da sua terra, ao fim do seu último Jubileu — o décimo nono — o grande ciclo de 2500 anos ( $50 \times 50 = 2500$ ) começou de ser contado; e torna-se uma matéria muito simples para calcular onde terminaram-se esses 2500 anos, e por conseguinte onde as vinte e cinco centenas de anos, o começo do grande Jubileu antitípico, começaram. Assim:

Desde o último ou décimo nono Jubileu até o começo da desolação da Terra .....	19 anos
Período da desolação .....	70 ”
Desde a restauração de Israel por Ciro, até a data conhecida por d. C. (Era Cristã) .....	536 ”
<hr/>	
Daqui, desde seu último Jubileu até 1 d. C. ....	625 ”
O número de anos depois de 1 d. C., necessário para completar o ciclo de 2500 anos .....	<u>1875</u> ”
Desde o último Jubileu observado — Total .....	2500 anos

## TABELA CRONOLÓGICA

Veja página 184

Jubileu típico, datas desde a entrada em Canaã:

Até a divisão da terra.....6 anos.

Período dos Juizes ....450 ”

Período dos Reis .....513 ”

Até a desolação .....969 ”

19 Jubileus .....= 950 ”

Restante .....19 anos.

Desde o último Jubileu até a desolação ...19 anos.

Período da desolação e cativeiro de **todos** em Babilônia ...70 ”

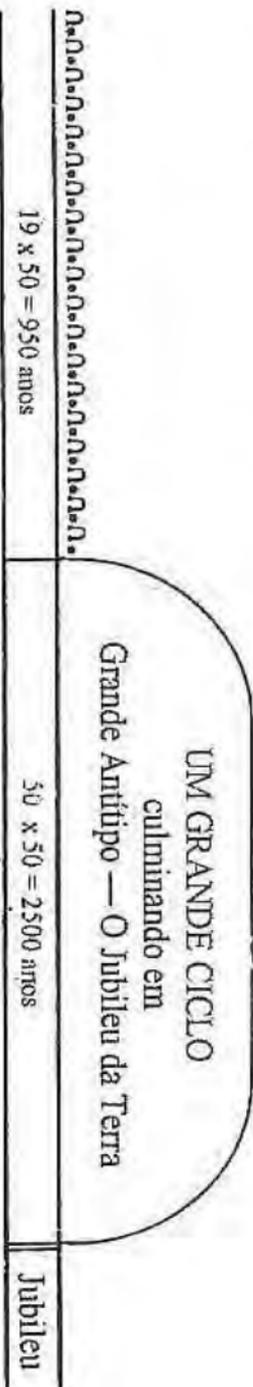
Desde a Restauração à sua terra por **Ciro** até 1 d. C. ....536 ”

Desde o ano 1 d. C. até 1875 d. C. (tempo judaico começado em outubro, 1874).....1874 ”

2499 anos.

Assim, o ano que começou em outubro, 1874, foi o ano 2500, mas desde que o antítipo é mais grande que o tipo — 1000 anos em vez de um ano 1875 (começando em outubro, 1874), em vez de ser um ano de Jubileu, foi o primeiro dos 1000 anos de Jubileu.

### O JUBILEU COMO UM TIPO NA LEI



Ciclos e Jubileus Típicos, dezenove,  
Continuos até que o Grande Ciclo fosse devido para o começo da contagem

Do tempo em que o Típico Cessou, do Grande Ciclo Começou silenciosamente a contagem de Cinqüenta Vezes Cinqüenta Anos até o Grande Antítipo, o Jubileu da Terra — os tempos da restauração de todas as coisas

Assim constatamos que as **vinte e cinco centenas de anos** começaram com o princípio do ano 1875 d. C. — o que no tempo civil judaico, pelo qual isto é contado (Lev. 25:9), começou ao redor de outubro, 1874. Assim, então, se o grande Jubileu foi para ser apenas **um ano**, tal como o seu tipo, teria começado em outubro, 1874 d. C., no fim de 2499 anos, e teria terminado em outubro, 1875 d. C. Mas este não é o tipo, todavia a realidade: não foi um **Ano de Jubileu**, senão os antitípicos **Mil anos da Restauração de todas as coisas**, que principiaram em outubro, 1874 d. C.

Assim vemos que não somente prefigurou o Jubileu de Israel claramente e forçosamente aos grandes “TEMPOS DA RESTAURAÇÃO DE TODAS AS COISAS das quais Deus falou pela boca dos seus santos profetas, desde o princípio”, senão também que a maneira de seu cálculo exatamente tão claramente indica a data do começo do Grande Jubileu da Terra. Se falhamos a aceitar estas conclusões, não vemos outra alternativa que este tipo passasse sem cumprir-se, apesar das muitas afirmações positivas do nosso Senhor de que isto não poderia acontecer — de que seria mais fácil para o céu e a terra passarem do que passarem da Lei um só i ou um só til, sem alcançar o cumprimento. (Mat. 5:18) Aceitamos os fatos assim divinamente indicados, ainda que sejam tão assombrosas as conclusões que razoavelmente temos que tirar dos mesmos.

Mas são as razoáveis conclusões destes ensinamentos da Bíblia? Consideremos o que tem que resultar, desde o ponto de vista da razão, e então vejamos se algumas outras escrituras de modo idêntico autorizam ou contradizem essas conclusões. Primeiro, inferimos que quando os “Tempos da Restauração” estão a seu tempo para começarem, também está a seu tempo a presença do GRANDE RESTAURADOR. Esta seria uma inferência muito razoável, mas atinge a muito mais do que a inferência quando está endossada pela inspirada declaração positiva do Apóstolo, de sorte que “**venham os tempos [determinados] de refrigério**, da

presença\* do Senhor [Jeová], e envie ele o Cristo, que já dantes vos foi indicado, Jesus, ao qual convém que o céu receba **até OS TEMPOS DA RESTAURAÇÃO DE TODAS AS COISAS**, das quais Deus falou pela boca dos seus santos profetas, desde o princípio”. At. 3:19-21.

Na intensidade desta declaração exclusiva, temos clara evidência do fato de que o segundo advento do nosso Senhor **estava no devido tempo** quando os Tempos da Restauração **estavam no devido tempo** para começar, a saber, em outubro, 1874 d. C., assim como marcado pelo arranjo do Jubileu. Parece evidente, de fato, que o Jubileu, como todas as outras coisas dessa dispensação, foram arranjados “para aviso **nosso**, [instrução **no**ssa] para quem já são chegados os fins dos séculos”. (I Coríntios 10:11) Uma coisa parece clara — se não nos fazem proveito, até aqui eles tem estado quase sem proveito; pois as Escrituras nos informam que os judeus nunca observaram o tipo **plenamente** e propriamente, ainda durante os primeiros dezenove Jubileus. (Lev. 26:35) Sem dúvida eles acharam quase impossível de reprimir o seu amor pela riqueza. Isto, como todas as profecias e todos os tipos, sem dúvida foi arranjado para difundir luz quando e aonde necessário na vereda dos justos — para guiar os “pés” do corpo de Cristo.

---

\*A palavra aqui traduzida **presença** não é **parousia**, mas **prosopon**; e **apo prosopon**, traduzida **presença**, não significa **como resultado da presença**, senão mais propriamente **fora da face de**. O pensamento é comum para nós, e era muito mais comum há muito tempo em países orientais. Mostrar o rosto era um sinal de favor, enquanto dar as costas era um sinal de desfavor. Assim do nosso Senhor no seu advento foi escrito: “como um de quem os homens escondiam o rosto”, isto é, estavam envergonhados dele e não o reconheciam. Da mesma maneira, também, de Jeová diz: “não podes ver o mal”, e ele escondeu o rosto dos pecadores. Agora, no entanto, desde que o **resgate** tem sido dado, Jeová aguarda para ser benevolente até o tempo determinado. Então já não desatenderá os homens, e já não tratá-los-á como pecadores, dando as costas para eles, senão que enviá-los-á refrigério da sua Face, o seu favor, e enviará a Jesus, o seu agente na restauração de todas as coisas. Nós temos o mesmo pensamento nos nossos hinos; Mostras teu reconciliado rosto; e faça resplandecer o seu rosto e tudo estará luminoso.

Agora voltamos a atenção a isto, que foi demonstrado no estudo precedente concernente à maneira da volta e do aparecimento do nosso Senhor, afim de que não tropeçemos por causa de idéias errôneas nesse ponto. Lembre-se que “como foi nos dias de Noé, assim será também a vinda [grego: **parousia** — **presença**] do Filho do homem. Porquanto, assim como nos dias anteriores ao dilúvio, ... **não o perceberam**, ... assim será também a vinda [**parousia** — **presença**] do Filho do homem”. (Mat. 24:37-39) Lembremos, também, o que já temos colhido do ensino inspirado — que apenas esses que estão fielmente vigiando a firme palavra profética, e amando e aguardando a sua aparição, estarão **aptos** para discernir a sua presença, antes que seja manifestada ao mundo “em chama de fogo e tomar vingança” — no grande tempo de tribulação. O fato, então, que **a sua presença** não está conhecida nem geralmente reconhecida pelo mundo, nem ainda entre cristãos, não é argumento contra esta verdade. O mundo não tem nenhuma fé na profecia, e por suposto não pode ver algo à sua luz. E cristãos mornos (e tais são a grande maioria) não estão prestando nenhuma atenção à “firme palavra profética”; e muitos que professam estar vigiando, estão lendo as profecias por meio dos óculos coloridos de velhos e por muito tempo aflagados erros, e com os seus olhos miseravelmente vesgos pelo preconceito. Todos os tais devem de ir ao Grande Médico em busca de “colírio” ou de humildade (Apoc. 3:18), e para sempre rejeitar os óculos coloridos das tradições dos homens, e todas as próprias teorias deles e as dos outros que não harmonizam com todo testemunho da Palavra de Deus.

No entanto nem a ignorância e incredulidade do mundo, nem a morna indiferença e preconceito da grande maioria dos cristãos professos devem tornar-se pedras de tropeço para os eleitos de Deus — para aqueles que em simples fé como a fé de uma criança aceitam o testemunho da sua santa Palavra. Tais não podem tropeçar; nem é possível que **eles** sejam enganados. Pela sua fé e a direção de Deus tais vencerão tudo. Não temais, preciosas Jóias

da escolha do próprio Senhor: exultai e levantai as vossas cabeças, porque a vossa redenção — o vosso enaltecimento e glória, se aproxima. Luc. 21:28; 12:32.

Outra expectativa razoável, se os Tempos da Restauração verdadeiramente começaram com outubro, 1874 d. C., e se a segunda presença do nosso Senhor estava então a seu tempo, seria que a classe dos vigilantes deveria ver algumas indicações distinguíveis do que as Escrituras explicam ser a primeira obra da sua presença, a saber, o recolhimento do fruto da Idade Evangélica, o ajuntamento dos seus escolhidos (em associação mental e comunhão espiritual), e pelo menos alguns passos preparatórios para o estabelecimento do Reino de Cristo. Algumas destas evidências já temos aludido sumariamente; porém há tanto para observar-se neste ponto, que temos de deixar a consideração para um estudo subsequente. A ceifa da Igreja está de fato em progresso; o trigo está sendo separado do joio; e os afazeres no mundo estão rapidamente tomando forma, fazendo preparativos para o estabelecimento permanente do Reino do Redentor. Os sinais preditos, na maneira exata e ordem da sua predição, são feitos claramente manifestos a esses que estão vigiando; mas a isto deixamos por agora porque desejamos primeiro trazer à vista outros testemunhos proféticos. Basta dizer aqui que a foice na “ceifa” desta idade, como na “ceifa” judaica, é a verdade; e que os “ceifeiros” que usam a foice agora são os discípulos ou seguidores do Senhor, ainda que muitos deles agora, como naquele tempo, compreendem apenas levemente a magnitude da obra em que **eles** estão ocupados.

### Evidências Proféticas Confirmativas

Embora a evidência precedente é forte e clara tal como encontra-se, agora apresentamos **testemunho profético** que demonstra que começamos contando o Grande Ciclo (50 x 50) do ponto certo. O

nosso Pai celestial conhecia o tremor com que a nossa fé compreendia estas preciosas e grandíssimas promessas, e portanto tem duplicado já a corda forte da evidência, fornecida na Lei, por testemunho adicional por meio do profeta. E o nosso amado Redentor e Senhor, que nos dá esta corda, e cuja **presença** este testemunho nos aponta, enquanto vem a nós na nascente aurora do Dia Milenário, parece dizer, como uma vez disse a Pedro (Mat. 14:25-32): “Homem de pouca fé, por que duvidaste?” Aprendei que eu sou um ser espiritual, já não visível à vista humana. Assim me revelo pela lâmpada da Palavra aos olhos do vosso discernimento, para que quando nos dias vindouros andarei sobre o mar tempestuoso do transtorno sem paralelo do mundo, não temais, mas “tende bom ânimo”, lembrando que sou eu.

Esta corroboração profética realmente maravilhosa, que agora prosseguimos a considerar, ficou escondida na sua própria simplicidade até que a apreciação e aplicação do Jubileu como tipo, como o acima mencionado, dá-lhe significância.

Os setenta anos, geralmente referidos como os **setenta anos do cativeiro** em Babilônia, denomina-se nas Escrituras os **setenta anos da desolação da terra**. Deus tinha predito esta desolação por meio do profeta Jeremias, assim: “E toda esta terra virá a ser uma desolação e ... servirão ao rei de Babilônia setenta anos.” (Jer. 25:11) “Porque assim diz o Senhor: Certamente que passados setenta anos em Babilônia, eu vos visitarei, e cumprirei sobre vós a minha boa palavra, tornando a trazer-vos a este lugar.” (Jer. 29:10) Em 2 Crôn. 36:17-21 o cumprimento desta profecia está registrado; e o motivo **pelo qual** foram exatamente setenta anos, e por que a terra foi completamente **desolada**, esta dito assim: “fez vir sobre eles o rei dos caldeus [Nabucodonosor, rei da Babilônia] ... E aos que escaparam da espada, a esses levou para Babilônia; e se tornaram servos dele e de seus filhos, até o tempo do reino da

Pérsia para se cumprir a palavra do Senhor proferida pela boca de Jeremias, **até haver a terra gozado dos seus sábados; pois POR TODOS OS DIAS DA DESOLAÇÃO REPOUSOU, até que os setenta anos se cumpriram**”.

Disto vemos que Israel tinha faltado de guardar propriamente os anos sabáticos, dos quais os Jubileus eram os mais importantes. Certamente foi uma prova severa de obediência ao Rei celestial, para um povo tão notavelmente cobiçoso, ser mandado deixar a terra repousar, e restaurar aos anteriores proprietários de terras adquiridas e possuídas durante anos, e restaurar aos servos a sua liberdade — especialmente quando a obediência era apenas determinada por ordem, e não sumariamente forçada por compulsão. Deus tinha avisado-lhes antecipadamente, por meio de Moisés, de que se eles seriam desobedientes às leis, as quais como uma nação eles tinham comprometido-se, ele os castigaria por isso. No mesmo capítulo em que avisa-os do castigo de **sete vezes** sob domínio gentio, informa-lhes, também, que se eles negligenciariam os anos sabáticos, puni-los-ia por isso desolando **sua terra**. (E, como uma matéria do fato, **a desolação de setenta anos** foi também o começo dos **sete Tempos dos Gentios**, como já mostrado.) A ameaça do Senhor diz assim: “Então a terra folgará nos seus sábados, todos os dias da sua assolação, e vós estareis na terra dos vossos inimigos; ... pelos dias que [**porque** — AL, SBB] não descansou nos vossos sábados, quando nela habitáveis.” Lev. 26:34, 35, 43.

Deus permitiu por tempo certo a sua tibia e obediência incompleta, mas por fim tirou-os inteiramente da terra, fazendo-a desolada, sem habitantes, e deu-lhe o **número total** de seus Anos de Jubileus — não somente pelos que tinham observado imperfeitamente, mas também pelo **futuro número inteiro** que decorreria, de acordo com o seu arranjo, antes que o Jubileu antitípico, a Restauração ou Idade Milenária, estaria a seu tempo.

E desde que o número inteiro de Jubileus típicos, designados para anteceder ao antítipo, é assim demonstrado ser sete, se nos fornece assim outra forma de calcular quando o antítipo deve começar. O cálculo desta declaração profética do número inteiro de Jubileus é simples e fácil; e, como devíamos esperar, os seus resultados **concordam exatamente** com esses já obtidos pelo método de contagem fornecida pela Lei.

Sendo o número inteiro setenta, e tendo sido observado dezanove destes numa maneira tibia por Israel antes da desolação, segue que os restantes cinqüenta e um ( $70-19 = 51$ ) marcam o período do último Jubileu que Israel observou imperfeitamente, ainda até o grande antítipo. No entanto aqui note uma diferença na maneira do cálculo. Sob o cálculo segundo a Lei, contamos tanto os futuros como os passados ciclos de quarenta e nove anos com o quinquagésimo ou Ano do Jubileu **incluído**; pois a Lei mostra as coisas como teriam sido, se Israel tivesse cumprido-as propriamente. Embora a profecia registra as coisas tal como atualmente acontecerão. Lembramos que agora estamos examinando a declaração **profética**, e daqui devemos agora contar estes ciclos tal como eles **têm ocorrido** — ciclos de quarenta e nove anos, sem Jubileus; pois Israel não observou nenhum Jubileu depois do seu décimo nono. Os primeiros dezanove ciclos tiveram Anos de Jubileu, entretanto os cinqüenta e um depois não têm tido nenhum. Portanto temos de contar cinqüenta e um ciclos de quarenta e nove anos cada um, ou 2499 anos ( $49 \times 51 = 2499$ ), desde o último Jubileu típico observado por Israel até o antítipo. Este cálculo, ainda que inteiramente distinto do outro, termina exatamente como mostrado pelo método de contagem da Lei previamente examinado — outubro, 1874 d. C.

Permitam declararmos esta última prova em outra forma, para o benefício de alguns, assim: O número completo de ciclos do Jubileu que Deus tinha ordenado era setenta, como mostrado pelas

claras declarações relativas ao motivo dos **setenta anos de desolação** da sua terra. Isto devia incluir esses que Israel tinha observado numa maneira insatisfatória, que temos visto que foram dezenove, assim como todos os ciclos a seguirem, até o antítipo. Agora contaremos todos estes desde o seu começo da entrada em Canaã, e veremos onde terminam.

19 Ciclos com Jubileus (50 anos cada um) =	950 anos
51 Ciclos sem Jubileus (49 anos cada um) =	2499 ”

---

70 Ciclos, portanto, abrangem um período de	3449 ”
---	--------

Este período de 3449 anos, calculado a partir da entrada em Canaã, termina-se como o prévio, outubro, 1874 d. C., assim:

Desde a entrada em Canaã até a divisão da terra .....	6 anos
Período dos Juízes até Saul, o rei .....	450 ”
Período dos reis .....	513 ”
Período da desolação .....	70 ”
Desde a restauração até d. C. ....	536 ”

---

Número total de anos da data conhecida como d. C. ....	1575 ”
--	--------

Anos depois de d. C. para completar o período acima de 3449 anos, são 1874 anos completos, que terminariam (o tempo judaico) outubro .....	1874 ”
--	--------

O período dos 70 ciclos, como mostrado acima, desde o começo do sistema de Jubileus, da entrada em Canaã, até o antítipo, o Grande Jubileu, ou Tempos da Restauração, começa em outubro de 1874 d. C. ....

---

3449 anos
-----------

A conclusão lógica, se estas matérias são aceitadas como de arranjo divino, é facilmente tirada. E se não são divinamente arranjadas, de onde vieram? Nós não as **pusemos** dentro da Palavra inspirada: apenas as encontramos **lá** em toda a sua simplicidade e beleza, e, como todo o outro precioso e rico alimento do armazém,

## TABELA CRONOLÓGICA

Veja página 194

Desde a entrada em Canaã:  
Até a divisão da terra .... 6 anos.  
Período dos Juízes ..... 450 ”  
Período dos Reis .....513 ”

Até a desolação ..... 969 anos.  
19 Jubileus .....= 950 ”

Resto ..... 19 anos.  
Assim seu último Jubileu  
foi observado 19 anos antes da  
Desolação.

### Período desde o último Jubileu

Antes da “Desolação”.  
  como acima ..... 19 anos.  
Desolação .....70 ”  
Desde a Restauração  
  por Ciro até  
  1 d. C. .... 536 ”  
Desde o ano 1 d. C.  
  até 10 de outubro,  
  1874 d. C.  
  (o fim do ano —  
  tempo judaico) ..... 1874 ”  
2499 anos.

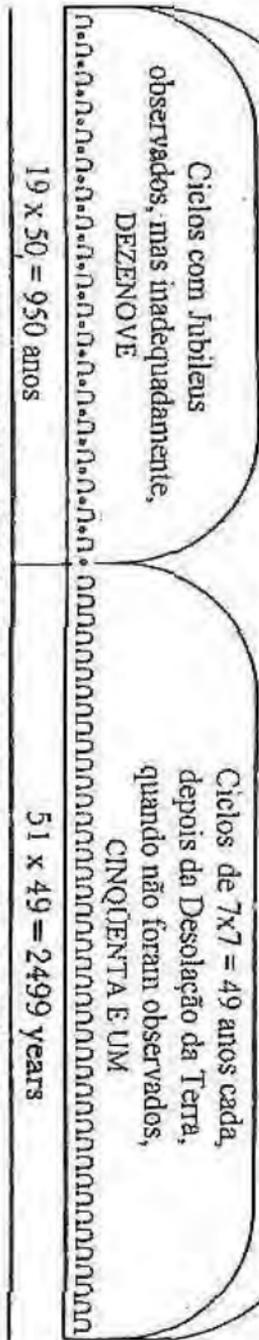
51 ciclos (sem Jubileus) como  
atualmente ocorreram e foram  
mencionados na profecia, 49  
anos cada = 2499 anos. Ou, a  
soma dos anos desde a entrada  
em Canaã até outubro, 1874 =  
3449 anos.

O período de 19 ciclos e Ju-  
bileus (950 anos e 51 ciclos  
(2499 anos) = 3449 anos.

## O JUBILEU VISTO PROFETICAMENTE

Jer. 25:9-12 e 2 Crôa. 36:21

### NÚMERO TOTAL DE CICLOS DO JUBILEU — SETENTA



Outubro, 1874 d. C., data do começo  
do Grande Jubileu da Terra.

que o nosso Senhor agora está servindo-nos segundo a sua promessa (Luc. 12:37), isto é “alimento sólido” nutritivo — não especialmente intentado para “criancinhas em Cristo”, senão para esses mais desenvolvidos, “os quais têm ... as faculdades exercitadas” (Heb. 5:14) para discernir e apreciar o sustento agora “a tempo”. Se estas matérias não são de arranjo divino e intentadas para a nossa instrução, como e por quê vêm as duplas comprovações emparelhando e corroborando uma com a outra tão perfeitamente? Para convencer-se a si mesmo do seu arranjo divino, notemos que em nenhum outro lugar e modo podem estes setenta anos de sábados em desolação harmonizar-se com o ciclo (50 x 50) do Grande Jubileu. Tente. Ponha a prova. Suponhamos que havia um erro, ou uma mudança de **um** dos dezenove Jubileus observados por Israel: Suponhamos (um **menos**) ou vinte (um **mais**) tinham decorridos antes dos **setenta anos da desolação começarem**. Calcule, e verá que estas **duas linhas** de evidência, que tão perfeitamente unem-se no testemunho que 1875 (começando em outubro, 1874 d. C.) é a data do começo dos Tempos da Restauração, e a data, portanto, da qual podemos saber que o céu já não retém o nosso Senhor, o grande Restaurador, não podem ser unidas em outra parte, sem fazer violência a si próprias, à cronologia, e a outras profecias ainda para serem examinadas.

Se estas profecias de tempo ensinam alguma coisa, é que o Grande Jubileu, os Tempos da Restauração de todas as coisas, tem começado, e que já estamos tanto na aurora da Idade Milenária, como na “ceifa” da Idade Evangélica — quais idades se sobrepõem uma a outra, durante quarenta anos — o “dia da ira”. Já estamos quatorze anos neste dia da ira de quarenta anos,\* e as preparações para o conflito estão progredindo rapidamente. Os vindouros vinte e seis anos, conforme a força viva atual, seriam suficientes “para que se cumpram todas as coisas que foram escritas”.

---

\*Nota dos Tradutores: Veja o Prefácio do Autor (1916) p. III, IV

Que nenhum leitor conclua precipitadamente que não existem evidências da Restauração em redor de nós, nem que o Sol da Justiça não está já dourando as torres de vigia de Sião iluminando o mundo. Ao contrário, que medite que já estamos no dia em que as coisas ocultas estão sendo manifestadas. E que lembre-se que a primeira obra da Restauração é propriamente uma dissolução da velha e decadente estrutura que está situada no lugar que a nova há de ocupar. Lembre-se que muitas vezes o primeiro trabalho do médico cuidadoso é de abrir as feridas, e limpar e amputar de acordo com as necessidades do paciente, afim de fazer trabalho completo de cura. É manifesto que tal serviço causa sofrimento e raramente é apreciado pelo paciente durante esse tempo; e assim é com o trabalho do grande Médico, o Restaurador, o Doador de vida. Ele fere para curar; e o transtorno e a peneiração na Igreja e no mundo são apenas a lancetada e limpeza necessários, e uma parte muito importante da obra de Restauração.

No tipo, a Trombeta do Jubileu devia soar ao começar o Ano do Jubileu, para apregoar liberdade na terra a **todos** os seus habitantes. (Lev. 25:10) O antítipo é introduzido pelo som da (simbólica) “Sétima Trombeta”, a “Trombeta de Deus”, a “Última Trombeta”. É de fato a grande trombeta: anuncia liberdade para todo cativo; e enquanto no princípio significa a rendição de muitos expirados privilégios e pretensões, e um tempo geral de distúrbio e transtorno de costumes, hábitos, etc., a sua importância plena, quando acertadamente apreciada, é **“novas de grande alegria que o será para todo o povo”**.

Na primitiva comoção, cada um que ouve a Trombeta do Jubileu da nova dispensação fica forçosamente perplexo por algum dos seus muitos delineamentos e não presta atenção a outro. Um vê a adequação de, e clama por reformas governamentais, abolição de exércitos efetivos e de seus impostos muito pesados. Outro

clama por abolição da aristocracia, e o reconhecimento de cada homem pelas suas qualidades individuais. Outros clamam por anulação de propriedade, e exigem que a posse de terras seja como no princípio, conforme à necessidade, e habilidade e disposição para usá-las. Outros clamam por reforma da temperança, e por proibitório e outras leis, por Ordem e Leis Sociais, procuram encadear a este grande mal, e começam a restringir os homens que pelo amor ao dinheiro enganariam, escravizariam e destruiriam os seus próximos, e que, fixando suas presas nas fraquezas destes, engordariam-se e viveriam com luxo por meio de seu sangue. Outros formam Sociedades Humanitárias e de Anti-crueldade, para impedirem aqueles que têm a habilidade de prejudicar os débeis e dependentes. Outros formam sociedades para a supressão de vícios e de literatura desmoralizante. Outros formam Sociedades Anti-adulterações para investigar as adulterações de alimentos, e para expor e instaurar processos e punir aqueles que por amor ao maior ganho adulterem os alimentos e ainda os fazem prejudiciais à saúde. Leis são decretadas para a proteção da vida e saúde do povo. Mineiros têm que ter ar puro, não importa quanto seja o custo; têm que ter duas vias de saída em caso de fogo. Operários, impotentes para ajudar-se a si mesmos ou para escolher os seus lugares de trabalho, estão cuidados pelas leis públicas. Já não podem ser pagos só quando o empregador agradar-se, com vale para armazém, mas agora a lei exige que o dia de pagamento tem de ser pelo menos cada duas semanas e em dinheiro. Já não podem ser abarrotados em edifícios onde em caso de fogo estariam em perigo de queimar-se até a morte ou de mutilar-se durante a vida por pular para baixo; pois “escadas de incêndio” são compulsórias. E por qualquer morte ou prejuízo determinável ao descuido da parte do empregador, ele é responsável, é punido, com multas, indenizações ou prisão. Corporações ricas, tais quais possuem trens e navios, são obrigadas de cuidar da segurança dos passageiros, tanto dos pobres como dos ricos. Estas reformas são os resultados do desper-

tamento do povo pela Trombeta do Jubileu de ciência e liberdade, e não originaram-se de benevolência pura da parte da classe mais favorecida. Pois ainda que todos os da classe favorecida ou rica que são benevolentes, e tais quais amam a justiça, podem regozijar-se — e de fato regozijam-se — nestes começos de reforma, outros, e a maioria, com pesar cedem de necessidade. Verdade é, tais leis e arranjos ainda não estão aperfeiçoados, nem são universais, no entanto os começos notados alegram os nossos corações, e dão evidência do que pode esperar-se na exaltação dos humildes e pequenos, e a humilhação dos orgulhosos, quando os regulamentos do Jubileu estarão plenamente em operação. Todas estas coisas são partes da comoção das reformas introduzindo o Grande Jubileu da Terra. E ainda que muito tem sido demandado, e muito tem sido gradualmente concedido, todavia reis e imperadores, e rainhas — não submetem-se ao grande processo de nivelamento deste Jubileu ou Idade da Restauração sem uma luta grande e severa, tal qual as Escrituras indicam que está às portas diante de nós, e qual, ainda que severa, é inevitável, e finalmente porá em prática o bem.

O espírito de “**liberdade** na terra a todos” de fato é adiantado às vezes até um grau excessivo pelos ignorantes e os temerários; e todavia é tudo parte do grande excitemento inevitável do Jubileu, ocasionado pela ignorância e opressão do passado. Ninguém somente o “pequeno rebanho” do Senhor está plenamente e corretamente informado quanto à grande extensão da Restauração. Estes vêem as mudanças menores, os arranjos dos afazeres menores dos homens, mas também vêem o que não se vê desde outro ponto de vista do que da Palavra de Deus — que o grande escravocrata, Pecado, há de ser tosquiado do seu poder, que a grande prisão da Morte há de abrir-se e uma soltura será apresentada a cada prisioneiro, assinada com precioso sangue do Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo, o grande Redentor e Restaurador. Novas de grande alegria de fato o **será** para **todo** o povo, não somente para os vivos, mas também para todos os que estão nos sepulcros.

Antes do fim deste grande Jubileu todo ser humano pode ser posto em liberdade inteiramente — pode voltar ao primeiro estado do homem, “muito bom”, recebendo de volta por meio de Cristo tudo o que foi perdido em Adão.

### A Sétima Trombeta

A trombeta soei  
 Solene, doce som;  
 Para todas nações,  
 Em toda terra já:  
 Veio ano do Jubileu,  
 Fará os remidos voltar,  
 Provendo-lhes lar e vida.

Vendidos sem valor,  
 Perdido tudo foi,  
 Podereis receber,  
 Comprado por Jesus.  
 Veio ano do Jubileu,  
 Fará os remidos voltar,  
 Provendo-lhes lar e vida.

Sacerdote Maior,  
 Jesus, nos redimiu;  
 Cansados descansais;  
 Tristezas quitará:  
 Veio ano do Jubileu,  
 Fará os remidos voltar,  
 Provendo-lhes lar e vida.

Sétima trombeta já,  
 Do céu as novas dá;  
 Salvação perto está;  
 Busquei o Salvador:  
 Veio ano do Jubileu,  
 Fará os remidos voltar,  
 Provendo-lhes lar e vida.

O cordeiro Louvai,  
 Ele todos remiu;  
 Remiu com sangue Seu.  
 A todos proclamai:  
 Veio ano do Jubileu,  
 Fará os remidos voltar,  
 Provendo-lhes lar e vida.

## ESTUDO VII

### DISPENSAÇÕES PARALELAS

A Idade Judaica um Tipo da Idade Evangélica — Notável Paralelismo ou Correspondência Entre as Duas Dispensações — Entretanto são Distintas — Superioridade da Era Cristã, os Antitípicos. O Contraste do Israel Carnal e Espiritual — O Exame de Proeminentes Paralelos — Notificação Especial de Paralelos de Tempo — Períodos de Favor do Israel Carnal — Tempo de Rejeição e Afastamento de Israel do Favor — O Período do Desfavor Demonstrado da Profecia para ser Igual ao Período de Favor — Testemunho Apostólico que seu Período de Desfavor é o Período para a Vocaçào Celestial do Israel Espiritual — A Duração da Idade Evangélica Demonstrada Indiretamente, mas Claramente — Harmonia da Cronologia Bíblica, Testemunho do Jubileu, Tempos dos Gentios, e outras Profecias com as Lições Destes Paralelos Incontestáveis, Conclusivos e Satisfatórios.

NOS estudos prévios o fato tem sido citado com alusão, que os procedimentos de Deus com a nação de Israel eram de um caráter típico; no entanto poucos têm alguma concepção adequada de como na integra este foi o caso. Isto tinha indubitavelmente sido observado por muitos que os Apóstolos, particularmente Paulo, em instrução à Igreja cristã, freqüentemente refere-se a alguns delineamentos que chamam a atenção do típico e antitípico nas dispensações judaica e cristã. Mas uma contígua atenção e ensinamentos dos Apóstolos demonstrará que ele não apenas fez uso de umas poucas ilustrações tiradas da economia judaica, mas que em seus raciocínios finais ele chamou todo o sistema judaico como divinamente instituído (ignorando inteiramente a “tradição dos anciãos”, quais não eram parte daquele sistema), e indicavam que em todos seus aspectos eram então típicos da amanhecida dispensação cristã, projetando mais claramente o curso da Igreja cristã na Idade Evangélica, bem como indicando seu glorioso trabalho na Idade Milenar.

Muitos presumem que as idades judaica e cristã são realmente uma, e que Deus tem selecionado a Igreja cristã logo no começo da existência da humanidade. Isto é um sério erro, qual obscurece e retarda a correta e clara compreensão de muitas verdades. Jesus foi o cabeça e precursor da Igreja cristã, que é seu corpo (Ef. 5:23; Col. 1:24); conseqüentemente ninguém precedeu ele como membro da Igreja. Se tivesse alguém precedido-o, ele não podia propriamente ser chamado o **precursor**. A “vocação celestial” para tornarem-se sacrificados juntamente, e finalmente co-herdeiros com Ele, em outras gerações não foi manifestada. (Efésios 3:2, 5, 6) Os bons que viveram e morreram antes do **pagamento atual** de nosso resgate pelo precioso sangue nada sabiam desta “vocação celestial”. E desde que os dons e a vocação de Deus são favores imerecidos, não é feita injustiça para aqueles de outras eras ou outras gerações em não oferecer-lhes o mesmo favor. A chamada e favor para aqueles das idades passadas, como também serão para aqueles da idade vindoura, eram para honras terrestres, e glórias terrestres, e a vida eterna como seres (humanos) terrestres; enquanto a chamada e favor da Idade Evangélica são para honra e glória dos Céus, para uma **transformação de natureza** da humana em divina, e para poder, honra, e domínio nos Céus e na Terra, como seus co-herdeiros e colaboradores com Cristo. E desde que a Igreja desta maneira, separou-se do mundo, e desenvolveu-se durante esta idade, na idade vindoura é para ser o agente de Jeová na completa execução do seu grande plano das idades — um plano qual empreende os interesses não apenas da humanidade, mas também de toda criatura que está no Céu, e na Terra — maravilhosas têm sido as preparações feitas nas idades passadas para seu treinamento e instrução. E não menos maravilhoso tem sido o cuidado com qual estes, chamados para serem **herdeiros** da glória divina, têm durante esta idade sido treinados, disciplinados, guiados, e protegidos através do longo, difícil, caminho estreito, aberto primeiro por seu Senhor e Pre-

cursor, para eles seguirem as suas pisadas — como ele deixou o exemplo. — I Ped. 2:21.

Nosso Senhor passou os três anos e meio do seu ministério ajuntando em Israel, treinando e instruindo, os poucos discípulos que deviam formar os núcleos da Igreja cristã. Quando estava perto de deixá-los sozinhos no mundo ele deu-lhes a promessa do Espírito Santo, qual durante a idade inteira, deverá guiar a Igreja a toda a verdade, e lhes anunciará as coisas vindouras, e trará com renovado vigor aspecto sadio para recordarem o que ele tinha ensinado — promessa que começou de ser verificada e autenticada em Pentecostes. Também está escrito que os anjos são todos eles espíritos ministradores, enviados para servir a favor dos que hão de herdar a salvação (Heb. 1:14), e eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos. (Mat. 28:20) Todos os escritos dos Apóstolos são endereçados à Igreja, e não ao mundo, como muitos parecem pensar; e eles são cheios de instruções **especiais**, encorajamentos e exortações, necessários somente aos santos que durante esta idade estão andando no caminho estreito. E a revelação de Jesus Cristo, que depois de ter ele passado para a glória, Deus lhe deu para mostrar aos seus servos as coisas que brevemente devem acontecer; e, enviando-as pelo seu anjo, as notificou [**notificou** — falando em sinais, símbolos, etc.] a seu servo João e através dele a sua Igreja. (Apoc. 1:1) Nos está também dito que as profecias dadas dantes pelos santos homens de outrora foram dadas, não a eles mesmos, nem a outros de seus dias e épocas, mas exclusivamente para instruções da Igreja cristã. — I Ped. 1:12.

Neste estudo pretendemos demonstrar que toda a nação judaica, durante aquela idade inteira, estava inconscientemente empenhada, sob direção de Deus, em fornecer-nos uma ilustração típica do plano inteiro de salvação em todas suas atividades, mesmo temos visto seus Jubileus indicando sobre a final consumação do plano nas bênçãos de todas as famílias da Terra. Isto é pelo nosso esboço

sobre este tesouro da verdade, tão abundantemente e especialmente provido à Igreja, que o Espírito de Deus alimenta-nos e guia-nos gradualmente a um mais e mais quase completo entendimento de seu plano, como rapidamente o conhecimento torna-se necessário para nós. E deste grande depósito Deus está agora fornecendo grande quantidade de luz especial e alimento necessários a nós nesta “ceifa” e tempo de consumação da idade. Visto que Deus tem estado dando tal cuidado e abundante provisão à Igreja cristã acima de todos outros povos do passado e idades futuras, como importante em sua estimação que o precioso conhecimento será para nós, e como ansiosamente deveríamos tirar proveito disto.

Enquanto não queremos neste estudo ou volume entrar em uma **detalhada** pesquisa dos lineamentos típicos de Deus no procedimento com Israel, como demonstrados no Tabernáculo, e Templo, e ordenanças e sacrifícios, etc., agora pedimos atenção precisa a alguns do marcado e proeminente resumo ou rascunho da **correspondência** entre as dispensações judaica e cristã como típicas e antitípicas; por tudo que a Igreja cristã atualmente experimentou e executou, a Igreja judaica prefigurou. E muitos destes lineamentos de correspondências são paralelos não apenas no caráter, mas também nos seus relativos **tempos** de ocorrência. Até na sua história nacional, e na história de muitos indivíduos particulares daquela nação, encontramos correspondências marcadas pelas Escrituras. Algumas destas, cristãos que pensam têm por longo tempo notado, e outros têm inteiramente omitido. Aqui um bonito e frutífero campo de pensamentos e estudos abre-se diante de nós.

Paulo designou a Igreja judaica “Israel segundo a carne”, e a Igreja cristã “o Israel de Deus”. (I Cor. 10:18; Gal. 6:16) Nós podemos portanto propriamente designá-los Israel carnal e Israel espiritual. O eminente plano da casa espiritual é também apontado pelo Apóstolo quando descreve o Israel carnal como uma casa [família] dos **servos**, e Israel espiritual como a casa dos **filhos**.

(Heb. 3:5, 6; Rom. 8:14) A casa carnal eram os seres honrados da casa espiritual em várias maneiras, no entanto liderados, visto que inconscientemente naquele instante, sob o arranjo de Deus, pantomimas ilustrações de coisas espirituais, quais, se estudar e prestar atenção, grandemente abençoam e alumiam a casa dos filhos.

Em ambos os casos tem havido um Israel nominal e um Israel real, na estimação de Deus, entretanto para o homem eles têm aparecido como um; o nominal e o real não sendo claramente distinguíveis até o fim ou tempo da ceifa de suas respectivas idades, quando a verdade naquele tempo devido trouxe à luz realizando a separação, e fez manifestações quais são do real e quais do mero Israel nominal. Da casa carnal Paulo disse: “Porque nem todos os que são [nominalmente] de Israel são israelitas”. (Rom. 9:6); Jesus reconheceu tal fato quando de Natanael disse a seu respeito: “Eis um verdadeiro israelita, em quem não há dolo!” e também quando no tempo da ceifa ele separou o real do nominal, e chamou o primeiro de trigo valioso e o posterior de mero joio — ainda que comparativamente, o trigo era somente um punhado e o joio incluía quase toda aquela nação. Em uma proporção similar, e sob uma figura similar, os nominais e os reais membros do Israel espiritual da Idade Evangélica são apontados; e sua separação, também, é por ocasião da ceifa — no fim da Idade Evangélica. Então só o trigo — um comparativo pequeno número, “o pequeno rebanho” — serão separados das massas do Israel espiritual nominal, enquanto a grande maioria, sendo joio e não o verdadeiro trigo serão rejeitados como indignos do principal favor para o qual eles foram chamados, e não serão contados entre as jóias do Senhor. — Rom. 9:27; 11:5; Luc. 12:32; Mat. 3:12; 13:24-40.

O cabeça da casa carnal foi Jacó, cognominado Israel (um príncipe); e através de seus **doze** filhos ele fundou a casa qual leva seu nome, Casa de Jacó, a Casa de Israel. Igualmente aconteceu com a Casa Espiritual: seu fundador, Cristo, estabeleceu-a através

dos **doze** Apóstolos; e esta casa também leva o nome do seu fundador — A Igreja de Cristo. Com referência ao tempo, Deus chamou o Israel carnal primeiro; mas com referência ao favor, e no tempo de realização, Israel espiritual veio a ser primeiro. Pois há últimos que serão primeiros, e primeiros que serão últimos. (Luc. 13:30) As Escrituras marcam claramente estas duas casas de Israel como sendo uma descendência carnal de Abraão e a descendência espiritual de Jeová — o Pai celestial, aquele que Abraão tipificava.

Alguns estão cegos para importantes verdades pela suposição que a expressão, “as duas casas de Israel”, refere-se as duas divisões do Israel carnal, depois da separação nos dias do filho de Salomão, Roboão. Unicamente é tão necessário lembrar que depois do cativo em Babilônia, sob a sua restauração à Palestina, a todos israelitas, de todas as tribos então cativos em todo o domínio universal da Medo-Pérsia, incluindo a região da Síria ou Babilônia, foram dadas liberdades para voltarem a sua própria terra se eles preferissem. (Esd. 1:1-4) Muitos dos israelitas fiéis de **todas** as tribos, que tinham respeito a promessas de Deus associadas com a terra santa e a cidade santa, voltaram a várias cidades da Palestina. Da tribo de Judá, a tribo principal, na qual estava investido o reinado oficial, e no cujo território Jerusalém, a cidade principal estava localizada, naturalmente tornou-se uma parte principal em sua reconstrução; no entanto depois que voltou da Babilônia, Israel não era mais uma nação dividida, mais habitada juntamente como no princípio, como um povo e era conhecida por um nome original, Israel. — Veja Neem. 11:1, 20; Esd. 2:70.

Isto é mais adiante enfatizado no Novo Testamento. O Senhor e os Apóstolos falam do Israel carnal como **um**. Paulo disse que **Israel** procurou, mas que somente um “remanescente” foi achado digno. (Rom. 10:1-3; 9:27; 11:5-12, 20-25; At. 26:7) Nosso Senhor disse que ele; Não foi enviado senão às [todas] ovelhas perdidas da casa de Israel; Ainda quando ele não permitia seus discípulos saírem fora de Palestina para procurarem elas (Mat. 10:5, 6; 15:24),

isto é evidente que aqueles que viviam na Palestina representavam **todo** Israel. Pedro também, fala do Israel carnal como uma casa; e discursando ao povo em Jerusalém ele disse: “Saiba pois com certeza toda a casa de Israel” etc. Tiago também fala das doze tribos como um povo. (At. 2:36; Tiago 1:1) Muitos de todas as tribos habitaram na Palestina, e muitas de todas as tribos habitaram em nações vizinhas. Deste modo Paulo encontrava e proclamava o Evangelho aos israelitas em quase todas as cidades quais ele visitou na Ásia Menor e Itália, mas eles eram sempre reconhecidos como uma nação, Israel espiritual seria somente outro Israel.

Deus tem feito pactos ou promessas às duas casas de Israel. As promessas para a casa carnal eram todas **terrestres**, enquanto as promessas para a casa espiritual são todas **celestiais**. Embora as promessas para a casa carnal foram (e ainda são) grandes e preciosas, as promessas para a casa espiritual são caracterizadas como as “melhores promessas”, e “preciosas e grandíssimas promessas”. (Heb. 8:6; 2 Ped. 1:4) Para a casa carnal isto foi dito: “Agora, pois, se atentamente ouvirdes a minha voz e guardardes o meu pacto, então sereis a minha possessão peculiar dentre todos os povos, porque minha é toda a terra; e vós sereis para mim reino sacerdotal e nação santa.” E ainda que todo Israel respondeu e disse: “Tudo o que o Senhor tem falado, faremos” (Êx. 19:5-8), e depois não cumpriram o seu pacto, mas os fiéis entre eles, que sinceramente esforçaram-se em suas fraquezas para o cumprirem, na Idade Milenar serão “príncipes sobre toda a **terra**”. Membros da fase terrestre do Reino de Deus. — Veja Vol. I., Estudo XIV.

Para a casa espiritual, pelo contrário, está dito: “sois edificados como **casa espiritual** para serdes sacerdócio santo, a fim de oferecerdes sacrifícios\* espirituais, aceitáveis a Deus por Jesus

---

\*A palavra **espiritual** antes de sacrifícios neste texto (verso 5) é omitida no velho manuscrito grego — o Sinaítico. A correção desta omissão é evidente quando refletimos que não são coisas espirituais que são sacrificadas, mas terrestres, ou privilégios humanos, direitos, etc

Cristo. ... Mas vós sois a geração eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo adquirido, para que anuncieis as grandezas daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz: vós que outrora nem éreis povo, e **agora** sois **povo de Deus**". — I Ped. 2:5, 9, 10.

Israel carnal tinha por uma ordenação de Deus um Tabernáculo feito com mãos, qual era típico em ambos: nos próprios e em todos seus serviços. (Heb. 9:1, 2, 9, 10) Mas Israel espiritual tem "o **verdadeiro** [o antitípico] tabernáculo que o Senhor fundou, e não o homem". (Heb. 8:2) Para os serviços do Tabernáculo típico um sacerdócio típico era ordenado, do qual Arão era o cabeça, qual oferecia sacrifícios típicos pelos pecados dos povos típicos, e realizava uma purificação ou justificação típica todo ano. O Tabernáculo antitípico tinha seu sacerdócio, qual oferecia sacrifícios melhores (Heb. 9:23), qual atualmente e para sempre cancela os pecados de todo o mundo. E deste sacerdócio nosso Senhor Jesus é o cabeça — o Sumo Sacerdote da nossa confissão [ou ordem] — a Igreja que é o seu corpo sendo os seus membros subsacerdotes. Toda a Igreja nominal não é este sacerdócio — mas a Igreja verdadeira, a fiel em Jesus Cristo, aquela que segue as pisadas do nosso grande Sumo Sacerdote em sacrifício.

Outro marco característico desta correspondência com o tipo e antítipo, notado nas Escrituras, é que duas casas de Israel (carnal e espiritual) foram levadas cativas para Babilônia. Isto será visto mais claramente quando em um estudo sucedente voltaremos a ver "A grande Babilônia, a mãe das prostituições e abominações da terra." (Apoc. 17:5, 6) Meramente noticiamos aqui a correspondência. Israel carnal foi levado cativo para Babilônia literal, qual foi construída junto ao literal rio Eufrates, enquanto na Idade Evangélica, a Babilônia mística ou figurativa, qual levou cativo o Israel espiritual, é retratada como situada sobre o místico Eufrates. No tipo, as vasilhas de ouro do Templo eram carregadas e

profanadas pela Babilônia literal: no antitípico, as preciosas verdades divinas (de ouro), pertencentes ao serviço do verdadeiro Templo, a Igreja (I Cor. 3:16, 17; Apoc. 3:12), eram removidas longe de seus próprios lugares, pervertidas e empregadas mal pela Babilônia mística. Babilônia literal foi construída e existiu sobre o rio Eufrates, qual materialmente contribuiu para sua prosperidade e riquezas, sua derrota foi concluída pela ação de desviar aquelas águas para outro lado. Também a Babilônia mística está assentada sobre, é suportada por, muitas águas (povos e nações) e sua queda é predita através de desvio para um lado de seus apoiadores e suportadores, o povo. — Apoc. 16:12; 17:15.

## TEMPOS PARALELOS

### Comensurando

#### Sombra e Substância — Tipo e Antítipo

Agora chegamos à consideração de que o delineamento mais maravilhoso desta correspondência típica, a saber, o elemento de tempo, qual em cada instante sustenta e corrobora as datas indicadas pelos Jubileus, a Cronologia, e o profetizado fim dos Tempos Gentios. E é com esta finalidade particularmente que este assunto é aqui introduzido — para que a força deste paralelismo maravilhoso possa aumentar e confirmar a fé dos filhos de Deus no elemento de tempo de seu plano, como isto era evidentemente intentado fazer-se. Heb. 9:9, 23; 10:1.

De todas as profecias e provas de tempos aí nenhum é mais surpreendente e convincente do que este um. A lição dele é surpreendente por causa de muita simplicidade, e leva convicções aos corações dos humildes. Não apenas o Israel carnal e suas cerimônias foram típicos, mas também a **Idade** Judaica foi típica da **Idade** Evangélica. Elas são exatamente da mesma duração e corresponde uma para a outra; de tal grau que, vendo e apreciando

a Idade Judaica, sua duração, e as peculiaridades de sua ceifa ou fim, podemos saber a exata duração da Idade Evangélica, seu antítipo, e podemos saber o que podemos esperar, e quando, na ceifa da Idade Evangélica. Mas deixe agora procedermos para demonstrarmos isto; no entanto podemos tomar isto por certo nos princípios gerais, e dizermos que os vários delineamentos do sistema judaico correspondem àqueles da Idade Evangélica, portanto também o **tempo** deve corresponder, todavia Deus não tem deixado portanto **deduzirmos isto**, mas tem claramente ainda que indiretamente nos dito assim.

Paulo disse-nos que Deus tinha jogado para fora a casa carnal do favor ou graça, durante o tempo da seleção da casa espiritual; e que quando a casa espiritual tiver sido selecionada, então o favor ou a graça de Deus voltará à casa carnal. Ele disse: “Porque não quero, irmãos [irmãos da Igreja, ou Israel espiritual], que ignoreis este mistério (para que não presumais de vós mesmos): que o endurecimento veio em parte sobre Israel, [natural, ou carnal] **até** que a plenitude dos gentios\* haja entrado; como está escrito: Virá de Sião o [prometido] Libertador, [o Cristo — nosso Senhor, o cabeça, e os remanescentes ou pequeno número de fiéis, de ambas as casas nominais de Israel, quais devem compor seu corpo, a Igreja] e desviará de Jacó as impiedades. E assim todo Israel será salvo e este será o meu pacto com eles, **quando Eu tirar os seus**

---

\*Ninguém deve confundir esta “plenitude dos [ou, dentre os] gentios” com o “Tempo dos Gentios” mencionado antes. O “Tempo dos Gentios”, tem sido demonstrado no período de tempo durante o qual está permitido aos gentios governarem o mundo; enquanto a “plenitude dos gentios” refere-se ao número total para ser selecionado dentre os gentios, para completar a Igreja Evangélica que, com os “remanescentes” selecionados dentre os israelitas (quais incluem também os Apóstolos), devem constituir a Igreja de Cristo, A Nação Santa, o Sacerdócio Real, o Reino de Deus, a quem o reino e domínio da Terra deverá ser submetido.

**pecados.** Quanto ao evangelho [a vocação celestial ou a alta vocação desta idade], eles na verdade, são inimigos [jogados fora] por causa de vós [para que vocês possam ter a preferência e herdarem a parte melhor, das partes espirituais das promessas]; mas, quanto à eleição [pela qual eles foram escolhidos para receberem favores terrestres especiais de Deus, prometidos para seu pai Abraão e sua descendência natural], eles são amados por causa dos pais. Porque os dons e a vocação de Deus são irretratáveis.” O que Deus tem prometido com certeza se cumprirá. Conhecendo o fim desde o começo, Jeová nunca fez um convênio ou pacto qual Ele necessitaria ou desejaria dissolver.

Nesta profecia o Apóstolo dá uma ilustração da duração da Idade Evangélica, pela demonstração que isto começou com rejeição de Israel carnal, e que isto terminará com sua restauração ao favor. Dando lugar às declarações de Paulo e Pedro (Rom. 11:27 e At. 3:19-20) juntos, nós aprendemos que o tempo para a **volta** do favor ou graça a Israel será no começo dos Tempos da Restauração, no segundo advento de nosso Senhor. Paulo disse, a volta do favor para aquele povo será quando Deus **tirar os seus pecados**, Pedro disse, será refeito nos tempos de refrigério ou restauração qual virá quando nosso Senhor virá outra vez, quando os céus por longo tempo não retém-no.

A data do segundo advento do nosso Senhor, e a aurora dos Tempos da Restauração, nós já temos demonstrado para ser em 1874 d. C. Devemos esperar, portanto, para alguns sinais de Deus da volta do favor ou graça ao Israel carnal logo depois de 1874 d. C., como um dos primeiros pontos mais importantes da obra da restauração. E, com certeza suficiente, vemos o favor ou a graça começando de voltar a eles. E cada nova evidência da remoção da cegueira de Israel, e volta do favor divino para eles, é, quando avaliado pelas palavras dos Apóstolos, uma nova prova que a Idade Evangélica está finalizando e que o “pequeno rebanho” está perto de ser completado. Mas temos outra prova qual nos fornece a **data**

**exata** em que o favor deve começar de voltar a Israel. Até aqui temos meramente visto que à medida que o Israel carnal foi **rejeitado da** condição é a medida do tempo de favor **especial** a outros, para o chamamento de outros povos (gentios) para serem co-herdeiros de Cristo, qual chamamento finaliza-se **no** começo dos Tempos da Restauração; mas não logo no começo (demonstram outras profecias).

No entanto fazemos pausa por um momento — para não deixar equívoco neste ponto: Quando **a vocação** para o alto privilégio de tornarem-se membros da Igreja, a noiva e co-herdeiros de Cristo, cessar, isto de nenhuma maneira não significa que todos desses já chamados são certamente contados por dignos, e por esta razão por eleitos: “Porque muitos são **chamados**, mas poucos **escolhidos.**” Porque somente uns poucos dos chamados condescendem com as condições da chamada. Isto também não faz dedução que a estes não chamados, para esta “vocação celestial”, depois não seriam oferecidos outros favores. O fato é, que quando esta “vocação celestial”, cessar, isto é porque o grande Desenhista do plano das idades terá completado **aquela parte** do seu plano intentado para ser concluído na Idade Evangélica — a saber, a seleção da Igreja Evangélica, a noiva de Cristo. Todos povos não foram chamados para esta eminente honra. Estamos especialmente informados que o desígnio de Deus era selecionar para este propósito somente um número limitado, um “pequeno rebanho”, quando comparado com as massas da humanidade. Depois de ter sido chamado o número suficiente, o tempo da chamada termina-se e não é próprio para estender por longo tempo **esta** chamada para outros, ainda seria possível a estes já chamados, que têm aceitado a chamada para fazer firme a sua vocação e eleição; pela lealdade a seus convênios de inteira consagração a Deus, mesmo até a morte; e ainda seria possível a estes fracassar em fazer assim. Esta chamada, qual deve terminar quando o suficiente número ter sido convidado do qual se completará o favorecido “pequeno rebanho”, o corpo de Cristo,

está longe o limite da existência do amor de Deus, favor e chamamento. Seu fim meramente determinará o encerramento da alta vocação ou “vocação celestial”. Pois onde esta vocação termina-se, onde esta porta de oportunidade e favor fecha-se, outra porta começa de abrir-se — a porta da oportunidade para entrar no caminho santo, e ascenderão depois disso — não para a natureza divina, para qual a Igreja Evangélica era chamada, mas para vida eterna e perfeição como seres humanos. Veja Vol. I., estudos X e XI.

Mas agora quanto à **data exata** da volta do favor a Israel, qual marca o fim exato da **vocação** celestial — a partir de qual data Israel começará gradualmente de ver, e de ter aumentado as evidências da volta ao favor divino, e a partir da qual data também a vocação de Deus para honras celestiais cessará, e somente esses já chamados serão privilegiados para obterem este prêmio pela fidelidade até o fim da vida:

Israel carnal, tal como Israel espiritual, eram chamados por Deus para serem seu povo peculiar, possessão peculiar acima de todos outros povos (possessão na terra, e um típico do outro, que é possessão nos céus). Separados do mundo, eles foram recebedores do favor especial de Deus por mil oitocentos e quarenta e cinco (1845) anos. Este período começou com o início de sua **vida nacional**, desde a morte de Jacó, o último dos patriarcas, quando eles foram pela primeira vez reconhecidos como uma nação, e chamados “As Doze Tribos de Israel”, um nome nacional. Veja Gên. 49:28; 46:3; Deut. 26:5. Estes mil oitocentos e quarenta e cinco anos de vida nacional e favor terminaram com a sua rejeição do Messias — 33 d. C. — quando, cinco dias antes de sua crucificação, ele apresentou-se a eles como seu rei, e, não sendo recebido declarou: **Eis aí abandonada vos é a vossa casa.**” (Mat. 23:38) Este, o fim de seu favor, era o ponto de sua queda, qual continuou por trinta e sete (37) anos, e terminou em 70 d. C. com a destruição total de sua constituição nacional, tanto como de sua ci-

dade, templo, etc. Deve ser notado, entretanto, que Deus continuou seu favor a individuais daquela nação, depois que a nação, como uma nação, tinha sido rejeitada, pois o chamamento para o evangelho era **restringido** a individuais daquela nação por três anos e meio depois de Pentecostes, após a morte de Cristo — não atingindo Cornélio o primeiro gentio assim favorecido (At. 10), até aquele tempo. Isto era o completo fim das sete semanas de favor prometidos através de Daniel, como tinha sido escrito: “E ele fará um pacto firme com muitos por uma semana”. Essa setuagésima semana de anos começou com o batismo de nosso Senhor; sua cruz, como predito, marcou a metade da semana; e o favor foi restringido a Israel carnal até seu fim.

Durante seu longo período (1845 anos) de favor nacional, durante qual outros foram ignorados, Israel teve castigos e bênçãos combinadas. No entanto seus castigos por pecados eram evidências e elementos do favor de Deus e paterno cuidado com eles. Ele enviou aflições sobre eles, e freqüentemente permitia que eles fossem levados para o cativeiro, quando eles esqueciam e desobedeciam Ele; mas quando eles arrependiam-se e clamavam ao Senhor ele sempre os ouvia e os libertava. A história inteira daquele povo, como recordada em Êxodo, Josué, Juízes, Crônicas e Samuel, atestam que Deus não escondeu longamente sua face deles, e que os seus ouvidos estavam atentos ao seu clamor — e assim foi até o dia, em que ficou abandonada a casa deles. Mesmo naquele dia, Deus perdoou-lhes mais do que sempre, e tinha enviado-lhes o Messias por longo tempo prometido, o Libertador, na pessoa do nosso Senhor, seu Filho. A incapacidade daquela nação por longo tempo para ser sua possessão especial, ou em alguma medida para representar o Reino de Deus na terra, foi manifestada na sua rejeição do santo, inocente, imaculado, e no seu desejo de um assassino no seu lugar.

Desta maneira, por causa de sua incapacidade, o dia do seu grande favor tornou-se o dia de sua rejeição e queda do favor. E o

grande favor de tornar-se co-herdeiros com o Messias, qual Israel, exceto os fiéis “**remanescentes**” (Is. 1:9; 10:22, 23; Rom. 9:28, 29; 11:5), desta maneira errando pela sua cegueira e dureza de coração, fora oferecido aos crentes gentios: não a nações gentias, mas aos justificados crentes de toda nação — embora o favor estava primeiramente, por três anos e meio, restringido exclusivamente a crentes da nação de Israel. Cegados como um povo pelos preconceitos nacionais, o grande prêmio qual lhes foi oferecido primeiro, mas do qual eles tornaram-se indignos, passou para uma nação santa, um povo peculiar, composto de dignos remanescentes da sua nação, com outros chamados das nações gentias, que em seus arrogantes orgulhos os judeus desprezavam como “cães”, chamando-os de cachorros. E o prometido favor de Deus não voltará a eles como a um povo, para remover sua cegueira, e para guiá-los como os primeiros frutos das nações para bênçãos terrestres, **até que** o número completo de “um povo todo seu” tenha sido chamado dos gentios — até que a plenitude dos gentios haja entrado neste alto favor ou graça.

Portanto, como Paulo declarou (Rom. 11:7), O que Israel busca, isso não o alcançou; isto é, o favor ou a graça principal. Supunham que o favor principal são as bênçãos terrestres, e no orgulho de seus corações reivindicavam que essa bênção principal lhes pertence como seu direito natural de primogenitura, e como além disso merecida pelos seus trabalhos, eles cegamente tropeçaram e a rejeitaram como um **favor** através de Cristo. Como Davi tinha profetizado, sua mesa — tão fartamente posta com ricas promessas e bênçãos oferecidas a eles **através de Cristo** — tornou-se “em laço, e em armadilha, e em tropeço, e em retribuição”; por causa da dureza de coração. (Rom. 11:9, 10; Sal. 69:22-28) Cristo, quem veio para redimir e quem teria exaltado eles a uma posição de glória além de sua habilidade para desejar ou imaginar, era para seu orgulho “uma pedra de tropeço, e uma rocha de escândalo”. Rom. 9:32, 33; Is. 8:14.

No entanto a cegueira de Israel era somente um “endurecimento em parte”, e não uma perda total de visão; para o testemunho da Lei, dos profetas e dos Apóstolos eram abertos e tornaram-se acessíveis a todos, quer judeu ou gentio; e durante a Idade Evangélica todo judeu aquele que quisesse resolutamente remover os filmes de preconceito e orgulho, e humildemente e agradecidamente aceitar o favor de Deus com seu irmão gentio, podia fazer assim. Poucos têm sido capazes de fazer assim; e o **favor** não será garantido, e nem esforços **especiais** para convencê-los como uma nação da verdade, ou para dominar seus preconceitos, serão empregados, até que a plenitude dos gentios haja entrado: ou, em outras palavras, até o Israel espiritual ser completo.

Desde a rejeição do Messias — desde que a sua casa ficou abandonada — Israel não tinha tido sinais do favor de Deus. Mesmo os judeus devem admitir que suas lágrimas, gemidos e súplicas têm ido sem resposta; e, como profetizado pelos seus profetas, eles têm sido “objeto de espanto e de assobio” para todas as nações. Ainda que outrora Deus ouvia suas orações, e marcava suas lágrimas e os restituía a sua própria terra e continuamente favorecia-os, desde esse tempo Ele não cuida-os e não lhes concede **nenhum favor**. Desde que eles disseram: “O seu sangue caia sobre nós e sobre nossos filhos”, eles têm tido castigos contínuos: eles têm sido espalhados e perseguidos entre todas as nações, assim como profetizado. Estes são os fatos como todos podem ler nas páginas da história. Agora voltaremos às profecias e veremos como detalhadamente estes fatos foram preditos, e o que os mesmos profetas têm a dizer concernente ao seu futuro.

Através do profeta Jeremias (capítulo 16), em seguida falando a Israel como ele tinha abandonado-o, Deus disse: “Portanto eu vos lançarei fora desta terra, para uma terra que não conhecestes, nem vós nem vossos pais; e ali servireis a deuses estranhos [governos] de dia e de noite; pois **não vos concederei favor algum**. (versí-

culos 9-13) Estes dias vieram quando eles rejeitaram o Messias. Quão literalmente esta ameaça tem-se cumprido, todos podem julgar, e eles mesmos devem admitir. Esta profecia não pode referir-se a alguns de seus anteriores cativeiros nas nações vizinhas — Síria, Babilônia, etc. Tal inferência está protegida na expressão: “para uma terra que não conhecestes, **nem vós nem vossos pais**”. Abraão veio de Ur da Caldéia — Babilônia — e Jacó da Síria. (Deut. 26:5) A dispersão de Israel entre todas as nações desde o fim de seus 1845 anos de favor, e não outros de seus cativeiros, encaixa esta evidente expressão — uma terra que não conhecestes, **nem vós** nem vossos pais. Pois então, isto, junto com o **não favor**, positivamente marca esta profecia como relativa à presente dispersão de israelitas entre todas nações.

Mas ainda que Deus cortou-os de todo favor (graça) por um espaço de tempo, Deus não os deixará rejeitados para sempre, mas disse — Jer. 16:13-15: “Portanto, eis que dias vêm, diz o Senhor, em que não se dirá mais: Vive o Senhor, que fez subir os filhos de Israel da terra do Egito. mas sim: Vive o Senhor, que fez subir os filhos de Israel da terra do norte [Rússia, onde reside quase a metade da raça hebraica], e de todas as terras para onde os tinha lançado; porque eu os farei voltar à sua terra, que dei a seus pais.”

Poderíamos multiplicar citações dos profetas e Apóstolos concernentes à ultima volta do favor de Deus a Jacó, ou Israel segundo a carne, depois da seleção do completo número “do corpo de Cristo” dentre os gentios, mas o estudante pode então fazer pelo uso de uma Concordância ou uma Referência Bíblica. Entre muitas indicadas referências a este favor para ser restaurado a Israel, no Novo Testamento, isto é por Tiago, At. 15:14-16, e por Paulo, Rom. 11:26. Mas primeiro, eles devem beber muito dos últimos tragos de seus castigos; e assim isto é expressado nesta notável profecia (versículo 18); “E primeiramente [antes do favor vir] eu

retribuirei **em dobro** a sua iniquidade e o seu pecado”. A palavra hebraica aqui interpretada “em dobro” é **mishneh**, e significa uma segunda porção, uma repetição. Portanto compreendida, a declaração do Profeta é, que desde o tempo da sua rejeição existente do favor até o tempo de sua volta ao favor seria uma repetição, ou **duplicação de tempo**, de sua história prévia, durante o tempo em que eles tinham desfrutado o favor divino.

Como mostrado no diagrama adjunto, o período do seu favor, desde o início de sua existência nacional com a morte de Jacó, até o fim daquele favor com a morte de Cristo, 33 d. C. foram mil oitocentos e quarenta e cinco (1845) anos; e aí o seu “em dobro” (**mishneh**) — a repetição ou duplicação da mesma duração de tempo, mil oitocentos e quarenta e cinco (1845) anos, **sem favor** — começou. Mil oitocentos e quarenta e cinco anos desde 33 d. C. demonstra 1878 d. C. para ser o fim do seu período de desfavor. 33 d. C. mais 1845 igual 1878 d. C.

Todos estes pontos proféticos são claramente marcados no passado, e nós devíamos esperar alguma evidência da volta do favor de Deus a Israel carnal [“Jacó”] em 1878 d. C. ou em redor desta data. Isto nós interpretamos encontrando, no acontecimento que agora é permitido para os judeus privilégios na Palestina negado-lhes durante séculos passados. E foi exatamente naquele ano — 1878 d. C. em que seu “**em dobro**” estava completo, e o favor de Deus devido devia voltar a esse povo — que o “Congresso das Nações em Berlim” foi apoio, no qual o Lord Beaconsfield (um judeu), então Primeiro Ministro da Inglaterra, era a figura central e ocupou a parte principal. A Inglaterra havia assumido um protetorado geral sobre províncias asiáticas da Turquia, entre qual a Palestina; e o governo turco emendou suas leis relativas a estrangeiros, quais grandemente melhoraram as condições dos judeus então residentes na Palestina, tanto como parcialmente abriram as portas a outros para fixarem residências lá, com o privilégio de tornarem-se proprietários de bens imóveis. Antes, os judeus não eram “mais do que um cão”, para serem tratados a

# “DUAS CASAS DE ISRAEL.”

—TEMPOS PARALELOS—

	p. D. 1813	d.C. 33		d. C. 1874
<p>O FAVOR JUDAICO, A ESPERA PELO REINO</p> <p>1845 + 3 ½ ANOS</p>	<p>PERÍODO DA EXISTÊNCIA NACIONAL DOS FILHOS DE JACÓ, CHAMADOS ISRAEL, DESDE A MORTE DO PATRIARCA JACÓ.</p>			<p>O FAVOR CRISTÃO, A ESPERA PELO REINO</p> <p>Durante o Judaico “em Dobro” — 1845 + 3 ½ Anos</p>
<p>A CEIFA JUDAICA</p> <p>3 ½ + 33 = 40 ANOS</p>	<p>d. C. 29.</p>	<p>d. C. 1874</p>	<p>A VINDA DO REI</p>	<p>d. C. 1878</p>
<p>70 Semanas</p>	<p>d. C. 33.</p>	<p>d. C. 1878</p>	<p>A Queda de Israel</p> <p>Dias de Vingança</p> <p>LÚC. 21:22</p> <p>Um Tempo de Tribulação e Ruína Final</p>	<p>d. C. 36.</p>
<p>A CEIFA CRISTA</p> <p>3 ½ + 3 ½ + 33 = 40 ANOS</p>	<p>d. C. 36.</p>	<p>d. C. 1881</p>	<p>A VINDA DO REI</p>	<p>d. C. 1915</p>
			<p>A Queda da Babilônia</p> <p>Dias de Vingança</p> <p>DAN. 12:1</p> <p>“Um tempo de Tribulação, qual nunca houve, desde que existi- tu nação”</p>	

socos, a ponta pés, e abusados pelo governo de seu Mohammedan, e eram negados os mais ordinários privilégios de existência, na terra santa para eles com memórias do passado, e com promessas concernentes ao futuro.

No mesmo tempo em que a porta da Palestina, portanto, abriu-se diante deles, uma feroz perseguição surgiu na Romênia e Alemanha, e especialmente na Rússia, onde ainda continua — aumentando. Por um regulamento após outro eles têm sido privados dos direitos e privilégios por estes governos, tanto como tumultuados pelos seus vizinhos, até que eles fossem compelidos para deixarem aqueles países em grande número. No entanto esta perseguição é indubitavelmente também um favor, assim como tenderá, e já tem tendido a motivá-los para olharem Jerusalém e seus convênios ou pactos, e para lembrá-los que são herdeiros de certas ricas promessas terrestres.

Mas devemos lembrar que o ano 1878 d. C. era entretanto o ponto decisivo da volta do favor para Israel carnal. Já temos apreendido, do nosso estudo sobre “Os Tempos dos Gentios”, que Jerusalém e seu povo continuariam sendo pisados — controlados e oprimidos pelos gentios — “até que os tempos destes se completem”, e por esta razão, ainda que o favor era devido e começou em 1878 d. C., os judeus não seriam recebidos de volta para **pleno favor** até depois de 1915. Portanto sua ascensão ao favor será gradual, assim como foram caindo dele. É notável, também, que estes dois períodos de sua queda e ascensão são exatamente de mesma duração — a queda era gradual, com aumento cinético, por **trinta e sete** anos, a partir de 33 a. C. onde seu favor nacional cessou, até 70 d. C., onde sua existência nacional terminou, a terra foi desolada e Jerusalém totalmente destruída. A história desse modo marca o começo e o fim de sua queda, enquanto as profecias marcam ambos fins de sua ascensão — 1878 e 1915 — demonstrando um paralelo exato dos trinta e sete anos. Isto é uma parte adicional do seu **mishneh** (“em dobro”)

mencionado pelo profeta.

Entretanto os pontos decisivos da Idade Judaica e da Idade Evangélica são portanto claramente marcados para os anos 33 d. C. e 1878 d. C. respectivamente, pela rejeição de Israel e volta para o favor, no entanto o trabalho de cada uma destas idades envolve de outro lado a idade sucedente. Portanto o ponto decisivo da Idade Judaica sendo alcançado, sua idade depois disso **se sobrepõe** à abertura da Idade Evangélica, justamente quando à volta do seu favor, qual é uma das aberturas de lineamentos da Idade Milenária sobrepondo-se durante o fim ou ceifa da Idade Evangélica. Por trinta e sete anos (desde 33 d. C., o fim de seu favor nacional, até 70 d. C., sua total destruição) Israel, exceto os fiéis remanescentes, estavam caindo, os crentes gentios levantavam-se — a Idade Judaica estava terminando e a Idade Evangélica estava começando; e por trinta e sete anos (desde 1878 d. C.; até 1915 d. C.) a Idade Evangélica conclui-se, e as desgraças e ameaças preparam-se e vêm sobre a assim chamada cristandade, exceto os fiéis remanescentes, enquanto a obra de restauração de Israel e de todos os povos está preparando-se. Isto quer dizer, as datas 33 d. C. e 1878 d. C. marcam quando as obras das respectivas novas idades começaram, ainda que a obra da ceifa da precedente idade, e destruição de rebotalhos era admitida para continuar trinta e sete anos dentro da nova, em ambos casos. Desta maneira a sobreposição das dispensações tanto como os limites finais de cada uma, esta claramente definido.

Um trabalho dobrado cabe a cada um destes períodos sobrepostos: a demolição do velho e o estabelecimento do novo arranjo ou dispensação. E como a Idade Judaica e o povo eram somente figuras ou sombras, devemos esperar que os resultados aqui sejam muito mais extensivos do que lá; e portanto devemos encontrá-los. Este duplo trabalho é demonstrado na declaração do profeta Isaías — “Porque o dia da vingança estava no meu coração, e o ano dos meus remidos é chegado.” — Is. 63:4.

Isto não são fábulas engenhosas correspondentes, arranjadas para ajustar os fatos; pois muitos destes paralelos, e outras verdades, foram vistos das profecias, e foram proclamados como aqui apresentamos, vários anos antes de 1878 d. C. — esse ano foi anunciado como o tempo da volta do favor para Israel, antes de vir, e antes de algum evento marcar assim. O autor deste volume publicou estas conclusões tiradas das Escrituras, em forma de panfleto, na primavera de 1877 d. C.

O testemunho raramente poderia ser forte, e no entanto seria mantido secretamente até o presente **tempo oportuno** e até que a ciência se multiplicasse, e os sábios [no verdadeiro ensino celestial] entenderão. O ano exato da rejeição de Israel — sim, igualmente até o dia — nós sabemos; que eles estavam para ter um **mishneh** ou em dobro, o Profeta explicitamente declarou; que este período paralelo é de mil oitocentos quarenta e cinco anos, e que terminou em 1878 d. C., supomos ter demonstrado claramente; e que este se distinguiu pelo favor ou graça num fato indisputável. E guardais na memória, também, que é desde o fim do seu “em dobro” que o Prof. Delitzsch tem publicado sua tradução hebraica do Novo Testamento, qual já está nas mãos de milhares de hebreus e despertou muito interesse. E além disso, lembra que o grande movimento cristão entre os hebreus desde os dias dos Apóstolos, dirigido por Rabinowitsch e outros, está agora em progresso na Rússia. E teve seu começo depois de decorrer quase o mesmo tempo após 1878 d. C., onde o “**em dobro**” de Israel terminou, como o tempo do despertar entre os gentios tinha começado depois da rejeição de Israel em 33 d. C.

Agora trazemos à lembrança as palavras do Apóstolo quais mostram claramente que eles foram rejeitados do favor divino, e dos **convênios ou pactos terrestres, entretanto, até** que a plenitude ou o número completo dos gentios haja entrado — até o **fim da chamada Evangélica** — e então vereis que 1878 é uma data marcada, de profundo interesse para Israel espiritual — não menos importante que para Israel carnal.

Não obstante, ninguém a não ser nosso Senhor Jesus sabia a importância do fim da Idade da Lei e o começo da Idade Evangélica (mesmo os Apóstolos sabiam somente em parte e viam vagamente antes do dia de Pentecostes), portanto podemos agora esperar que somente o corpo de Cristo, consagrado com o mesmo espírito, verá claramente o fim da Idade Evangélica e a importância deste acontecimento. Os pobres judeus e muitos cristãos professos ainda até agora não sabem da grande mudança dispensacional qual ocorreu no primeiro advento — com o fim da Idade Judaica e com o começo da Idade Evangélica. E também agora poucos sabem, ou chegarão ao conhecimento até que evidências visíveis provem isto à sua visão natural, que estamos agora no fim ou “ceifa” da Idade Evangélica, e que 1878 d. C. marcou um ponto tão importante que o levou a efeito ou termo. Isto não foi intentado para que outros além de poucos fiéis deveriam ver e saber, e não ficar nas trevas como o mundo — “A vós é confiado o mistério”, disse o Senhor.

Mas alguns talvez podem dizer, Jeremias era um verdadeiro profeta do Senhor, cujo testemunho quanto a “**mishneh**” ou duplicação das experiências de Israel deve ser respeitado, deveríamos considerar a evidência ainda mais forte se outro profeta tivesse mencionado a mesma coisa. A tais respondemos que a declaração de um profeta de confiança é boa e suficiente fundamento para a fé, e que muitas das notáveis provas sobre o primeiro advento foram preditas somente por um único profeta: Mas Deus sendo rico em misericórdia, e cheio de compaixão, considerou nosso fracasso de fé, e tem respondido a oração de nossos corações adiantado, provendo mais do que um testemunho.

Voltemos agora à profecia de Zacarias (9:9-12). Na visão profética ele andou ao lado de Jesus quando ele viajou para Jerusalém — 33 d. C. — cinco dias antes de sua crucificação (João 12:1-12), e para o povo o Profeta proclamou: Alegre-te muito, ó filha de Sião: exulta, ó filha de Jerusalém; eis que vem a ti o teu rei,

ele é justo e traz a salvação; ele é humilde e vem montado sobre um jumento”. Marquemos o claro cumprimento destas palavras — Mat. 21:4-9, 43; João 12:12-15; Luc. 19:40-42. Cada item foi cumprido, até na aclamação. Quando as grandes multidões clamavam Hosana! Os fariseus pediam a Jesus para que as repreendesse, mas ele recusou-se, dizendo: “se estes se calarem, as pedras clamarão.” Por quê? Porque isto tinha sido profetizado que haveria uma aclamação, e todo item da profecia deve cumprir-se. Deixemos esta particularidade de detalhes no cumprimento profético dar-nos confiança na promoção da declaração deste e de outros profetas.

Notificamos resumidamente sobre as más conseqüências após a rejeição do seu rei (Zacarias 9:10), o Profeta, falando por Jeová, endereçou-lhes assim (verso 12): “Voltai à fortaleza, ó presos de esperança; **também hoje** anuncio que te recompensarei **em dobro.**” A palavra em dobro é a mesma palavra usada por Jeremias — “**mishneh**” — uma repetição, ou outra porção igual. Os israelitas tinham durante anos estado sob o jugo romano, mas eles eram “prisioneiros da esperança”, esperando por um Rei que os libertaria e os exaltaria para o prometido domínio da terra. Agora seu rei, sua torre forte, tinha vindo, mas tão manso e humilde que eles pela dureza de seus corações não o reconheceram como um libertador. E além do mais eles eram prisioneiros do Pecado, e este libertador tencionava também esta grande liberação. Nosso Senhor tinha estado com eles três anos e meio, cumprindo as Escrituras no meio deles, e agora vem a última prova final — eles o receberiam, o Ungido do Senhor, como seu rei? A presciência de Deus, que eles rejeitariam o Messias, é mostrada pelas palavras do Profeta — “também hoje anuncio que te recompensarei em dobro”.

Esta profecia não somente deixa sem dúvidas sobre ali existente em dobro — uma multiplicação de castigo incluído às experiências de Israel por causa de sua rejeição do Messias — mas também

marca o **dia exato** em que isto começou e faz conclusões tiradas da profecia de Jeremias, e estabelecidas pelas palavras do nosso Senhor: “Eis aí abandonada vos é a vossa casa.” Em dobro, forte, exato e claro.

Trazemos à lembrança as palavras do Senhor naquele tempo e nesta conexão: “Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas, e apedrejas os que a ti são enviados! quantas vezes quis eu ajuntar os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintos debaixo das asas, e não o quiseste! **Eis aí abandonada vos é a vossa casa.** Pois eu vos declaro que desde agora de modo nenhum me vereis, até que [do coração] digais: Bendito aquele que vem em nome do Senhor.” (Mat. 23:37-39). Também lemos que no último dia do seu teste, “quando chegou perto [montado em um jumento] e viu a cidade, chorou sobre ela, dizendo: Ah! se tu conhecesses, ao menos neste dia, o que te poderia trazer a paz! mas agora [daqui em diante] isso está encoberto **aos teus olhos**”. (Luc. 19:41) Graças a Deus, agora que o seu “em dobro” está completo, podemos ver que a sua cegueira está começando a retirar-se. E isto dá alegria aos santos na sua própria avaliação, também, para compreenderem que a glorificação do corpo de Cristo já está perto.

Mas o nosso Pai amoroso, quem evidentemente desejando de firmar e de estabelecer nossos corações fora de dúvida, sobre o pequeno ponto qual decide e prova tanto, tem enviado-nos palavras concernentes a “**em dobro**” de Israel por outro de seus servos mais honrados — o profeta Isaías.

Este profeta tomou o seu ponto de vista com atenção a este fim, no tempo em que o “em dobro” (**mishneh**) tem sido cumprido — 1878 d. C.; e, endereçando a nós que agora vivemos, ele deu-nos a mensagem de Deus dizendo: “Consolai, consolai o meu povo, diz o vosso Deus. Falai benignamente a Jerusalém e bradai-lhe que já a sua **milícia é acabada**, que a sua iniquidade está expiada e que já

recebeu **em dobro**\* da mão do Senhor, por todos os seus pecados. — Is. 40:1, 2.

O estudante da profecia deve particularmente observar que os profetas variando seus pontos de vista de expressão, às vezes falam de futuras coisas como futuro, e algumas vezes assumem uma posição futura e falam desde este ponto de vista assumido; como por exemplo, Isaías, falando do nascimento de nosso Senhor, assume de estar em pé ao lado de uma manjedoura onde o menino Jesus estava deitado, quando ele disse: “Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu; e o governo **estará** sobre os seus ombros”; etc. (Is. 9:6) O Livro de Salmos não pode ser lido inteligentemente sem este princípio ser reconhecido. Nenhuma ilustração melhor deste princípio de diferentes pontos de vista proféticos pode ser dada do que as três profecias relativas a “em dobro” de Israel já citadas. Jeremias profetizou que os dias **viriam** em que Deus os espalharia entre todos os povos, e que, quando eles terem recebido o “**em dobro**”, ele os congregará novamente por uma mais poderosa exibição de poder no lado deles do que quando eles saíram da escravidão egípcia. Zacarias fala no entanto como se vivesse no tempo de Cristo oferecendo-se ele mesmo a Israel como seu rei, e diz-nos que ali, **naquele dia** propriamente dito, seu “em dobro” começa a ser contado. Isaías está ao nosso lado em 1878 d. C., e chama nossa atenção para o fato de que Deus tinha já arranjado um **tempo determinado** ou fixo para favorecer Israel, e que esse tempo determinado foi depois de um **em dobro**, ou contraparte, de seu prévio favor; e ele disse nos que deveríamos dar a Israel esta confortável mensagem que seu em dobro está completo — seu tempo apontado finalizado. De fato seria difícil de decidir qual destas três profecias é mais forte ou mais importante. Cada uma delas é importante, e cada uma seria exclusivamente forte; mas combinadas elas são um triplicado cordel de ma-

---

\*A palavra hebraica aqui traduzida “em dobro” é **kephel**, qual significa **em dobro**, no sentido de um acontecimento duplicado ter sido colocado no meio.

ravilhoso poder para os humildes, estudiosos e confiantes filhos de Deus.

A força destas formas proféticas de expressões aumenta quando lembramos que estes profetas não apenas viveram e escreveram centenas de anos à parte, mas também que eles escreveram coisas inteiramente contrárias a expectativa dos judeus. Certamente infiéis e **brandos de coração** para acreditarem tudo o que Deus tinha falado pelos profetas, são aqueles que não podem ver neste testemunho claro e harmonioso o dedo e os procedimentos de Deus.

Se alguém tem objeções, que o Congresso de Berlim e suas ações não eram um começo suficientemente marcado da volta do favor de Deus a Israel, respondemos que ele foi uma muito mais marcada volta do favor, do que era a ação do nosso Senhor montada sobre Jerusalém para um marco de desfavor. Nem um nem outro, no tempo de sua ocorrência, foi reconhecido como um cumprimento da profecia. E hoje existem milhares a mais que sabem do cumprimento do em dobro do que existiam até Pentecostes, que sabiam que o dobro **começou** lá. Portanto nós vemos que o menino do qual Simeão disse, foi posto para **queda** e para **levantamento** de muitos em Israel (Luc. 2:34) provando a **queda** ou pedra de tropeço para Israel carnal como uma nação; e temos visto, como o Cabeça e Capitão do Israel espiritual, é para ser o Libertador, para levantar novamente a casa carnal, e para restaurar todas as coisas depois do “tempo determinado”, seu “em dobro”, está completo; e agora vemos o “em dobro” completo e o começo do favor a Israel. Quando notamos estes cumprimentos das Palavras de nosso Pai, nossos corações podem cantar bem.

“Como uma fundação firme, vós santos do Senhor,  
É posta por vossa fé em sua Palavra excelente.”

Enquanto desta maneira mencionamos a queda do favor de Israel e sua conseqüente perda, e por causa de tudo isto, não esquecemos que nisto também eles prefiguravam o Israel espiritual nominal, e

que alguns profetas tinham profetizado o tropeço e a queda das **ambas** casas de Israel — “mas servirá de pedra de tropeço e de rocha de escândalo, às duas casas de Israel”. Is. 8:14.

Realmente tanto como exatamente foi uma rejeição e queda do Israel carnal nominal, como temos visto, aí é também para ser uma rejeição e queda do Israel espiritual nominal, a Igreja Evangélica nominal, e por razões similares. A rejeição e queda tanto de um como de outro são positivamente tanto quanto vividamente retratados nas Escrituras. E positivamente tanto quanto certamente, também, como um remanescente do Israel carnal foi salvo da cegueira e queda através da humildade e fé, ainda assim também um similar remanescente do Israel espiritual nominal deve ser salvo da cegueira e queda da massa nominal na “ceifa” ou fim desta idade. Deste modo os últimos membros da Igreja verdadeira, o corpo de Cristo, serão separados da Igreja nominal — para juntarem-se com o Cabeça, glorificado. Estes (remanescentes selecionados do Israel carnal na sua queda, e os poucos fiéis da Idade Evangélica, incluindo os remanescentes vivos no fim) exclusivamente constituem o verdadeiro “Israel de Deus”. Estes são os eleitos de Deus — justificados pela fé para a obra da redenção de Cristo, chamados para sacrifício conjunto e co-herdeiros com Cristo, escolhidos mediante a santificação do espírito e a fé na verdade, e fiéis até a morte. Com a completação da seleção desta companhia, na ceifa desta idade, totalmente uma comoção pode ser esperada entre o trigo e o joio; por muitos favores divinos, especialmente concedidos por causa dos **poucos fiéis**, serão tirados das massas nominais, quando o pequeno rebanho, para cujo desenvolvimento esses favores foram concedidos, terá sido completado.

Devemos esperar que a ordem aqui seria, como na típica ceifa judaica, um trabalho de separação, cumprindo as palavras do Profeta: “Congregai os meus santos, aqueles que fizeram comigo um pacto por meio de sacrifícios.” (Sal. 50:5) E como 33 d. C.

marcou a caída da casa judaica **nominal**, como um sistema, para desfavor, ruptura e ruína, igualmente e correspondente data, 1878 d. C., marcou o começo do desfavor, ruptura e ruína do Israel espiritual **nominal**, do qual teremos mais para dizer nos estudos sucedentes.

### Demonstração Matemática

Assumindo que a evidência precedente é conclusiva e satisfatória, agora prosseguimos para demonstrarmos cronologicamente: Primeiro, que a Idade Judaica, desde a morte de Jacó até o tempo em que foi abandonada a sua casa quando seu **em dobro** ou segunda parte começou de ser cortado, era durante mil oitocentos e quarenta e cinco (1845) anos; e segundo, que o **em dobro** terminou em 1878 d. C., e o favor era devido para começar lá provando portanto o fim dos favores da Idade Evangélica.

O segundo ponto realmente não requiere demonstração; por ser um fato que nosso Senhor morreu em 33 d. C., tornou-se uma matéria fácil para adicionar mil oitocentos quarenta e cinco anos para 33 d. C., e encontrar o ano 1878 d. C. para ser o ano em que o favor para Israel devia de começar, podemos nos prover a nossa primeira proposição, que o período de espera de Israel para o cumprimento das promessas de Deus **sob seu favor** foi um período de mil oitocentos e quarenta anos.

A duração deste período é completamente estabelecida no quarto capítulo da Cronologia exceto um item, isto é, o período da morte de Jacó até a saída do Egito. Este período era antes peculiarmente ocultado, ou escondido, até recentemente; até não ser notada e conhecida a duração da Idade Judaica e sem isto o em dobro não podia ter sido avaliado, igualmente se as profecias com respeito ao em dobro teriam sido notadas e entendidas. A Cronologia continua sem dificuldade até a morte de Jacó, mas desde aquela data até a saída do Egito, o registro não está completo. Vários fragmentos

aqui e lá são dados, no entanto não ligados por linhas que pudéssemos certamente saber. Foi por esta razão que neste ponto na lista ou tabela da Cronologia fomos compelidos a olharmos para o Novo Testamento. Lá recebemos ajuda do inspirado Apóstolo, que deu-nos o elo conectivo. Desse modo aprendemos que foi um período de quatrocentos e trinta (430) anos desde o Pacto, na morte de Tera, pai de Abraão, até o êxodo de Israel do Egito.

Encontremos o período oculto da morte de Jacó e a saída de Israel do Egito, exatamente, por primeiro calculando da morte de Jacó, e em seguida deduzimos esse número de anos de quatrocentos e trinta anos, o período desde a morte de Tera até o êxodo do Egito. Assim:

Tinha Abraão setenta e cinco (75) anos quando o Pacto foi feito com ele, na morte de Tera (Gên. 12:4), e Isaque nasceu vinte e cinco (25) anos depois. (Gên. 21:5) Conseqüentemente —

Do Pacto até o nascimento de Isaque .....	25	anos
Do nascimento de Isaque até o		
nascimento de Jacó (Gên. 25:26) .....	60	”
Do nascimento de Jacó até sua morte (Gên. 47:28) .....	147	”
Total de anos do Pacto Abraamico até a	—	
morte de Jacó, .....	232	”
Do Pacto até o dia em que Israel deixou o		
Egito (Êx. 12:41), na Páscoa .....	430	”
Disto diminue-se o período do		
Pacto até a morte de Jacó .....	232	”
O período desde a morte de Jacó até o Êxodo,		
portanto, era .....	198	”

Assim toda dificuldade relativa a duração da existência nacional de Israel é claramente ausente. O período oculto da morte de Jacó até o Êxodo não era duvidoso, foi propositalmente escondido, até ser devido para ser visto. Por isto nós agora adicionamos os períodos presentes na Mesa Cronológica, como segue:

Período da morte de Jacó até o Êxodo .....	198 anos
Israel no deserto, .....	40 ”
Até a divisão do Canaã .....	6 ”
Período dos Juízes .....	450 ”
“ “ Reis .....	513 ”
“ “ Desolação .....	70 ”
Do primeiro ano de Ciro até 1 d. C. ....	536 ”
Total de anos da morte de Jacó até o nosso	—
Ano do Senhor .....	1813 ”
Desde 1 d. C. até a crucificação, no dia da Páscoa, na primavera de 33 d. C. — anos completos, tempo eclesiástico judaico* .....	32 ”
Período total da espera de Israel pelo reino, sob favor e reconhecimento divino .....	1845 anos

Para encontrar a medida de seu **em dobro**, quando o favor devido estava começando para eles, e quando por conseguinte começou a desviar-se do Israel **espiritual nominal**, contamos mil oitocentos e quarenta e cinco (1845) anos desde a primavera de 33 d. C., e obtemos a data da páscoa 1878 d. C. Sua ascensão novamente desde 1878 d. C. até 1915 d. C. (o fim dos Tempos dos Gentios) sob o favor do Rei quem eles rejeitaram, e quem nesse tempo será por eles reconhecido, corresponde em toda a extensão com seus trinta e sete anos de queda, desde o dia que sua casa foi deixada **abandonada**, no ano 33 d. C. até sua total destruição como um povo no ano 70 d.C.

Já temos examinado muitos surpreendentes paralelos entre a Idade Judaica como sombra, ou tipo, e a Idade Evangélica como substância, ou antitípica, e aqui temos exatamente outra prova: **A duração das duas idades correspondem exatamente** — a Igreja Evangélica sendo chamada **durante** o “**mishneh**” de Israel ou em

---

\*O ano eclesiástico judaico data-se desde a primavera; e a páscoa ocorria no dia 15 do primeiro mês de cada novo (eclesiástico) ano.

dobro de **desfavor**. E enquanto outras correspondências são surpreendentes, especialmente são também lineamentos finais das duas idades — suas “ceifas”, seus ceifeiros, seus trabalhos e o tempo devotado, tudo serve para dar-nos esboços claros do trabalho final para ser concluído na ceifa a qual é o fim desta idade. Note-se cuidadosamente estas duas ceifas, assim como vamos sumariamente recapitular:

### Revisão das Ceifas Paralelas

A Idade Judaica terminou com uma “ceifa”, nosso Senhor e os Apóstolos fizeram o trabalho de colher os frutos, a semente qual tinha sido semeada por Moisés e os profetas. “Levantai os vossos olhos (disse Jesus), e vede os campos, que já estão brancos para a ceifa.” Eu vos enviei a ceifar onde não trabalhastes; outros trabalharam e vós entrastes no seu trabalho. (João 4:35-38) O fim da Idade Evangélica é também chamada uma ceifa — “A ceifa é o fim do mundo” (idade); “e por ocasião da ceifa, direi aos ceifeiros: Ajuntai primeiro o joio e atai-o em molhos [feixes] para o queimar; o trigo, porém recolhei-o no meu celeiro”. — Mat. 13:39, 30.

João predisse o trabalho e efeito da ceifa judaica, dizendo (Mat. 3:12), “A sua pá ele tem na mão, e limpará bem a sua eira, e recolherá o seu trigo[os verdadeiros israelitas] ao celeiro [a Igreja cristã]; mas queimará a palha [os rebotalhos da nação] em fogo inextinguível.” — (uma tribulação que consumirá eles nacionalmente). Aqui foi o batismo do Espírito Santo e do fogo — o Espírito Santo veio sobre os “verdadeiros israelitas” em Pentecostes, e o fogo da tribulação sobre todos outros, durante trinta e sete anos seguindo sua rejeição. (Mat. 3:11) Naquela tribulação Israel **como uma nação** foi destruído, mas não como individuais. O Revelador fala da ceifa desta idade com uma foice afiada da verdade, porque é chegada a **hora de ceifar**, e mostra um trabalho dobrado, parte do qual relata-se a vinha da terra, como dis-

tinta da videira verdadeira da plantação do Pai, Jesus Cristo e seus membros ou varas. (João 15:1-6) A ceifa desta idade é dita de ser de trigo e joio (Mat. 13:24-30, 36-39): aquela da Idade Judaica foi chamada ceifa de trigo e joio. E como o joio predominou largamente lá, a analogia e paralelismo portanto marcam em cada um outros lineamentos concluindo que o joio será mais abundante do que o trigo nesta ceifa.

A ceifa judaica, em todo um período de quarenta anos começou com o ministério do Senhor e terminou com a rejeição e ruína de Israel nominal, e a destruição de sua cidade, realizada pelos Romanos, em 70 d. C. E a ceifa desta idade começou com a presença de nosso Senhor no começo do Grande Jubileu da terra, em 1874, como demonstrado no Estudo VI, e termina-se com a derrota do poder dos gentios — 1914 d. C. igualmente um período de quarenta anos — mais um dos maravilhosos paralelos das duas idades.

Embora a ceifa judaica começou com o ministério do nosso Senhor, e o favor de Deus desviou-se de seu sistema nominal três anos e meio mais tarde, e foi seguido por trinta e sete anos de tribulação sobre aquele sistema, no entanto continuou o favor especial a individuais daquela nação, e a chamada para a alta posição de co-herdeiros com Cristo foi concedida-lhes exclusivamente por três anos e meio depois da rejeição por eles do nosso Senhor — assim comprova-se a promessa de Daniel (Dan. 9:27), que o favor seria mostrado a seu povo até absolutamente chegar ao fim da septuagésima semana, no meio da qual foi cortado o Messias. Esta promessa cumpriu-se para todo o trigo verdadeiro, enquanto o **sistema** que continha aquele trigo foi condenado e rejeitado no meio da semana. A ceifa do trigo da Idade Judaica durou por alguns anos, começando com o ministério do nosso Senhor, ainda que todo o favor especial cessou três anos e meio

depois da morte de Cristo. A tribulação (fogo) sobre aquela nação começou a acender-se cedo, mas não atingiu sua fúria terrível até que o trigo daquela nação tivesse sido em toda parte ajuntado.

Períodos similares estão marcados na ceifa dessa idade agora finalizando-se, correspondentes a aspectos daquela ceifa. O outono de 1874 d. C., onde os ciclos do Jubileu indicam que nosso Senhor devia estar presente, correspondentes ao tempo, de seu batismo e unção pelo Espírito Santo, em que ele tornou-se o ungido, o príncipe (Dan. 9:25), e começou seu trabalho de ceifeiro da ceifa judaica. A primavera de 1878 d. C. (três anos e meio depois) corresponde à data em que o nosso Senhor desempenhou a função de Rei, viajou montado num jumento, limpando o templo de seus cambistas, e lamentou sobre ela e deu à desolação essa igreja ou reino nominal; e isto marcou a data quando os sistemas da igreja nominal foram “vomitados” (Apoc. 3:16) e desde (1878 d. C.) eles não são os porta-vozes de Deus, nem em qualquer grau reconhecidos por Ele. E três anos e meio seguintes à primavera de 1878 d. C., qual terminou, em outubro, 1881 d. C., correspondente a três anos e meio de favor contínuo para judeus individuais na última metade de sua setuagésima semana de favor. Como no tipo aquela data — três anos e meio após a morte de Cristo — marcou o fim de todo favor especial para os judeus e o começo do favor para os gentios, por isto reconhecemos 1881 d. C. como marcando o fim do especial favor para os gentios — o fim da “vocação celestial”, ou convite para bênçãos peculiares para esta idade — para tornarem-se co-herdeiros com Cristo e participantes da natureza divina. E, como temos visto, isto marca um grande movimento entre o povo judeu concernente ao cristianismo, conhecido como o “Movimento Kishenev”. E agora a tribulação está por acontecer sobre o cristianismo nominal, mas a tempestade ficará adiada até que o trigo seja ajuntado, até que sejam selados na sua frente (inteligência) com a verdade os servos (mensageiros) de nosso

Deus. — Apoc. 7:3.

Os lineamentos desta ceifa correspondentes a aqueles da ceifa judaica têm sido exatamente feitos igualmente quanto à pré-dica feita. Nos primeiros três anos e meio da ceifa judaica, o Senhor e os discípulos têm para eles por texto especial o **tempo**, e o fato da **presença** do Messias. A proclamação deles foi: “O tempo está cumprido”, o Libertador tem vindo. (Marcos 1:15; Mat. 10:7) Assim foi nesta ceifa também: até 1878 d. C. e as profecias de tempo e o fato da presença do Senhor, substancialmente como aqui apresentado, ainda que menos claramente, foi nossa mensagem. Desde então o trabalho estendeu-se, e a visão de outras verdades havia tornado-se brilhante e clara; mas alguns fatos e manuscritos, ensinando o mesmo **tempo e presença**, estão de pé inalteráveis e incontrovertíveis. Com o favor qual continuou a israelitas individuais, depois de sua casa nominal ser cortada do favor, não foi pretendido para converter e reformar seu **sistema da Igreja nominal**, nem permitir na esperança de trocar seu joio pelo trigo, mas foi intencionado meramente para separar e ajuntar todo grão maduro de trigo, igualmente nesta ceifa o objetivo do favor contínuo e abundante (da luz da verdade) do presente não é designado para converter todas seitas nem para obras de reformas nacionais, mas pelo contrário para separar completamente a classe do trigo da classe do joio. Eles têm crescidos juntos lado a lado durante séculos, e um **puro**, todo trigo da seita, tem sido desconhecido; entretanto agora na ceifa a separação deve vir, e a tensão será terrível. Isto significará em muitas instâncias, o desarraigamento das benevolências terrestres e a separação de muitos laços de amizade, e a **verdade** fará a separação. A afirmação do Senhor quanto à “ceifa” no primeiro advento será verdadeira na ceifa presente. (Veja Mat. 10:35-38; Luc. 12:51-53) Assim como a verdade pôs o pai contra o filho, a filha contra sua mãe, e a nora contra sua sogra; e assim muitas vezes os inimigos do

homem serão os da própria casa. Isto não poderá ser evitado. Aqueles que amam a paz mais do que a verdade serão provados, e aqueles que amam a verdade acima de tudo serão aceitos e aprovados como “vencedores” — positivamente como na ceifa judaica.

Na “ceifa” judaica os mensageiros escolhidos e enviados adiante como precursores do Rei e do Reino que está próximo eram humildes, homens sem títulos, e aqueles que eram opostos a mensagem eram os Principais Sacerdotes, Escribas, Fariseus, e Doutores da Divindade; e como devíamos esperar encontremos isto aqui: os cegos são os líderes dos cegos, aqueles que, iguais a seus tipos judaicos: **Não conheceram o “tempo de sua visitação”**. — Luc. 19:44.

A **presença** foi um dos principais pontos de prova lá, e a **cruz** foi o outro. João, o Batista, clamava a eles: “no meio de vós está um a quem vós não conheceis”. Embora somente os israelitas eram capazes de compreenderem o fato da presença do Messias; e destes muitos tropeçaram sobre a cruz; pois apesar de dispostos a aceitarem Messias como um libertador, seu orgulho fez eles sem vontade de recebê-lo como **Redentor**, também. Agora, igualmente, muitos tropeçam sobre a **presença** de Cristo, sobre a “ceifa” em progresso, e sobre a rejeição das massas de professores nominais; e o grande Libertador, por cuja vinda e reino muitos têm orado (como faziam os judeus), eles não estão preparados para reconhecê-lo. Novamente isto é verdadeiro, “no meio de vós está um a quem vós não conheceis”. E novamente a **cruz** de Cristo torna-se um teste e: Como uma pedra de tropeço ou julgamento como ninguém podia ter esperado; e muitos, muitos estão agora tropeçando e caindo sobre ela, dizendo: Nós aceitaremos Cristo como nosso **Libertador**, mas o rejeitaremos como nosso Redentor e Salvador.

Certamente todos aqueles que considerarem a matéria cuidadosamente devem reconhecer que a evidência que nosso Senhor está agora presente (um ser espiritual, e por isso invisível) é maior e mais clara do que a evidência qual os judeus tinham de sua presença na carne no primeiro advento. E não apenas são as evidên-

cias proféticas da presença do Senhor agora mais amplas, completas, e numerosas, entretanto os sinais dos tempos em toda parte em redor de nós, demonstram o trabalho da ceifa em progresso, são muito mais aparentes e convincentes, a esses cujos olhos estão unguídos (Apoc. 3:18), do que as circunstâncias do primeiro advento, quando nosso Senhor Jesus, com um punhado de seguidores, atravessou muita oposição e sob muitas condições desfavoráveis, anunciava: “O tempo está cumprido, ... Arrependei-vos, e crede no evangelho.” — O Messias tem vindo, o Mensageiro do grande Jeová, para cumprir todas as promessas feitas para vossos pais. É de se admirar que só alguns dos humildes dispostos puderam aceitar o humilde Nazareno como o grande Libertador, ou dos humildes, homens sem títulos com ele como partes de seu escolhido gabinete — como aqueles que deviam ser os príncipes sob ele. Somente os poucos puderam ver, em um que montado em um jumento e chorando sobre Jerusalém, o grande Rei, de quem Zacarias tinha profetizado que Sião recebê-lo-ia como Rei com aclamações de alegria.

No seu primeiro advento ele humilhou-se a si mesmo, tomando a forma e natureza de homem (Heb. 2:9, 15), desse modo realizou nossa redenção por dar-se a si mesmo como preço do nosso resgate. Deus o exaltou soberanamente, e já não morre mais; e no seu segundo advento, revestido com todo poder (Fil. 2:9), ele enaltecerá seu “corpo”, e depois **aplicará** sobre o mundo as bênçãos da restauração quais ele comprou para eles no seu primeiro advento com seu próprio sangue. Lembrai que ele não é mais carnal, mas um ser espiritual, e em breve transformará e glorificará seus membros e co-herdeiros, todos seus fiéis seguidores.

À casa judaica Jesus apresentou-se em três caracteres — como Noivo (João 3:29), Ceifeiro (João 4:35, 38), e Rei (Mat. 21:5, 9, 4). À casa cristã ele apresentou-se nos mesmos três caracteres. (2 Cor. 11:2; Apoc. 14:14, 15; 17:14) Para a casa judaica ele veio como

Noivo e Ceifeiro no começo de sua ceifa (o começo de seu ministério); e exatamente antes da sua crucificação ele apresentou-se como Rei, exercendo autoridade real na sentença proferida contra eles, para deixar ficar sua casa abandonada, e no ato típico da purificação de seu templo. (Luc. 19:41-46; Mar. 11:17-15) Exatamente assim tem sido nesta ceifa: A presença do Nosso Senhor como Noivo e Ceifeiro foi reconhecida durante os primeiros três anos e meio, desde 1874 d. C. até 1878 d.C. Desde aquele tempo tem sido enfaticamente manifestado que o tempo tinha vindo em 1878 d. C. em que o julgamento real começou pela casa de Deus. Isto está aqui Apoc. 14:14-20 aplicado, e nosso Senhor é trazido à vista como o Ceifeiro **coroadado**. O ano 1878 d. C., sendo o paralelo de seu assumido poder e autoridade no tipo, claramente **marca o tempo** para a atual tomada de poder como o Rei dos reis, pelo nosso presente, espiritual e invisível Senhor — o tempo de ele mesmo ter tomado o seu grande poder, e começar a reinar, qual nas profecias é rigorosamente associado com a ressurreição de seus fiéis, e o começo da tribulação e ira sobre as nações. (Apoc. 11:17, 18) Aqui, como no típico, o julgamento está começando com a Igreja nominal, na condenação à destruição dos **sistemas** nominais (não os povos), externamente apresentando a Igreja verdadeira — “o corpo”. Aqui também é a purificação do templo verdadeiro, a Igreja verdadeira, o corpo de Cristo — a classe consagrada. (I Cor. 3:16; Apoc. 3:12) Esta consagrada ou classe do **templo** na Igreja nominal fica relacionado à igreja nominal, como um todo, como o templo literal ficou relacionado à cidade santa Jerusalém, como um todo. Depois a cidade entregou-se e o templo foi **purificado**: igualmente agora a classe do templo deve ser purificada: todo egoísmo, pensamento carnal e interesse pelos assuntos mundanos devem ser jogados, para que o templo possa ser purificado, o lugar de morada do Espírito Santo de Deus — santuário do Deus vivo.

O trabalho especial desde 1878 d. C. tem sido a proclamação do comando do Rei, “Sai dela [Babilônia], povo meu, para que não sejas participantes dos seus pecados, e para que não incorras nas suas pragas.” (Apoc. 18:4) “Retirai-vos, retirai-vos, saí daí, não toqueis coisa imunda; saí do meio dela, purificai-vos [o sacerdócio real], os que levais os vasos do Senhor.” — Is. 52:11.

Outro ponto marcado de similaridade acompanhando o primeiro e segundo adventos é o prevalecente senso da necessidade de um libertador, e uma impressão muito difundida entre as nações que a libertação deve vir imediatamente — as idéias de alguns até aproximam a matéria da verdade. Mas em cada caso só alguns são capazes de reconhecer o Libertador e alistar-se sob sua bandeira no serviço da verdade. Na ceifa judaica saiam multidões de gente para encontrar o Cristo quando todos “estavam em expectativa” dele (Luc. 3:15), no tempo de seu nascimento, trinta anos depois de sua unção como Messias no começo do seu ministério; e igualmente existia uma correspondente expectativa e movimento na parte de muitos (mais tarde chamados adventistas) guiados principalmente por um irmão batista chamado William Miller, no seu país, e pelo Sr. Wolff e outros na Europa e Ásia. Isto culminou no ano de 1844 d. C., exatamente trinta anos depois em 1874 d. C., quando Cristo o Noivo e Ceifeiro atualmente veio, como demonstrado pelo ensinamento do Jubileu. Nisto nós encontramos outro surpreendente tempo — paralelo entre estas idades; para aqueles trinta anos correspondendo exatamente a trinta anos desde o nascimento do menino Jesus até o ungido Messias — batizado, e introduzido como Noivo e Ceifeiro, aos trinta anos de idade. Mat. 3:12; João 3:29.

Em ambos os casos havia um desapontamento e uma demora de tempo de trinta anos, durante qual todo sonolento, e somente alguns em cada caso acordaram no **próprio** tempo para uma realização da presença do Messias. A grande massa nominal em ambas casas

deixou de reconhecer a visitação, porque sobrecarregaram-se e tornaram-se mornos, negligenciando a ordem para tomar conhecimento e vigiar. Portanto está cumprindo-se o predito pelo Profeta — “mas servirá de pedra de tropeço, e de rocha de escândalo, às **duas** casas de Israel”. (Is. 8:14) A casa carnal tropeçou porque bem sabia rejeitar o mandamento de Deus, para guardar a sua tradição, invalidando assim a palavra de Deus (Mar. 7:9, 13), e por isso não tinha uma própria concepção da maneira e objetivo do primeiro advento. Por essa razão os judeus estavam despreparados para recebê-lo no estado que ele veio, e portanto tropeçaram sobre ele e sua obra de sacrifício. As massas do Israel espiritual nominal agora estão tropeçando sobre a mesma rocha, e pelo mesmo motivo. Eles estão cegados pelas tradições dos homens e preconceitos sectários quais impedem uma própria iluminação pela Palavra de Deus; conseqüentemente eles não têm concepção própria da maneira ou objetivo do segundo advento do Senhor. E aqui também a cruz de Cristo, a doutrina do resgate, está tornando-se um teste para todos. É digno de nota cuidadosa, também, que nem uma nem outra casa tropeçaria ou cairia sobre uma rocha não presente. A Rocha está agora presente, e sistemas nominais estão tropeçando, caindo, e estão quebrados em pedaços; agora como no primeiro advento, os “verdadeiros israelitas” estão individualmente reconhecendo e aceitando a Rocha, e pelo escalamento sobre esta verdade estão sendo elevados espiritualmente em alto grau acima das massas que tropeçam com freqüência, que rejeitam esta verdade e não a entendem.

Aqueles que têm iluminados os olhos do seu entendimento não tropeçam, no entanto como eles elevam-se sobre a Rocha, desde seu alto ponto de vista eles vêem muito mais claramente os ambos, o passado e o futuro do plano divino — algumas coisas não possíveis para proferir, relativas à glória vindoura da Igreja e os dias de festa da terra. Aqueles que põem sua confiança no Senhor jamais serão confundidos.

A força total deste paralelismo não é obtida a menos que é notado que os ciclos do Jubileu e os Tempos dos Gentios marcam os períodos quais correspondem desta maneira exatamente com estes nos paralelos judaicos. Não é uma imaginação que as idades judaica e cristã são típicas e antitípicas — os Apóstolos e profetas testificam a sua correspondência. Também não confiamos meramente nos paralelos como prova do trabalho da ceifa da dispensação cristã agora em progresso: nesta ceifa, como já demonstramos, são diferentemente marcados — ambos, seu começo e seu fim. Os ciclos do Jubileu provam que nosso Senhor Jesus devia estar presente e começar a obra da restauração no outono de 1874 d. C. E o paralelismo referido acima para demonstrar aquela data (1874) para corresponder exatamente com a unção de Jesus como o Messias, no começo da “ceifa”, no primeiro advento. O “Tempo dos Gentios” prova que os presentes governos devem todos ser derrubados em volta do fim de 1915 d. C. e o paralelismo acima demonstra que este período corresponde exatamente com o ano de 70 d. C., qual testemunhou o completamento da queda da política judaica. Uma razoável pergunta, quando, à vista de tudo isto, é: São esses tempos correspondentes meros acidentes, ou são eles do mesmo arranjo divino quais nós temos visto arranjados e outros afazeres da casa carnal como sombras das realidades desta dispensação?

Não, eles não são acidentais: indubitavelmente o Único que tudo sabe, aquele mesmo ensinou-nos através da Cronologia que seis mil anos desde a criação de Adão terminaram em 1872 d. C., e que os sete mil anos, a Idade Milenar, começou lá; quem através do ciclo do Jubileu ensinou-nos que o Senhor estaria presente e que os Tempos da Restauração começariam no outono de 1874; e quem através dos Tempos dos Gentios demonstrou-nos que não devemos esperar que estas coisas sejam feitas apressadamente, mas aparentemente pelos meios naturais abrangendo um período de quarenta anos, tem nisto Dispensações Paralelas marcadas pelo

“em dobro” de Israel dando-nos evidências quais não apenas por si mesmas ensinam claramente a presença do Senhor, (começando com o favor para Israel carnal), mas ao mesmo tempo fornecem uma **prova** da precisão de outras evidências proféticas e da Cronologia. Por ser distintamente notado que se a Cronologia, ou alguns destes tempos — períodos, são alterados ainda que um ano, a beleza e a força deste paralelismo são destruídos. Por exemplo, se a Cronologia está alterada mesmo que um ano, mais ou menos — se adicionarmos um ano, por assim dizer o período dos Reis ou dos Juízes, ou se fizermos um ano menos — arruinaria o paralelismo. Se adicionarmos um ano faria o primeiro dos períodos de Israel durar 1846 anos, e o em dobro ou outra metade disso seria por isso torcida **um ano mais tarde**, enquanto pelo contrário, por uma substituição da Cronologia dos ciclos do Jubileu seria torcida um ano mais cedo, isto é, 1873 d. C.; e isto faria os 6000 anos terminarem em 1871, d. C., enquanto o Tempo dos Gentios não seria afetado por isso em tudo. Todos podem ver que a harmonia ou paralelismo seria deste modo totalmente destruído. Ou, se um ano fosse deduzido desde a contagem cronológica a confusão seria grande, as mudanças para alguns períodos estariam em direção oposta. Desse modo estas várias profecias de tempo corroboram mutuamente, enquanto o paralelismo das duas dispensações autentica seu testemunho.

Será notado por esses familiarizados de qualquer modo com os cálculos usualmente feitos por “Segundos Adventistas” e outros, relativos a períodos proféticos, etc., que este método do procedimento com estes assuntos é muito diferente deste, qual estamos aplicando. Eles usualmente tentam para fazer todas as profecias terminarem em **uma** mesma data. Suas expectativas errôneas os levam a isto. Eles esperam que alguns momentos testemunharão o programa inteiro qual realmente ocupará mil anos — a vinda do Senhor, a ressurreição, e o julgamento do mundo. E sua expectativa concernente a estes poucos momentos é que eles

concluem-se pela queima do mundo. Para apreciar e aceitar as profecias quais apontam várias datas de vários graus no grande plano de Deus, eles necessitariam primeiro entender “O Plano Divino das Idades”, e a verdadeira maneira do segundo advento do Senhor. Mas a grande maioria são também muito cegados pelas suas teorias e preconceitos para fazerem isto. Suas tentativas para ajustar profecias a suas expectativas falsas muitas vezes levam a intrigas ou sofismas, alongamentos ou reduções, de acordo com as necessidades do caso, no esforço por trazer todas as profecias para terminarem em alguma data única. Estes amigos deveriam despertar de seu erro nesta direção; porque suas expectativas uma após outra têm falhado, enquanto nós e eles sabemos que algumas das profecias que eles têm usado não podem estender-se no futuro, mas ficaram, no passado, e são agora abandonadas por eles. Estas profecias cumpriram-se, no entanto diferentemente do que eles esperavam, e eles não sabem isto.

Pelo contrário, as profecias aqui apresentadas, e aquelas ainda para serem consideradas, são não constrangidas, sem sofismas, ou corte. Simplesmente as apresentamos assim como as encontramos na Palavra de Deus; e temos corretas expectativas do grande “Plano das Idades”, é fácil para aqueles que vêem claramente notarem como os vários elos proféticos se ajustam a este plano e constituem suas medidas. Eles marcam, de acordo um ponto importante e algum outro; e a tais que tanto vêem este paralelismo das dispensações judaica e cristã demonstram e provam além de razoáveis dúvidas a precisão de todas as outras.

A declaração dos períodos de tempo do plano de Deus, fornecidos nas profecias, é muito similar a especificações de um arquiteto; e os paralelos das dispensações judaicas assemelham-se aos primeiros traços de um desenho. Suponhamos que temos especificações de um arquiteto para uma casa, sem nenhum dos desenhos, e nós nos sentamos para fazer um desenho das especifi-

cações, e depois recebemos do arquiteto seu projeto desenhado da construção prospectiva — se uma comparação disso com nosso próprio esboço ou croqui, faz das especificações, indicar todos os ângulos e medidas exatamente iguais, devemos estar duplamente seguros quanto a nossa correta combinação das especificações. Portanto aqui o desenho, o tipo ou sombras da Idade Evangélica fornecida-nos na Idade Judaica, e a correspondência das profecias e eventos com aqueles pronunciamentos, dá-nos poderosa garantia da precisão de nossas conclusões como pode ser perguntado, enquanto ainda “andamos por fé, e não por vista”.

Outros testemunhos proféticos ainda para serem examinados também serão encontrados em perfeito acordo com estes paralelos. Um deles, os Dias de Daniel, apontando à grande bênção sobre os consagrados que estariam vivos em 1875 d. C. e para diante — uma bênção certamente sendo cumprida na grande abertura das verdades da Palavra de Deus desde aquele tempo. A glória seja Daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz!

Lembraí que os **quarenta anos** da ceifa judaica terminaram em outubro, 69 d. C., e foi seguida pelo completo derrocamento daquela nação; e que igualmente os quarenta anos da Idade Evangélica terminariam em outubro, 1914, e que igualmente a ruína e o derrocamento da “cristandade”, assim chamada, deve-se esperar para seguir imediatamente. “Pois numa só hora” veio o teu julgamento. — Apoc. 18:10, 17, 19.

A atenção do leitor seja dirigida para a Tabela das seguintes Correspondências, qual bem compenará o estudo cuidadoso.

**“Duas Casas de Israel”**  
**CORRESPONDÊNCIAS DAS**  
**DISPENSACÕES MOSAICA E CRISTÃ**

Desde a Morte de Jesus até 1878 d. C., o Período Seguido pelo Enaltecimento de Alguns Fiéis,

<i>ISRAEL SEGUNDO A CARNE</i>	<i>ISRAEL SEGUNDO O ESPÍRITO</i>
<p>A Casa dos Servos.                      1 Cor. 10:18; Rom. 9:7, 8; 4:16; Heb. 3:5.                      Fundada nas Doze Tribos de Jacó.                      1 Reis 18:31                      Reino Sacerdotal e Nação Santa.                      Êx. 19:6.                      Arão, Sumo Sacerdote Carnal                      Heb. 9:7.                      Circuncisão da Carne                      Rom. 2:28, 29                      Lei do Pecado e da Morte                      Rom. 8:2                      Pror' asus Terrestres.                      Gên. 13:14-17; Al. 7:2-5.                      No Cativoiro da Babilônia Literal                      2 Crôn. 36:20.                      Duração do Favor 1845 anos, desde a Morte de Jacó até a Rejeição de Israel Espiritual, 33 d. C.                      A Rejeição do Sistema Nominal, 33 d. C.                      Mat. 23:38.</p>	<p>A Casa dos Filhos                      Gal. 4:5, 6, 7, 30, 31. 6:15. 16; João 1:12; Rom. 8:15.                      Fundada nos Doze Apóstolos de Jesus                      Apoc. 21:14.                      O Real Sacerdôcio, uma Nação Santa.                      1 Ped. 2:5, 9                      Heb. 9:11.                      Jesus, Sumo Sacerdote Espiritual.                      Circuncisão do Coração                      Rom. 2:28, 29.                      Lei do Espírito da Vida, em Cristo Jesus.                      Rom. 8:2                      “Melhores Promessas”                      Heb. 9:23; 11:40.                      No Cativoiro da Babilônia Mística                      Apoc. 17:5; 18:4.                      Duração do Favor 1845 anos, desde a Morte de Jesus até o Começo do Reino de Cristo e a Rejeição da Babilônia, 1878 d. C.                      O Sistema Nominal Lançado Fora, 1878 d. C.                      Apoc. 3:16.</p>

Desde a Morte de Jacó até a Cruz, o Período Seguido pelo Enaltecimento de Alguns Fiéis,

37 Anos da Queda, até 70 d. C.

O Fim da Idade, uma Ceifa de 40 Anos.

Luc. 10:2, 16.

Presença de Cristo na Carne como Ceifeiro.

João 4:35-38

A Presença de Nosso Senhor e o Caráter Sacrificial de Sua Morte, a Pedra de Tropeço.

"Ele ... servirá de pedra de tropeço, e de rocha de escândalo às duas [nominais] casas de Israel". Is. 8:14.

### ELES NÃO CONHECERAM O TEMPO DE SUA VISITAÇÃO

Luc. 19:44; Mat.24:38, 39

A PRESENÇA DE NOSSO SENHOR EM TRÊS CARACTERES — COMO NOIVO, CEIFEIRO, E REI.

João 3:29; 4:35, 38; Mat. 21:5, 9, 4; 2 Cor. 11:2; Apoc. 14:14, 15; 17:14

Um Advento Movimentado no Tempo do Nascimento de Jesus' Trinta Anos Antes de seu Advento e União, como Messias, no Batismo.

Mat. 2:1-16; Ato 10:37, 38.

Atual Presença do Senhor como Noivo e

Cefeiro — Outubro, 29 d. C.

Poder e Título como Rei Assumido três

anos e meio depois — 33 d. C.

### PRIMEIRO TRABALHO DO REI, JULGAMENTO

A Casa Nominal Judaica Rejeitada; Templo Literal

Purificado. — Mat. 20:18; 21:5-15; 23:37; 24:1

Total Destruição da Política Judaica Concluída

em 37 anos Depois de serem Rejeitados — ou

40 anos desde o Começo da Ceifa

— 70 d. C.

37 Anos da Queda, até 1915 d. C.

O Fim da Idade, uma Ceifa de 40 Anos.

Mat.13:24-30, 36-43

Presença Espiritual de Cristo como Ceifeiro.

Apoc. 14:14, 15.

A Presença de Nosso Senhor e o Caráter Sacrificial de Sua Morte, a Pedra de Tropeço.

"Ele ... servirá de pedra de tropeço, e de rocha de escândalo às duas [nominais] casas de Israel". Is. 8:14.

### ELES NÃO CONHECERAM O TEMPO DE SUA VISITAÇÃO

Luc. 19:44; Mat.24:38, 39

A PRESENÇA DE NOSSO SENHOR EM TRÊS CARACTERES — COMO NOIVO, CEIFEIRO, E REI.

João 3:29; 4:35, 38; Mat. 21:5, 9, 4; 2 Cor. 11:2; Apoc. 14:14, 15; 17:14

Um Advento Movimentado em 1844, trinta anos antes do tempo atual de Sua Presença, para Despertar e Provar a Igreja.

Mat. 25:1.

Atual Presença do Senhor como Noivo e

Cefeiro — Outubro, 1874 d. C.

Poder e Título como Rei Assumido três

anos e meio depois — 1878 d. C.

### PRIMEIRO TRABALHO DO REI, JULGAMENTO

A Casa Nominal Cristã Rejeitada; O Templo Espiritual

Purificado. — 1 Ped. 4:17; Apoc 3:16; Mat. 3:2.

Total Destruição da Cristandade Nominal,

Concluída em 37 anos Depois de serem Jogados

Fora — ou 40 anos desde o Começo da

Ceifa — 1915 d. C.

de Favor para a Casa Nominal dos Servos, 1845 Anos, e pela Rejeição, Tribulação e Julgamento para os Outros.

## ESTUDO VIII

### ELIAS HAVIA DE VIR PRIMEIRO

Como esta Importante Profecia Encontra-se Relacionada com o Segundo Advento — Um Cumprimento Parcial e Típico em João, o Batista — O Cumprimento Real — A Visão do Monte Santo — Notáveis Correspondências entre Elias, o Típico, e o Elias Antitípico — O Tempo está Próximo — A Perspectiva — Eliseu, o Sucessor de Elias.

“Eis que eu vos enviarei o profeta Elias, antes que venha o grande e terrível dia do Senhor; E ele converterá o coração dos pais aos filhos, e o coração dos filhos a seus pais; para que eu não venha, e fira a terra com maldição.” Mal. 4:5, 6.

EM consideração às evidências de o tempo estar próximo para o estabelecimento do Reino do Messias na Terra, esta profecia, que demonstra a prioridade da vinda de Elias, não deve ser omitida.

A expressão de nosso texto é peculiar. O pensamento parece ser que a obra de Elias será para **converter** os pais a uma condição humilde e infantil, e, depois de fazê-los susceptíveis de ensino como pequenas crianças, afim de converter seus corações dos erros, pecados, e infidelidade, e deixá-los voltarem à harmonia com seus “pais” — um nome dado pelos hebreus aos seus **fiéis** patriarcas e profetas.

A profecia de Malaquias, a última mensagem enviada por Jeová a Israel, parece ter profunda impressão sobre eles — especialmente os últimos dois capítulos, quais particularmente referem-se à vinda do Messias, e as provas especiais que o dia da presença do Senhor trará com ele. (Ver Mal. 3:1-3, 13-18; 4:1-6) Deduzindo disto, dito acima, que a prova seria peculiar, eles tomaram conforto desde os

últimos versos citados acima, quais prometeram que Elias, o profeta, que tinha uma vez convertido a nação inteira da adoração de Baal para adorar a Deus, viria outra vez afim de prepará-los, diante deste tempo severo de provas que traria a vinda do Messias.

Esta profecia não foi **cumprida** no primeiro advento do nosso Senhor — nem a porção que relata o Messias, nem esta que refere-se a Elias. A referência da profecia é evidentemente ao segundo advento; à vinda do “Mensageiro do Pacto” em glória e poder; e para a prova e grande tribulação do dia do Senhor naquele tempo. No entanto, a apresentação de Cristo ao Israel típico, e a grande tribulação qual veio sobre eles como uma nação quando eles rejeitaram-no, foi assim como Deus tinha previsto e intentado, uma outra sombra qual mais além ilustrava em muitos particulares as coisas apresentadas nesta profecia. João, o Batista, no espírito de Elias, fez uma obra pelo Israel similar a essa do prometido Elias, mas não conseguiu sucesso; e, como resultado, a tribulação (uma maldição) sobre essa nação seguiu. O Elias real referido pelo profeta estava para fazer uma grande obra por toda a “terra”; afim de preparar todo o gênero humano para o segundo advento; e ele por um tempo também terá falta de sucesso, e como resultado o grande tempo de tribulação (a maldição) atingirá toda a terra.

A vinda de Elias mencionada pelo profeta é “**antes**” deste “grande e terrível Dia de Jeová”.\* E visto que como temos demonstrado, o grande Dia de Jeová começou em 1874 d. C., continuará quarenta anos, e terminará com a expiração do Tempo dos Gentios na completa derrota do domínio mundano e satânico na terra, e a total investidura de Emanuel — Cristo Jesus e seus santos — com poder e domínio, isto é importante para exibirmos aqui que **Elias já veio**. Ele tem faltado a converter os corações do mundo aos infantis e à [verdadeira] sabedoria dos justos; e por-

---

\*Veja Volume I Estudo XV.

tanto o grande tempo de tribulação vem, assim como Deus previu e predisse. Neste, Deus ensinará a humanidade pelas severas e amargas experiências, lições que eles precisam aprenderem completamente, afim de prepará-los para agradecidamente aceitarem o Cristo — Mensageiro de Jeová do Novo Pacto — com todos os justos arranjos, leis, etc., daquele Pacto.

No primeiro advento, assim como temos positivamente visto, muitas das promessas e planos de Deus foram levados a cabo numa pequena escala com uma nação, Israel, como uma ilustração das maiores e mais importantes realidades que serão concluídas com a segunda vinda de Cristo. E como os milagres, curas, etc., representando as maiores obras da Idade Milenária, e o nosso Senhor montado em um jumento, como Rei representou o seu grande poder ostentoso, majestade e honra para o segundo advento como Rei dos reis e Senhor dos senhores, assim Cristo Jesus, **homem**, e seu pequeno grupo de discípulos representaram o Senhor da Glória altamente exaltado, associado com os santos, sua noiva e co-herdeiros, no segundo advento. E **desta maneira**, João, o Batista, e seus discípulos engajaram no mesmo trabalho com e sob Ele, no intento de converter Israel e prepará-lo para receber o Messias, **representaram o real Elias** (a verdadeira Igreja cristã), cuja obra tem sido para **tentar** a conversão do mundo antes da vinda do Messias ao mundo — o espiritual Senhor da Glória e Rei dos reis. João, o Batista, no espírito e poder de Elias, não conseguiu de reformar Israel, e como uma consequência (Mat. 17:12), Israel rejeitou Jesus na carne, e trouxe sobre si próprios um grande “**dia de vingança**”, tribulação e indignação. (Luc. 21:22) Portanto, também, somente em grande escala, **o Elias maior e real** não tenha conseguido converter e preparar o mundo para receber o Rei da Glória, e agora, conseqüentemente, o grande dia da ira deve vir sobre o mundo, para comover, abrandar, humilhar e preparar todos para clamarem inteiramente de coração — Hosana! Abençoado o

que vem em nome de Jeová!

Isto é assim visto que a **Igreja na carne** (o Cristo segundo a carne, Cabeça e corpo) é o Elias ou precursor da **Igreja em glória**, Ungido de Jeová. Não a igreja nominal, mas a igreja realmente consagrada, qual no outro lado da sepultura será o grande Ungido Libertador — estes constituem o Elias. Sua missão é reprovar o erro e o pecado, e apontar o vindouro Reino da glória. Nosso Senhor Jesus e os Apóstolos, e todos os fiéis em Cristo Jesus desde então, são deste grande antitípico Elias, profeta ou professor — a mesma classe (Cabeça e corpo) a qual deve em breve compor o Reino da Glória. A obra da qual a Igreja está agora engajada é meramente preliminar para sua obra do futuro, no que concerne à reforma do mundo. Nesta repartição real a Igreja realizará para o mundo o que faltou de fazer como o professor Elias.

Não deixe sermos mal compreendidos: Temos antes exposto aqui que o plano de Deus não estende-se para a conversão do mundo durante a Idade Evangélica. Ele não pretendeu estendê-lo assim, mas meramente designou a seleção e julgamento da Igreja agora, e a bênção do mundo através da Igreja, o Cristo, em uma idade que seguirá esta. Não fazemos contradição a isto quando dizemos que o Elias (Cristo na carne) **tinha experimentado** converter o mundo e não conseguiu, exceto em efetuar reformas parciais; ainda por Deus conhecido e predito que nossa missão para o mundo seria largamente um insucesso, exceto na escolha ou seleção do pequeno rebanho, todavia, sabendo que os esforços seriam favoravelmente reatados sobre nós mesmos, sua comissão para nós através do nosso Senhor era para **tentar** converter o mundo, quando ele disse: “Ide por todo o mundo, e pregai o evangelho a toda criatura.” Vimos que ele predisse nosso insucesso presente, mas nosso sucesso será no futuro, quando ele nos glorificará e investirá com o poder divino, estaremos habilitados para regozijar-se ainda enquanto vemos o comparativo insucesso dos passados dezoito

séculos, realizando que a obra da verdadeira classe de Elias não tem sido em vão, mas tem servido ao propósito divino no desenvolvimento da verdadeira Igreja enquanto dá o testemunho diante do mundo — qual o beneficiará a seu tempo.

João, o Batista, não era verdadeiramente Elias de volta à terra, tampouco é a Igreja; mas como era verdade de João, qual fez uma obra de Elias a Israel (Luc. 1:17) para prepará-los, e introduziu o Senhor na carne, então isto é verdade da Igreja — ela faz a predita obra de Elias “no espírito e poder de Elias” para o mundo, e anuncia o segundo advento do nosso Senhor quase com mesmas palavras quais João usou no primeiro advento: “No meio de vós está um a quem vós não conheceis, aquele que vem depois de mim, de quem eu não sou digno de desatar a correia da alparca.” — João 1:26, 27.

Nem todos podiam receber o testemunho de João, nem realizaram que ele era o precursor do Rei na carne. Tivessem eles feito assim, eles teriam sido preparados desse modo para receber Jesus como seu Messias. A todos quantos puderam aceitar a mensagem de João e receber Cristo e assim fizeram, a estes João **fez** a obra de Elias. Como nosso Senhor disse a eles de João (Mat. 11:14), “E, se quereis **dar crédito**, é este o Elias que havia de vir”; ainda que João e a sua obra não completaram a predição concernente a Elias, igualmente como nosso Senhor na **carne** não cumpriu tudo o que era predito do Messias. Ele era, para todos que podiam dar **crédito a isto**, o Ungido de Jeová, ainda antes ele tinha terminado sua obra de sacrifício, ou tinha sido glorificado, ou tinha vindo outra vez no exercício do grande serviço do Messias ou Libertador. João, no primeiro advento, era realmente um finalista, numa medida, do tipo começado na pessoa e obra de Elias; e a obra de João junto ao primeiro advento prefigurava o encerramento da obra da Igreja no segundo advento. Esses, os pés de Cristo na carne — os pés de Elias — anunciam o Reino. (Is. 52:7) Para aqueles que **“querem Dar crédito”** anunciamos, que está próximo, o reino do Cristo

glorificado; e do mesmo modo **para aqueles que “querem receber”** temos apontado o predito Elias antitípico. Alguns provavelmente, não “acreditarão”, mas ainda olharão por algum homem notável para cumprir as predições de Malaquias, e não conhecerão “o tempo de sua visitação” até o grande dia de tribulação ardendo como fornalha.

Será visto, então, que o insucesso de Elias (o Cristo segundo a carne) para converter e restaurar o mundo foi outro tanto um resultado previsto como foi o insucesso de João para converter Israel. Todavia será a mesma classe de Elias, apenas glorificada e autorizada com poderes, qual durante a Idade Milenária abençoará e ensinará o mundo, e restaurará todas as coisas, como prometido pela boca dos santos profetas (At. 3:19-21); somente no nome e semelhança o tipo de Elias cessará com nossa carreira terrestre. Em harmonia com isto encontramos as palavras de nosso Senhor em réplica a seus discípulos que perguntaram-lhe: “Por que dizem então os escribas que é necessário que Elias venha primeiro?” A resposta de Nosso Senhor não fez tentativa a uma explanação completa da existência de Elias como um tipo, e João uma continuação do mesmo, enquanto ao mesmo tempo um obscuro cumprimento disto, etc. — coisas quais os discípulos não estavam então preparados para entenderem; e quais além disso não estavam naquele tempo devidas para serem entendidas; e conseqüentemente, enquanto apontavam o **insucesso** de João como um parcial desenvolvimento da profecia, nosso Senhor acrescenta: “Na verdade Elias havia\* de vir, e **restaurar todas as coisas**”. (Mat. 17:11) Evidentemente ele tinha em mente sua própria gloriosa obra da idade vindoura, associada com seu “corpo” glorificado qual a Idade Evangélica selecionaria e testaria. Ele estava olhando além do véu para a Idade Milenária, e viu que a classe de Elias foi tomada para o alto no carro de fogo em poder e grande glória — exaltação espiritual.

---

\*Velhos Manuscritos omitem **primeiro**.

Uma **mulher** é a figura usada, quando a Igreja apenas é referida, independente do seu Senhor e Cabeça. Separada e distinta do seu Senhor, o Noivo, a mulher é uma donzela virgem. Mas neste exemplo um homem, Elias, é a figura usada, porque a obra prefigurada não é a obra da Igreja separada do seu Senhor, mas um trabalho de ambos. Nosso Senhor era o Cabeça e Precursor da Igreja na carne (o Elias), assim como realmente ele é o Cabeça da Igreja triunfante — o Cristo. Outros exemplos nos quais um homem é a figura usada, quando uma obra **unida** de Cristo Jesus e seu corpo, a Igreja, é tipificada, são numerosos: por exemplo, Arão e todos os seus sucessores no serviço do Sumo Sacerdote representavam o Senhor e os subsacerdotes, membros de seu corpo; Melquisedeque similarmente representava o **corpo todo** em glória; também representavam-no Moisés, Davi e Salomão. Por isso o uso de Elias como uma figura, em representação de um trabalho **unido** do Cristo e a Igreja, está em harmonia com o usado nas Escrituras.

Devido à classe qual Elias representou, quão forçosamente eloqüente era aquela “**visão**” qual o Senhor exibiu a três discípulos no monte da transfiguração. (Mat. 17:1-9) Isto era, diz-nos Pedro, uma visão do Reino vindouro. ( 2 Ped. 1:16-18) Nosso Senhor, transfigurado, apareceu radiante diante de seus olhos, enquanto apareceram uma figura de Moisés representando a Lei ou Dispensação Mosaica e uma figura de Elias representando a Idade ou Dispensação Cristã. Ambas dispensações olhadas adiante, indicam e falam do sacrifício e sofrimentos que a Cristo haviam de vir, e a glória que se lhes havia de seguir.

Antes de deixarmos este assunto apontaremos alguns lineamentos e incidentes na vida do profeta Elias, o tipo, comparando-os com a história da Igreja, o Elias antitípico, qual certamente surpreenderá grandemente todos aqueles que não tinham notado-os antes. Para que a comparação possa ser prontamente vista, colocaremos isso em colunas paralelas.

Estas são surpreendentes coincidências e não são acidentais. E o fato de que Elias havia de vir antes do grande dia, e que **agora**

## ELIAS

Elias era perseguido por causa de Fidelidade à verdade e justiça.

Seu principal perseguidor foi Jezabel, a rainha perversa de Israel, que é mencionada pelo nome como o tipo do inimigo dos santos; Apoc. 2:20.

O poder de perseguição de Jezabel era exercido através de seu marido, Acabe, o rei. — I Reis 21:25.

Elias fugiu de Jezabel e Acabe, para o deserto, para um lugar preparado por Deus, onde ele era milagrosamente alimentado. — I Reis 17:5-9.

Elias estava “três anos e seis meses” no deserto, e durante esse tempo não tinha havido chuva na terra. E a fome era extrema. — Tiago 5:17; I Reis 17:7; 18:2.

Depois de três anos e meio, 1260 dias, quando Elias retornou do deserto os erros dos sacerdotes de Jezabel foram manifestados, o verdadeiro Deus foi honrado, e abundantes chuvas caíram. — I Reis 18:41-45.

O rei e o povo no princípio regozijaram-se, e Elias e seu Deus foram honrados, mas o espírito de Jezabel era inalterável. A mulher procurou silenciar a vida de Elias, e ele foi outra vez obrigado de fugir para dentro do deserto. — I Reis 18:40, 45, 46; 19:1-4

A carreira de Elias terminou ao ser ele tomado da terra.

## A IGREJA

A Igreja era perseguida pela fidelidade à verdade e justiça.

O principal perseguidor era a apóstata Igreja de Roma, que reivindica para ser a “rainha” e soberana sobre o Israel espiritual. — Apoc. 18:7.

O poder perseguidor do Papado era exercido através do Império Romano, com a qual ele era ligado.

A verdadeira Igreja fugiu para o deserto simbólico — ou condição de isolamento — onde já tinha lugar preparado por Deus, para que ali fosse alimentada. Apoc. 12:6, 16.

A verdadeira Igreja esteve três anos e meio simbólicos (um dia por ano — 1260 anos literais) em estado de solidão durante os quais houve uma fome espiritual por causa da falta de verdade — a água da vida. — Compare Apoc. 12:6; 11:3; Am. 8:11.

No fim dos 1260 anos o poder da verdade e seus testemunhos foram manifestados (1799, d. C.) e desde então a verdade tem circulado até na marcha de milhões de Bíblias todos os anos, refrescando o mundo e trazendo em diante os frutos

A Bíblia tem trazido tais bênçãos que os impérios da terra reconhecem o poder do Senhor; porém os **princípios** do Papado — Jezabel — em assim chamadas seitas Protestantes forçavam os santos outra vez para a fuga ao estado de solidão.

Os santos serão transformados do estado terrestre ao celestial.

temos encontrado na Igreja o antitípico Elias a quem o profeta Malaquias referiu-se e quem João, o Batista, mais adiante tipificava, deve ser considerado **mais uma** evidência que o tempo está próximo — que o grande dia do Senhor tem vindo. Mas, depois deste, aí existem neste tipo sugestões, suportadas por outras Escrituras, designadas a guiar e preparar os santos para desempenharem bem suas partes, e para fortalecê-los e sustentá-los no dia tempestuoso junto a nós.

Não temos o desejo de pintar diante da mente um quadro escuro; preferimos pensar e apontar à glória que há de seguir depois do grande dia da ira, e o regozijo da chegada do Dia Milenar, antes do que as aflições e desencorajamentos do futuro próximo, quais precedem completando o nascer do sol. Mas é necessário para que os santos fossem pelo menos em alguma medida prevenidos dos impendentes acontecimentos, para que quando tais aconteceram, eles não podem ficar alarmados ou desanimados, mas sendo acautelados podem saber como enfrentá-los; e também para que eles pudessem mais detalhadamente apreciar as bênçãos do presente, assim como para diligentemente fazerem as obras durante esse tempo que é **chamado** dia; “vem a noite [um tempo muito mais escuro em comparação com o presente, **chamado** dia] **quando ninguém PODE TRABALHAR**”.

Um pouco de tempo presente, antes do cúmulo-nimbo rebentar sobre o mundo, é um tempo muito favorável para com o trabalho da classe de Elias, e corresponde aos dias bem sucedidos de ambos Elias e João. É favorável para desenvolvimento do caráter, crescimento na graça e conhecimento, e também para a expansão da verdade — o tempo mais favorável que nunca tinha sido conhecido. Como os primitivos estudantes da verdade de Beréia, por exemplo, teriam regozijado-se de possuir ajuda para estudos assim como agora possuímos, no conjunto completo e impresso de Bíblias com Referências, Concordâncias, Histórias, Enciclopédias, Dicionários, e outras valiosas obras de referência, por preços ao alcance de todos, e acessíveis a todos grátis nas bi-

bibliotecas públicas de certas cidades médias e grandes; e em adição a todos esses, a crescente luz da aurora do dia Milenário e a habilidade de todas as classes para lerem e pensarem inteligentemente por si próprias. Com tais ajudas pode-se aprender mais da Palavra de Deus e seu plano em um dia do que isto foi possível de aprender num ano em tempo menos favorável. Nunca houve um tempo tão favorável para o empenho cristão, ou também estímulo para o zelo e atividade cristã, como este tempo da ceifa e da gloriosa mensagem da presença do Senhor e as alegres notícias do aproximado reino.

Se viajarmos de lugar para lugar, para encontrarmos com os crentes, poderemos fazer outro tanto de viagens em uma semana do que Paulo pôde fazer num mês ou mais, e com mais conforto. Se proclamarmos o Evangelho pela voz, podemos fazê-lo assim com nenhum amedrontamento ou molestamento; e nós vivemos num tempo em que as massas do povo podem ler e escrever, o que somente muito poucos podiam fazê-lo nos tempos passados, e no tempo em que o Evangelho impresso é barato, conveniente, e muitas vezes mais eficaz do que sermões orais. Os desejosos corações podem fazê-lo mais do que Áquila e Priscila puderam fazê-lo em seus caminhos e tempo com a mesma quantidade de esforços. Podem proclamar o Evangelho com ambas as páginas, a impressa e a escrita através de maravilhosos sistemas de correio de nossos dias, para amigos e estranhos por todo o mundo, e por pouco custo.

Mas o Apóstolo, referindo-se à Igreja de nome dos últimos dias assevera que “virá o tempo em que **não suportarão** a sã doutrina”. (2 Tim. 4:3) Enquanto isto é verídico agora, neste mesmo sentido tinha sido verdadeiro durante séculos, isto é para ter um mais forçoso e claro cumprimento futuro. Isto é verdadeiro agora, que a Igreja nominal não suportará os pregadores aqueles que ignoram seus credos e “pregam a Palavra”, e anunciam “todo o conselho [o plano] de Deus”; mas, “tendo grande desejo de ouvir coisas agradáveis”, eles amam as humanas especulações sobre a evolução,

e as filosofias da “falsamente chamada ciência”; antes do que a palavra de Deus. E ainda, porque eles não podem impedi-la, eles suportarão a sã doutrina até certo ponto ou grau — em proporção muito superior a que Roma em seus dias de felicidade teria tolerado.

Agora mesmo diante das palavras aqui citadas, o Apóstolo refere-se diretamente aos tempos penosos dos últimos dias desta idade (2 Tim. 3:1-13), apontando abertamente os seus implacáveis característicos, o orgulho, o amor dos deleites, a inimizade do bem, com seu formalismo, ganância, soberba e ingratidão; e ele declara que **(na Igreja)** os homens maus e impostores (conduzindo a outros em direção à parte da verdade) irão de mal a pior, enganando os outros e sendo enganados por si próprios pelos seus sofismas. E visto que o apóstolo Paulo tinha pensado e escrito especialmente sobre os últimos dias, e não sobre a Idade Média, estamos certamente justificados quando perguntamos se o tempo não pode ser entretanto uma curta distância diante de nós, nesses “últimos dias”, quando não **suportarão** a sã doutrina nem permitirão de modo algum elevá-la.

Enquanto isto é verdade agora, em grande proporção, que a ninguém é permitido comprar ou vender [anunciar a verdade] nas igrejas de hoje ou sinagogas, senão a aqueles que têm o sinal ou o nome da besta, ou o número do seu nome (Apoc. 13:17), porém o verdadeiro consagrado tem aprendido que tempos de modelos magníficos chamados de igrejas, não são mais necessários para a proclamação do Evangelho agora, como não foram nos dias dos Apóstolos, e que grandes órgãos e treinados coros não são acompanhamentos necessários para atrair a atenção do povo; visto que agora, como nos dias primitivos, o povo comum ouve alegremente o Evangelho nas esquinas das ruas, nas praças, através de correios, e pela páginas impressas. A pergunta é, não pode esta declaração do Revelador que é experimentada no presente significar ainda mais? E igual a declaração do apóstolo Paulo, pode isto não conter um tempo vindouro, nos últimos dias, em que não

**suportarão de qualquer modo** a sã doutrina? Não podem as nossas experiências neste respeito até certo grau corresponder com as de João, o Batista (o tipo dos últimos membros do corpo de Cristo), que foi lançado no cárcere? Em outras palavras: O que podemos esperar entre o tempo presente comparativamente favorável — ainda que ele não está sem as suas dificuldades — e o tempo vindouro de justiça sem estorvo? Se ele continuará de ser tão favorável como o presente para o labor na vinha — ou muito mais, ou muito menos? Permitamo-nos notar o que esses tipos indicam; desde que o nosso Senhor tinha dirigido nossa atenção a eles, tudo quanto que achamos na vida e nas experiências de ambos o Elias ou João que parece ajustar-se também às experiências da Igreja, e ao testemunho concernente ao futuro curso terrestre, é justificado no reconhecimento como típico.

Elias foi separado das cenas terrestres por um carro de fogo representativo da glória e enaltecimento espiritual na expectativa, no fim da carreira terrestre, daqueles da Igreja vivos e permanecendo até os últimos dias. Mas devemos também lembrar isto, que foi por um redemoinho de ventos que ele foi levado embora; e o vento é o símbolo da tribulação, tanto como o carro de fogo é uma figura de vitória e do glorioso escape dessa tribulação.

As experiências finais de João, o Batista, são ainda mais claramente marcadas por aspecto de tribulação. Ainda que ele não foi reconhecido pelo povo (Mat. 17:12), por um pouco de tempo reconheceram-no como um servo e profeta de Deus; (João 5:35) no entanto quando ele tinha anunciado a presença do Messias, sua influência logo começou a diminuir, assim como ele tinha testificado ao fazê-lo, disse de Cristo: “É necessário que ele cresça e que eu diminua”. Assim isto será necessário no fim desta idade: a obra da classe de João (a classe de Elias) conclui-se com o anúncio que é chegado o Reino dos Céus, e que o Rei está presente. Isto está sendo feito agora; e as exatas palavras do testemunho de João aplicam-se com igual força a este tempo do segundo advento do Senhor — **“no meio de vós** está [presente] um a quem vós não

conheceis”: “A sua pá ele tem na mão, e limpará bem a sua eira; recolherá o seu trigo ao celeiro, mas queimará a palha em fogo inextinguível” — o grande tempo de tribulação. João 1:26; Mat. 3:12.

Assim como João diminuía — a sua obra especial estava concluída quando sua mensagem foi pronunciada — também a Igreja na carne diminuirá muito quando a sua última mensagem for dada, até que o último membro tenha depositado a sua vida consagrada, e passar para o outro lado do véu para a “glória”, para ser, desde aquele tempo em diante, membro do reinante Cristo. Como João disse que Jesus necessita crescer, assim agora que o reino real está próximo para ser estabelecido podemos confiadamente afirmarmos que o Rei está presente, e que o seu reino necessita crescer muito até ocupar a Terra. E o anúncio de João sobre o trabalho da “ceifa” — o ajuntamento do trigo, e a tribulação vinda sobre o joio — também encontra o seu paralelo no tempo presente.

A liberdade de João foi restringida logo depois do pronunciamento de sua mensagem, anunciando **Aquele que estava presente** e a obra diante dele; e ele foi preso e guardado no cárcere, porque tinha censurado o rei por causa de união imprópria com uma mulher (Mat. 14:4). E ainda que os fiéis filhos de Deus tinham muitas vezes apontado abertamente que a união entre a Igreja e o poder civil é desarranjado, sendo nas Escrituras denominado prostituição (Apoc. 17:5), e ainda que numa grande proporção o mundo tem afastado-se das igrejas, a união entretanto existe, e as Escrituras parecem indicar tornando notório que, no tempo da tribulação qual aproxima-se, as igrejas nominais declaradamente virgens de Cristo, estarão do lado dos reis da terra, e unidas com eles; e a verdadeira Igreja, igual seu tipo, João, o Batista, será impopular e restringida de liberdade, por causa de fidelidade em oposição e condenação do erro.

Tanto no caso de João como no Elias era uma mulher que perseguia-os — um rei agia como seu agente e ferramenta; com a verdadeira Igreja, isto tinha acontecido no passado, qual estes

simbolizam, e indubitavelmente acontecerá no futuro — a igreja nominal representada por uma mulher e o governo civil por um rei. Não somente a profecia aponta uma mais concluída união entre estes do que existe no presente, mas também qualquer observador atento pode ver que a principal **alavanca** pela qual a aristocracia real domina as massas é a superstição de que Deus designou estes “grandes homens”, apesar de que muitas vezes ambos a fraqueza e o vício dominam sobre eles; e que para rebelarem-se contra a tirania e a injustiça, e para reivindicar justiça, a liberdade e os direitos iguais, é opor-se a vontade de Deus. Por isso a tendência de governos e igrejas é favorável à abertura ou à união secreta pelo seu mútuo bem-estar na vindoura tempestade.

Não somente assim, mas o vindouro conflito entre a aristocracia e as massas de cada país civilizado serão tão peculiares, portanto diferentes de algumas formas experimentadas, que os moderados, os conservadores, e o povo religiosamente inclinado, temendo a destruição total da sociedade no caos e anarquia, naturalmente preferirão a monarquia, a opressão e a escravidão para algo certo não estar pior. Por isso desta maneira se afiliarão com a igreja e o império, com os ricos e a aristocracia, no esforço geral para reprimir e impedir o conflito irreprimível — “a batalha do grande dia do Deus Todo-Poderoso”.

Eventualmente, as únicas exceções para este curso provavelmente, entre os que amam a paz e a verdadeira religião, serão estes aos quais o Rei dos reis se agrada, através de sua palavra, de revelar os seus planos (João 16:13), e tem plena confiança no seu amor e sabedoria, tanto quanto no seu poder para fazer todas as coisas trabalharem de acordo com as suas promessas. Somente tais, entre o povo conservador, os que amam a ordem, assim como vêem a parte qual a vindoura revolução social **deve** executar no plano de Deus, em remover os esgotados sistemas cujos dias são passados, e em preparar o mundo, por um processo de grande nivelamento, para o Reino Milenar da equidade, serão capazes para compreenderem a situação e agir adequadamente. Mas estes serão

mal compreendidos, e seus esforços para indicar o verdadeiro estado dos acontecimentos e o real e único remédio, provavelmente serão interferidos por aqueles que não vêem o grande efeito, e os quais, por causa da má vontade submetem-se a seus próprios desejos, idéias e planos, são incapazes para verem os planos de Deus. Quando repressivas, restritivas e reprimíveis medidas são intentadas para serem necessárias, tais medidas provavelmente incluirão não somente organizações de trabalhadores e as publicações quais advogarão seus direitos e erros, mas também deste mesmo modo outros indicarão o plano de Deus, a causa real e o único remédio para as grandes angústias das nações. Sim, provavelmente o tempo não é muito distante, em que medidas repressivas podem ser trazidas contra todos os esforços dos santos na expansão das boas novas do reino vindouro, tudo no pretexto que os interesses gerais e o bem-estar público demandam tal curso.

Assim seriam cumpridas as predições do Segundo Salmo, e provavelmente no fim com mais crueldade do que agora pode ser detalhadamente imaginado, apesar de terem sido parcialmente cumpridas já sobre o Cabeça do corpo. — At. 4:25-29.

A mesma necessidade de restringir a liberdade em questões políticas e sociais provavelmente será suposta para aplicar-se igualmente à liberdade de expressões em questões religiosas, quais realmente posicionaram-se na fundação de toda liberdade. Isto não será surpreendente se um “forte governo”, uma monarquia, algum dia substituiria esta presente Grande República (a República dos Estados Unidos da América); e isto é inteiramente provável que um comum estandarte de credo religioso será julgado expediente e será promulgado, pelo qual o ensinamento externo será tratado e punido como uma ofensa política. Tal perseguição não apenas forneceria, no fim ou ceifa desta idade, outro paralelo para a ceifa da Idade Judaica (At. 4:10-13, 23-30; 5:29-41; 11:19), mas também daria um mais amplo e profundo significado às palavras dos apóstolos Paulo e João (2 Tim. 4:3; Apoc. 13:17), e às ilustrações típicas do fim

da carreira terrestre da verdadeira Igreja, assim como representada em Elias participando no redemoinho e na prisão e decapitação de João, o Batista.

Duas lições podem dar-nos vantagens sobre isto, onde futuros desenvolvimentos devem provar que temos lido o testemunho profético corretamente ou incorretamente; e elas são estas: Primeiro, devemos estar tão preparados, tão armados e tão completamente equipados com a verdade invencível, que a perseguição nos moveria tão-somente nos levaria para o maior zelo, e não nos levaria pela surpresa ou medo afim de rebaixar o nosso estandarte, nem para nós nos rendermos quando os reis da terra se levantarão, e, com os governos religiosos do povo, se ajuntarão contra nós, e contra a verdade para a qual Deus tem-nos garantido o privilégio de testemunharmos, como seus servos e embaixadores. (I João 3:1) Segundo, tais reflexões relativas ao futuro, contrastadas com os privilégios do presente, devem servir para estimular todo filho consagrado de Deus para fazer diligente uso das grandes oportunidades e privilégios da presente ceifa, lembrando que “quem ceifa já está recebendo recompensa” exatamente assim como aquele que plantou e regou, e que agora é de modo proeminente o tempo de **ajuntar frutos** para a vida eterna. O pequeno sossego do tempo presente favorável, com suas mais grandes liberdades e vantagens em cada caminho, é divinamente arranjado em ordem para a ação de selar na sua frente os servos verdadeiros de Deus (intelectualmente, com a verdade). — Apoc. 7:3.

“Deixe o ‘curto espaço de tempo’  
Ser visto na sua dourada luz.”

O Mestre disse: “Importa que façamos as obras ... enquanto é dia; vem a noite, quando ninguém pode trabalhar.” “Trabalhai, não pela comida que parece, mas pela comida que permanece para a vida eterna”.

Assim, então, no presente tempo devido, vemos que o profeta Elias veio, assim como profetizado, antes do grande e glorioso

dia do Senhor. E ouvimos seu testemunho final, igual que de João, dizendo: “no meio de vós está um a quem vós não conheceis”. — A sua pá ele tem na mão, e limpará bem a sua eira; recolherá o seu trigo ao celeiro, mas queimará o joio [como joio — não como povo] em fogo inextinguível no tempo de grande tribulação — a maldição, qual deve vir para preparar o caminho do Grande Rei dos reis. Ele deve crescer, mas o Elias deve diminuir e finalmente ser inteiramente contido. Não somente ouvimos este testemunho duns poucos da classe de Elias, agora, mas todos os mesmos que são da classe de Elias serão em breve encontrados proclamando esta mensagem e empenhados na obra de Elias. Portanto somente tais que são assim fiéis serão do Elias glorificado e permitidos a participar na obra de restauração de todas as coisas, a qual, durante o Milênio, será um grande sucesso. Uma profundez de importância é encontrada no significado do nome de **Elias**. Significa **Deus** [um poderoso] **de Jeová**. É assim um nome apropriado para o Ungido do Senhor, cuja grande obra será a restauração de todas as coisas, das quais Deus falou pela boca dos seus santos profetas, desde o princípio do mundo.

Concluindo este assunto, noticiamos sumariamente o fato que no fim da carreira do profeta Elias ele chamou o Eliseu, quem, depois do sacrifício, deixou tudo e seguiu com Elias, e tornou-se seu sucessor como profeta quando Elias foi levado embora num redemoinho — tomou a sua capa de autoridade e grande porção de seu espírito e poder. (2 Reis 2:9-16) E visto que Elias representava o corpo de Cristo na carne — a Igreja de vencedores, uma companhia, um número — isto é todavia razoável que devemos concluir que Eliseu representava também uma classe; uma classe qual virá para profunda simpatia com a classe de Elias, e seguirá a direção do Senhor com ele; e porém uma classe qual não esperará de ser glorificada. Essa será separada, pelo “redemoinho” de tribulação, da classe de Elias, contudo conservará um interesse e receberá uma bênção. Depois que Elias se foi, Eliseu tornou-se corajoso e poderoso, assim que os teólogos daquele dia (“filhos dos

profetas”) disseram: “O espírito de Elias repousa sobre Eliseu.”

O significado do nome Eliseu é: **poderoso libertador**, e a carreira de Eliseu foi uma obra de restauração. Esta certamente prefigura uma obra por uma classe cujos membros no futuro serão agentes ativos entre os homens na administração da obra de restauração no poder da então glorificada Igreja. Entre outras maravilhosas obras, Eliseu sarou as águas assim que não houve mais morte nem terra estéril; aumentou o azeite da pobre viúva para pagar a sua dívida; ressuscitou à vida o filho da sunamita; e quando houve fome na terra, e o caldo de ervas feito para os teólogos (“filhos dos profetas”) tornou-se envenenado, assim que ninguém podia comer, Eliseu o restabeleceu e o fez saudável para comer. Fez pão suficiente, somente de uns poucos para maior quantidade, que alimentou um grande número de pessoas. Curou o Naamã da lepra. Também foi agente de Deus na unção de Jeú, por mão do qual de acordo com a palavra do Senhor pelo Elias, a família real de Acabe, incluindo Jezabel, foi inteiramente exterminada, e também todos os seus sacerdotes. — 2 Reis 2:19-22; 4:1-7, 18-44; 5:1-14; 9:1-37; 10:28.

Isto não é difícil para traçar nestas obras de Eliseu o que ostenta uma exata semelhança com a própria obra de restauração que pode ser esperada em breve, quando as águas da verdade já não serão salgadas com erros, sendo tratadas na própria fonte por um esclarecedor conhecimento da Palavra de Deus. Quando o pobre for ajudado para obter óleo de gozo em vez de pranto; quando os mortos serão restaurados; quando na fome o alimento (a verdade) será saudável e abundante; e quando os poderes e sistemas representados pelo Acabe e Jezabel, e todos que unirem-se com eles contra o Senhor, finalmente serão completamente destruídos.

## ESTUDO IX

### O HOMEM DO PECADO — ANTICRISTO

O Anticristo deve ser Desenvolvido, Revelado, e Atingido Duramente antes do Dia do Senhor — Uma Visão Contrária deste Assunto Considerado — Delineamento Profético — Nascimento do Anticristo — Seu Rápido Desenvolvimento — A Ilustração Histórica e a Descrição Bíblica estão de Acordo — Seu Reino uma Falsificação — Sua Cabeça e Boca são Notáveis — Seu Grande Aumento de Palavras de Blasfêmia — Seus ensinamentos Blasfemos — Seu Desgaste dos Santos do Altíssimo — Seu Reino de Mil Anos — Anticristo Atingido com a Espada do Espírito — Sua Luta Final e seu Fim.

“Ninguém de modo algum vos engane; porque isto não sucederá sem que venha primeiro a apostasia e seja revelado o homem do pecado, o filho da perdição.” 2 Tess. 2:3.

**À VISTA** destas aguçadas palavras do apóstolo Paulo, demonstrando que um caráter qual ele designou “O Homem do Pecado” deve preceder a vinda do dia do Senhor, do qual a aurora já tem começado como temos provado, isto é importante para que olhemos em redor, para ver se um tal caráter já tinha aparecido. Pois se tal caráter como Paulo e os outros Apóstolos tão cuidadosamente descreveram já não tem vindo, as palavras acima devem ser entendidas como veto de Paulo para todos os outros testemunhos concernentes a presença do Senhor e o estabelecimento de seu Reino **agora**. E esse veto deve ficar como um incontestável argumento até este Homem do Pecado ser reconhecido, correspondendo detalhadamente à toda **descrição profética**.

Está dito claramente, não somente que este Homem do Pecado deve primeiro levantar-se, mas também que ele deve desenvolver-se e prosperar, antes da vinda do dia do Senhor. **Antes** do dia

de Cristo a prosperidade e a influência deste poder terão chegado a seu clímax e estarão no declínio; e isto é para ser pelo claro esplendor da **presença** do Senhor no seu segundo advento que este Homem do Pecado deverá ser totalmente destruído. Estas circunstâncias preditas nós devemos observar, em ordem para ver se esta precaução para a Igreja nos dias de Paulo é ainda aplicável em nossos dias. Agora, depois de dezoito séculos, a reivindicação é novamente feita que o dia de Cristo tem vindo; e a importante pergunta aparece, alguma coisa qual Paulo disse a fim de corrigir o erro dos tessalonicenses permanece agora como uma objeção a esta reivindicação?

Das exortações do Apóstolo para a Igreja, a fim de vigiar à volta do Senhor, prestando atenção à firme palavra profética, e por causa de seu cuidado em apontar os sinais da presença de Cristo, o caráter de seu trabalho naquele tempo, etc., isto é evidente que ele estava totalmente como preocupado que a Igreja deveria ser capaz de reconhecer a presença do Senhor quando ele viria, como que eles não deveriam ser enganados com o erro que ele tinha vindo, antes do tempo de sua presença. Uma caída dentro do último erro, na primitiva parte da idade, expondo que aqueles que abraçaram isto para as decepções do **princípio** do Anticristo qual estava então igualmente trabalhando; embora uma falta para reconhecer o dia do Senhor, e sua presença no dia em que sua presença é devida, expôs aquelas faltas para reconhecê-lo as decepções continuadas e doutrinas falsas do Anticristo, e cegando-os para as grandes verdades e privilégios especiais deste dia. Por esta razão a preocupação do Apóstolo a respeito da Igreja nos ambos termos da idade, e sua advertência: “Ninguém de modo algum vos engane”. Daqui também a descrição exata do Homem do Pecado, na ordem que ele pode ser reconhecido a seu tempo.

Enquanto cristãos neste fim da idade estão inclinados para esquecerem igualmente a promessa da volta do Senhor, e, quando eles lembrarem isto, para pensarem disto somente com medo e

temível pressentimento, a Igreja primitiva olhou para isto ansiosamente, e com jubilosa antecipação, como a fruição de todas suas esperanças, a recompensa de toda sua fidelidade e o término de todas suas tristezas. Conseqüentemente, os crentes daquele dia estavam prontos para ouvirem diligentemente a algum ensinamento qual reivindicava que o dia do Senhor estava também muito próximo ou presente; e por esta razão eles estavam em perigo de serem desapontados neste detalhe a não ser que eles fossem cuidadosos estudantes dos ensinamentos dos Apóstolos a respeito deste assunto.

A Igreja em Tessalônica, impressionada com os errôneos ensinamentos de alguns, com o propósito que o Senhor tinha vindo novamente, e que eles estavam vivendo no seu dia, evidentemente supondo que a idéia estava em harmonia com ensinamentos de Paulo na sua primeira epístola dirigida a eles, na qual ele disse (I Tess. 5:1-5) que o dia do Senhor virá quietamente entrando furtivamente e inobservado, como vem o ladrão de noite, isto é, ainda que outros estariam em seu descuido, os santos estariam na luz concernente a ele. Sabendo dos sérios erros dentro dos quais eles tinham caído, por suporem que o dia da presença do Senhor já tinha vindo, Paulo escreveu a eles uma segunda epístola, o central pensamento do qual foi a correção deste erro. Ele disse: Ora, quanto à vinda de nosso Senhor Jesus Cristo e à nossa reunião com ele, rogamo-vos, irmãos, que não vos movais facilmente do vosso modo de pensar, nem vos perturbeis, quer por espírito, quer por palavra, quer por epístola como enviada de nós, como se o dia do Senhor estivesse [**presente - enestemi**] já perto. Ninguém de modo algum vos engane; porque não sucederá sem que **venha primeiro a apostasia** e seja revelado o homem do pecado, o filho da perdição, aquele que se opõe e se levanta contra tudo o que se chama Deus [poderoso soberano] ou é objeto de adoração, de sorte que se assenta no santuário [templo] de Deus, apresentando-se como Deus. Não vos lembrais de que eu vos dizia estas coisas

quando ainda estava convosco? E agora vós sabeis o que o detém para que [Cristo] a seu próprio tempo seja revelado. Pois o mistério da iniquidade [para Cristo] já opera; somente há um que agora o detém até que seja posto fora; e então será revelado esse iníquo, a quem o Senhor Jesus matará com o sopro de sua boca e destruirá com a manifestação da sua [presença] vinda”. Paulo pôde escrever assim positivamente do desenvolvimento do Homem do Pecado antes do dia do Senhor, por causa de seu estudo da profecia de Daniel, à qual o nosso Senhor também fez alusão (Mat. 24:15); e provavelmente por próprio Paulo, em suas “visões e revelações”, tinha sido demonstrado a grande devastação que este caráter faria na Igreja.

Isto deve ser observado que Paulo não fez uso de argumentos tais como alguns hoje estão dispostos para aplicação contra a pretensão que o dia do Senhor tinha começado. Ele não disse: Ó insensatos tessalonicenses, não sabeis que quando Cristo viesse vossos olhos o veriam, e vossos ouvidos ouviriam um terrível som da trombeta de Deus: e que vocês teriam além disso provas disso na cabalmente pedra tumular e a ressurreição dos santos? Isto não é evidente que se tal censura tinha sido propriamente dita, Paulo teria sido ligeiro para aproveitar-se de um argumento tão simples e tão fácil de compreender? E além disso, não é o fato que ele não fez uso deste argumento como uma prova que se tal argumento não é, e não pode ser, fundamentado sobre a verdade?

De acordo com o fato que Paulo, em seu esforço enérgico para corrigir os erros deles, ofereceu a reivindicações deles apenas esta única objeção, ele desse modo evidentemente endossou como corretas suas vagas idéias do dia do Senhor — que ele podia ser iniciado enquanto muitos podem estar em ignorância dele, que isto podia vir sem aparência para marcar esta demonstração. Mas a única base de sua objeção foi, que deve vir **primeiro** a apostasia, e em consequência daquela apostasia, o desenvolvimento do Homem do Pecado — qual, por mais que ele pode ser (quer um único

indivíduo, ou um grande sistema Anticristo qual ele desse modo personifica), deve levantar-se, existir com renome o declínio — **antes** do dia da presença do Senhor. Assim, então, se esta única objeção qual Paulo ofertou não estará por longo tempo longe — se nós podemos claramente ver um caráter em atual existência cuja história em todo particular corresponde à profética descrição do Homem do Pecado, desde o começo de sua existência e decadência no tempo presente — então a objeção de Paulo, qual foi bem feita em seu dia, e sua única, não é uma longa válida objeção contra a presente reivindicação que nós estamos vivendo no dia do Senhor, o dia da presença do Senhor. E, além disso, se o Homem do Pecado pode ser facilmente distinguido, se sua ascensão, desenvolvimento e declínio são claramente vistos, então este fato torna-se outra corroborativa prova do ensinamento dos precedentes estudos, que demonstram que nós estamos agora no dia do Senhor.

### **Delineamento Profético do Homem do Pecado**

O estudante da profecia encontrará que o Homem do Pecado é distintamente notável através das Escrituras Sagradas, não apenas por darem uma clara descrição de seu caráter, mas também por demonstrar os tempos e lugares de seu começo, prosperidade, e declínio.

Este caráter é muito forçosamente delineado ainda nos nomes aplicados a eles pelos escritores. Paulo chama-o: “esse iníquo”, “o homem do pecado”, “o mistério da iniquidade”, e o filho da perdição”; o profeta Daniel chama-o “a abominação desoladora” (Daniel 11:31; 12:11); e nosso Senhor refere-se ao mesmo caráter como “a abominação da desolação, predita pelo profeta Daniel” (Mat. 24:15), e novamente como uma “besta” (Apoc. 13:1-8) Este mesmo caráter foi também prefigurado por outro chifre, pequeno, ou poder, de um animal terrível que Daniel viu na visão profética, e eis que neste chifre, pequeno havia olhos, como os de homem, e

uma boca que falava grandes coisas, e quais prosperaram, e fazia guerra contra os santos, e prevalecia contra eles. (Daniel 7:8, 21) João também viu e preveniu a Igreja contra este caráter, dizendo: “ouvistes que vem o anticristo”. Ele então advertiu como escapar da influência do Anticristo. (I João 2:18-27) O livro do Apocalipse, também, é em grande parte um detalhe simbólico das profecias concernentes a este mesmo Anticristo — ainda que a isto nós devemos meramente dar uma olhada aqui, deixamos o seu mais minucioso estudo para um subseqüente volume.

Estas várias denominações e breves descrições indicam uma base, sutil, hipócrita, ilusória, tirânica e caráter cruel, desenvolvido no meio da Igreja cristã; no primeiro rasteiro e em subir muito gradualmente, então rapidamente ascendendo em poder e influência até isto atingir o verdadeiro pináculo do poder terrestre, prosperidade, e glória — entretanto mostrando sua influência contra a verdade, e contra os santos, e por seu próprio engrandecimento, reivindicando, para o último, santificação peculiar, autoridade e poder de Deus.

Neste estudo propomos demonstrar que este Homem do Pecado é um sistema, e não um único indivíduo, como muitos têm a impressão de inferir; que como o Cristo consiste do verdadeiro Senhor e da verdadeira Igreja, então o Anticristo é uma imitação do sistema consistente de um falso senhor e uma igreja apostata, qual por um tempo é permitida para deturpar a verdade, para praticar engano e para **imitar** a autoridade e futuro reino do verdadeiro Senhor e sua Igreja, e para intoxicar as nações com falsas pretensões e suposições.

Temos esperança de provar, para a satisfação de todos leitores conscienciosos, que esta grande apostasia mencionada por Paulo tem vindo, e que este Homem do Pecado tem sido desenvolvido, tem sentado “no santuário de Deus” (o real, não o típico), tem cumprido todas as predicções dos Apóstolos e profetas concernentes a

seu caráter, obra, etc., tem sido revelado e já, desde 1799 d. C., está sendo consumido pelo sopro de sua boca (a verdade), será **totalmente destruído** durante este dia da ira do Senhor e manifestação em chama de fogo da retribuição, já começada.

Sem algum desejo de tratar ligeiramente as opiniões dos outros, todavia sentimos a necessidade de apontar aos leitores um pouco dos absurdos ligados com a comum visão concernente a Anticristo, para que por meio disso a dignidade e razoabilidade da verdade neste assunto possa ser propriamente estimada, em contraste com a estreita reivindicação para tudo o que as Escrituras predizem concernente a este caráter será efetuado por um único **homem** literal. Este homem, ele é reivindicado, então atrairá todo o mundo que em uns poucos anos ou por pouco tempo ele segurará para ele mesmo a homenagem e **adoração** de todos homens, quem será então facilmente imposto sobre como para supor este homem para ser Deus, e, em um reedificado templo judaico, para adorar ele como o Todo-Poderoso Jeová. Tudo isto é para ser concluído na velocidade de um relâmpago — três anos e meio, dizem eles, mal interpretando o tempo simbólico, igualmente como eles mal interpretaram o “homem” simbólico.

Narrações de ficção e o maior número de absurdas imaginações da infância não fornecem paralelo à extrema visão de algum Deus das crianças queridas que estão erradas sobre uma interpretação **literal** da linguagem de Paulo, e por meio disso estão cegando a si mesmos e outros sobre muitas preciosas verdades, que, são por causa do erro neste assunto, eles estão despreparados para ver em uma luz sem preconceitos. Não importa quanto podemos simpatizar com eles, sua “fé cega” força um sorriso com eles, seriamente falam sobre os vários símbolos do Apocalipse quais não entendem, empregando mal literalmente para seu **homem maravilhoso**. Nisto, a mais séptica idade o mundo tem sempre conhecido, eles alegam que o Homem do Pecado, no curto espaço de três anos e meio, terá todo o mundo debaixo de seus pés, adorando ele como um Deus,

enquanto os Césares, Alexandre, Napoleão, Maomé e outros navegaram através dos mares de sangue e gastaram muito mais tempo que três anos e meio, sem concluir uma milésima parte do que é reivindicado por este homem.

E já aqueles conquistadores tinham todas as vantagens de densa ignorância e superstição para ajudá-los, enquanto hoje vivemos sob condições muitíssimo desfavoráveis ao desenvolvimento de engano e fraude: num dia em que todas coisas **ocultas** estão sendo manifestadas como nunca antes; num dia em que fraudar da sorte reivindicada é também prepóster e ridículo para consideração. Entretanto, a tendência de nossos dias está favorável a uma necessidade de respeito aos homens, não como boa matéria, talento e habilidade, ou que posição de confiança e autoridade eles possam ocupar. Até tal grau isto é verdade, como nunca antes, que isto é mil vezes mais provável que todo o mundo negaria que existe **algum Deus**, é verdade de que eles sempre adorariam um sujeito humano como sendo um Deus Todo-Poderoso.

Um grande obstáculo para muitos, considerando este assunto, é a idéia contraída geralmente mantida do significado da palavra **deus**. Eles faltaram de notar que o grego **theos (deus)** não referia-se invariavelmente a Jeová. Isto significa um **único poderoso**, um soberano, e especialmente um religioso ou uma ordem ou rito sacerdotal. No Novo Testamento, **theos** é raramente usado exceto com referência a Jeová, porque, em seus discursos, os Apóstolos falam raramente e pouco dos falsos sistemas de religião, e por isso raramente noticiam seus sagrados governantes ou deuses; já nos seguintes textos a palavra **deus (theos)** é usada com referência a outros do que a único supremo ser, Jeová — a saber: João 10:34, 35; At. 7:40, 43; 17:23; I Cor. 8:5.

Reconhecendo a amplitude da palavra grega **theos**, isto será percebido por mais uma vez que a declaração do Apóstolo concernente ao Anticristo — que ele mesmo se assenta no santuário de Deus, apresentando-se como Deus. Não fazendo de necessidade significar que o Anticristo tentará exaltar a si mesmo sobre Jeová,

nem ainda que ele tentará de tomar o lugar de Jeová. Isto simplesmente significa que este um se exibirá como um soberano religioso, reivindicando, e exercendo autoridade em toda parte além de outros soberanos religiosos, ainda até o grau de exaltar a si mesmo na Igreja, que é o verdadeiro Santuário ou Templo de Deus, e ali reivindicando e exercendo arrogantemente autoridade como seu chefe ou soberano autorizado. Onde no grego a palavra **theos** é usada em alguma sentença onde seu significado será ambíguo, então é precedido pelo artigo grego, se isto refere-se a Jeová; como se em português disséssemos **o** Deus. Nos textos acima, quais referem-se a **outros** deuses, e neste texto (2 Tess. 2:4), qual refere-se ao Anticristo, não existe tal ênfase.

Com isto compreendendo claramente, um grande obstáculo é removido, e a mente é preparada para olhar para as coisas certas como cumprimento desta predição: não para um Anticristo reivindicando para ser Jeová e exigindo culto como tal, mas por uma reivindicação para ser o chefe, supremo mestre religioso na Igreja; quem deste modo tentará a usurpação da autoridade de Cristo, o divinamente indicado Cabeça, Senhor, e Mestre.

Estranhamente o bastante, também, estes que fazem esta visão literal do Homem do Pecado são geralmente aqueles que são crentes na pré-milenar vinda de Cristo, que estão procurando e aguardando o Senhor para vir “agora a qualquer momento”. Por que não podem totalmente entender o significado da expressão do Apóstolo, quando ele positivamente declara que o dia do Senhor (o dia de sua presença) não pode vir e não deve ser esperado antes que o Homem do Pecado seja revelado? Foi preciso mais que quarenta anos para construir o primeiro templo judaico, e certamente será preciso pelo menos dez a vinte anos para construir, com mais magnificência do que o anterior, o novo templo em Jerusalém, onde eles aguardam um literal Homem do Pecado para ser instalado e adorado como Deus. Por que então devem aqueles que acreditam deste modo esperar o Senhor para vir **agora em qualquer momento**? Tal visão esta fora da harmonia tanto com a razão como

com a profecia do Apóstolo. Consiste em exigir que eles deveriam de dar qualquer de duas alternativas: uma que tem aspecto ou aparência pelo que toca à volta do Senhor a qualquer momento, ou dar outra sobre sua expectativa de um futuro Homem do Pecado; pois a presença do dia do Senhor não poderá vir antes de estar no lugar a apostasia, e antes do que o Homem do Pecado seja desenvolvido e revelado inteiramente dessa apostasia.

Mas quando obtemos uma visão correta das palavras do Apóstolo, junto com idéias corretas da **maneira** da vinda do Senhor, desta maneira não encontramos discrepância e contradições, mas uma convincente harmonia e conveniência. E tal parecer apresentamos de acordo com as Escrituras. O leitor deve provar.

Os diversos títulos aplicados a este sistema são evidentemente simbólicos. Eles não fazem referência como nomes de um único indivíduo, mas como delineações características de uma combinação religiosa e civil corrupta, desenvolvida dentro da Igreja cristã nominal, qual, pela sua discreta oposição a Cristo, o Cabeça, e sua verdadeira Igreja, seu corpo, tornando-se bem merecedora do nome **Anticristo**. Desta maneira um **sistema** poderia cumprir todas as predições feitas concernentes ao Anticristo, ou Homem do Pecado, apesar de que um indivíduo não podia. Isto é evidente, além disso, que este sistema do Anticristo não é um dos sistemas religiosos pagãos, tal como maometismo ou bramanismo; pois a Igreja cristã nunca tem estado sob o controle de algum sistema semelhante, também não fez algum destes sistemas originar-se na Igreja cristã. Eles agora são, e sempre têm sido, independentes da Igreja cristã.

O sistema qual plenamente responde à descrição dada pela inspiração deve ser declaradamente cristão, e deve conter uma grande maioria daqueles que reivindicam para ser cristãos. E deve ser único tendo seu começo como um apostata, ou apostasia da verdadeira fé cristã — uma apostasia, também, qual foi secreta e furtiva, até as circunstâncias favorecerem sua pretensão de poder.

Isto começou secretamente nos dias dos Apóstolos — no desejo de alguns professores para serem grandes.

Não necessitamos procurar muito longamente para encontrar um caráter adequado a todos os requisitos com perfeição; um cujo registro, escrito por historiadores seculares tanto como pelos seus próprios desiludidos escritores, devemos perceber e chegar a um entendimento ou acordo com as delineações proféticas do Anticristo. Mas quando declaramos que somente um único sistema cuja história é apropriada a estas profecias é o papado, não permite um mal-entendido para significar que todo católico romano é um homem do pecado; nem que os padres, nem ainda os papas da Igreja de Roma, são ou têm sido, o Anticristo. Nenhum **homem** é “o anticristo”, “o homem do pecado”, descrito na profecia. Papas, bispos, e outros são quando muito somente partes ou membros do sistema de Anticristo, igualmente como todos do Sacerdócio Real são somente membros do verdadeiro Cristo, sob Jesus seu cabeça, e na mesma maneira que esses em sua presente condição estão juntos e são o Elias antitípico, ainda que nem um deles é o Elias ou o Cristo profetizado. Note, mais adiante, que a Igreja de Roma como um sistema eclesiástico não é somente o “**Homem** do Pecado”, e nunca foi representada sob alguma figura de um homem. Pelo contrário, uma **mulher** é sempre o símbolo usado para uma igreja separada de seu cabeça e senhor. A verdadeira Igreja é simbolizada por uma “donzela pura”, embora a igreja apóstata, qual tem decaído desde a primitiva pureza e fidelidade ao Senhor, é simbolicamente chamada “meretriz”. Assim como a verdadeira “virgem” a Igreja continuará a ser assim até o fim da idade, quando ela será unida com seu Senhor e tomar seu nome — Cristo — também a igreja apóstata não era o Anticristo, ou Homem do Pecado, até reunir-se com seu senhor e cabeça, o papa, o reivindicado vigário de Cristo, e tornou-se um **império** religioso, falsamente intitulado cristandade — qual significa Reino de Cristo.

Papado é o nome deste reino falso; e ele foi construído sobre uma

verdade empregada mal — a verdade que a Igreja é chamada para ser reino, sacerdotes para Deus e para reinar na Terra. Entretanto o tempo para reinar ainda não tinha vindo; a Idade Evangélica não estava determinada para aquele propósito, mas para a seleção, desenvolvimento, disciplina, humilhação, e sacrifício da Igreja, seguindo nas pisadas do seu Senhor, e pacientemente ficar à espera até o tempo determinado para o prometido enaltecimento e glorioso reino — a Idade Milenar.

O Senhor previu que o cristianismo nominal se expandiria sobre o mundo, e que, se tornaria popular, seria seguido por muitos que apreciam a forma sem entrada do espírito dentro de sua instituição. Ele previu que como grandes números desta classe identificariam a si próprios com a Igreja, o espírito mundano, qual é o oposto do espírito da abnegação e ato de sacrifício, entraria neles; que o egoísmo e um desejo de enaltecimento e de governar, não teriam de esperar por longo tempo até eles poderem aproveitar-se de uma oportunidade; e que desse modo a Igreja procuraria dominar o mundo antes do tempo — ou, antes, que o elemento mundano qual se introduziria na Igreja faria sentir sua influência, e **no nome** da verdadeira Igreja pegaria e seguraria o poder civil da terra qual Deus tinha entregado aos gentios, e qual não pode passar totalmente às mãos da verdadeira Igreja até o fim do Tempo dos Gentios, 1914 d. C.

E assim verdadeiramente aconteceu: a Igreja nominal começou de cair imediatamente assim como aumentar em número sob o ensinamento e exemplo de homens ambiciosos, cujas idéias cresceram cada vez mais favoráveis ao poder e influência mundana, quais grande número de membros e riquezas trouxeram com eles. Gradualmente o espírito da Igreja tornou-se mundano, e as coisas do mundo estavam cobiçadas. A sugestão de ambição foi: “Se o grande Império Romano, com todo seu poder e influência, seu exército e riquezas, estava somente para amparar a Igreja, quão

honrável e nobre isto então seria para ser um cristão! Quão rapidamente então perseguições pagãs cessariam! Então isto estará em nosso poder não somente para intimidar eles, mas também para compelir sua aderência à Igreja, à cruz e ao nome de Cristo. Isto evidentemente não é o desígnio de Deus que a Igreja deve para sempre estar sujeita ao mundo e perseguida por ele, as palavras do Apóstolo são: ‘Ou não sabeis vós que os santos hão de julgar o mundo?’ Além disso as promessas de nosso Senhor que nós devemos reinar com ele, e muitas profecias quais referem-se ao reino da Igreja, indicam claramente que desta maneira é o plano de Deus. Precisamente, o Apóstolo escreveu que nosso Senhor primeiro voltaria e enalteceria a Igreja, e exortou que nós devemos ‘esperar’ pelo Senhor; mas vários séculos estão agora passados, e nós não vemos sinal da vinda do Senhor. Devemos entender que os Apóstolos estavam até certo grau no erro. Para nós isto parece claro que podemos e devemos usar todos os meios para obter um apoio sobre o governo civil e conquistar o mundo para o Senhor. Isto deve ser, também, que a Igreja deve ter um **cabeça** — um para representar o ausente Senhor e para representar a Igreja diante do mundo — um quem recebe o respeito e a homenagem do mundo, exercendo a autoridade de Cristo, e reger o mundo com uma vara de ferro [regime de ferro], como o profeta Davi predicou. Deste modo, gradualmente por um lento processo de raciocínio que cobre séculos, a real esperança da Igreja por enaltecimento para governar e abençoar o mundo — a saber, a segunda vinda do Senhor — foi perdida de vista, e uma nova esperança tomou seu lugar: a esperança de sucesso sem o Senhor, sobre a chefia e conduta de uma linha de papas. E desse modo, pela fraude, intriga e troca de favores com o mundo, a esperança da Igreja tornou-se uma esperança falsa, uma cilada ilusória através da qual Satanás induziu de um mal e erro a outros, ambos da doutrina e da prática.

O ponto no qual a apostasia desenvolveu-se dentro do “homem do pecado” foi quando a hierarquia papal exaltou a si mesmo sob

a chefia de uma arranjada linha de papas e reivindicou e esforçou-se pelo posto ou dignidade da terra no nome de Cristo, pretendendo de ser, o Reino Milenar de Cristo. Isto foi uma reivindicação falsa e fraudulenta, não importa como inteiramente alguns de seus defensores acreditavam nisto. Isto foi uma fraudulenta, imitação do reino, não importa quão sinceros alguns de seus organizadores e sustentadores poderiam ter sido. Isto foi do Anticristo, não importa como muitos deles reivindicaram e acreditaram nisto de ser a verdadeira glória, reino e poder de Cristo sobre a terra. Isto é um erro de supor que ser consciencioso é ser sempre honesto. Cada sistema de erros sem dúvida tem muitos membros conscientemente iludidos assim como tem hipócritas, ou mais destes últimos. A consciência é honestidade moral, e não é dependente do conhecimento. O pagão, informado erroneamente, conscientiosamente adora e sacrifica-se à ídolos; Saulo, informado erroneamente, conscientiosamente perseguiu os santos; e então, também, muitos papistas, informados erroneamente, conscientiosamente fizeram violência a profecias, perseguiram os verdadeiros santos e organizaram o grande sistema do Anticristo. Por centenas de anos o Papado tem não somente enganado os reis da terra quanto ao seu poder e reivindicação de divina autoridade, e governado sobre eles, mas também na Igreja, o Templo de Deus, onde somente Cristo deve ser reconhecido como Cabeça e Mestre, tem sentado ele mesmo e reivindicado para ser o único mestre, e legislador; e aqui tem enganado todos, com exceção de poucos, pelo seu sucesso fenomenal e jactanciosas reivindicações. “Todo o mundo se maravilhou” — sendo abismados, enganados, desnorteados — “cujos nomes não estão escritos no livro da vida do Cordeiro”, e muitos cujos nomes estão escritos como santos de Deus ficaram seriamente perplexos. E esta decepção foi o forte pelo motivo de muita gradual formação destes desígnios ambiciosos e sua ainda mais gradual realização. Eles estenderam-se durante séculos, e, como uma ambição, estava já secretamente no trabalho nos dias de Paulo. Isto era um processo de pouco a pouco adicio-

nando erro ao erro — o suplemento de um homem de declarações ambiciosas por aqueles de uma outra e outra mais afastada época no decurso do tempo. Desse modo, insidiosamente, Satanás fazia plantação e irrigação das sementes do erro, e desenvolveu o maior e mais influenciador sistema que o mundo nunca havia conhecido — o Anticristo.

O nome “anticristo” tem um duplo significado. O primeiro é **contra** (isto é uma oposição a) Cristo: o segundo é **em vez** (isto é, uma imitação) de Cristo. No primeiro sentido a expressão é em geral uma, qual aplica-se a algum inimigo oposto a Cristo. Neste sentido Saulo, (mais tarde chamado Paulo), e cada judeu, e cada maometano, e todos os imperadores pagãos e povos de Roma, eram anticristos — opositores de Cristo (At. 9:4) No entanto isto não é neste sentido da palavra que as Escrituras usam o nome **Anticristo**. Elas passam sobre todos tais inimigos, e aplicam o termo **Anticristo** no sentido dado acima, como agora seu segundo significado, isto é — como **contra**, no sentido de adulterar, imitar, **tomando o lugar do** verdadeiro Cristo. Deste modo João observa: “conforme ouvistes que vem o anticristo, já muitos anticristos se têm levantado”; (I João 2:18, 19) (o grego distingue entre o especial Anticristo e os numerosos inferiores). E a subsequente observação de João indica que ele não referiu-se a todos opositores de Cristo e da Igreja, mas a uma certa classe daqueles que ainda professam de serem do corpo de Cristo, a Igreja, tinham abandonado os fundamentos principais da verdade, e estavam por essa razão não apenas dando uma impressão falsa da verdade, mas estavam nos olhos do mundo, tomando o lugar e o nome da verdadeira Igreja — daqui realmente imitando os verdadeiros santos. João disse desses: “Saíram dentre nós, mas não eram dos nossos”; não nos representam, ainda pensam poder enganar a si próprios e o mundo neste assunto. Na mesma epístola João declara que estes ele menciona como muitos anticristos, isto significa, que possuem o espírito **do** Anticristo.

Aqui, então, é que devemos aguardar, e que achamos no Papado; não uma oposição ao **nome** de Cristo, mas um inimigo ou oponente de Cristo em que ele falsamente exhibe seu nome, imitando seu reino e autoridade, e adultera seu caráter e planos e doutrinas diante do mundo — certamente um mais nocivo inimigo e oponente — pior em grande parte que um sincero inimigo. E isto é verdadeiro, lembremos, entretanto que alguns que estão em conexão com este sistema estão conscienciosamente desencaminhados — “enganando e sendo enganados.”

Com essas imitações como para a individualidade e características do Homem do Pecado, e quando, e onde, e sobre que circunstâncias, devemos de esperar por ele, devemos prosseguir para uma examinação de alguns dos acontecimentos históricos, submetendo à prova, sem dúvida formando opinião sobre razoável questão, que cada prognóstico concernente a Anticristo tem sido cumprido no sistema Papal, numa maneira e até um grau que, com a iluminação deste dia de hoje tomando em consideração, todos devem admitir que nunca pode ser repetido. O espaço limitado obriga nos aqui a limitar a um simples resumo do grande número das descrições do testemunho histórico. Temos também nos limitado a historiadores de reconhecida exatidão, em muitas instâncias dirigimos a atenção a escritores católicos romanos, a seus testemunhos ou a suas admissões.

### **As Circunstâncias que deram Origem ao Homem do Pecado**

**Uma Grande Apostasia.** Nós primeiro inquirimos, fazendo a história recordar um cumprimento da profecia de Paulo, de uma grande apostasia da original simplicidade e pureza das doutrinas e vida da Igreja cristã, e do trabalho secreto de um iníquo, ambiciosa influência na Igreja, antes do desenvolvimento do Papado, o Homem do Pecado — isto é, antes do reconhecimento de um papa como a cabeça da Igreja?

Sim, muito claramente: A Hierarquia Papal não veio à existência

por vários séculos depois que o Senhor e os Apóstolos tinham fundado a Igreja. E no meio do intervalo, nós vemos\*:

“Como a igreja cresceu em número e riquezas, preciosos edifícios foram construídos para prestar culto; os serviços tornaram-se muito elaborados; escultura e pintura foram registradas no trabalho de providenciarem ajudas a devoção. Relíquias de santos e mártires eram cuidadas como sagradas posses; observâncias religiosas foram multiplicadas; e a Igreja sob os imperadores cristãos [no quarto século], com sua ordem de clérigos e de imponentes cerimônias, assumiu muito da ostentação e visível esplendor que pertenceram ao sistema pagão, qual ela tinha suplantado.”

Dizendo um outro: \*\*\*“Contemporaneamente com o estabelecimento [do cristianismo como a religião do império no quarto século] estava o progresso de uma **grande e geral corrupção qual levantou-se dois séculos antes**. Superstição e ignorância investiu os eclesiásticos com um poder qual eles aplicavam a seus próprios engrandecimentos.”

Rapin observa que: “No quinto século o cristianismo foi rebaixado por um vasto número de invenções humanas; a simplicidade de seu governo e disciplina estavam reduzidos a um sistema de poder clerical; e seu culto estava poluído com cerimônias emprestadas dos pagãos.”

Mosheim, em sua “**História do Cristianismo**”, traçou a apostasia da Igreja de sua original simplicidade e pureza, passo por passo, descendo para sua profunda degradação qual culminou no desenvolvimento do “homem do pecado”. Quer ou não faz ele aparecer reconhecendo o Anticristo, no entanto num magistral aspecto ele tem traçado as obras do “ministério da iniquidade”, na Igreja, numa época anterior ao começo do quarto século — quando sua obra foi repentinamente interrompida pela morte. Da sua excelente e volumosa obra nosso espaço aqui não permite fazer citações, todavia recomendamos a obra inteira como altamente instrutiva em seus significados sobre o assunto.

Citamos do “**Velho Mundo Romano**” por Lord, um sumário e

\*História Universal de Fisher, página 193.

\*\*História Universal de White, página 156.

aguçado esboço da história da Igreja durante os primeiros quatro séculos, quais demonstram claramente e resumidamente seu gradual declínio, e sua rápida degeneração depois quando o impedimento referido pelo Apóstolo foi removido. Ele disse:

“No Primeiro século não foram muitos os sábios, nem muitos os que foram chamados. Nenhum dos grandes nomes têm sido conhecidos para nós; nenhum dos filósofos, ou políticos, ou nobres, ou generais, ou governadores, ou juizes, ou magistrados. No primeiro século os cristãos não eram de muita importância para serem largamente perseguidos pelo governo. Eles não tinham ainda arresto da atenção pública. Ninguém escreveu contra eles, nem sequer os filósofos gregos. Não lemos de protestos ou apologias da parte de próprios cristãos. Não tinham grandes homens em suas fileiras, tampouco por erudição, ou talentos, ou riquezas, ou posição social. Nada na história é mais pobre do que os anais da Igreja no primeiro século, então em grande parte grandes nomes são confundidos. Sim, neste século convertidos estavam multiplicando-se em todas as cidades, e pontos tradicionais para os martírios daqueles que eram proeminentes, incluindo aproximadamente todos dos apóstolos.

“**No segundo século** não existiram mais grandes nomes do que Policápio, Ignácio, Justino Mártir, Clemente, Melito e Apolonio, bispos pacíficos ou intrépidos mártires, aqueles que discursaram a suas congregações em aposentos superiores, em qualquer recinto ou compartimento fechado, e que não possuíram posições nem dignidades mundanas somente por sua santidade ou simplicidade de caráter, e somente são mencionados por seus sofrimentos e fé. Lemos sobre os mártires, dos quais alguns escreveram valiosos estudos e apologias: mas entre eles não encontramos pessoas de posição. Isto foi uma desgraça para ser um cristão nos olhos da moda ou poder. A primitiva literatura cristã é essencialmente apologética, e o caráter é simples e prático. Existiam controvérsias na Igreja, uma intensa vida religiosa, grandes atividades, grandes virtudes, mas não conflitos externos, nem história profana. Eles ainda não tinham criticado o governo ou as grandes instituições sociais do império. Isto foi um pequeno

grupo de pessoas puras e inocentes, que não faziam aspiração ao controle social. No entanto atraída a atenção do governo e isto foi motivo suficiente para serem perseguidos. Foram considerados como fanáticos que procuravam destruir uma reverência das instituições existentes.”

### **[Organizou-se para Conseguir o Poder]**

“Neste século, isto é, no segundo século a constituição foi **calmamente organizada**. Existia uma organizada cordialidade entre os membros; bispos tinham tornado-se influentes, não na sociedade, mas entre os cristãos; dioceses e paróquias foram estabelecidas; havia uma distinção entre bispos da cidade e bispos rurais; delegados de igrejas reuniam-se para discutir pontos de fé ou suprimir heresias nascentes; o sistema diocesano ficou desenvolvido, e a centralização eclesiástica começou; diáconos começaram de ser contados entre os mais altos clérigos; as armas da excomunhão foram forjadas; esforços missionários estavam continuando; os festivais da Igreja foram criados; gnosticismo foi abraçado por muitos líderes principais; escolas catequéticas ensinaram a fé sistematicamente; as fórmulas de batismo e os sacramentos tornaram-se de grande importância; e o monacato tornou-se popular. A Igreja estava desse modo **colocando a fundação de sua futura constituição e poder**.

“O Terceiro Século viu a Igreja muito poderosa como uma instituição. Regulares sínodos tinham reunido-se nas grandes cidades do império; o sistema metropolitano ficou amadurecido; os cânones da Igreja foram definitivamente numerados; grandes escolas de teologia atraíam mentes; as doutrinas estavam **sistematizadas** [isto é, definidas, limitadas e formuladas dentro de credos e confissões de fé]. Cristianismo tinha difundido muito extensivamente que era necessário de ser um outro perseguido ou legalizado; grandes bispos governaram a crescente igreja; grandes doutores [da divindade] especulavam sobre as questões **[filosofia e a falsamente chamada ciência]** que tinham agitado as escolas gregas; edifícios eclesiásticos foram aumentados, e banquetes instituídos em honra dos mártires. A Igreja estava rapidamente

avançando para uma posição qual extorquiu a atenção da humanidade.

**“Isto não foi até o Quarto Século** — quando a perseguição imperial tinha parado; quando [o Imperador Romano] Constantino foi convertido; **quando a Igreja aliou-se com o Estado**; quando a primitiva fé foi corrompida; quando a superstição e vã filosofia tinham-se associado a fileiras de fiéis; quando bispos tornaram-se cortesãos; quando igrejas tornaram-se tanto ricas como esplêndidas; quando sínodos foram guiados sob influência política; quando monacatos [monges] tinham estabelecido um falso princípio de virtude; quando políticos e dogmáticos passavam de mão em mão, e imperadores obrigavam a cumprir os decretos de concílios [da Igreja] — que **homens de posição** introduziam na Igreja. Quando o cristianismo tornou-se a religião da corte e das classes que seguem à moda, isto era usado para apoiar muitos males contra quais ele primitivamente protestava. A Igreja não estava somente impregnada com os erros da filosofia pagã, mas ela adotou muitas das cerimônias de adoração oriental, quais estavam tanto minutas como grandiosas. As igrejas tornaram-se, no quarto século, tão imponentes como os velhos templos da idolatria. Festivais tornavam-se freqüentes e imponentes. Os povos apegavam-se a eles porque eles obtiveram excitação e uma cessação do trabalho. Veneração a mártires desenvolveu-se em introdução de imagens — uma futura fonte de idolatria popular. Cristianismo estava exaltado em pomposas cerimônias. A veneração a santos aproximou a sua deificação, e a superstição exaltou a mãe de nosso Senhor a um objeto de absoluta adoração. Mesas de comunhão tornaram-se imponentes altares típicos dos sacrifícios judaicos, e as relíquias dos mártires eram preservados como sagrados amuletos. A vida monástica também desenvolvia-se em um grande sistema de penitência e ritos expiatórios. Exércitos de monges retirados para lugares melancólicos e isolados, e entregando-se a rapsódia e jejum de própria expiação. Eles estavam num escuro e fanático grupo de homens, omitindo a intenção prática de vida.

“O clero, ambicioso e mundano, procurava posição e distinção.

Eles ainda aglomeravam as cortes de príncipes e aspiravam por honras temporárias. Eles já não estavam mantendo-se pelas voluntárias contribuições dos fiéis, mas pelos rendimentos fornecidos pelo governo, ou propriedade herdada proveniente de velhos templos [pagãos]. Grandes legados foram feitos à Igreja pelos ricos, e estes o clero controlava. Estes legados tornaram-se fontes de inesgotáveis riquezas. Enquanto a riqueza aumentava e estava confiada ao clero, tornavam-se indiferentes às necessidades do povo — já não suportadas por eles. Tornaram-se ociosos, arrogantes e independentes. O povo foi afastado e excluído do governo da Igreja. Os bispos tornaram-se grandes personagens que controlavam e designavam seu clero. **A Igreja estava aliada com o Estado**, e dogmas religiosos foram impostos pela espada do magistrado.

**Uma Imponente Hierarquia de Vários Graus  
foi Estabelecida, a qual Culminou  
no Bispo de Roma**

“O Imperador decidia pontos de fé, e o clero foi isentado quanto aos deveres do Estado. Havia um grande número para a profissão sacerdotal, quando o clero controlou tanto poder e tornou-se tão rico; e homens eram levados a grandes posições [ou dignidade de bispos], não por causa de suas piedades ou talentos, mas devido as suas influências com os grandes. **A missão da Igreja estava perdida de vista numa degradante aliança com o Estado.** Cristianismo foi uma representação teatral, um ritualismo, um braço do Estado, uma vã filosofia, uma superstição, uma fórmula.”

Assim a grande apostasia da fé, predita pelo apóstolo Paulo, é um estabelecido fato da história. Todos historiadores dão testemunho disto, ainda aqueles que aprovam a assunção do poder e elogiam os principais atores neste esquema. Sentimos que nosso espaço limita nossas citações a algumas das mais aguçadas expressões. A grande apostasia, cobriu um período de séculos, era tão gradual que era muito perceptível a aqueles que então viviam no seu meio do que para nós que então vemos ela como um todo; e o mais ela era engano por causa de todos os passos da organização, e todo avanço

favorável a influência e autoridade na Igreja e sobre o mundo, era feito **no nome de Cristo**, e abertamente para glorificar ele e cumprir seus planos registrados na Bíblia. Deste modo foi o grande Anticristo desenvolvido — o mais perigoso, mais sutil e mais persistente oponente do verdadeiro cristianismo, e o mais diabólico perseguidor dos verdadeiros santos.

### **O Obstáculo Removido**

O apóstolo Paulo profetizou que este iníquo princípio operaria secretamente por um tempo, enquanto alguma coisa oposta continuasse no caminho, até que, o obstáculo fosse removido, podendo ter um curso livre, e progredir rapidamente para o desenvolvimento do Anticristo. Ele disse: “Pois o mistério da iniquidade já opera; somente há um que agora o detém até que seja posto fora”. (2 Tess. 2:7) O que a história tem feito para mostrar no cumprimento desta perdição? Ela indica que o fator que retardava um rápido desenvolvimento do Anticristo era o fato que o lugar aspirado já estava ocupado por outro. O Império Romano não tinha somente conquistado o mundo e aplicado suas políticas e leis, mas, reconhecia superstições religiosas para serem a forte corrente pela qual mantinha-se firme e controlava o povo, ele tinha adotado um esquema qual tinha sua origem em Babilônia, no tempo de sua grandeza como soberanos do mundo. Aquele plano foi, que o imperador deveria de ser considerado o diretor e governador tendo no religioso como nos afazeres civis. Em defesa disto, foi afirmado que o imperador era um semideus, que em algum sentido descendia de suas divindades pagãs. Como tal estava idolatrando e adorando suas estátuas; e como tal foi intitulado **Sumo Pontífice** — isto é, Sumo Sacerdote ou administrador supremo do Direito Religioso. E este é o verdadeiro título reivindicado por e dado aos pontífices ou papas da Hierarquia Romana, desde que este Anticristo obteve “o seu poder e o seu trono e grande autoridade” do antigo monarca de Roma. Apoc. 13:2.

Mas a antiga Roma pagã e Babilônia tinham somente um mero projeto de poder sacerdotal enquanto comparado com o maquinismo complexo e elaborado, e habilidade de invenções de doutrinas e práticas da Roma Papal, a triunfante sucessora de seus esquemas,

que agora, depois de séculos de astúcia e habilidade, tem o seu poder desta maneira fortificado que ainda hoje, quando seu poder esta visivelmente enfraquecido e é despojado do governo civil, governa o mundo e controla os reinos secretamente, apenso, mais inteiramente do que os imperadores romanos sempre governaram os reis subordinados a eles.

Para seus créditos serem registrados que nem um dos imperadores romanos, como Sumo Pontífice ou administrador supremo do Direito Religioso, alguma vez exerceram a tirania de alguns de seus sucessores no trono Papal. Neste ponto Gibbon disse:\* “Isto deve ser admitido que o número de protestantes que eram executados numa única província e um único reino, **em grande parte ultrapassa** aquele dos primitivos mártires no espaço de três séculos e do [inteiro] Império Romano.” De acordo com o costume de seus dias eles faziam favores aos mais populares deuses, mas em qualquer parte que seus exércitos iam, os deuses e seguidores do povo conquistado eram geralmente respeitados. Isto foi ilustrado na Palestina, na qual, ainda que sobre controle romano, liberdade religiosa e liberdade de consciência eram geralmente respeitadas pelo imperial **Sumo Pontífice**, quem como administrador religioso deste modo demonstrou sua clemência para o povo, e sua harmonia com todos os deuses populares.

Assim, então, vemos o que impedia o prematuro desenvolvimento do Anticristo foi o fato que a cobertura instituída de espiritual supremacia era ocupada pelos representantes do poderoso império, qual o mundo outrora conheceu; e que por alguns para ter tentado uma abertura de manifesto de ambição nesta direção teria exposto eles à ira dos senhores do mundo. Por isso esta iníqua ambição no começo trabalhou secretamente, desaprovando qualquer intento para ganhar poder ou autoridade, até uma favorável oportunidade foi apresentada — depois a Igreja nominal tinha tornado-se grande e influente e o poder imperial estava fragmentado por dissensões políticas e começou a arruinar-se.

O poder de Roma estava rapidamente enfraquecendo, seus poderes e unidade foram divididos entre seis pretendentes das

\*Volume II, página 85.

honras imperiais, quando Constantino tornou-se imperador. E aquele, em parte pelo menos, ele adotou o cristianismo para fortalecer e unificar seu império, é uma — razoável suposição. Neste ponto a história diz:

“Se Constantino abraçou o [cristianismo] segundo a convicção de sua verdade, ou apartir da diplomacia, é um assunto de disputa. Certo isto é, que esta religião, satisfatoriamente ainda que recebendo do poder romano somente censura silenciosa, ou perseguição ativa, tinha se estendido entre o povo, assim que Constantino fortificou-se na afeição dos soldados por adotar isto. ... Mundana ambição visando ao curso qual o imperador seguiu em declarar-se ele mesmo um cristão, e não o espírito de Cristo, quem disse: O meu reino não é deste mundo. Constantino fez o cristianismo a religião do império, e desde aquele tempo em diante encontramos sua influência manchada com coisas mundanas. ... Nenhum bispo particular era considerado como cabeça de toda a Igreja, mas o imperador estava desta maneira na realidade. Nesta qualidade ele convocou o **Concílio de Nice**, tendo na controvérsia entre Atanásio e Ário tomando partido contra o último. **O concílio concordou com o imperador.**”\*

Por mais que vantagens poderiam ser derivadas por causa da aquisição de um prosélito imperial, ele estava ilustre pelo esplendor da púrpura, melhor do que a superioridade da sabedoria ou virtude, de acordo com muitos milhares de seus súditos que tinham abraçado as doutrinas do cristianismo. ... No mesmo ano do seu reino no qual Constantino convocou o Concílio de Nice poluiu-se pela execução de seu filho primogênito. A gratidão da Igreja tinha exaltado as virtudes e desculpado as fraquezas de um patrono generoso, quem assentou o cristianismo no trono do mundo romano.”\*\*

Aqui, então, sob o reino de Constantino, a oposição do império ao cristianismo cedeu ao favor, e o Imperial Sumo Pontífice tornou-se o patrono da **declarada**, mas realmente apostata Igreja de Cristo; e, tomando ela pela mão, ele ajudou ela tomar um lugar de

\*História Universal de Willard, página 163.

\*\*Gibbon, Volume II, página 269.

popularidade e esplendor a partir do qual ela foi capaz mais tarde, quando o poder imperial tornou-se fraco, de pôr seus próprios representantes sobre o trono religioso do mundo e era ela administrador supremo do Direito Religioso — **Sumo Pontífice**.

Mas é um equívoco supor, como muitos fazem, que a Igreja naquele tempo era uma igreja (virgem) pura, repentinamente levantada a uma dignidade e poder e o que tornaram-se para ela cilada. Totalmente ao contrário é verdade. Como já foi declarado, uma grande apostasia tinha ocorrido, a partir da primitiva pureza e simplicidade e liberdade em determinadas crenças, ambiciosas facções, cujos erros e cerimônias, semelhantes àqueles das pagãs filosofias, enfeitados com algumas verdades, reforçados e rebitados com as doutrinas do tormento eterno, tinham atraído para dentro da igreja uma vasta multidão, cujos números e influências tornaram-se **valiosos** para Constantino e eram respeitados e usados adequadamente. Desta maneira ninguém dos mundanos alguma vez pensou seriamente de aderir a causa do humilde, semelhante a Cristo “o pequeno rebanho” — a verdadeira Igreja consagrada, cujos nomes estão escritos nos céus. A popularidade do Constantino com seus soldados, mencionada pelos historiadores, é muito diferente da popularidade com o verdadeiro soldado da cruz.

Em prova disto deixe-nos aqui citar a partir da história, com referência ao estado de sociedade religiosa sob Diocleciano, o antecessor de Constantino, quem, perto do fim de seu reino, crendo que cristãos tinham atentado para destruir sua vida, ficou amargurado contra eles e perseguiu-os por disposição a destruição de Bíblias, o banimento de bispos, e finalmente por decreto de pena de morte de tais como os contrários a estes decretos-lei. Gibbon\* disse desta era:

“Diocleciano e seus colegas freqüentemente conferiam os mais importantes postos a estas pessoas que declaravam sua repugnância à adoração de deuses, mas que mostravam habilidades próprias para o serviço do Estado. Os bispos ocupavam uma honrosa posi-

---

\*Volume II, página 53 e 57.

ção em suas respectivas províncias, e eram tratados com distinção e respeito, não somente pelo povo, mas também pelos próprios magistrados. Em quase toda cidade, as antigas igrejas ficaram com construções insuficientes para abrigar o crescente número de convertidos; e em seus lugares eram construídos edifícios mais grandiosos e espaçosos para o público adorador da fé. A corrupção de maneiras e princípios, tão forçosamente lamentada por Eusébio, podia ser considerada não somente como uma consequência, mas também uma prova da liberdade, qual cristãos gozavam e abusavam sob o reino de Diocleciano. A prosperidade tinha relaxado os nervos da disciplina. Fraude, inveja e malícia prevaleciam em toda congregação. Os prosélitos aspiravam para o serviço episcopal, qual todo dia tornava-se um objeto muito digno de suas ambições. Os bispos, que competiam um com o outro por proeminência eclesiástica, apareciam por suas condutas para reivindicar uma secular e tirânica força na Igreja; e a viva fé qual entretanto distinguia os cristãos dos gentios foi demonstrada muito mais em suas vidas do que em seus escritos controversos.

“A história de Paulo de Samosata, quem ocupou a autoridade metropolitana [bispado] de Antioquia enquanto o Leste estava nas mãos de Odenatus e Zenóbia, poderia servir para ilustrar a condição e caráter dos tempos. [270 d. C.] Paulo considerou o serviço da Igreja uma profissão muito lucrativa. Sua jurisdição eclesiástica era venal e voraz: ele extorquia freqüentes contribuições dos mais opulentos dos fiéis, e convertia para seu próprio uso uma considerável parte das rendas públicas. [Ele é reivindicado pelos críticos, disse Gibbon, que Paulo ocupou o posto Imperial de **Ducenarios**, ou foi procurador, com um salário anual de duzentos **Sestertia** — \$77.000.] Pelo seu orgulho e luxúria, a religião cristã estava apresentando-se odiosa nos olhos dos gentios. Sua câmara de conselhos, e seu trono, o esplendor com qual ele apareceu em público, a suplicante multidão que solicitou sua atenção, a multidão de cartas e petições a quais ele ditou suas respostas, e a continua pressa de atividades nas quais ele estava envolvido, eram circunstâncias muito melhor apropriadas ao Estado de um civil magistrado do que à humildade de um primitivo bispo.

Quando do púlpito fazia discurso bombástico ao seu povo, Paulo atacava o figurativo estilo e os gestos teatrais de um sofisma asiático, enquanto na catedral ressoavam com as mais extravagantes aclamações no louvor de sua eloquência divina. Contra aqueles que resistiam ao seu poder, ou recusavam a lisonjear sua vaidade, o prelado de Antioquia era arrogante, rígido e inexorável, mas ele relaxou a disciplina e esbanjou os tesouros da Igreja com seu clero dependente.”

Desse modo sob o reino de Constantino todo obstáculo foi finalmente removido, e, como devíamos encontrar, a organização do Papado — a igreja nominal sob a chefia do bispo de Roma como papa — foi ligeiramente efetuada.

### **O Rápido Desenvolvimento do Anticristo**

O rápido desenvolvimento da Hierarquia Papal após a ascensão de Constantino é um muito notável caráter de sua história. “O príncipe deste mundo” foi verdadeiro à sua promessa de dar poder e domínio como uma recompensa pela adoração e obediência a ele. (Mat. 4:8, 9) Pelo édito de Milão, Constantino deu legal segurança para as possessões da Igreja, e os cristãos recuperaram terras dantes perdidas. Um segundo édito, no ano 321 d. C., outorgou a liberdade de legar por testamento a propriedade à Igreja, enquanto o próprio Constantino aplicou um exemplo de dar generosamente e liberalmente bens ao clero cristão sem poupar. Este exemplo do Imperador foi seguido por milhares de seus súditos, cujos oferecimentos durante a vida e cujos legados na hora da morte fluíam para o tesouro eclesiástico. White, diz:\*

“A Igreja de Roma começou cedo de assumir autoridade sobre as outras [sobre as igrejas de outras cidades e países], além disso dos números e riquezas de seus convertidos como de suas posições na cidade capital. Muitas circunstâncias concorreram para aumentar a influência de seu bispo, contudo sua usurpação e ambição era por um tempo vigorosamente repelida. A transferência do assento de poder [por Constantino, de Roma para Constantinopla, no ano 334

---

\*História Universal de White, página 155.

d. C.] aumentou o poder da Igreja ocidental por conferir ao bispo a principal magistratura. Por isto devia ser adicionada a sensação dada por Gratiano e Valentiniano ao costume de apelar para Roma, e as freqüentes peregrinações a túmulos de São Pedro, e São Paulo e outros mártires.”

Após a morte de Constantino as variadas fortunas do Império Romano pareciam de cooperarem para o desenvolvimento da Igreja apostata e o desenvolvimento do Anticristo; pois uma união sob um cabeça ou papa, considerado o representante ou vice-gerente de Cristo, não tinha ainda sido firmada. Os imperadores sucedendo Constantino, até Teodósio, continuavam de considerar a si mesmos como os cabeças da Igreja, nos quais centralizava-se a divina autoridade. Apesar de que nenhum dos mil oitocentos bispos do império ainda não estavam preparados para **demandar reconhecimento** como o cabeça, ou papa, vários tinham seus olhos naquele prêmio, e os imperadores estavam demonstrando a superficialidade de suas pretensões do título **Sumo Pontífice**, no argumento desta maneira desde que adorassem os santos mortos, possuiriam um similar respeito a seus representantes vivos — os bispos. Contudo, os imperadores em seus editos repentinamente referiam-se ao imperador como uma **hierarquia divina** e para eles mesmos como personagens divinos.\*

O poder e autoridade do bispo de Roma vieram apressadamente: no período de cinquenta anos a partir do tempo em que o cristianismo foi legalmente estabelecido, sua prosperidade e dignidade, como bispo da capital e principal cidade do mundo, era muito grande. Ammianus, um historiador contemporâneo, descrevendo sua prosperidade e ostentação disse: “Ele ultrapassou reis em esplendor e magnificência, viajou nas luxuosas carruagens, estava vestido com trajes de excelente qualidade, e era distinguido pelo seu luxo e orgulho.” A mudança do assento do império para Constantinopla, a exposição da cidade de Roma à invasão dos bárbaros provenientes do norte, as contínuas trocas de generais e

---

\*Ver Gibbon, Volume II, página 108.

governadores no império já em rápida decadência, deixou o bispo da Igreja em Roma o mais permanente e o mais honrado oficial lá; e seu prestígio gradualmente aumentado ficou enaltecido ainda mais por remoção dos esplendores rivais da corte imperial para Constantinopla, assim como pela reverência atribuída ao próprio nome de Roma entre todos os povos do mundo.

Como uma ilustração disto, notamos que quando, em 455 d. C., a cidade de Roma foi invadida e pilhada pelos vândalos, e tudo ao redor foi aflição e desolação, Leão, o bispo de Roma, aproveitou a oportunidade para imprimir sobre todos, ambos, bárbaros e romanos, sua reivindicação de poder imperial. Para os bárbaros rudes e supersticiosos; já gradualmente impressionados pelo que eles viram em volta deles, da Roma de grandeza e riqueza. Leão, vestido com suas vestes pontificais, exclamava: “Cuidado! Eu sou o sucessor de São Pedro para quem Deus tem dado as chaves do reino dos céus e contra cuja igreja as portas do hades (do inferno, AL; SBB) não prevalecerão contra ela; eu sou o vivo representante do poder divino na terra; eu sou César; um César cristão governando em amor, para quem todos cristãos devem obediência; eu seguro em minhas mãos as maldições do inferno e as bênçãos dos céus; Eu absolvo todos assuntos da submissão aos reis; Eu dou e tomo para posse de outros, por direito divino, todos tronos e principados da cristandade. Tomai cuidado com vocês para que não profanais o patrimônio sagrado concedido-me pelo vosso rei invisível; realmente, curvai para baixo vossos pescoços diante de mim e orai que a ira de Deus possa ser desviada.”

A veneração ao lugar e nome foi ativamente aproveitada pelo bispo de Roma, quem logo reivindicou uma superioridade para todos outros bispos, governadores e monarcas. Logo ele reivindicou não somente o domínio eclesiástico do mundo, mas também o domínio civil: o direito de coroar e descoroar, de promover e degradar qualquer e todos governadores do velho Império Romano, era o direito e herança da Igreja de Roma, qual foi reivindicado que Deus tinha assim dado poderes para o domínio da Terra. Estas reivindicações foram feitas repetidamente e repentina-

mente negadas por bispos opostos, portanto para fixar um ano exato como a data de seu começo seria impossível. Como por ele mesmo, as reivindicações do Papado que ele foi organizado nos dias dos apóstolos, e que Pedro foi o primeiro papa; no entanto isto não é apenas sem prova, mas isto é muito positivamente contradito por toda história, qual demonstra que ainda que a **iniquidade da ambição** tem trabalhado secretamente por um longo tempo, ela foi impedida de desenvolver-se em Anticristo e de fazer absolutamente tais reivindicações, até o Império Romano começar a desintegrar-se.

Daqui em diante trataremos do Anticristo, cujo gradual **desenvolvimento** e **organização** por causa da secretamente trabalhada ambição são um apropriado prelúdio para o terrível caráter exibido depois do desejado poder ter sido alcançado — a partir do ano 539 d. C. até o ano 1799 d. C., isto é, durante 1.260 anos. Deste período os primeiros trezentos anos marcaram o avanço deste poder temporal; os últimos três marcaram sua decadência sobre as influências da Reforma e civilização; e o intermediário período de sete séculos compreendeu o tempo de glória do Papado e a “Idade Média” do mundo, cheio de fraudes e decepções em nome de Cristo e da verdadeira religião.

Um escritor católico romano plenamente corroborou nossas descobertas nestes assuntos, e nós apresentamos suas palavras sem consideração de seu glossário, como corroborativo testemunho. Dando, com incandescente entusiasmo, uma descrição da ascensão do Papado para o poder temporal, descrevendo ele como uma planta de origem celeste, e portanto de rápido crescimento e alta exaltação no mundo, ele disse:

“A ascensão do poder temporal dos papas apresenta à mente um dos mais extraordinários fenômenos quais os anais da raça humana oferecem para nosso espanto e admiração. Por uma singular combinação de circunstâncias concorrentes, um novo poder e um novo domínio crescia, silenciosamente e firmemente, nas ruínas daquele Império Romano qual tinha estendido sua influência sobre,

ou fez-se respeitado por, quase todas as nações, povos e raças que viveram no período de sua força e glória; e que novo poder, de origem modesta, lançava raízes profundas, e logo exercia uma mais ampla autoridade, do que o império cujas gigantescas ruínas ele fez quebrarem-se em fragmentos e reduzirem-se ao pó. Em própria Roma o poder do sucessor de Pedro crescia ombro a ombro com o poder do imperador e sob a proteção da sombra deste; e assim foi aumentado a influência dos papas, de modo que a majestade do supremo Pontífice foi provavelmente em breve obscurecida por esplendor da púrpura.

“A mudança por Constantino da capital do império do Oeste para o Leste, desde históricas ribanceiras do Tiber para as formosas costas do Bósforo, colocou a ampla fundação **de uma supremacia na realidade começada desde aquela momentosa mudança.** Praticamente, quase a partir daquele dia, Roma, qual tinha testemunhado o nascimento, a fase inicial, o esplendor, e a decadência, da potente raça por quem seu nome tinha sido carregado com suas águias até as remotas regiões do então conhecido mundo, estava gradualmente abandonada pelos herdeiros de seu renome; e seu povo, abandonado pelos imperadores, e exposto a uma fácil pilhagem e devastações pelos bárbaros, aos quais não tinha mais coragem para resistir, notou no bispo de Roma seu guardião, seu protetor, seu pai. Ano a ano a temporária autoridade dos papas cresceu em forma e endureceu em força, sem violência, sem derramamento de sangue, sem fraude, pela força de circunstâncias opressivas, feito, como se visivelmente, pela mão de Deus.”

Enquanto católicos romanos assim representam a ascensão do Papado sobre as ruínas da Roma Pagã como um triunfo da cristandade, aqueles que estão familiarizados com o verdadeiro espírito do cristianismo olham em vão para ver algum traço daquele espírito na prostituição da Igreja e sua profana aliança com o mundo. Tampouco pode o verdadeiro cristão ver nas vantagens fornecidas pela ignorância, superstição, calamidades e as várias

circunstâncias dos tempos nos quais a Igreja de Roma tomou vantagem, alguma evidência da divina interposição em seu favor. Nem ainda podem eles descobrir, na exaltação da Igreja de Roma ao poder terrestre e glória, alguma verificação da promessa do Senhor para a verdadeira Igreja, para que a **seu tempo** seja exaltada — depois do Anticristo ter vindo e ido; visto que a exaltação do verdadeiro trono da Igreja não é para ser um ensangüentado e poluído com crime, assim como o trono do Papado tem sido desde seu próprio começo: tampouco o verdadeiro Cristo jamais necessitará de recorrer a reis terrestres para estabelecer ou defender seu poder. As marcas quais distinguem a imitação desde o real reino de Cristo são facilmente reconhecíveis por aqueles que são instruídos, através das Escrituras, com o Cristo real e seu corpo, a verdadeira Igreja, com os princípios sob quais seu reino é para ser estabelecido, e com o propósito por qual é para ser estabelecido.

Mas não permita uma suposição que a real Igreja de Cristo, ainda naqueles tempos corruptos, estava de modo idêntico extinguida ou perdida de vista. “O Senhor conhece os seus” em toda idade e sob toda condição. Como trigo estão permitidos para crescerem no meio de terrenos infestados de pragas; como ouro estão no forno, sendo experimentados e purificados “para participar da herança dos santos na luz”. É verdade, o curso da multidão, que chamou a si próprios cristãos, ocupou os mais proeminentes lugares nas páginas da história; mas indubitavelmente uns poucos fiéis através de todas perseguições, e no meio de todas artes enganosas do mistério da iniquidade, andaram como é digno na sua vocação celestial, deitaram para descansar e serem registrados por Deus como herdeiros da coroa imarcescível, reservada nos Céus para eles.

Deste modo, claramente, nas páginas da história, o fato é indicado que este Homem do Pecado, Anticristo, nasceu em Roma; e, ainda que no princípio deparou com a oposição, ele gradualmente levantou a si próprio ao poder; ou, expressado na profecia de Daniel, como “chifre, pequeno”, ele subiu da cabeça daquela velha besta romana, aquele “animal, terrível e espantoso”, para qual Daniel não pôde encontrar nome, qual tinha desta

maneira poder para fazer mal e dano. E, enquanto prosseguiremos, devemos achar que a história do Anticristo corresponde exatamente, não somente com as profecias de Daniel, mas também com todas as profecias registradas concernentes a ele.

### Caráter do Anticristo na História

Tendo localizado o Anticristo, em seguida procedemos para comparar o caráter do Papado com as profecias registradas, descritivas do caráter e realidades do Anticristo ou o Homem do Pecado.

Alguns podem inquirir se ele será adequado para transpor os imperadores de Roma (que reivindicavam para serem os supremos soberanos religiosos), sem chamar seu sistema de Anticristo, e para aplicar aquele título completo e inteiro para o organizado sistema Papal. Respondemos, isto é certamente correto. e submetemos o leitor novamente à definição do Anticristo já apresentada como usada nas Escrituras, a saber, **no lugar de, em vez de**, isto é, para ser um império espiritual; ele deve reivindicar para governar os reinos da Terra por esta autoridade espiritual; ele deve deste modo não ser somente um único adversário, mas também uma imitação, deturpando e pretendendo de ser o reino de Cristo, e exercendo o que no devido tempo de Deus será a autoridade do verdadeiro Cristo, a Igreja glorificada e completa sob o único Cabeça e Senhor — o real **Sumo Pontífice**.

Não somente fez a reivindicação Papal para ser o glorificado reino de Cristo prometido pelo Senhor, os apóstolos e os profetas, mas também ele aplicou a si mesmo e a seus sucessivos cabeças (os papas, que, reivindicam, ocupar o lugar de Cristo, como Pontífices, Chefes, ou Reis deste reino) todas aquelas passagens dos profetas que descrevem a Milenar glória de Cristo. E, “enganando [outros] e sendo enganados” eles mesmos (pelas suas falsas teorias, desenvolveram-se lentamente pela pecaminosa ambição em prol da grandeza, durante séculos), os papas têm peça por peça arranjado os títulos de todos associados na hierarquia, suas deslumbrantes

roupas, suas imponentes cerimônias, suas grandes catedrais como solenidades, reverenciando — serviços inspirados, numa escala para corresponder tão de perto como possível com suas reivindicações — os ambientes deslumbrantes, roupas e cerimônias igualando, tanto quanto melhor podiam fazer eles igualavam, as glórias e grandezas retratadas pelos profetas.

Por exemplo, no Salmo 2:12 lemos: “Beijai o Filho, (ó reis, juízes da terra, verso 10) para que não se ire, e pereçais no caminho; porque em breve se inflamará a sua ira.” Isto não é uma ordem para beijar literalmente, mas para conceder prontamente, agradável submissão ao nosso Senhor, e aplica-se à presente hora, em que, fazem-se preparatórias para o grande e verdadeiro reino Milenar do verdadeiro Cristo, os reis ou os grandes da terra, politicamente, socialmente, financeiramente e eclesiasticamente, estão sendo testados por sua boa vontade ou má vontade para reverenciar as regras justas agora devidas a entrarem em vigor. Aqueles que resistirem à retidão, resistirem ao cetro deste Rei da Glória, e todos tais serão derrotados no grande tempo de tribulação qual introduzirá o reino milenar do novo Rei: todos aqueles que não quiserem seu reino serão matados. (Luc. 19:27) “Os seus inimigos lambeirão o pó” — serão subjugados.

Desviando esta profecia para seu reino falso, cabeça representativa do Anticristo, o papa, nos dias de felicidade de sua prosperidade estabelecia reis e imperadores para reverenciarem diante dele, assim como diante de Cristo, e para beijarem seu grande dedo do pé — aplicando o mesmo como cumprimento desta grande profecia.

Reivindicações tais como estas são geralmente omitidas muito ligeiramente pelos estudantes e escritores proféticos, enquanto eles procuram saber e especialmente noticiar imoralidades; mas nisto eles grandemente enganam-se, por criminalidades terem sido abundantes o bastante em cada idade, e não necessitariam delineações proféticas tão especiais como são dadas do Anticristo. Poderia isto ser provado que aqueles relacionados com o sistema

papal seriam verdadeiros modelos de moralidade, isto seria todavia idêntico com o caráter notável na Escritura como o grande Anticristo — a imitação qual tem atribuído a si mesmo os títulos, privilégios, poderes, e reverência pertencentes ao Ungido do Senhor. Como uma imitação, ele tem também adulterado o plano de Deus com referência à seleção de um “pequeno rebanho”, ou Igreja, no tempo presente; e ele tem inteiramente posto de lado a verdadeira esperança da Igreja, e a provisão do Senhor para a bênção do mundo durante o Milênio do Reino de Cristo — qual ele representa como cumprindo-se em seu próprio reino.

Os maus efeitos de tal perversão e informação falsa do plano de Deus raramente podem ser estimados. Eles têm sido a direta fonte de informações da qual nasceram todas as doutrinas corruptas quais, uma após outra, eram introduzidas para amparar as reivindicações e aumentar a dignidade do Anticristo. E apesar da Reforma, três séculos depois, introduzir uma era de estudos bíblicos e liberdade de pensamento, e induzir à rejeição de muitos males e erros, ainda a imitação estava assim por diante elaborando uma escala, tão completa em todas suas partes e arranjos, e tinha tão completamente enganado o mundo todo de modo que, até depois Lutero e muitos outros tinham reconhecido o Papado como a conseqüência da grande apostasia — o Anticristo da profecia — enquanto o denunciavam como um sistema, eles se firmaram na falsa teoria que conduzia para seus peculiares erros de doutrina e prática. Até o dia de hoje grande maioria de protestantes de todas dominações sustentam a teoria do Anticristo, que o Reino de Cristo **tem sido estabelecido**. Alguns esforçavam-se para fazer como o Papado fez — para organizar sua Igreja sob alguma única pessoa como seu cabeça — enquanto outros preenchem o lugar deste cabeça com um conselho ou sínodo; mas todos estão sob a desilusão imposta pelas falsas e corrompidas interpretações das Escrituras, doutrinas começadas pelo Anticristo — que agora, e não em um tempo futuro, é o **reinado do Reino de Cristo**; e, negando a idade vindoura, assim como o Anticristo faz, eles, igual aquele sistema, estão descuidados do amplo desenvolvimento da santidade

entre os crentes e são zelosos mais propriamente para o cumprimento agora da obra da próxima idade (a conversão do mundo) — tanto assim, que eles estão muitas vezes dispostos de deturpar o plano e Palavra de Deus, e de inventar teorias para amedrontar e guiar o mundo em uma fé de piedade; e dispostos também a recorrer a métodos mundanos e incorretos afim de acrescentarem a suas atrações, para fazerem seus vários sistemas os mais tentadores para os **não convertidos**, os quais eles, igual o Anticristo, estão dispostos de incluir na conta por causa de seu orgulho e para fazer uma boa exibição.

Tais encontram isto difícil de entender para ver que o Papado é o Anticristo. Como podem eles, enquanto a fé ainda não é livre do veneno, e a razão é ainda grandemente cegada por muita essência de erros do Anticristo. A grandeza, a magnificência e a necessidade do Milênio do Reino de Cristo e sua obra de bênção de todas as famílias da Terra devem ser vistas, antes que a grandeza da falsidade do Anticristo pudesse ser apreciada, ou sua destruição da verdade e sua desoladora e corrompida influência na igreja nominal ou santuário de Deus pudessem ser corretamente estimados.

Ninguém precisa surpreender-se sobre a perfeição desta imitação, quando refletimos que ela é a **obra do Diabo**, e tem sido modelada segundo os tipos e ilustrações da futura glória apresentada nas Escrituras. Visto que o tempo para a seleção da Igreja tinha vindo, e aquelas verdades plantadas pelo Senhor e os Apóstolos tinham ganhado rápido progresso contra todas as religiões pagãs, procurando alguém humilde em qualquer parte que ele estivesse, o grande adversário procurava destruir a pureza da Igreja e transformar os outros em canais falsos esses que ele não podia fazer parar. Deste modo tanto o triunfo do Anticristo, como seu poder presente, têm realmente sido sucesso de Satanás. Mas aqui nós observamos a sabedoria de Deus; por enquanto o sucesso do Anticristo dava a impressão de pressagiar a derrota do plano de Deus, ele estava de fato, apesar de sem perceber, cooperando para garantir o sucesso do plano de Deus; porque de nenhuma outra

# A IGREJA DE DEUS O SACERDÓCIO REAL

---

## A REALIDADE DURANTE O MILÊNIO DO REINO

### O TIPO VERDADEIRO

#### Arão —

e os sucessores — Chefe ou Sumo Sacerdote, cabeça e representante e porta-voz.

---

Subsacerdotes, derivaram as suas dignidades oficiais, direitos e privilégios de serviço através de Arão, cujo corpo eles representavam, tipificando a Igreja de Cristo.

#### Os Sujeitos à Hierarquia são assistentes, como segue:

Os levitas, que fizeram serviços ligados com o Tabernáculo típico — ensinando, etc., etc., Uma ordem inferior de sacerdotes não permitia a entrar no Mais Sagrado Santuário — o Santíssimo (típico da natureza espiritual) nem a olhar para aquele lugar.

---

Todo Israel era ensinado e guiado pela hierarquia acima descrita. E em Moisés quem foi um tipo do completo Cristo, eles tinham nele profeta, sacerdote e rei unidos, típico da autoridade Milenar de Cristo — At. 3:22.

### DE CRISTO NA TERRA

#### Cristo Jesus,

nosso Senhor e Cabeça também representante; o Sumo Sacerdote da nossa confissão ou ordem.

---

A Igreja glorificada, o corpo de Cristo, participantes de sua glória, majestade, e postos do governo: cujos postos serão diferentes, como uma estrela difere em glória de outra estrela.

A fase terrestre do Reino de Deus; através de quem a glorificada Igreja terá mais contato direto com o mundo, em ensinamento, governo, etc., o mundo também terá aconchegada comunhão com a espiritual Igreja em glória.

---

O mundo será ensinado, guiado, governado e ajudado pelo acima descrito Reino de Deus e seus representantes terrestres, quais terão todo poder, e deverão ser obedecidos; e todo aquele que não obedecer será “exterminado” — At. 3:23.

### A IMITAÇÃO

#### Dos Papas,

Por seu turno, representam o Sumo Sacerdote da hierarquia papal; seu Senhor, cabeça e porta-voz.

---

A Igreja de Roma consiste dos bispos e preladados, que compartilham as dignidades da hierarquia, ainda que diferindo em graus de honra — cardeais, bispos, etc..

Os frades e freiras do Papado, não são partes ou membros da igreja ou hierarquia, mas chamam-se “irmãos” e “irmãs”. Destes são os professores, enfermeiras, etc., em contato direto tanto com o povo como com a hierarquia.

---

Papado **reivindica** a obediência do mundo para seu poder e doutrinas — como sendo o Reino de Deus. O inferior sacerdócio é seu agente. Quando estava no poder tentou de impor suas leis, e de “exterminar” aqueles que não obedeciam.

maneira poderiam os **verdadeiros consagrados** terem sido completamente provados, e sua fidelidade à Palavra de Deus tão completamente testada, como por permissão desta grande imitação.

A tabela anexada servirá para demonstrar como completa tem sido a imitação da futura organização do reino de Cristo no Papado, e como ele estava declinado conforme o típico sacerdócio judaico.

**Mosheim**, explicando a ascensão do hierárquico sistema na Igreja, muito claramente demonstra sua imitação, nestas palavras, Vol. I, pág. 337.

“Enquanto a menor probabilidade resta que Jerusalém poderia em um tempo ou outro novamente levantar seus cabeças do pó, professores e líderes cristãos não adotaram a si próprios títulos ou distinções, pelo menos nenhum, nem sequer o mais modesto e humilde; mas no tempo em que a cidade tinha sido fechada por Adriano [135 d. C], e a maioria dos judeus já não podiam entreter alguma esperança, de verem seu antigo governo restabelecido, estes mesmos pastores e ministros **conceberam um anseio para serem acreditados pelos seus rebanhos que eles mesmos tinham sucedido aos direitos do sacerdócio judaico**. Os bispos, portanto, fizeram seus trabalhos de inculcar a idéia que eles estavam investidos com um caráter parecido com aquele do grande Sumo Sacerdote dos judeus, e estavam **conseqüentemente dotados de todos aqueles direitos quais tinham sido reconhecidos como pertencentes ao alto dignitário eclesiástico judaico**. O exercício do ordinário sacerdote judaico era em igual maneira, determinado para ser transmitido, ainda que sob a mais perfeita forma, sobre os presbíteros da Igreja cristã: e finalmente os diáconos foram localizados num paralelo com os levitas, ou ministros inferiores.”

### **A Cabeça e Boca do Anticristo Sua Grande Expansão de Palavras**

O papa (cada papa em seu turno) é a **cabeça** da falsa Igreja, que é o seu corpo, igualmente como Cristo Jesus é a **cabeça** da verdadei-

ra Igreja, que é o seu corpo. Visto que a cabeça é o representante do corpo, e sua **boca** fala pelo corpo, encontramos, como devemos esperar, este aspecto do Anticristo proeminentemente referido nas Escrituras. Em Daniel 7:8, 11, 25, e no Apocalipse 13:5, 6, a boca do Anticristo é apresentada especialmente para nossa observação como uma característica principal. Daniel disse que neste chifre havia “olhos, como os de homem”, — símbolo de inteligência e de uma perspicaz diplomacia. Este “**chifre**” era para ser diferente de todos os outros poderes; ele era para ser muito sábio, muito mais habilidoso, do que outros impérios quais intentaram de governar o mundo; seu poder havia de ser aquele de sua boca (forma de expressão) guiado pelos seus olhos (conhecimento) antes do que aquele de força física. E ninguém informado com a história do Papado pode negar que as figuras usadas para ilustrar seu poder e métodos estão notavelmente bem.

**“Foi-lhe dada uma boca que proferia arrogâncias e blasfêmias; ... E abriu a boca em blasfêmias contra Deus, para blasfemar do seu nome e do seu tabernáculo e dos que habitam no céu.” “Proferirá palavras contra o Altíssimo”. — Apoc. 13:5, 6; Dan. 7:8, 25.**

Não deve esquecer-se que estas são expressões figurativas, descritivas do caráter e pretensões de uma simbólica “besta” (governo) e “chifre” (poder) da velha besta romana ou império. Em alguns aspectos, o Papado era um novo governo (“besta”), distinto a partir do velho império romano; e em outros, ele era um chifre ou poder entre outros daquele império, qual por um tempo ocupou controle superior sobre os outros chifres ou poderes. Ele é apresentado em símbolo desde estes ambos pontos de vista para tão completamente localizá-lo e designá-lo.

Do anticristo que proferia arrogância e blasfêmias; cobrindo todo período de sua longa carreira. A expressão, “blasfêmia em nossos dias, é usualmente dar apenas um significado grosseiro, como se relacionado à mais vulgar forma de blasfêmia e unicamente

profanação. Mas, em seu verdadeiro significado, a palavra “blasfêmia” é aplicada a **alguma indignidade** oferecida a Deus. **Bouvier** define ela deste modo: “**Blasfêmia** é atribuir a Deus aquilo que é contrário a sua natureza, e não fazer caber a Ele, — e de não reconhecer o que fez.” Completo Dicionário Webster sob cabeçalho de **Blasfêmia** e com **Blasfêmia**. E em evidência que este é o sentido no qual a palavra “blasfêmia” é usada nas Escrituras, repare a maneira em que nosso Senhor e os fariseus a usavam: “Responderam-lhes os judeus: Não é por nenhuma obra boa que vamos apedrejar-te, mas por **blasfêmia**; e porque sendo tu homem, te fazes Deus.” “Tornou-lhes Jesus: ... àquele a quem o Pai santificou, e enviou ao mundo, dizeis vós: Blasfemas; **porque eu disse: Sou Filho de Deus?**” — João 10:33-36. Veja também Mar. 14:61-64.

Com isto, a própria definição de “blasfêmia”, diante de nós, quão evidente deve ser para os sinceros que aquelas grandes e elevadas palavras e jactanciosas reivindicações do Papado tinham, uma e todas, sido blasfêmias. O estabelecimento de um imitante Reino de Deus foi um libelo sobre o governo de Deus, uma grossa blasfêmia, e uma informação falsa de seu caráter, plano e palavra. Caráter de Deus, isto é, seu “**nome**”, era blasfemado nos milhares monstruosos éditos, bulas, e decretos emitidos em seu nome, pela longa fila daqueles que reivindicavam, como vigários, para representar seu Filho; e o tabernáculo de Deus, a **verdadeira** Igreja, era blasfemada pelo falso sistema qual reivindicou para tomar seu lugar — qual reivindicou que sua fé era o verdadeiro e único tabernáculo ou Igreja de Deus. Mas devemos deixar a história dizer desta grande expansão de palavras, estas suposições blasfemas, que cada sucessivo papa, como o cabeça do Anticristo, proferiu e aprovou.

Numa obra intitulada, “Papa o Vigário de Cristo, o Cabeça da Igreja”, pelo célebre católico romano, Monsenhor Capel, está uma lista de nada menos do que sessenta e dois títulos de blasfêmias aplicados ao papa; e, se ele citou, estes não são meros títulos

mortos desde o passado, pois eles foram arranjados por um dos principais escritores, do Papado, vivo. Citamos a lista como segue:

“Mais Divino de todas Cabeças.”

“Santo Padre dos Padres.”

“Pontífice Supremo sobre todos Prelados

“Supervisor da Religião Cristã.”

“O Pastor Chefe — Pastor dos Pastores.”

“Cristo pela União.”

“Abraão pelo Patriarcado.”

“Melquisedeque em Ordem.”

“Moisés em Autoridade.”

“Samuel no Ofício Judicial.”

“Sumo Sacerdote, Bispo Supremo.”

“Príncipe dos Bispos.”

“Herdeiro dos Apóstolos; Pedro em Poder.”

“Chaveiro do Reino dos Céus.”

“Bispo designado com Plenitude de Poder.”

“Vigário de Cristo.”

“Sacerdote Soberano.”

“Cabeça de todas as Santas Igrejas.”

“Chefe da Igreja Universal.”

“Bispo dos Bispos, que é, Sumo Pontífice.”

“Soberano da Casa do Senhor.”

“Senhor Apostólico e Padre dos Padres.”

“Pastor Chefe e Professor.”

“Médico de Almas.”

“Rocha contra qual as orgulhosas portas do inferno não prevalecerão.”

“Papa Infalível.”

“Cabeça de todos os Santos Sacerdotes de Deus.”

Em adição à longa lista de títulos, da qual os acima são citados como exemplos, o autor dá as seguintes citações de uma carta qual São Bernardo, Abbott de Clairvaux, escreveu para o Papa Eugênio III, no ano 1150 d. C.;

“Quem és tu? — O Sumo-Sacerdote, o Bispo Supremo. Tu és o príncipe dos Bispos, tu és o Herdeiro dos Apóstolos. Tu és Abel em Primazia, Noé em governo, Abraão em fileira patriarcal, em ordem Melquisedeque, em dignidade Arão, em autoridade Moisés, Samuel em ofício judicial, Pedro em poder, **Cristo em Unção**. Tu és aquele a quem as chaves dos céus são dadas, a quem as ovelhas são confiadas. Existem de fato, outros porteiros dos céus, e outros pastores de rebanhos; mas tu és o mais glorioso em proporção como tu tens também, num diferente estilo herdado, diante de outros estes ambos nomes. ... O poder de outros é limitado por limites definidos: o teu estendeu-se até sobre aqueles que têm recebido autoridade sobre outros. Tu não podes, quando uma justa razão ocorrer, fechar o céu contra um bispo, destituí-lo do ofício episcopal, e entregá-lo a Satanás? Portanto teu privilégio é imutável, ainda mais nas chaves entregues a ti assim como nas ovelhas a proteção é entregue aos cuidados de ti.”

Todos estes títulos agradáveis com blasfêmia, têm sido aplicados e recebidos pelos pontífices romanos com complacência e marcante satisfação, como legalmente pertencentes a eles.

Desde o Papa Bonifácio VIII, nós temos o seguinte decreto, qual é até agora existente no direito comum: “Nós declaramos, dizemos, definimos, pronunciamos o **necessário à salvação** de cada criatura humana é de sujeitar-se ao Pontífice romano.” Papa Gregório VII, quem no ano 1063 ordenou que o papa deveria ser chamado **padre dos padres**, deduziu o seguinte de Gên. 1:16, afim de apoiar as suas pretensões papais: “Deus, pois, fez os dois grandes luminares: o luminar maior para governar o dia, e o luminar menor para governar a noite; ambos grandes, mas um mais grande. ‘**No firmamento dos céus,**’ que é, a igreja universal, ‘Deus, pois, fez os dois grandes luminares’: isto é, instituiu duas dignidades, que são a autoridade pontifical e o poder real; no entanto essa que preside sobre o dia, essa é, a espiritual, é a maior; mas essa que preside sobre coisas carnis é a menor; pois como o sol diferencia-se da lua, então faz os papas diferirem de acordo com os reis.” Outros

papas têm aceitado esta interpretação, qual tem feito muito para reforçar a idéia de supremacia papal.

Santo Antonius, Arcebispo de Florença, depois de citar o Salmo 8:4-8, AL: “Contudo, pouco menor o fizeste do que os anjos”, etc., e aplicando isto a Cristo, transferiu isto ao papa nas seguintes palavras: “E porque ele nos deixou em sua presença corpórea, ele deixou seu vigário [substituto] na Terra, a saber, o Sumo Pontífice, qual é chamado papa, que significa padre dos padres; para que estas palavras pudessem ser adequadamente esclarecedores do papa. Do papa, como Hostiensis disse, é maior do que o homem e menor do que um anjo, porque ele é mortal; todavia é grande em autoridade e poder. Pois um anjo não pode consagrar o corpo e o sangue de Cristo, nem absolver ou ligar, o alto decreto do qual poderes cabem ao papa; nem pode um anjo ordenar ou conceder indulgências. Ele é de glória e de honra coroado; a glória da recomendação, porque ele é chamado não somente abençoado, mas também muitíssimo abençoado. Quem deveria duvidar chamá-lo abençoado a quem o cargo mais alto de tão grande dignidade tinha tão grandemente enaltecido? Ele é coroado com a honra da veneração, assim que o fiel pode beijar seus pés. Uma maior veneração não pode existir — **‘prostrai-vos diante do escabelo de seus pés’**. (Sal. 99:5) Ele é coroado com a magnitude de autoridade, porque ele pode julgar todas pessoas, mas por ninguém pode ser julgado, a não ser que seja encontrado desviando-se da fé [a fé do Anticristo, naturalmente]. Por esta razão ele é coroado com uma tríplice, coroa de ouro, e é posto sobre todas ‘as obras das suas mãos’, para fazer o que quer de todos inferiores. Ele abre os céus, envia os culpados para o inferno, confirma impérios, põe em ordem todo clero.”

O Concílio de Latrão em sua primeira sessão deu ao papa o título de “Príncipe do Universo”; em sua segunda sessão chamou-o Sacerdote e Rei, que é para ser adorado por todo povo, e que é muito semelhante a Deus”; e em sua quinta sessão fez alusão às profecias do glorioso reino de Cristo para Leão X nestes termos: “Não chores; ó filha de Sião, eis o Leão da tribo de Judá, a raiz de Davi, trouxe Deus a ti um Salvador”.

Do **Dicionário Eclesiástico** de Ferrari, um modelo padrão de autoridade Católica Romana, nós citamos o seguinte esboço resumido do poder papal como dado sob a palavra papa, artigo 2.º:

“O papa é tão grande dignidade e elevação que ele não é simplesmente um homem, mas como se fosse Deus, e o vigário [representante] de Deus. ... Por esta razão o papa é coroado com uma tríplice coroa, como rei dos céus, da terra e do inferno. Mais ainda, a excelência e poder do papa são não tão-somente sobre coisas celestiais e infernais, mas ele é também sobre os anjos, e é superior deles; para que se fosse possível que os anjos poderiam desviar-se da fé, ou entreter sentimentos contrários a isso, eles poderiam ser julgados e excomungados pelo papa. ... Ele é de tão grande dignidade e poder que **ele ocupa o único e o mesmo tribunal com Cristo**; para que tudo o que o papa faça pareça que sai da boca de Deus. ... O papa é, por assim dizer, Deus na terra, o único príncipe dos fiéis de Cristo, o grande rei de todos reis, possuindo a plenitude do poder; **a quem o governo da Terra e o reino dos Céus estão incumbidos.**” Ele mais adiante acrescenta: “O papa é de tão grande autoridade e poder que ele pode modificar, declarar, ou interpretar a lei divina.” “O papa pode às vezes contrariar a lei divina.” “O papa pode em qualquer tempo neutralizar a lei divina por limitação, explicação, etc.”

Deste modo, o Anticristo não tão-somente esforçou-se para estabelecer a Igreja em poder antes do **tempo** do Senhor, senão também ele era audacioso o bastante para tentar de “neutralizar” e “modificar” **leis** divinas para adaptar seus próprios esquemas. Quão claramente fez ele deste modo cumprir-se a profecia qual sobre mil anos antes declarou — “cuidará em mudar **os tempos e a lei**”. Dan. 7:25.

Em uma bula papal, ou édito, Sixtus V declarou:

“A autoridade dada a São Pedro e seus sucessores, pelo imenso poder do Rei eterno, sobressai-se a todo o poder de reis e príncipes da Terra. Ele passa incontrolável sentença sobre eles todos. E se encontrar algum deles resistindo a ordenação de Deus, toma a mais severa vingança sobre ele jogando-o fora de seu trono, por mais

poderoso que ele possa ser, e tombando-o para as profundas partes da terra como ministro do ambicioso Lúcifer”.

Uma bula do Papa Pio V, intitulada “A condenação e excomunhão de Elizabeth, rainha da Inglaterra, e seus aderentes — com uma adição de outras punições”, a escrita é como segue:

“Aquele que reina nas alturas, para quem é dada toda a autoridade no céu e na terra, confiou unicamente a santa igreja católica e apostólica (fora da qual não há salvação) e a um único sobre a terra, a saber: a Pedro, o Príncipe dos Apóstolos, e ao sucessor de Pedro, o bispo de Roma, para governar com plenos poderes. Ele apenas o fez príncipe sobre todas as nações, e sobre todos os reinos, para arrancar e derribar, para destruir e arruinar; e também para edificar e plantar.

São Bernardo afirmou que “ninguém exceto Deus é **semelhante ao papa**, quer no céu quer na terra”.

“O Imperador Constantino”, disse do Papa Nicolau I, “confiro o nome de Deus ao papa; quem, por essa razão, sendo Deus, não pode ser julgado pelo homem.”

Disse o Papa Inocente III — “O papa ocupa o lugar do verdadeiro Deus”; e a lei canônica, na lei, no glossário, denominam o papa — “Deus nosso Senhor.”

Inocente e Jacobatius afirma que “o papa pode fazer quase tudo o que Deus pode fazer,” enquanto Decius rejeita a palavra **quase**, como desnecessária, Jacobatius e Durand declaram que “ninguém atreve-se a dizer a ele sequer mais do que a Deus — Senhor: Que é o que fazes?” E Antonius escreveu:

“Para ele [ao papa] pertence a ordenar estas coisas quais pertencem ao bem público, e remover aquelas coisas quais previnem este fim, como vícios, abusos quais apartam homens de Deus. ... E isto de acordo com Jeremias 1:10 [Aqui novamente atribuída a Anticristo uma profecia qual pertence ao reino Milenar de Cristo]: ‘Olha, ponho-te neste dia sobre as nações e sobre os reinos, para arrancares e derribares, para destruíres e arruinares’; isto é quanto aos vícios; e também ‘para edificares e plantares’, isto

é quanto às virtudes. ... Quanto ao poder do papa sobre aqueles que estão no inferno, que são designados como peixes do mar (Sal. 8) — porque, como os peixes estão continuamente agitados pelas ondas do mar, igualmente aqueles no purgatório estão continuamente exercitados pelas aflições de punições — Deus tem submetido ao papa também os peixes do mar, isto é, aqueles que estão no purgatório, para aliviá-los pelas indulgências.

“Pagãos estão submetidos ao papa, que preside no mundo no lugar de Cristo. Mas Cristo tem pleno poder sobre toda criatura. O papa é o vigário de Cristo, e ninguém pode legalmente afastar a si mesmo da sua obediência, como ninguém pode afastar a si mesmo legalmente da obediência a Deus. ... papa pode punir pagãos e nações bárbaras. ... E ainda que os pagãos não podem ser punidos com a espiritual punição da excomunhão e o equivalente, já eles podem ser punidos pela Igreja com punição pecuniária, e pelos príncipes com punição corporal, também. ... A Igreja pode punir, indiretamente, os judeus com punição espiritual, pela excomunhão cristã de príncipes a quem os judeus estão submetidos, **se eles negligenciarem de puni-los com punições temporárias** quando fizerem alguma coisa contra os cristãos. ... Se a conversão de alguns **for desejada**, eles podem ser compelidos por terrores e açoitões, não realmente para receberem a fé, mas para que eles não apresentassem obstáculo à fé por uma obstinação. Para a conversão dos infiéis, o julgamento de Deus deve ser imitado.”

Aqui está uma ilustração como o erro de doutrina produz injustiça. Os povos podem ligeiramente serem induzidos em toda forma de crueldade e opressão, se primeiro convencerem a si próprios que no exercício de tal depravação eles são mais semelhante a Deus — imitadores de Deus. A admiração é que os povos são tão comportados e moderados como nós os encontramos, com todas as terríveis, doutrinas e idéias falsas concernentes ao plano de Deus para a humanidade, com quais Satanás tem cegado e iludido-os através da fonte de erro papal, deixando-os num curso congenial da sua caída natureza. Continuando, o mesmo autor acrescenta:

“O poder do papa é exercido sobre heréticos e cismáticos, simbo-

lizados também pelos bois, porque eles resistem à verdade com o chifre da soberba. Deus tem submetido estes também sob os pés do papa para serem punidos num **modo quadruplicado**, isto é, pela excomunhão, deposição, privação temporária de posses e perseguição militar. Entretanto são unicamente para serem considerados heréticos quando recusam a reformar suas doutrinas pestíferas, e obstinadamente dispostos a defendê-las. ... O papa pode escolher, ou eleger o imperador. O imperador é o ministro [servo] do papa, nisto, que ele é o ministro de **Deus, cujo lugar o papa ocupa**; visto que Deus tem nomeado o imperador como o ministro do papa. ... Eu suponho isto para ser dito como uma verdade, que o papa, o vigário de Cristo, possui jurisdição universal das coisas espirituais e terrestres, no mundo inteiro, **no lugar do Deus vivo.**”

As seguintes formas de expressões dos papas, tiradas da obra de Fox “Atos e Monumentos”, por H.G. Guinness, um escritor inglês de reputação, merece um lugar de proeminência; e nós podemos simpatizar sinceramente com este comentário do escritor sobre este sistema cuja boca apresenta adiante certas expressões, quando ele diz: “Qualquer, pois, que a si mesmo exaltar, será humilhado”; que degradação pode ser comensurada com tal exaltação própria como esta”?

“Portanto, desde que tal poder é dado a Pedro, e a mim em Pedro, sendo seu sucessor, quem é então em todo o mundo que deve não ser sujeito a meus decretos, que têm tal poder no céu, no inferno, na terra, com os vivos e os mortos. ... Pela jurisdição da qual confere a plenitude do meu poder que é tão grande, ao passo que todos outros estão sujeitos — a essa plenitude de poder, e os imperadores eles mesmos devem persuadir suas execuções a mim — somente Eu não estou sujeito a ninguém, não, nem a mim mesmo; assim minha majestade Papal sempre continuará não diminuída; superior a todos os povos, quem todas pessoas devem obedecer e seguir, quem nenhum homem deve julgar ou acusar de algum crime, nenhum homem pode depor, mas eu mesmo. Nenhum homem pode excomungar-me, sim, ainda que eu receba ou tome em comunhão o excomungado; por nenhum cânon atar-me; a quem

nenhum homem deve mentir, pois aquele que mentir a mim é um herético, e uma pessoa excomungada. Assim, então, isto torna-se aparente que a grandeza do sacerdócio começou com Melquisedeque, foi celebrado ou realizado com solenidade por Arão, aperfeiçoado por Cristo, representado por Pedro, **exaltado na jurisdição universal, e manifestado no Papa.** Para que através desta **preeminência do meu sacerdócio**, tendo todas as coisas sujeitas a mim, pode parecer bem verificado em mim, o que foi falado de Cristo, ‘e sujeitou todas as coisas debaixo dos seus pés’.

“E, do mesmo modo, isto é para ser presumido que o bispo dessa igreja é sempre bom e santo. Sim, embora ele caia em homicídio ou adultério, ele pode pecar, no entanto ainda ele não pode ser acusado, mas pelo contrário desculpado pelos assassinatos de Sansão, pelos roubos dos hebreus, etc. Toda a terra é minha diocese, e eu o superior eclesiástico sobre todos os povos, tenho a autoridade do Rei de todos reis sobre os súditos. Eu sou tudo em tudo, e sobre todos, para quem Deus só, e eu, o vigário de Deus, tenhamos ambos um consistório, e eu sou capaz de fazer quase tudo o que Deus pode fazer. Em todas as coisas que eu me desejar seria pretender razão, pois eu sou capaz pela lei de dispensar sobre a lei, e da iniquidade fazer justiça corrigindo leis e trocando-as. Portanto, se aquelas coisas que eu faço para serem ditas não para serem feitas por homem, mas por Deus — **O que pode você fazer me a não ser Deus?** Novamente, se prelados da igreja eram por Constantino chamados de deuses e considerados como tais, eu então, sendo sobre todos prelados, tenho a impressão por esta razão de ser **sobre todos deuses.** Portanto, não maravilhei-vos se isto está em meu poder para mudar os tempos e momentos, para alterar e ab-rogar leis para dispensar em todos assuntos, **sim com os preceitos de Cristo;** por onde Cristo disse a Pedro: Mete a tua espada na bainha, e censurou seus discípulos para não usarem alguma força material por vingança a si próprios, não fiz eu, papa Nicolau, escrevendo aos bispos da França, exortando-os a desembainharem suas espadas materiais? ... E ao passo que Cristo estava presente ele mesmo no casamento em Caná da Galiléia, não fiz eu, papa Martin, em minha distinção, inibindo o clero espiritual de apresentar-se nas bodas, e também de casar-se? Além disso, onde Cristo ordenou-nos empres-

tar sem esperança de lucro, não fiz eu, papa Martin, concedendo dispensações para o mesmo? O que devo eu falar dos assassinos, fazendo para não serem assassinos ou homicidas para matarem aqueles que foram excomungados? Do mesmo modo, contra a lei da natureza, também contra os Apóstolos, igualmente contra as regras dos Apóstolos, eu posso e faço dispensa; por onde eles, em suas regras, ordenam que o sacerdote por adultério deve ser destituído, Eu, através da autoridade de Silvestre, faço alterar o rigor daquela constituição, considerando tanto as mentes como também os corpos dos homens de agora de serem mais fracos do que eram naquele tempo. ... Se especificamos sumariamente para ouvir o número total de todos tais casos como propriamente acabam pertencer a minha dispensação Papal, qual chegou ao número de cinqüenta e um pontos, com quais nenhum homem pode intrometer-se mas somente eu mesmo exclusivamente, eu recitarei eles. [Aqui segue a lista.]

“Depois que eu tenho agora suficientemente declarado meu poder na terra, no céu, no purgatório, como grande é ele, e o que é a plenitude disso em ligação, exonerando, comandando, permitindo, elegendo, confirmando, dispensando, fazendo, e desfazendo, etc., Eu falarei agora um pouco de minhas riquezas e de minhas grandes possessões, para que cada homem possa ver minha riqueza e abundância de todas as coisas — rendas, dízimos, tributos; minha seda, minha púrpura, coroas, ouro, prata, pérolas, e jóias, terras, e domínios. Para minha honra pertence primeiro a cidade imperial de Roma; o palácio de Lateran; o reino de Sicília é próprio para mim; Apula e Capua são minhas. Também os reinos da Inglaterra e Irlanda, não são eles, ou eles não devem ser, tributários a mim? A estes eu junto também, em adição outras províncias e países, em ambos: o Ocidente e o Oriente, desde o norte até o sul, estes domínios pelo nome. [Aqui segue uma longa lista.] O que devo eu falar aqui de meus rendimentos diários, de meus primeiros frutos, anata, pálios, indulgências, bulas, confessionários, indultos, e rescritos, testamentos, dispensações, privilégios, eleições, prebendas, casas religiosas, e similares, quais alcançam notáveis somas de dinheiro? ... do que vantagens aquelas que chegam para meus cofres podem parcialmente ser conjeturadas. ... Mas o que

deverei Eu falar da Alemanha, quando todo o mundo é minha diocese, como meus canonistas fazem dizer, e todos os povos são compelidos a acreditar. Portanto, como eu comecei, assim eu concluo, comandando, declarando, e pronunciando, para ficar **sobre necessidade de salvação, para cada criatura humana ser sujeita a mim.**”

Isto é presumido por muitos hoje que estes motivos de orgulho do Papado pertencem somente ao passado distante, e que uma grande mudança tem vindo sobre aquele sistema em tempos posteriores; no entanto um pouco de reflexão e observação provam que estes sentimentos do Papado são ainda inalteráveis. Devemos ter em mente, também, que a constante reivindicação do Papado é que suas doutrinas são inalteráveis: que os decretos de seus papas são **infalíveis**; e que aqueles decretos, manifestam blasfêmias contra Deus, e perseguição contra seus santos, são até agora mantidos sagrados pela Igreja Católica Romana hoje em dia. A mudança no Papado é meramente a perda do poder trazida perto pelo despertar da Reforma. A vontade é possessiva, entretanto o poder para fazer é diminuído pelos progressos da ciência e liberdade em que a Bíblia tem sido o fator principal. O Anticristo está sendo gradualmente rendido e enfraquecido pelo verdadeiro Cristo — pelo “sopro de sua boca” — sua Palavra. Brevemente o radiante resplendor da **presença** de Emanuel completamente destruirá a vangloriosa imitação, e totalmente libertará o mundo das correntes de suas ilusórias pretensões e erros.

Para uma ilustração de pretensões dos últimos tempos, nota o fato que o presente papa, a partir da ascensão ao trono papal, tomou o título de Leão XIII, e logo depois subscreveu ele mesmo **“Leo de tribus Juda”** — isto é, “Leão da tribo de Judá”— um dos títulos do verdadeiro Cabeça. Certamente em reivindicações presunçosas, portanto, ele não está recuado daqueles que apoiaram o mesmo ofício durante a Idade Média.

O seguinte, chamado **A Adoração**, é ainda uma parte da cerimônia ligada com a instalação de um novo papa. O novo papa, vestido de branco, enfeitado com muitas pedras preciosas, e usando sapatos vermelhos com grandes cruces douradas por dobras, é conduzido para o altar, onde ele ajoelha-se. Depois — “O papa levan-

ta-se, e usa sua mitra, é levantado pelos cardeais e colocado por eles sobre o altar do trono para sentar lá. Um dos bispos ajoelhados, e a canção do **Te Deum** [Nós louvamos te, ó Deus] inicia-se. Entrementes os cardeais beijam os pés, as mãos e a face do papa.” Uma moeda representando esta cerimônia, estampada na casa da moeda Papal, ostentando as palavras “Quem eles criam, eles adoram.”

Cardeal Manning, representante chefe do Papado na Inglaterra, endossa e atrai atenção pública para a seguinte cláusula da fé católica:

“Nós declaramos, afirmamos, definimos, e pronunciamos o necessário para a salvação, para cada criatura humana ser sujeita ao Pontífice Romano.” E num discurso publicado ele descreve o papa assim dizendo: “Eu reivindico para ser o Supremo Juiz e Diretor das consciências dos homens; do camponês que lavra o campo, e o príncipe que senta-se no trono; da casa que vive na sombra da solidão, e a legislatura que faz leis para reis. Eu sou o único, último, Supremo Juiz do que é justa e injusta.”

Seguramente, também observando a moderna instância do Papado de duras e bombásticas palavras de vaidade, devemos não negligenciar o notável decreto do Concílio Ecumênico, presidido em Roma em 1870 d. C., declarando a infabilidade do Papa. De fato, ela tem sido reivindicada agora e foi também no passado, pelos arrogantes papas, que eles eram e são infalíveis; e bispos e príncipes desejosos de lisonjear suas vaidades tinham virtualmente então pronunciado a eles, na declaração: “Tu és mais um deus, **na terra**”; mas ele permanece por um Concílio Papal neste culto século XIX para friamente e deliberadamente informar o mundo quão grande é este “deus na terra” — que ele é **quase** perfeito como o outro Deus nos céus; que ele não pode mais errar assim, como os outros humanos; que em sua **ex cátedra** de elocuições o papa é **infalível** — imperturbável.

O voto do concílio foi tomado no dia 13 de julho de 1870, e no dia 18 o decreto era formalmente promulgado, com cerimônia, na grande Catedral de São Pedro em Roma. A seguinte descrição do evento, pelo Dr. J. Cummings, de Londres, será lida com interesse. Ele disse:

“O Papa tinha um grande trono erguido em frente da janela oriental na basílica de São Pedro, e exibiu-se num perfeito esplendor de pedras preciosas, e rodeado por cardeais, patriarcas e bispos em deslumbrantes vestes, para uma magnífica cena espetacular. Ele tinha escolhido a hora matinal e a janela oriental — para que o nascer do sol refletisse sua luz sobre sua magnificência, e pelos seus diamantes, rubis e esmeraldas foi tão refratado e refletido para que ele pudesse apresentar-se não para ser um homem, mas o que o decreto lhe proclama, um tendo toda a glória de Deus. ... O papa pôs-se numa hora matinal na janela oriental, ... mas o sol recusou-se a ... brilhar. A escura alvorada escureceu rapidamente até a profundidade e profunda escuridão. O deslumbramento de glória não pôde ser produzido. Os idosos olhos do suposto Deus não podiam enxergar para ler através da luz do dia e ele tinha que apelar para as velas. Luz de vela também forçou muito seus nervos da visão, e ele passou a sobra da leitura a um cardeal. O cardeal começou de ler no meio e sempre enegrecido pela escuridão, mas não tinha lido muitas linhas diante de tal resplendor de fogo lírido e de tal estampido irrompido do escuro céu como nunca igual antes em Roma. Terror caiu sobre todos. A leitura cessou. Um cardeal saltou trêmulo de sua cadeira, e exclamou. ‘Esta é a voz de Deus falando, os trovões do Sinai.’ ”

Entre as pretensões blasfemas do Anticristo deveria ser lembrado várias de suas doutrinas, particularmente a doutrina da Missa, qual noticiaremos em um subseqüente volume. Passando sobre a veneração dos santos e de Maria, notaremos ainda alguns dos mais graves erros.

**A infabilidade da Igreja** foi um dos primeiros, e abriu o caminho para outros. Ela tinha sido reivindicada antes do ofício do Papa ser aprovado. Ela tem sido o mais sério erro, e tem barrado o caminho contra o processo de retificar dos erros quando mais tarde descobertos. Ela tem estabelecido os decretos dos concílios da Igreja depois da contribuição ou interrogatório, ambos pela razão ou pelas Escrituras, e tem feito a ignorância humana, fraquezas e concepções errôneas aos **estandartes da fé** em lugar da palavra de Deus — a Bíblia; Pois uma vez concedido que a voz do concílio da Igreja era **infalível** (imperturbável), tudo fora forçado a conformar-

se a isso; e cada concílio sentia limites para não apresentar decisões contrárias a precedentes concílios; e aqueles que fizessem de outra maneira estariam sujeitos de serem repudiados. Então um erro uma vez que confirmado não poderia ser negado nem ainda derrubado, e a Bíblia e a razão haviam de ser interpretados e torcidos para igualar os **infalíveis** decretos de homens falíveis. Não é de admirar que foi estabelecido que isto precisava um teólogo muito experto para interpretar as Escrituras, como também para fazer concordarem, com os assim chamados decretos infalíveis. Não surpreende-se um e outro que, a partir da oportunidade, o Anticristo —

**Proscreeu a Bíblia.** A história do Papado demonstra claramente que, enquanto professa a reverenciar a Bíblia como a Palavra de Deus, ele tem mantido-a na obscuridade e suas próprias **palavras infalíveis** na frente. Não só por isto, mas ele tem proscrito a Palavra de Deus inteiramente, como inadequada para ser lida e perigosa para o povo, para que sua própria palavra infalível pudesse ter completo controle. Ele sabia bem que a Bíblia era perigosa para seu poder, e uma constante denúncia de suas pretensões blasfemas.

Nos dias do poder Papal, a posse ou leitura da Bíblia pelas pessoas foi tratada como uma ofensa criminosa. A arte gráfica, e a ação de imprimir e o geral restabelecimento da aprendizagem resultando disto, em volta do século XVI, garantiu a ressurreição da Bíblia desde o sepulcro de linguagens mortas onde o Anticristo tinha por longo tempo mantido escondido, proibindo a tradução dela sob severas penalidades. E quando um despertado espírito da independência começou de espalhar as Escrituras em vivas linguagens entre o povo, queima de Bíblias não foi uma coisa incomum; e longas e berrantes foram as impiedosas maldições que saíam desde o Vaticano contra os presunçosos pecadores que tinham a ousadia de traduzir, publicar, ou ler a Palavra de Deus.

Quando Wycliffe publicou sua tradução, Papa Gregório enviou uma bula papal para a Universidade de Oxford condenando o tradutor como “caindo num detestável tipo de perversidade”. A tradução de Tyndale foi também condenada; e quando Lutero publicou sua tradução em alemão, o Papa Leão X editou uma bula

contra ele. Contudo, o trabalho andou grandemente e desenvolvia-se firmemente: a Bíblia estava para ter uma completa ressurreição, e estava destinada a emitir luz sobre povos de todas nações e línguas. Lentamente a Igreja de Roma chegou a realizar isto, e resolveu, portanto, permitir a tradução das Escrituras para línguas modernas, por tradutores católicos, acompanhados com comentários católicos. Estas Escrituras, todavia, não eram para serem dadas ao povo, exceto onde estava o perigo dos seus receberem as traduções dos protestantes. A tradução de Rhemish declara isto.

O seguinte demonstra o caráter de algum dos **Comentários** da tradução de Rhemish — qual, entretanto, estava nos recentes anos sendo assumida pela tradução de **Douay**, muito similar, mas com menos referências de comentário. Um comentário em Mateus. 3 lê-se: “Heréticos podem ser punidos e eliminados; e podem, e devem, pela autoridade pública, seja espiritual ou mundana, ser castigados ou executados.” Gal. 1:8 lê-se: “Católicos não devem poupar seus próprios parentes, se forem heréticos.” Aos Heb. 5:7 o comentário lê-se: “Os tradutores da Bíblia protestante devem ser mudados para as profundezas do inferno.” E no Apocalipse 17:6 o comentário lê-se: “Mas o sangue de protestantes não é chamado o sangue dos santos, não é mais do que o sangue de ladrões, homens assassinos, e outros malfeitores, pelo derramamento do qual, por ordem da justiça, a comunidade não deve responder.”

O seguinte são algumas das restrições impostas quando foi descoberto que a leitura da Bíblia não poderia ser totalmente impedida. O quarto regulamento do **Index Espurgatoris** diz:

“Se qualquer um deve ter a presunção de ler ou possuir a Bíblia sem permissão escrita, não deve receber absolvição até que ele tenha primeiro entregado tal Bíblia ao superior eclesiástico. Livreiros quem devem vender ou por outro lado disporem de Bíblias no idioma comum, aquelas pessoas que não tendo tal permissão devem perder o direito do valor dos livros, ... e serem submetidas pelo bispo a tal e outras penalidades como o bispo

deve julgar propriamente dito, correspondendo à qualidade da ofensa.”

Disse o Concílio de Trento, em sua sessão no ano 1546 d. C.: “Na ordem de restringir as mentes petulantes, o concílio decretou que em matérias de fé e princípios morais, e por mais que relate ao sustento da doutrina cristã, ninguém, confiando em seu próprio julgamento, deve de atrever-se para torcer as Escrituras Sagradas para seu próprio entendimento delas, contrário ao qual tem sido mantido, e até agora é mantido, pela santa mãe Igreja, cujo direito é para julgar o verdadeiro significado.”

Desde a bula de Pius VII, contra Sociedades Bíblicas, emitida em 29 de junho de 1816, para o Primaz da Polônia, citamos:

“Temos sido exatamente chocados com este mais decisivo artifício, pelo qual as muitas fundações de religião são enfraquecidas; e tudo, porque da grande importância do assunto, conferida no concílio com nossos irmãos veneráveis, os cardeais da sagrada Igreja Romana, nós temos, com o maior cuidado e atenção, deliberado sobre a própria medida para ser adotada pela nossa autoridade pontifical, em ordem para remediar e abolir **esta pestilência** tanto quanto possível. ... De nosso próprio acordo você já tem demonstrado um ardente desejo para detectar as maquinações ímpias destes inovadores; já, em conformidade com nosso ofício, nós novamente e novamente exortamos você que por mais que você pode realizar pelo **poder**, provido pelo **concílio**, ou realizado pela **autoridade**, vocês dia a dia executem com a máxima seriedade. ... A Bíblia imprimida por heréticos é para ser incluída entre outros livros proibidos, conformemente com as regras do Index.”

O mesmo papa, no ano 1819, emitiu uma bula contra o uso das Escrituras nas Escolas da Irlanda. Da qual citamos:

“A informação tem atingido os ouvidos da sagrada congregação que Escolas Bíblicas, apoiados pelos recursos dos heterodoxos, têm sido estabelecidas em quase toda parte da Irlanda; nas quais as inexperiências de ambos sexos são investidas com o veneno fatal de doutrinas depravadas. ... Cada possível esforço deve portanto ser feito, para manter a juventude longe destas escolas destrutivas. Fazei-vós o trabalho com toda a vossa força para proteger dos

ortodoxos a vida da juventude corrompida por eles — um objetivo qual desejo, eu espero, ser facilmente efetuado pelo estabelecimento de escolas católicas por toda vossa diocese.”

Aqui nós temos uma sincera admissão do real objetivo do estabelecimento de escolas paroquiais católicas na Grã Bretanha e América do Norte, isto é: para proteger suas linhas. Anticristo não tem outro objetivo em oferecer educação para o povo. Ignorância e superstição são baluartes do Papado; e os séculos de seu poder, incluindo o que é conhecido como a “Idade Média”, prova isto. A educação do clero sob “restrições” não era negligenciada; mas, que nenhuma provisão era feita para a educação do povo, a densa ignorância de todos velhos países católicos romanos é a forte prova. Escolas e Bíblias têm sempre sido intoleráveis inimigos do Anticristo, e não podiam ser toleradas, exceto quando tornarem-se necessárias — sobre quais uma falsa luz é difundida para a preservação da existência do Anticristo.

De uma bula por Leão XII para o clero católico romano da Irlanda, no ano de 1825 d. C., citamos:

“Isto não é segredo para vocês, irmãos veneráveis, que uma certa Sociedade Bíblica, está audaciosamente espalhando-se por todo o mundo. Depois desprezando as tradições dos santos padres, e em oposição para o bem conhecido decreto do Concílio de Trento, esta sociedade tem ajuntado todas suas forças, e dirige todos os meios para um objetivo: para a tradução, ou melhor para a perversão, da Bíblia para as linguagens vernáculas de todas nações.”

Até o Papa Pio IX expressou sua angústia de coração no triunfo em todos os lados deste grande inimigo do Anticristo — a Bíblia. Ele disse: “Malditas são aquelas muito astutas e enganosas sociedades chamadas Sociedades Bíblicas, que empurram a Bíblia para dentro das mãos dos jovens inexperientes.”

De fato, isto estava decretado no Plenário do Concílio Católico Romano de Baltimore, em 1886 d. C., que a Bíblia aprovada deve ser permitida nas escolas católicas dos Estados Unidos. Isto, no entanto, não mostra mudança no real sentimento do Anticristo;

isto é todavia outro golpe de sua diplomacia perspicaz, em diferença do espírito de liberdade neste país, qual sente nojo a tal restrição. Eles bem sabiam, neste ínterim, que a **liberdade** e não a **Bíblia** era desejada; e inquiriu descobrimentos que agora, dois anos depois, a Bíblia não é para ser encontrada, nas escolas católicas por aqui.

A doutrina da natural, inerente imortalidade do homem (que uma existência humana uma vez que começou nunca pode cessar) foi outro erro frutífero, emprestado da filosofia grega. E, sendo admitida, ela deixa naturalmente à conclusão que se existe **deve continuar** eternamente, então as expressões bíblicas concernentes à destruição dos finalmente obstinados pecadores, a segunda morte, etc., deve ser construída para **significar** o oposto de o que eles **disseram**, isto é: vida eterna, em alguma condição. Em seguida, isto foi fácil para decretar que para os maus deve ser uma vida de sofrimento; e os tormentos eram freqüentemente pintados sobre as paredes das igrejas, tanto como pelas palavras zelosas de padres e monges. Este erro era muito facilmente estampado sobre convertidos, porque filósofos gregos (então os líderes do mundo em matérias de ciência, religião, e filosofia — cujas idéias, como Josephus demonstrou, tinham igualmente começado a colorir o judaísmo) tinham por longo tempo apoiado e ensinado uma punição para os maus após a morte. Para seu crédito, no entanto, notou-se que eles nunca rebaixaram-se a **blasfêmias** terríveis do caráter e governo de Deus ensinado ao mundo pelo Anticristo. Logo, estava em ordem para fixar um lugar a este tormento e chamá-lo inferno, e de buscar passagens das Escrituras referindo-se a **sheol, hades e gehenna** que descrevem o real salário do pecado — a primeira e a segunda morte — e destramente para aplicar estes e as parábolas do nosso Senhor e os símbolos do Apocalipse, assim como para iludir a si mesmos e o mundo inteiro neste assunto e o mais gravemente para difamar e blasfemar o caráter e plano de Deus, nosso todo sábio e gracioso Pai celestial.

**Purgatório** foi introduzido, para aliviar e fazer tolerável esta terrível dose de doutrina, e por outro lado para dar ao Anticristo um firme apoio sobre o povo. Ele alegou que possuía as chaves do céu

e do inferno e que tinha poder para diminuir ou perdoar as penas do purgatório: não somente a penalidade adâmica, e as fraquezas herdadas por meio disso, mas também as penalidades de voluntariosos e deliberados pecados. Que grande ação de poder isto deu, sobre um povo ignorante, pode ser facilmente imaginado — especialmente quando os imperadores e os mais importantes e grandes homens da terra reconheceram e curvaram-se diante do impostor.

**Missas pelos mortos** seguiram; e ricos, e pobres igualmente sentiram o dever de pagá-las, e liberalmente, também, de ter estas. A eficácia das missas, para o alívio dos sofrimentos relativos ao purgatório, é afirmada de ser onipotente — assim que Cristo nem o próprio Jeová não podem interferir nisto. Isto tornou-se uma fonte de grande renda para o Anticristo; porque os padres não tardavam de trazer à memória aos que estavam para morrer, se ricos, para que deixassem legações liberadas, para missas por eles mesmos — para que aqueles que herdariam suas riquezas, não abandonassem essa causa. E, de fato, no espaço deste ano advertências similares da mesma espécie apareceram nos jornais católicos, recomendando com insistência para que menos dinheiro fosse gasto com os funerais e flores, afim de que a maior quantidade de dinheiro pudesse ser gasto em missas a favor dos mortos.

**Indulgências** entraram, algumas vezes antes das “cruzadas”: sabemos que indulgências foram oferecidas, como um prêmio, para afiançar voluntários para estas “Cruzadas” ou “expedição militar de caráter religioso que se fazia na Idade Média, contra hereges ou infiéis”. Pelo édito Papal, qualquer que se empenharia em combate nestas guerras santas não tão-somente teria perdão dos pecados passados, mas também merecimento para compensar pecados futuros; e portanto estaria garantido contra certos sofrimentos relativos ao purgatório. Estas indulgências, católicas romanas diziam-nos, não são designadas para serem licenças para cometer pecados, mas são gratificação do mérito qual compensa ou **cancela** um certo número de dias ou anos de agonia relativa ao purgatório: visto que se um homem de pecados fazer-se responsável por mil anos de sofrimento, e ele, em um tempo, ou em vários tempos,

segurar indulgências até a soma de mil anos, tampouco pelo dinheiro, ou por serviços prestados ao Papado, ou pelas penitências feitas, estará livre; se tinha para seu crédito novecentos anos de indulgências, ele deveria de suportar cem anos de sofrimentos; e se indulgências forem calculadas para em grande parte prevalecerem suas penalidades, ele provavelmente seria considerado um santo, de especial influência no céu, para ser rogado e adorado. Desta ordem Luiz, rei da França, que organizou e chefiou a Cruzada, seria um exemplo. Ele foi canonizado, e é agora adorado e rogado como São Luiz.

Existe de fato uma diferença entre este ponto de vista de Indulgências e uma licença para cometer pecados; e agora ela é muito desprezada; Pois o Papado anexou a vários pecados comuns uma certa quantia de sofrimentos, e não somente poderiam pecados passados serem desta maneira compensados e cancelados, mas também aqueles que tinham motivo para pensar que eles poderiam cometer certos pecados, no futuro, poderiam neste caso providenciar antecipadamente méritos para cancelá-los. Comparado com isto, algumas, chamadas **“plenárias [completas e inteiras] indulgências”**, eram certamente compreendidas para cobrir todos pecados, passados e futuros, isto é, pecados já cometidos e também aqueles a serem cometidos.

A prática ainda hoje em dia parece raramente acreditável. Romanistas têm certas rezas, das quais a repetição constitui um fundamento para indulgências por um limitado período; e muito em conjunto, pretenderiam, proteger-se do castigo por um longo tempo. Portanto, aqueles que disseram: **“Saudação, Santa Rainha”** foram outorgados quarenta dias de indulgência, enquanto para dizer a **“Litania da Santa Virgem”** existe uma indulgência de duzentos anos; e para aqueles que disserem: **“Abençoada será a santa, imaculada e mais pura concepção da Vigem Maria”** cem anos de indulgência é concedido, etc., etc. Na “Idade Média”, em que as indulgências foram livremente oferecidas por dinheiro e por serviços na perseguição de infiéis e heréticos, pode facilmente ser imaginado até que corrupção esta doutrina blasfematória conduziu.

Para crimes geralmente cometidos pelos ricos; aqueles que **po-**

**diam** pagar liberalmente, penalidades máximas eram fixadas, enquanto as violações comuns da justiça muito comum entre as classes pobres, eram ligeiramente perdoadas. Desta maneira, casamento de primos irmãos custava \$5,000, enquanto o assassinato de esposa ou parricídio custava somente \$20. Spanheim disse: “A instituição da Indulgência foi a fonte de invenção que cunhou dinheiro para a Igreja Católica Romana; a mina de ouro para os devassos sobrinhos e filhos naturais dos papas; a ousadia das guerras Papais; os recursos para liquidar dívidas, e a inexaurível fonte de luxurias para os papas.”

Para regular este tráfico uma graduada escala de penalidades foi fixada para vários pecados — tantos dias ou anos no purgatório para cada um; e uma escala de preços foi também arranjada para corresponder, para que aqueles que obteriam indulgência para um assassinato ou um furto, para infanticídio, ou adultério, ou perjúrio, ou outros pecados, pagariam preços diferentes, isto é segundo a tarefa. Por esta forma punições eram canceladas e os tormentos do purgatório aliviadas ou cancelados, na vontade dos agentes do Anticristo. Não podemos surpreender-se que o povo rapidamente chegou a entender quanto dinheiro devem pagar por tanto pecado.

Até tal grau o crime foi aumentado por estas indulgências, que a indignação das melhores classes da sociedade ficou estimulada a rebelião contra a Igreja. Os olhos dos povos começaram a abrir-se, e eles viram o clero, desde os altos dignitários da igreja até a mais baixa ordem de oficiais, envolvidos em iniquidade.

Como a hora escura precede a tempestade, assim exatamente o grande movimento de Reforma foi, moralmente, a hora escura do escuro reino do Anticristo. Lá o aberto e vergonhoso tráfico em indulgências produziu náusea, e persuadiu Lutero e outros zelosos papistas para questionar e examinar o sistema inteiro, em seus ambos aspectos: o moral, e mais tarde o doutrinal. Finalmente, Lutero descobriu a verdadeira idéia — que o Papado era realmente o Anticristo. E, tendo descoberto isto, ele intrepidamente apontou alguns dos símbolos do Apocalipse, e exibiu sua sensibilidade e parcial cumprimento na Hierarquia Papal.

Neste assunto citamos o seguinte desde o estilo literário do bem conhecido clérigo, Lyman Abbott. Ele diz:

“Entre outras condições, pelas quais indulgências foram outrora concedidas mais do que agora, estava a contribuição de dinheiro para a Igreja. Este tráfico alcançou seu apogeu no começo do século XVI, sob Leão X, quem publicou indulgências para todos que contribuiriam para a construção da Catedral de São Pedro em Roma. Seu único principal agente para a venda de indulgências na Alemanha foi John Tetzel. Os notários vícios de Tetzel não impediam-no de ser escolhido como o transportador destes perdões para outras simples almas, e nenhuma extravagância parecia-lhe muito grande, para que trouxesse dinheiro para seus cofres. Ele declarou que a cruz vermelha, qual acompanhou-o onde quer que ele andava, tinha tão grande eficácia como a cruz de Cristo — que não existia pecado tão grande que ele não pudesse remitir. ‘Indulgências salvavam não os vivos apenas, elas também salvavam os mortos. No mesmo momento que o dinheiro toca nos fundos da caixa, a alma escapa do Purgatório e voa livre para os céus.’ Tais foram algumas de suas declarações blasfemas. Uma regular escala de preços estava estabelecida. ‘Poligamia custava seis ducados; sacrilégio e perjúrio, nove; homicídio, oito; feitiçaria, dois.’ Era isto tráfico indecoroso e aberto qual, mais do que qualquer outra coisa, induziu à Reforma. Indulgências continuaram sendo concedidas, não somente pelos atos de adoração, mas também pelas contribuições em dinheiro para a Igreja; mas a venda pública e aberta de indulgências está agora banida, na maioria dos casos, da Igreja de Roma.”

Outro escritor citou mais adiante a linguagem de Tetzel, deste modo:

“Aproximai-vos a mim e eu darei vossas cartas devidamente seladas, pelas quais certamente os vossos pecados que futuramente desejareis cometer devem ser todos perdoados a vocês. Não existe pecado tão grande que a indulgência não possa remitir. Pagai, somente pagai abundantemente e vocês serão perdoados. Vós sacerdotes, vós nobres, vós negociantes, vós esposas, vós donzelas, vós jovens, ouvi os vossos mortos parentes e amigos, que clamam

por vocês desde abismos insondáveis, ‘Nós estamos sofrendo tormentos horríveis; um pequeno donativo nos libertaria. Vocês podem dá-lo, vocês não?’ Com dez **vinténs** você pode libertar seu pai do purgatório. Nosso Senhor Deus por longo tempo não negociará com nós como Deus — Ele tem dado poder ao Papa.”

O seguinte abaixo é transmitido como uma cópia dos espaços em branco das quitações ou recibos usados por Tetzel — preenchidos com o nome do comprador, sem pecados, etc.:

“Nosso Senhor Jesus Cristo te tem em mercê, ... e absolve-te pelos méritos de seus mais sagrados sofrimentos. Eu, em virtude do poder Apostólico confiado a mim, absolvo-te de tudo. ... excessos, pecados e crimes que tu podes ter cometido, por mais que grandes e enormes eles sejam, e de qualquer tipo, ... Eu remito os sofrimentos que tu tens tido para suportar no purgatório, ... Eu restauro te à inocência e pureza do teu batismo, para que no momento da morte, os portões do lugar de tormento sejam fechados diante de ti, e os portões do paraíso abertos para ti. E se eu tiver vida longa, esta graça continuará imutável até o tempo do teu fim. No nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo, Amém. O irmão, João Tetzel, comissário, tem escrito isto com sua própria mão. ———.”

Como para o imediato presente não podemos dizer, no entanto sabemos que, apenas poucos anos depois que, imprimiram indulgências com preços fixados estavam postas à venda, nas mesas, em algumas, das grandes Igrejas Católicas Romanas do México e Cuba.

**“Também lhe foi Permitido fazer Guerra aos Santos, e Vencê-los”; — “e Consumirá os Santos do Altíssimo”.**

Fez a papal imitação do reino presidindo e exercendo poder sobre os verdadeiros consagrados filhos de Deus, e vencia-os — consumindo-os por um longo período de opressão, ou **esmagando-os**, como o texto hebraico, deduz? Respondemos, sim: tudo, o que pode-se pensar era empregado para esmagar o próprio espírito do verdadeiro cristianismo (João 8:36; Gal. 5:1; 2 Cor. 3:17), e para

assumir o espírito, as doutrinas, e as formas do Anticristo. Isto foi primeiramente menos de um ataque aberto sobre fiéis do que de uma lenta, persistente, **esmagadora** opressão, procedendo mais particularmente com professores antagônicos, e desgastando a paciência e também a fé de muitos. Esta persistente preocupação, e desgaste, estão bem ilustrados na instituição do Confessionário, no qual o Anticristo não somente toma conhecimento de cada criticismo e cada palavra de oposição a aquele sistema, pronunciado no ouvido de uma confissão, mas também sob ameaças de futuras penalidades compelindo-o a confessar e arrepender-se de algum pensamento oposto ou atos de si próprio. Isto, também, foi tão logo apoiado pelos poderes civis que para proferir algum protesto contra a Igreja poderia ser analisado como traição contra o poder civil, qual estava sustentado pela autoridade papal.

Na primeira expansão da exaltação papal, o povo como um todo eram nominalmente membros da igreja ou então pagãos; e todos aqueles que professavam Cristo eram esperados para adaptar-se aos costumes e regulamentos da gradualmente auto-exaltada hierarquia. Erro, sempre é mais popular do que a verdade, quando elevado à influência e ao poder, perseguiu até a morte, procrevendo e fazendo desacreditar a verdade, e todos aqueles que defendiam a verdade. Este foi o tempo em que, como ilustrado no Apocalipse, a verdadeira Igreja (a mulher) fugiu para o deserto — para a solidão (Apoc. 12:6) — como pária por causa da sua fidelidade à verdade, e ao verdadeiro Senhor e Cabeça da Igreja. Nesse tempo, em que apóstatas estavam sendo exaltados como príncipes, os verdadeiros, humildes santos estavam experimentando aquilo que o Senhor tinha advertido-lhes, que todos os que querem viver piamente (neste tempo atual), esperam, a saber, perseguição. O homem contra seu pai, a filha contra sua mãe, e a nora contra sua sogra, e assim os inimigos do homem serão os da sua própria casa: Poderia algo ser formulado de mais provável para **esmagar** ou **consumir** os santos do Altíssimo do que tal procedimento, persistindo por séculos?

Para ganhar uma idéia da ferocidade e implacabilidade desta perseguição, devemos novamente voltar às páginas da história.

As perseguições dos cristãos sob Roma Pagã não são notáveis em comparação com aquelas sob Roma Papal, sendo menos freqüentes, mais limitadas na extensão e muito menos severas. Isto é declarado, na autoridade dos cristãos primitivos, que a maioria dos magistrados romanos que exerciam nas províncias a autoridade do imperador, ou do senado, e em cujas mãos estava o poder da vida e morte, comportavam-se como homens de estilo refinado, educação e cultura geral, que respeitavam os regulamentos da justiça. Eles freqüentemente declinavam os serviços odiosos de perseguição, recusavam acusações formais contra os cristãos com desprezo (como Pilatos e Herodes tentaram para fazer no caso do nosso Senhor — Luc. 23:14-16, 20, 22; Mat. 27:24), ou sugeriam para cristãos acusados alguma evasão legal. Quando possível, eles usavam seus poderes muitas vezes para o alívio, do que para a opressão dos cristãos e os tribunais pagãos estavam freqüentemente garantindo refúgio contra seus acusadores judeus.\* A Perseguição cruel sob o execrável tirano Nero, quem queimou alguns dos cristãos para afastar suspeita pública de si mesmo, constituindo uma das mais escuras páginas na história da Roma Pagã; entretanto suas vítimas foram **comparativamente** poucas. As vítimas da perseguição pagã não foram geralmente em comunidades, mas proeminentemente individuais. Estas perseguições dos principais representantes, todavia, não eram tanto fixadas, determinação persistente de oposição na parte do governo como um resultado de incontrolável clamor popular, estimulado pela superstição, que pareceu para os governos necessária de satisfazer no interesse da paz e ordem. Alguns exemplos ilustrativos disto são encontrados na carreira do apóstolo Paulo, tão bem como de outros Apóstolos. — Ver. At. 19:35-41; 25:24-27; 26:2, 3, 28. Ainda muitas persegui-

---

\*Gibbon, Vol. II, páginas 31-33.

ções gerais, sob os impérios romanos, continuavam apesar de períodos curtos, exceto aquela sob Diocleciano, qual continuou com variada severidade por dez anos. Entre estas perseguições houve muitas vezes períodos longos de paz e sossego. Sob os impérios, embora grandemente fustigado, o cristianismo não foi abatido, mas, como temos observado, ele grandemente prosperou.

Quão diferente das perseguições do Papado, qual perseguiu e prendeu não tão-somente os proeminentes opositores mas também todos, e cujas perseguições duravam não por uns poucos meses somente, mas incessantemente! Que sob imperadores pagãos tinha sido uma passagem de raiva ou frenesi, sob os papas estava reduzida a um sistema regular, animado por fanatismo religioso, e ambição integrante — também inspirada com um zelo satânico, energia, e crueldade, sem paralelo nos anais da história. Igreja apóstata pôs de lado a espada do Espírito, e, agarrando-se ao braço do império, voltou suas armas carnavais com implacável fúria sobre cada débil oponente no caminho de sua ambição; enquanto ele cortejou, persuadiu com lisonjas, exaltou e enganou aqueles que tinham autoridade até ganhar sua confiança e usurpar seu lugar e poder.

Ambos paganismo e heresia então tornaram-se as causas de perseguição — especialmente o último. O assim chamado clero cristão, disse Edgar, “desviando as leis da teocracia judaica, e as transações dos anais judaicos, para os não cristãos e vis propósitos de despertar a perseguição do demônio contra os restos modelados de superstições [pagãs] gregas e romanas. ... Eles dissolveram o velho sistema de politeísmo e transferiram suas rendas para o uso da Igreja, do Estado e do exército. ... Gentilismo foi expellido desde o território romano. ... Coerção em geral foi substituída por convicção, e terror em vez de Evangelho. Um rubor para ler de um Symmachus e um Libanius, dois oradores pagãos, rogando por **razão e persuasão** na propagação da religião, enquanto Teodósio e um Ambrósio, um imperador cristão e outro um bispo cristão, urgem violência e constrangimento.

Sob a ascensão de Constantino ao poder supremo de Roma, ele estava inclinado para tolerar todas religiões, como era demonstrado pelo celebre édito de Milão, qual concedia **liberdade religiosa** a todo indivíduo do Império Romano. Tal medida devia ter sido saudada com alegria pela Igreja cristã, qual tinha tão grande distância da liberdade sob prévias perseguições; mas tal não foi o caso. O verdadeiro espírito do cristianismo tinha passado, e assim sendo a ambição da igreja era de exaltar-se tão rapidamente como possível, pelo esmagamento de cada centelha de liberdade e subjugação de todas as coisas a si mesmo. Conformemente, disse Gibbon,\* “Os ministros eclesiásticos de [Constantino] prontamente planejaram de reduzir a imparcialidade do magistrado, e para despertar o zelo do prosélito; ... e ele extinguiu a esperança de paz e tolerância, a partir do momento que ele reuniu trezentos bispos dentro do palácio.” O imperador estava lá persuadido para declarar que aqueles que resistiam ao julgamento deste corpo clerical nas matérias de fé deveriam preparar-se para imediato exílio. E que as suas decisões fossem declaradas serem de autoridade divina. Este espírito de intolerância prontamente amadureceu nas perseguições cruéis e implacáveis. Constantino emitiu duas leis penais contra a heresia, e seu exemplo foi seguido por sucessivos imperadores — Valentiniano, Graciano, Teodósio, Arcádio, e Honório. Teodósio publicou quinze, Arcádio doze, e Honório não menos que dezoito destes estatutos. Estes estão registrados nos códigos Teodosiano e Justiniano, para a desgraça de seus autores sacerdotais e imperiais.

O que foi agradável ao Anticristo de chamar heresia (muito do que era verdade e retidão e empenhados para apoiar um fundamento) fora classificado como mais maligno do que infidelidade, e ambos eram antagônicos aos reis, imperadores, e teólogos; e ambos eram perseguidos, especialmente aqueles que

---

\*Gibbon, Vol. II, pp. 31-33.

eram chamados heresia, pela Inquisição. Quando, sobre o começo do século 13, veio uma revivificação da ciência, e os homens começaram acordar do sono e transtornar sonhos da “Idade Média”, aqueles de cujas mentes a verdade não tinha sido inteiramente erradicada foram estimulados, e o estandarte da verdade foi levantado em oposição aos grossos erros do Anticristo. Então o perseguidor espírito do Anticristo atijou-se para furiosa ação, para esmagar a oposição.

Reis e Príncipes que estremeciam pela segurança de suas coroas, se eles de algum modo ou grau incorressem no desagrado do papa, cujos reinos poderiam ser postos sob uma interdição terrível, se eles ou seus povos recusassem a render absoluta obediência aos mandos do papa, tinham de prestar juramento para **exterminar** a heresia, e foram prevenidos de purificar suas províncias da perversidade herética, sob o castigo de serem seus domínios arrancados deles; e aqueles barões que negligenciavam de ajudar no trabalho de perseguição perdiam por causa da negligência suas possessões. Reis e príncipes, portanto, não tardavam em seus esforços para sujeitar-se aos mandatos do Papado, e os barões e seus partidários estavam em serviço dele, para ajudar no trabalho de destruição.

Ainda antes que este despertasse, já no ano 630 d. C., o Concílio de Toledo compeliu o rei da Espanha, em sua ascensão ao trono, a prestar juramento para não tolerar assuntos heréticos nos domínios espanhóis; e foi declarado que o soberano que violasse tal juramento “seria amaldiçoado diante do Deus eterno, e se tornaria o combustível do fogo eterno”. No entanto a importância horrível de tal pretensão foi muito mais completamente realizada quando o despertar começou, e quando o Anticristo tinha obtido o máximo de seu poder.

O concílio de Oxford em 1160 consignou uma companhia de valdenses, que tinham emigrado de Gascony para a Inglaterra, à auto-

ridade secular como castigo. Em conformidade, Rei Henrique II ordenou para que eles, homens e mulheres, fossem publicamente açoitados, marcados na face com um ferro em brasa, e levados, seminus para fora da cidade no rigor do inverno; e a ninguém estava permitido mostrar-lhes piedade ou conceder-lhes um pequeno favor.

O imperador Frederico, da Alemanha, em 1224 d. C., sentenciou hereges de todas classes, a serem queimados vivos, suas propriedades à confiscação, e suas posteridades, a não ser que eles tornassem-se perseguidores, à infâmia. Luís rei da França, em 1228, d. C., publicou leis para a extirpação da heresia, e reforçou suas execuções para exterminar os hereges. Ele forçou Raimundo, Conde de Toulouse, para encarregar-se da extirpação da heresia a partir de seus domínios sem poupar amigo ou vassalo.

Desde as primitivas intromissões do poder qual pouco a pouco desenvolveu-se em sistema papal, resistência foi feita; todavia aquela resistência foi oferecida somente por uns poucos fiéis, cuja influência fez pequena impressão no esmagador fluxo de interesse pelos assuntos mundanos que derramaram-se sobre a Igreja. Gradualmente, como discerniram o erro, alguns quietamente afastaram-se da grande apostasia, para adorar Deus de acordo com os ditames da consciência, mesmo à risco de perseguição. Notáveis entre estes estavam alguns, mais tarde chamados Valdenses, Albigenses, Wycliffitas, e Hugüenotes. Estes, ainda que chamados com nomes diferentes tinham, na medida em que podemos julgar, uma origem comum e uma fé comum. “Valdesianismo,” disse Rainerous (3, 4), o notável Inquisidor do século XIII, “é a velha heresia; existente, de acordo com alguns, a partir dos dias do [papa] Silvestre, e de acordo com outros, desde os dias dos Apóstolos”. Silvestre foi papa quando Constantino era imperador e reconheceu o cristianismo; e deste modo vemos que a verdade não estava sem seus aderentes desde o princípio, quais, ainda que humildes e impopulares firmemente resistiram ao Papado e as doutrinas papais

do purgatório, adoração de imagens, invocação de santos, adoração da Virgem Maria, reza pelos mortos, transubstanciação, celibato do clero, indulgências, missas, etc., e romarias descoroçadas, festivais, a queima de incenso, sepultamento religioso, o uso de água-benta, vestes sacerdotais, monarquismo, etc., e afirmaram eles que os ensinamentos das Escrituras Sagradas deveriam ser recebidos, em oposição às tradições e reivindicações da Igreja de Roma. Eles consideraram o papa como o cabeça de todos os erros, e reivindicavam que a remissão dos pecados é obtida através dos méritos do Senhor Jesus, somente.

A fé e as obras deste povo tinham rumo para Reforma, e um protesto contra o erro, por longo tempo antes dos dias de Lutero; e eles, e outros opositores do catolicismo eram procurados e detestados e perseguidos com impiedosa fúria, por emissários papais. Os valdenses e albigenses eram os mais numerosos corpos de protestantes contra o Papado; e quando o despertar literário do décimo terceiro século veio, foi principalmente a partir destes que a verdade resplandeceu, ainda que refletiu e intensificou em elocução por Wycliffe, Huss, Lutero, e outros. E suas doutrinas, eram apoiadas pela simplicidade e moralidade, brilhou com o grande esplendor em contraste à pomposo orgulho e imoralidades flagrantes do então exaltado Papado.

Então isto foi que papas, concílios, teólogos, reis, cruzadas, e Inquisidores combinaram seus diabólicos poderes para exterminar cada oponente, e extinguir os tênues raios da luz da aurora. Para Inocêncio III primeiro enviou missionários para os distritos nos quais as doutrinas dos albigenses tinham ganhado posição segura ou estabelecida, para propagar o catolicismo, trabalhos milagrosos, etc., mas achando estes esforços inúteis, proclamou uma cruzada contra eles e ofereceu a todos que se empenhariam nisto o perdão de todos os pecados e um imediato passaporte para os céus sem passar pelo purgatório. Com ampla fé no poder do papa para entregar a prometida recompensa, quase um milhão de povos — franceses, alemães, e italianos — reunidos ao redor do símbolo da

cruz, para a defesa do catolicismo e a extinção da heresia. Então seguiu-se uma série de batalhas e cercos cobrindo um espaço de vinte anos. A cidade de Beziers foi atacada e tomada em 1209, e os cidadãos, sem respeito a idade ou sexo, pereceram pela espada em número de sessenta mil, como relatado por vários historiadores. O sangue daqueles que fugiram para as igrejas e foram assassinados lá pelos expedicionários das cruzadas, encharcou os altares e fluía pelas ruas.

Lavour foi sitiada em 1211. O governador foi enforcado, e sua esposa foi jogada para dentro de um poço e coberta com pedras. Os cidadãos foram sem discriminação postos à morte, quatrocentos sendo queimados vivos. A próspera região de Languedoc ficou devastada, suas cidades queimadas, e seus habitantes removidos à distância pelo fogo e espada. Isto é estimado que cem mil albigenses caíram num dia; e seus corpos foram amontoados em pilhas conjuntas e queimados.

Todos estes crimes sanguinários e vilanias eram feitos no nome da religião; declaradamente para glória de Deus e honra da igreja, mas realmente para apoiar o Anticristo, assentado no santuário de Deus [a igreja], apresentando-se como Deus — um poderoso único — capaz de conquistar e destruir seus inimigos. O clero agradecia a Deus pela obra de destruição, e um hino de louvor a Deus pela gloriosa vitória em Lavour fora composto e cantado. O massacre terrível em Beziers fora contado com o “visível julgamento dos céus” na heresia do albigensianismo. Os expedicionários das cruzadas assistiram missas solenes na manhã, e prosseguiram do começo ao fim do dia para devastar o país de Languedoc e assassinar seus habitantes.

Deve-se lembrar, no entanto, que estas cruzadas abertas contra albigenses e valdenses, eram empreendidas apenas porque a assim chamada “heresia” tinha ganho um forte apoio sobre largas

porções destas comunidades. Seria um grande erro de supor que as cruzadas foram somente perseguições: o quieto e firme **esmagamento** de individuais, na agregação numerando milhares, por toda parte no vasto domínio do Papado, estendia-se firmemente na consumação dos santos do Altíssimo.

Carlos V, Imperador da Alemanha e Rei da Espanha e Países Baixos, perseguiu os amigos da Reforma por toda parte nos seus extensos domínios. Sustentado pela Dieta de Worms, proscreeu Lutero, seus seguidores e seus escritos; e todos aqueles que ajudavam Lutero ou liam seus livros, condenou a confisco as suas propriedades, ao banimento do império e à penalidade de alta traição. Nos Países Baixos os homens que seguiam Lutero foram decapitados, e as mulheres enterradas vivas ou se obstinadas eram submetidas às chamas. Ainda que esta lei de matança em grande escala foi suspensa, a obra de morte em todas suas horrendas formas prosseguia. O Duque de Alva orgulhou-se da execução de 18.000 protestantes em seis semanas. Paulo calculou o número, que nos Países Baixos foram executados por causa de suas religiões, em 50.000; e Grotius deu a lista dos mártires da Bélgica com 100.000. Carlos, na sua sorte no último alento exortava seu filho, Felipe II, a continuar até a conclusão a obra de perseguição e extermínio da heresia qual ele tinha começado — cujo conselho Felipe não foi lento de seguir. Com fúria ele estimulou o espírito de perseguição, consignou os protestantes às chamas sem discriminação ou piedade.

Francisco e Henrique, os reis franceses, seguiram o exemplo de Carlos e Felipe em seus zelos por catolicismo e a exterminação da heresia. Os massacres de Merindol, Orange, e Paris são ilustrações forçadas de seus zelos na causa do Anticristo. O massacre de Merindol, planejado pelo rei francês e aprovado pelo parlamento francês, foi confiado ao presidente, Oppeda, para execução. O presidente foi encarregado para assassinar a população, queimar as cidades e demolir os castelos dos Valdenses, grande número

daqueles que residiam naquele setor. Historiadores católicos romanos admitiram que em conformidade com esta comissão milhares, inclusive homens, mulheres, e crianças, foram massacrados, vinte quatro cidades foram arruinadas, e o país ficou devastado e desolado. Homens, mulheres, e crianças fugiram para as florestas e montanhas para protegerem-se e foram perseguidos e passados a fio de espada. Muitos que permaneceram nas cidades encontraram a mesma sorte, ou talvez pior. Quinhentas mulheres foram jogadas para dentro de um celeiro no qual foi posto fogo, e quando alguma pulava as janelas era recebida nas pontas de lanças. Mulheres foram violentadas e crianças foram assassinadas à vista de seus parentes, quais estavam sem força para protegê-las. Algumas foram arremetidas sobre precipícios e outras foram arrastadas despidas pelas ruas.

O massacre de Orange, em 1562 d. C., foi um similar característico daquele de Merindol, e é descrito com precisão pelos historiadores católicos. O exército italiano enviado pelo Papa Pio IV foi mandado para assassinar homens, mulheres, e crianças; e a ordem foi executada com terrível crueldade. Os hereges indefesos foram assassinados com a espada, precipitados dos rochedos, lançados sobre pontas de ganchos e punhais, pendurados, assados no fogo lento e expostos a vergonha e tortura de toda descrição.

O massacre em Paris no dia de São Bartolomeu, 24 de agosto de 1572 d. C., igualou-se em crueldade, mas ultrapassou em extensão, os massacres de Merindol e Orange. Este tem também sido detalhado pelos historiadores católicos, um dos quais, Thuanus, estigmatizou como “uma violenta crueldade, sem um paralelo em toda Antigüidade”. O badalar dos sinos à meia noite, 23 de agosto, deu o sinal de destruição, e as terríveis cenas de Merindol e Orange começaram restabelecer o ódio contra os Hugüenotes. O carnaval da morte durou sete dias; Na cidade fluía o sangue humano; a corte foi amontoada com assassinados, os quais o rei e a rainha fitavam com extrema satisfação. O corpo do Almirante Coligny foi arrastado pelas ruas; e o rio Seine estava coberto com cadáveres

boiando. O cálculo do número dos matados varia de 5.000 a 10.000. A obra de destruição não limitou-se unicamente a Paris, mas estendeu-se grandemente de modo selvagem pela nação francesa. Nos dias precedentes foram enviados mensageiros especiais a cada direção ordenando um geral massacre dos hugüenotes. As mesmas cenas conformemente se desenvolviam em quase todas as províncias, e estimativas do número de assassinados variam de 25.000 a 70.000.

Nestas cenas terríveis de carnificina o Anticristo encontrou extrema satisfação. O papa e sua corte alegraram-se com a vitória do catolicismo sobre o valdensianismo em Merindol, e os ímpios de Appeda eram chamados: “Os defensores da fé e os heróis do cristianismo.” O rei francês foi à missa, e prestou solenes agradecimentos a Deus pela vitória e massacre dos hugüenotes em Paris. Esta carnificina sancionada pelo rei francês, parlamento e assuntos católicos romanos, estava provavelmente na direta investigação do papa e a Hierarquia Papal. Que foi grandemente aprovada, é evidente desde o fato que na Corte Papal as notícias foram recebidas com grande regozijo. O papa, Gregório XIII, em grande procissão foi à Igreja de São Luís para dar ou fazer um sinal de graça pela vitória. Ele imediatamente proclamou um jubileu, e enviou um núncio para a corte francesa, quem no nome do papa elogiou “o ato de heroísmo por longo tempo tão meditado e tão felizmente executado para o bem da religião”. Uma medalha foi estampada pelo rei em memória do massacre, carregando a inscrição “**Pietas Excitavit a Justitiam**” — Piedade Excitou a Justiça.

Medalhas comemorativas do evento foram também cunhadas na casa da moeda Papal pela ordem do papa. Uma destas está agora em exibição no Salão do Monumento Comemorativo em Philadelfia, Pa. Sua face apresenta uma figura elevada do papa e a inscrição abreviada “**Gregorius XIII, Pontifex Maximus Anno I**” — o primeiro ano de seu pontificado, a saber, 1572 d. C. No lado reverso desta medalha está uma representação de um anjo

destruidor, tendo na mão esquerda uma cruz, e na mão direita uma espada, diante de quem, prostados e procurando refúgio correndo, um grupo de hugüenotes, homens, mulheres, e crianças estão representados, cujas faces e figuras expressam horror e desespero. Sob este estão as palavras, **“Ugonottorum Strages 1572”** — qual significa: “A matança dos hugüenotes, 1572.”

Um quadro do massacre de São Bartolomeu foi pendurado no Vaticano. Ele tinha um ornamento na parte superior, no qual estavam inscritos, em Latin, palavras que significam: **“O Papa aprova o acontecimento de Coligny.”** Coligny foi um proeminente líder dos hugüenotes e um dos primeiros a cair. Depois foi matado, sua cabeça foi cortada de seu corpo e enviada para a rainha (que mandou embalsamá-la e enviou a Roma como troféu), enquanto seu corpo era arrastado pela população pelas ruas de Paris. Logo depois o rei ficou surpreso com os horrores de remorso do qual ele nunca conseguiu recuperar-se. Isto está registrado que para o seu médico de confiança ele disse: “Eu não sei o que tem acontecido comigo, mas na mente e no corpo estou trêmulo como em uma febre. Parece-me a cada momento, quer acordado ou dormindo, que corpos mutilados apresentam-se a mim com horrendas faces e cobertos com sangue.” Ele morreu em grande agonia, coberto com um ensangüentado suor.

Em 1641 o Anticristo declarou uma “guerra religiosa” na Irlanda, e chamou o povo para massacrar os protestantes com todos meios em seu poder. O povo caiu em ilusão e ouviu o comando como a voz de Deus, e não foi lento para executar sua ordem. O sangue protestante corria largamente em toda parte da Irlanda, casas foram reduzidas a cinzas, cidades e vilas foram quase totalmente destruídas. Alguns foram forçados para assassinar seus próprios parentes, e em seguida tirar suas próprias vidas — as últimas palavras que caíram sobre seus ouvidos foram as garantias dos padres, que suas agonias de morte eram o começo do tormento eterno. Milhares morreram de frio e fome, enquanto esforçavam-se

por emigração para outras regiões. Em Cavan, a estrada por doze milhas ficou toda tingida com o sangue pelos rastos de fugitivos feridos; sessenta crianças ficaram abandonadas na fuga, pelos pais ferozmente caçados, e foi declarado que qualquer um que ajudasse por um meio ou outro alguém na fuga destes pequeninos seria enterrado no meio deles. Dezesete adultos foram enterrados vivos em Fermaught, e setenta e dois em Kilkenny. Só na província de Ulster mais que 154. 000 protestantes foram também massacrados ou expulsos da Irlanda.

O' Niel, o primaz da Irlanda, pronunciou isto “uma guerra santa e legal”, e o papa (Urbano VIII) editou uma bula datada em maio de 1643, concedendo “completa e absoluta remissão de todos seus pecados” para aqueles que tinham tomado parte de “corajosamente fazer o que a eles pertence, para extirpar e erradicar completamente o pestífero fermento corrompido do contágio herético”.

### **A Inquisição ou “Santo Ofício”**

Para Domingos, o espírito conducente nesta cruzada, é atribuído a honra de inventar a Inquisição infernal, ainda que Benedito, quem é zeloso em imputar a S. Domingos a honra de ser o primeiro Inquisidor Geral, é duvidoso quanto à **idéia** se ele primeiro sugeriu ao Papa Inocência ou a S. Domingos. Ela foi primeiro estabelecido pelo Papa Inocência III em 1204 d. C.

S. Domingos era um monstro, destituído de todo sentimento de compaixão, que dava a impressão de encontrar seu principal deleite em cenas de tortura e miséria. Durante a cruzada contra os albigenses, com um crucifixo na sua mão ele encorajou e conduziu os santos guerreiros para a ação da morte e destruição. A Inquisição ou Santo Ofício é hoje um tribunal na Igreja Católica Romana à descoberta, repreensão, e punição da heresia e outras ofensas contra

a Igreja de Roma.\* Mas nos dias de Domingos não existia tribunal legal, nem estavam os instrumentos de tormentos trazidos à perfeição, como expostos nos últimos dias. Contudo, Domingos, sem tal maquinaria, encontrou abundantes formas de tortura, como deslocação de juntas, violação de nervos, e laceração de membros de sua vítimas, e como queima na estaca daqueles cujas convicções eram inflexíveis por outras maneiras, e que não renunciariam sua fé e liberdades.

Sob a comissão do Papa Inocêncio, para punir com confisco, banimento, e morte os hereges que não receberiam seu evangelho, Domingos estimulou a magistratura civil e a população para massacrar os hereges valdenses; e ele em um tempo entregou cento e oitenta albigenses às chamas. Ele por ser tão fiel no serviço do Anticristo foi canonizado um santo, e é hoje adorado e rogado pelos católicos romanos. O Breviário Romano (até certo grau equivalente a um livro de Orações) referindo-se a S. Domingos, elogia “seus méritos e doutrinas quais iluminavam a igreja, sua destreza e virtude quais destruíram as heresias Tolossan, e seus muitos milagres quais estenderam-se ainda até a ressurreição de mortos”. O Missal Romano (qual abraça o serviço ligado com a administração da Santa Ceia) elogia seus méritos, e reza por ajuda temporal através de sua intercessão. Deste modo o Anticristo ainda mantém e honra seus fiéis heróis.

Seria impossível de transmitir sumariamente para alguma adequada concepção dos horrores da Inquisição, ou do horrível terror qual ela inspirou entre o povo. Aqueles que não levantassem sua voz em seu louvor a Anticristo, ou arriscassem um criticismo de seus métodos, eram suspeitos de heresia; e tais pessoas, destituídas de advertência ou retificação, estavam sujeitos a prisão em um calabouço por um tempo indefinido até uma conveniente época para julgamento — ambos, o acusador e a acusação frequen-

---

\*A Cadeira de São Pedro, página 589

temente sendo igualmente desconhecidos a eles. Os procedimentos destes julgamentos foram conduzidos secretamente, e torturas eram muitas vezes empregadas para extorquir confissões. As torturas infligidas foram quase sempre demais horrorosas para serem acreditadas nesta era de hoje e colocadas em franquia, já sua realidade é confirmada por evidências, que até historiadores católicos não podem negar; e seus intentos infrutíferos para apologizar por elas, tão-somente tendem a substanciar as evidências. Instrumentos de tortura, relíquias da Inquisição, quais apresentariam inútil ou sem sucesso a negação estão ainda em existência. O “Santo Ofício” até empregou médicos para cuidarem o processo de tortura e detê-lo quando a morte parecia provável, para aliviar o sofrimento, e a vítima ficava possibilitada parcialmente para recuperar-se, para que a tortura pudesse ser aplicada uma segunda ou até uma terceira vez. Estas torturas não foram sempre infligidas como punição por ofensa da heresia; elas foram em geral para o propósito de compelirem o acusado a confessar-se, retratar ou implicar os outros, assim como o caso podia ser.

Mesmo dentro do século presente, depois que a Inquisição tinha perdido muitos de seus horrores, ela era ainda assim terrível. O historiador das guerras de Napoleão, descrevendo a conquista de Toledo pelo exército de Napoleão, incidentalmente mencionou a abertura da prisão da Inquisição, e disse:

“Parecia que os túmulos abriam-se, e empalidecidas figuras semelhantes a espíritos saíam dos calabouços, quais emitiam um odor sepulcral. Barbas crescidas suspensas abaixo sobre o tórax, e unhas crescidas semelhantes a garras de pássaro, os esqueletos desfigurados, aqueles que com peito trabalhando respiraram, pela primeira vez por longas séries de anos, o ar fresco. Muitos deles foram reduzidos a aleijados, a cabeça inclinada para a frente e os braços e mãos suspensos abaixo rígidos e desamparados. Eles tinham sido confinados em tocas tão baixas, que não podiam levantar-se dentro delas, e apesar de todo o cuidado dos médicos

militares [do exército] muitos deles morreram no mesmo dia. No dia seguinte o General Lasale de minuto em minuto inspecionou o lugar, assistido por vários oficiais de seu estado maior. O número de máquinas para tortura estremeceram até os homens acostumados ao campo de batalha com horror.”

“Em um esconderijo numa galeria subterrânea, adjacente ao salão privado para interrogatório, estava em pé uma figura de madeira feita por mãos de monges e representando a Virgem Maria. Uma auréola dourada rodeava sua cabeça, e em sua mão direita segurava uma bandeira. Ela dava tudo à primeira vista como suspeita para que apesar de vestida usando vestido de seda, descendo em cada lado em amplas dobras de seus ombros, ela deveria usar um tipo de couraça. No concluído exame minucioso apareceu que na parte dianteira do corpo estava completamente cunhada de pregos extremamente penetrantes e de pequenas e estreitas lâminas de facas, com as pontas de ambos voltadas ao espectador. Os braços e mãos estavam articulados, e o maquinismo atrás da partição punha a figura em movimento. Um dos servos da Inquisição foi compelido por ordem do General para operar a **máquina** conforme o termo dela. Quando a figura estendeu seus braços, ainda que como para abraçar alguém amorosamente para o seu coração, a bem enchida mochila de um granadeiro polonês foi posta para substituir o lugar de uma vítima viva. A estátua abraçava e apertava a mochila rematando e rematando, e quando o criado, segundo às ordens, fazia a figura soltar seus braços e voltar para sua posição anterior, a mochila ficou perfurada até a profundidade de duas ou três polegadas, e permanecia suspensa sobre as pontas dos pregos e as lâminas das facas.”

“Instrumentos de tortura” de vários tipos foram inventados, e aplicados como meios de tortura. Um dos métodos simples é explicado deste modo: A vítima, despida de toda roupa, tinha seus braços amarrados atrás de suas costas com uma corda dura, com a qual, pela ação de uma roldana, eram levantados os seus pés, nos quais os pesos estavam amarrados. Várias vezes o sofredor era levantado com um puxão e deixado a cair, com deslocamento de

juntas de seus braços e pernas, enquanto a corda pela qual estava pendurado penetrava a carne tiritante até os ossos.

Uma lembrança de tais ultrajes em nome de Cristo chegou ao conhecimento público recentemente. Uma oficina gráfica de uma Sociedade Bíblica em Roma tendo abarrotado o espaço, alugou um amplo salão próximo ao Vaticano. Uma grande e esquisita roldana no teto atraiu a atenção, e a inquirição descobriu o fato que o salão no qual eles estão agora ocupando com impressão de Bíblias — “a espada do Espírito, que é a palavra de Deus”, pela qual o Anticristo tem já sido submetido a **“ineficiente”** para oprimir e consumir os santos — e o mesmo salão era outrora usado pela Inquisição como uma câmara de tortura; a roldana havia provavelmente sido usada para torturar muitos pobres, amordaçados sofredores.

Aqueles convictos da heresia eram às vezes sentenciados para o que era chamado um “Ato de Fé.” A autoridade eclesiástica transferia o condenado para a autoridade secular, enquanto o clero, em pretensão de misericórdia, implorava a magistratura para demonstrar compaixão ao condenado, e, levantando a cruz, pleiteando com a vítima para abjurar ou desdizer e salvar sua vida presente e futura. Os magistrados estavam cientes de suas partes, e não demonstravam misericórdia exceto para retratadores; deste modo ganhando as bênçãos e títulos de “Defensores da Fé,” e “Exterminadores de Hereges”. O “herege” condenado vestido com uma capa multicolor com ilustrações de cães, serpentes, chamas, e demônios, e assim era levado para o lugar de execução, amarrado à estaca e submetido às chamas.

Torquemada, outro famoso Inquisidor Geral, forneceu uma marcada ilustração do espírito do Anticristo. Escritores católicos romanos admitem que ele determinou dez mil duzentos e vinte (10.220) pessoas, homens e mulheres, para serem queimados vivos. Llorente, quem foi por três anos o Secretário Geral da Inquisição, e tinha acesso a todas as evidências documentárias, em seus relatórios, publicados em 1817 d. C. (4 volumes), demonstra que entre os anos 1481 e 1808, por ordem deste “Santo Ofício” **apenas**, nada menos do que 31.912 pessoas foram queimadas

vivas, e aproximadamente 300.000 torturadas e condenadas a cumprir penitências. Todo país católico na Europa, Ásia e América tinha sua Inquisição.

Nós não podemos aqui traçar todos os pormenores das perseguições do Anticristo com referência a reformas, liberdade de consciência ou liberdade política. É suficiente dizer, que estas perseguições estendiam-se a cada país onde o Papado tinha uma posição estabelecida — na Alemanha, Holanda, Polônia, Itália, Inglaterra, Irlanda, Escócia, França, Espanha, Portugal, Abissínia, Índia, Cuba, México, e em alguns Países Sul Americanos. O espaço não permite relatar os nossos casos individuais quais servem para demonstrar que muitos dos mártires foram verdadeiros santos e heróis, que sob os mais horríveis sofrimentos tinham graça suficiente, e foram muitas vezes habilitados, quando morreram por insignificância, por cantar hinos de louvor e graças para o verdadeiro Cabeça da verdadeira Igreja, e, que igual a Ele, até orou pelos seus inimigos aqueles que, como Ele tinha predito, os perseguirão por sua causa.\*

Tampouco nós, pelas mesmas razões, particularizando todo o terrível, repugnante, espírito horrível de torturas, infligidas sobre algumas das jóias do Senhor por causa da fidelidade para com suas convicções. Isto é estimado, por aqueles que aparentemente têm dado o assunto através de investigação, que o Papado, durante os mil e trezentos anos passados, tem, diretamente ou indiretamente, causado a morte de **cinquenta milhões de pessoas**. E isto pode seguramente ser dito que a ingenuidade satânica e humana foram taxadas até o seu extremo para inventar novas e horríveis torturas, para ambos: os políticos e religiosos oponentes do Anticristo; os últimos — hereges — foram perseguidos com fúria dez vezes mais. Além das formas comuns de perseguição e morte, tais como tortura, queimadura, afogamento, punhalada, fome, fuzilamento,

---

\*Para aqueles que desejam uma completa avaliação destes tempos e cenas terríveis, recomendamos: a História da Inglaterra de Macaulay; República Holandesa de Motley; História da Reforma de Aubigne; Dezoito Séculos de Cristãos de White; Elliot sobre Romanismo; e o Livro dos Mártires de Fox.

com armas de fogo e matança com flechas, corações diabólicos meditaram como as mais delicadas e sensíveis partes do corpo, capazes de causar a mais cruciante dor, pudessem ser afetadas; chumbo derretido era despejado dentro dos ouvidos; línguas eram cortadas e chumbo derretido despejado para dentro da boca; rodas foram arranjadas com lâminas cortantes de facas fixadas para que as vítimas pudessem ser lentamente cortadas em pedaços; pinças e torqueses eram tornadas em brasa e aplicadas sobre sensíveis partes do corpo; olhos eram arrancados; unhas dos dedos eram arrancadas fora com ferros em brasa; buracos, pelos quais a vítima era amarrada, eram perfurados de uma parte a outra nos calcanhares; alguns foram forçados a saltar de certa altura sobre longos pregos fixados abaixo, onde, tremiam de dor, eles morriam lentamente. As bocas de alguns foram enchidas com pólvora, qual, quando incendiada, rebentava mediante explosão as suas cabeças em pedaços; outros foram malhados em pedaços sobre bigornas; outros, amarrados junto a fole, tinham bombeado-lhes ar até explodirem; outros foram sufocados até a morte com pedaços dilacerados de seus próprios corpos; outros com urina, excremento, etc., etc.

Algumas destas atrocidades diabólicas estariam completamente fora do crédito se não estivessem bem autenticadas. Elas servem para demonstrar a que depravação terrível o coração humano pode chegar; e como insensíveis à retidão, e a todo bom instinto, os homens podem tornar-se sob a influência da **falsa, imitação religiosa**. O espírito do Anticristo degradou e aviltou o mundo, assim, como o espírito do verdadeiro Cristo e o poder e influência do verdadeiro Reino de Deus tem elevado e enobrecido os corações e ações dos homens — e como eles farão, durante o milênio do reino de Cristo na Terra. Isto é até certo grau ilustrado pelo avanço da civilização, e o crescimento da justiça e mercê, desde que o poder do Anticristo começou a decair, e a Palavra de Deus começou de ser ouvida, e atendida, ainda que levemente.

Verdadeiramente nenhum invento artificioso do qual podemos imaginar poderia ter sido melhor calculado para enganar e oprimir a humanidade. Vantagens têm sido tomadas de cada disposição de-

pravada e das fraquezas dos homens caídos; cada paixão abjeta tinha sido estimulada e atraída, e a gratificação destas paixões remuneradas. Os viciosos estavam deste modo fascinados e alistados como seus devotos, enquanto aqueles da classe nobre estavam comprometidos por outros meios — por uma aparência exterior aparente e hipócrita demonstração de piedade, abnegação e caridade manifestada em suas instituições monásticas, todavia o que serviu somente para deixar muitos desta maneira afastados dos caminhos da virtude. Os alegres e frívolos encontravam ampla satisfação em suas paradas e demonstrações, suas pompas, procissões e cerimônias; os empresários, comerciantes e cavalheiros em suas missões e cruzadas; os devassos em suas indulgências; e os cruéis e beatos em seus empreendimentos para oprimir seus oponentes.

No horror e terror nós perguntamos: Por que reis, e príncipes, e imperadores, e o povo conjuntamente permitiram tais atrocidades? Por que eles não levantaram-se já há muito tempo e não derrotaram o Anticristo? A resposta é encontrada nas Escrituras (Apoc. 18:3): As nações têm **bebido** (estavam entorpecidas), e perderam seus sentidos ao beber o **vinho misturado** (doutrina, falsidade, e verdade misturada) dado a elas pela Igreja apóstata. Eles foram enganados pelas reivindicações do Papado. E, dizendo a verdade, eles estão ainda em parte despertados de sua letargia; embora os embaixadores de reis, caindo diante do papa, não fazem como os de velhos tempos que dirigiam-se a ele como ao “Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo”, nem o consideram como “um Deus com poder sobre todas as coisas na terra e no céu” no entanto eles estão ainda longe para compreender a verdade — que o Papado tem sido, e é, a imitação do verdadeiro Reino de Satanás.

Enquanto reis e soldados cansavam-se de tal trabalho desumano, isto não era assim com a santa (?) hierarquia; e nós encontramos o Concílio Geral de Sienna, em 1423 d. C., declarando que a expansão da heresia em diferentes partes do mundo era devido o **desleixo dos Inquisidores** — para a ofensa de Deus, à injúria ao catolicismo e à perdição das almas. Príncipes foram advertidos,

pela mercê de Deus, para **exterminar** a heresia se eles quisessem escapar da vingança divina; e indulgências plenárias foram concedidas a todos aqueles que se empenhariam no trabalho de destruição ou providenciariam exércitos para o propósito. Estas aprovações ou promulgação de leis eram publicadas nas igrejas todo domingo. Teólogos e historiadores católicos romanos de nenhuma maneira são poucos que tinham controlado suas penas de escrever na profana causa de justificar, recomendando e elogiando a perseguição da heresia. Belarmino, por exemplo, declarou que os Apóstolos “Absteram-se da chamada no exército secular somente porque lá nos seus dias não existiam príncipes cristãos.” Doutor Dens, um célebre teólogo católico romano, publicou uma obra sobre teologia em 1758, que hoje é considerada pelos papistas como estandarte de reputação, especialmente nos seus colégios, onde ela tem certo grau ou posição como a obra de Blackstone sobre a lei civil na Inglaterra. Esta obra inspirou o espírito de perseguição por toda parte. Ela condena os patronos da heresia a confiscação de bens, banimento do país, confinamento em prisão, pena de morte e privação de sepultamento cristão.

**Uma das autorizadas maldições** publicada no Pontifical Católico, para ser usada contra protestantes, lê-se como segue:

“Pode Deus Todo-Poderoso e todos seus santos amaldiçoá-los com a maldição com qual o Diabo e seus anjos são amaldiçoados. Permitir que sejam destruídos e jogados fora da terra dos vivos. Permitir o vil dos mortos vir sobre eles, e deixá-los descerem com vida para dentro do túmulo. Deixar seus descendentes serem destruídos da terra — pela fome, e sede, e nudez e permitir que de todas aflições pereçam. Podem eles ter toda miséria, pestilência e tormento. Permitir que todos eles sejam amaldiçoados. Sempre e em todo lugar permitir que sejam malditos. Falantes ou silenciosos permitir que sejam destruídos. Dentro e fora deixá-los que sejam destruídos. Desde a coroa da cabeça até a sola do pé pode permitir que sejam amaldiçoados. Permitir seus olhos tornarem-se cegos, deixar seus ouvidos tornarem-se surdos, deixar suas bocas tornarem-se emudecidas, deixar suas línguas perfuradas pela maxila, não deixar suas mãos trabalhar, não deixar seus pés andar. Deixar todos

os membros de seus corpos amaldiçoados. Deixá-los amaldiçoados serem, estando em pé ou deitados, desde este tempo em diante para sempre; e deste modo deixar sua luz ser extinguida na presença de Deus, no dia do juízo. Permitir seus sepultamentos com cães e asnos. Deixar lobos famintos devorar seus corpos. Permitir o Diabo e seus anjos serem seus companheiros para sempre. Amém; Amém; assim seja, permita que seja assim.”

Este é o espírito do Papado; e todos que possuem o espírito do verdadeiro Cristo devem prontamente reconhecer tal base uma imitação.

Desde erros de doutrina encontrados na própria fundação de todos estes erros de conduta, não pode ser duvidoso que se circunstâncias fossem novamente favoráveis a isto, doutrinas sendo invariáveis, seu mau espírito e maus frutos em breve apareceriam novamente, em similares atos de injustiça, opressão, superstição, ignorância, e perseguição; e qualquer e todos meios concebíveis seriam restaurados, para restaurar, apoiar, e estender a **imitação** do Reino de Deus. Em prova disto, permitam citarmos uns poucos incidentes quais recentemente aconteceram e chamaram nossa atenção, como segue:

Em Ahuehuetitlan, Guerro, México 7 de agosto de 1887, um nativo missionário protestante, de nome Abraão Gomez, e dois assistentes, foram assassinados a sangue frio pelos nativos, por instigação de um padre católico romano, Padre Vergara, quem, quando celebrou a missa no dia anterior, é relatado de ter instigado seu povo para “fazer um exemplo do ministério de Satanás” aquele que tinha vindo entre eles; acrescentando, que eles poderiam “matar ele” com toda segurança, contando com a proteção tanto do chefe da polícia como dos padres. A palavra dos padres era lei para o povo ignorante, e para as autoridades civis. O corpo mutilado do pobre missionário, atirado e cortado em pedaços, foi arrastado pelas ruas, assunto de todas as sortes de indignidades, uma **advertência a outros**. Por isto nenhum socorro poderia ter sido obtido.

O jornal de Nova York **Independent** tendo chamado atenção a

este sangrento massacre, a seguinte resposta foi pelo **Freeman**, um influente jornal católico romano:

“Eles [missionários protestantes] viram pessoas honestas ficarem ajoelhadas, ao som do **ângelus**, em honra da Anunciação e da Encarnação. A Bíblia, eles dizem, brevemente eliminará tal ‘superstição’. Uma luz acesa diante de uma imagem da Mãe de Deus. ‘Ah!’ exclama o missionário: Nós logo ensinaremos aos ignorantes quebrarem este símbolo,” e assim por diante. Se a matança de alguns missionários deste tipo deteria outros iguais a eles no lar, nós quase — nós papistas somos tão perversos! — estamos dispostos a dizer: ‘Prossigam com a dança; deixem alegremente ser irrestrita.’ ”

Um ministro pelo nome de C.G. Moule contou uma história dolorosa, qual foi ao cochilo da multidão, da perseguição, em Madeira, de Robert Kelley e os convertidos resultando de seus trabalhos, que com suas crianças, aproximadamente mil pessoas ao todo, sofreram expatriações como a penalidade por receberem um pouco de verdade.

Na “Prússia Protestante”, assim chamado, Pastor Thummel tinha sido detido por “insulto à Igreja Católica Romana”. Ele publicou um panfleto criticando o Papado, no qual um dos “insultos” marcava o efeito que o Papado é uma apostasia “construído sob superstição e idolatria”.

Recentemente as Ilhas Carolinas estavam em disputa entre Prússia e Espanha, e o papa tornou-se designado árbitro ou juiz, para decidir a disputa. (Muitos fazem lembrar o único formador de seu poder e diplomacia como árbitro ou supremo juiz das nações.) O papa decidiu em favor da Espanha. Um homem-de-guerra, cinquenta soldados e seis padres foram imediatamente enviados às ilhas pela Espanha; e em sua chegada Mr. Doane, um missionário americano, foi feito prisioneiro e cortado de toda comunicação com seus convertidos, sem motivo, exceto que ele recusou entregar seu trabalho missionário e propriedade aos padres; e porque, as ilhas agora pertencem à Espanha, e Espanha pertence ao papa, nenhuma religião pode ser lá tolerada, exceto a do papa.

Um cavaleiro, em tempos passados um católico romano, e um amigo do escritor, declarou que recentemente, quando viajava na América do Sul, ele foi atacado com pedras e obrigado de fugir para o resto da sua vida, porque ele não tiraria o chapéu da sua cabeça nem se ajoelaria com a multidão, quando os padres católicos carregando o crucifixo e a hóstia passassem pelas ruas. E um caso similar, no qual três americanos foram atacados pelos padres, tumultuados pelo povo e presos pela polícia da cidade de Madri, Espanha, por uma semelhante ofensa, e sem dúvida ainda está recente nas mentes de muitos aqueles que lêem os jornais.

**O Católico Convertido** cita como segue do **Watchman**, um jornal católico romano publicado em São Luís, Mo.:

“Protestantismo! Nós arrastá-lo-íamos e esquarterjá-lo-íamos. Nós espetá-lo-íamos e pendurá-lo-íamos no alto para a cova folgar. Nós feri-lo-íamos com torqueses e queimá-lo-íamos com ferros quentes. Nós enchê-lo-íamos com chumbo derretido, e afundá-lo-íamos no fogo infernal à cem braças de profundidade.”

À luz do passado, isto é inteiramente provável que com tal espírito, se fosse dotado de poder, o Editor do **Watchman** rapidamente estenderia suas ameaças além do “Protestantismo” para as pessoas dos protestantes.

Em Barcelona, Espanha, por ordem do governo, um grande número de cópias da Bíblia foram recentemente queimadas — naturalmente instigado por Igreja de Roma. O seguinte, traduzido do **Bandeira Católica**, o periódico do Papado nesse ponto, demonstra que eles aprovaram e apreciaram a ação. Ele diz:

“Graças a Deus, temos finalmente voltado aos tempos em que aqueles que propagavam doutrinas heréticas foram punidos com punição exemplar. O restabelecimento do Sagrado Tribunal da Inquisição deve brevemente ocupar lugar. Seu reino será mais glorioso e frutífero em resultados do que no passado. Nosso coração católico transborda com fé e entusiasmo; e a imensa alegria experimentamos, quando começamos a colher os frutos da nossa presente campanha, excede toda imaginação. Que dia de prazer que

será para nós, quando virmos Anticlericalistas escrevendo nas chamadas da Inquisição!”

Para encorajar outra cruzada, este jornal diz:

“Nós aceitamos como certo publicar os nomes daqueles santos homens sob cujas mãos como consta muitos pecadores sofreram, para que católicos possam **venerar suas memórias**:

“Por Torquemada —

Homens e mulheres queimados vivos .....	10.220
Queimados em effígie .....	6.840
Condenados por outras punições .....	97.371

“Por Diego Deza —

Homens e mulheres queimados vivos .....	2.592
Queimados em effígie .....	829
Condenados a outras penalidades .....	32.952

“Pelo Cardeal Jiminez de Cisneros —

Homens e mulheres queimados vivos .....	3.564
Queimados em effígie .....	2.232
Condenados a outras penalidades .....	48.059

“Por Adriano de Florença

Homens e mulheres queimados vivos .....	1.620
Queimados em effígie .....	560
Condenados a outras penalidades .....	21.835

---

“Número total de homens e mulheres queimados vivos, sob o ministério de 45 santos Inquisidores Gerais .....

35.534

Número total de queimados em effígie .....	18.637
Número total de condenados a outras penalidades .....	293.533
“Total .....	347.704

### **O Milênio Papal**

Como o verdadeiro Reino do verdadeiro Cristo é para durar mil anos, desta maneira a imitação Papal olha para trás sobre o período de sua grande prosperidade, qual começou no ano 800 d. C., e terminou na aurora do presente século, como o cumprimento do reino Milenário predito no Apoc. 20. E o tempo atual, no qual o Pa-

pado tem gradualmente perdido tudo de sua autoridade secular, sofrendo muitas indignidades das nações, que outrora eram seus defensores, e foram muito despojados dos territórios, rendas e liberdades por longo tempo reivindicados e possuídos, romanistas consideram como um “pouco de tempo” de Apocalipse 20:3, 7, 8, no fim do Milênio, durante qual Satanás será solto.

E as datas quais marcam o começo e o fim do Milênio Papal de ignorância, superstição e fraude estão claramente demonstradas na história. Um escritor\* católico romano assim refere-se ao começo deste império religioso: “A coroação de Carlos Magno como Imperador do Oeste, pelo Papa Leão, no ano 800 d. C., foi realmente o princípio do Santo Império Romano.” \*\*

Apesar de que o Papado estava organizado, como um sistema religioso, por longo tempo, antes, e foi igualmente “estabelecido” em poder temporal em 539, d. C., no entanto foi Carlos Magno quem primeiro verdadeiramente entregou e formalmente reconheceu o **domínio temporal** do papa. Como Carlos Magno foi o primeiro imperador sobre o “Santo Império Romano”, em 800 d. C., assim Francisco II foi o último, e ele voluntariamente entregou seu título em 1806 d. C. +Visto que, antes do ano 800, o Papado foi subindo, apoiado pela “besta” romana (povo) e pelos seus “chi-

---

\*A Cadeira de Pedro.

\*\* **“O Santo Império Romano”** foi o título da grande instituição política da Idade Média. Ele teve seu começo com Carlos Magno. História Universal de Fisher, página 262, descreve-o deste modo: “Na teoria ele foi a união do mundo e estado e do mundo e igreja — não dividida comunidade sob Imperador e Papa, sua celestial designação [?] significando cabeças: a secular e a espiritual.” E, desde então os papas, como no lugar de Cristo, consagrando os imperadores, segue-se que eles foram os verdadeiros cabeças.

+ “Pela batalha de Marengo, 1800, e de Austerlitz, 1805, Alemanha duas vezes derrotada prostrou-se aos pés de Napoleão. O fator preponderante ou principal resultado da última derrota foi o estabelecimento da Confederação do Reno, sob o protetorado do governo francês. **Este evento pôs um fim à velha Alemanha ou Santo Império Romano**, após uma duração de mil anos.” — **História Universal de White, página 508.**

fres” (poderes), portanto desde 1800 ele tem sido rejeitado desde a temporária autoridade sobre reis e povos, e tem sido rasgado, dividido e pilhado por aqueles que outrora davam-lhe amparo. (Apoc.17:16, 17) Hoje, ainda que o receptor de honras, e ainda dotado de uma ampla influência sobre as consciências dos povos, o Papado lamenta sua perda de toda semelhante autoridade secular.

O cuidadoso estudante notará quatro períodos, mais ou menos distintamente marcados, no desenvolvimento e exaltação do Anticristo, e o mesmo número distintamente marcando sua queda. Em seu desenvolvimento as quatro datas são:

1.º) Nos dias de Paulo, em volta de 50 d.C., um início do trabalho secreto da ambição iníqua foi o começo.

2.º) Papado, “o homem do pecado”, foi **organizado** como uma hierarquia; isto é, a Igreja chegou a uma condição organizada e os papas chegaram a ser reconhecidos como a Cabeça, representando o Cristo, reinando na igreja e sobre as nações, gradualmente, em redor de 300 d.C. até 494.\*

3.º) O tempo quando os papas **começaram** de exercer poder e autoridade civil, como em seguida será demonstrado, 539 d.C. (Vol. III, Cap. III)

---

\*O pontificado esforçou-se longamente pelo domínio como a cabeça da Igreja, e gradualmente obteram reconhecimento e domínio; e que este domínio foi geralmente reconhecido tanto prematuro como 494 d.C., está claramente demonstrado pelo escritor romanista da **Cátedra de São Pedro**, página 128. Depois dando em detalhes reconhecimentos do Bispo de Roma como supremo pontífice por vários concílios, bispos, imperadores, etc., ele resume deste modo:

“Estas palavras foram escritas num passado muito remoto do ano de nosso Senhor 494. ... No todo, então, isto está claro, de precedentes evidências autênticas, que a primazia da Cátedra de São Pedro [o Bispado de Roma] tinha **desenvolvido-se** a tal grau no quinto século, que o papa foi então universalmente considerado como o centro da unidade cristã — o Supremo Governo e Professor da Igreja de Deus, o Príncipe dos Bispos, o Último Arbítrio de apelos nas causas eclesiásticas de todas as partes do mundo, e o Juiz e Moderador do Concílio Geral, sobre qual ele presidiu pelos seus legados.”

4.º) O tempo de exaltação, no ano 800 d.C., em que, como já demonstramos, o “Santo Império Romano” foi formado, e o papa, coroando Carlos Magno imperador, foi reconhecido ele mesmo como Rei dos reis, Imperador dos imperadores, “outro Deus, na terra”.

Os quatro períodos da queda da influência papal são como segue:

1.º) O período da Reforma, qual, pode-se dizer, tinha seu começo em 1.400 d.C., nos escritos de Wycliffe — seguido por Huss, Lutero, e outros.

2.º) O período do sucesso de Napoleão, a degradação dos papas, e finalmente o arremesso à distância do título “Imperador do Santo Império Romano”, por Francisco II 1800-1806 d.C.

3.º) A rejeição final do papa como governador sobre Roma e o assim chamado Estado Papal da Itália, pelos súditos do papa e o Rei da Itália, em 1870 d.C., pelo qual o Anticristo ficou fraco e deixado sem a autoridade secular.

4.º) A extinção final desta falsificada hierarquia, aproximará o fim do “dia da ira” e julgamento já começado — qual terminará, como demonstrado pelos “tempos dos gentios”, com o ano de 1914 d.C.

### **Há Lugar a Dúvida?**

Temos traçado a elevação do Anticristo, de uma apostasia ou “apostasia” na Igreja cristã; temos ouvido suas reivindicações blasfemas para ser Reino de Cristo e que seu papa é Vigário de Cristo — “outro Deus, na terra”; temos ouvido suas grandes e duras palavras de blasfêmia, apropriando-se de títulos e poderes pertencentes ao verdadeiro Senhor dos senhores e Rei dos reis; temos visto quão terrivelmente ele cumpriu a predição, “e consumirá os santos”; temos visto que a verdade, reprimida e de-

formada, seria completamente sepultada debaixo do erro, superstição e poder sacerdotal, se o Senhor não tivesse no tempo próprio, prevenido por levantar reformadores, deste modo ajudando seus santos — como está escrito: “Os entendidos entre o povo ensinarão a muitos; todavia por muitos dias cairão pela espada e pelo fogo, pelo cativoiro e pelo despojo. Mas, caindo eles, serão ajudados com pequeno socorro”. Dan. 11:33, 34.

Na visão de todo este testemunho, há lugar a dúvida que isto foi concernente ao Papado que os Apóstolos e profetas foram inspirados para escrever, descrevendo minuciosamente como eles fazem suas proeminentes características? Nós pensamos que não deve restar nenhuma dúvida em alguma mente imparcial que o Papado é o Anticristo, o Homem do Pecado; e que nenhum homem poderia possivelmente cumprir estas predições. Incomparável sucesso do Papado, como um falsificado Cristo, enganando todo o mundo, tem amplamente cumprido a predição do nosso Mestre, quando, referiu-se sobre a sua própria rejeição, ele disse: se outro vier [vangloriando-se] em seu próprio nome, **a esse recebereis**”. — João 5:43.

Isto será observado, não há dúvida com surpresa, por muitos, que em nosso exame do assunto temos em geral omitido referência a vilanias, grossas imoralidades, sobre a parte dos papas e outros oficiais, e à escuridão de fatos do **“expediente”** praticado pelos jesuítas e outras ordens secretas, que faziam toda espécie ou classe de trabalho de detetives para o Papado. Temos omitido estes intencionalmente, não pelo motivo que sejam falsos, visto que ainda os católicos romanos admitem muitos deles; mas porque nossa linha de argumento não fez requerer estas evidências. Temos demonstrado que a Hierarquia Papal (ainda se ela fosse constituída da maioria moral e de homens honestos — qual não é o caso como toda história testifica) é o Homem do Pecado, o Anticristo, o falsificador e adulterador do Reino Milenar de Cristo, habilmente arranjando desta maneira quanto a enganar.

As palavras de Macaulay, o historiador inglês servem para

demonstrar que alguns sem especial luz profética podem ver o maravilhoso sistema do Pecado — a **imitação** do mais maravilhoso de todos sistemas, o Reino de Deus, ainda por vir.

Ele disse:

“Isto é impossível de contradizer que a política da Igreja de Roma é a **verdadeira obra-prima da sabedoria humana** [nós diríamos satânica]. Na verdade, apenas, só tal política poderia, em contraste com tais assaltos, ter sustentado tais doutrinas. A experiência de doze centenas de anos cheios de acontecimentos, a ingenuidade e o cuidado paciente de quarenta gerações de políticos e estadistas, têm aperfeiçoado essa política a tal perfeição, que entre os artifícios de habilidade política ela ocupa o mais alto lugar.”

### O Fim Definitivo do Anticristo

Temos traçado o Papado até o tempo presente, até o Dia do Senhor — o tempo da **presença** de Emanuel. Este Homem do Pecado tem desenvolvido-se, tem feito seu trabalho terrível, tem sido punido com a espada do Espírito, que é a palavra de Deus; a quem o Senhor Jesus matará com o sopro de sua boca, rasgou-lhe o **poder** de perseguir os santos abertamente e de modo geral, sem comentários nesta matéria como fortes são os desejos; e agora então perguntamos, O que segue? O que disse o Apóstolo concernente ao fim do Anticristo?

Em 2 Tess. 2:8-12, o apóstolo Paulo declara concernente a Anticristo: “a quem o Senhor Jesus **matará** com o sopro de sua boca e destruirá com a **manifestação da sua presença** — Emphatic Diaglott”. A luz da verdade é para penetrar todo assunto. Por expor direitos e erros conduzirá para o grande conflito entre estes princípios, e entre cada um dos expoentes humanos — causando a grande irá e o tempo de grande tribulação. Neste conflito, o erro e o mal devem cair, e o direito e a verdade devem triunfar. Entre outros males agora para ser finalmente e totalmente destruído é o Anticristo, com qual quase todo mal, da teoria e prática, está mais ou menos relacionado. E isto será este esplendor — brilhante, esta luz solar da presença do Senhor, que produzirá o

“dia da indignação, dia de tribulação”, porque, neste dia tanto o sistema do Anticristo, como também todos os outros sistemas maus serão destruídos; “cuja vinda [presença] é [acompanhada enquanto dura] segundo a eficácia de Satanás [satânica energia e ação] com todo o poder de sinais e prodígios de mentira, com todo o engano da injustiça para os que perecem, porque não receberam o amor da verdade para serem salvos. E por isso Deus lhes envia a operação do erro, para que creiam na mentira; para que sejam julgados todos os que não creram na verdade, antes tiveram prazer na injustiça”. Por este motivo indignos de compartilhar o Reino Milenar como co-herdeiros com Cristo.

Nós entendemos estas palavras por conterem que no tempo da **presença** do Senhor (o tempo presente — desde 1874), através deste sistema do Anticristo (uma das principais agências de Satanás para engano e controle do mundo), tanto como através de todas suas outras agências, o Diabo fará uma muitíssima desesperada resistência à nova ordem de coisas que está para ser estabelecida. Ele tirará partido ou vantagem de toda pequena circunstância, e de toda fraqueza e egoísmo hereditários da família humana, para alistar seus corações e mãos e penas nesta luta final contra a liberdade e a completa elucidação da verdade. Os preconceitos serão inflamados lá, onde a verdade for claramente percebida, ninguém subsistiria; o ardente fervor será despertado, e uniões partidárias serão formadas, quais enganarão e desencaminharão muitos. E isto será assim, não porque Deus não tem feito a verdade clarear o suficiente para guiar todos os totalmente consagrados, mas porque aqueles que foram enganados não foram suficientemente sinceros na procura e uso da verdade provida como “para a tempo dar-lhes o sustento”. E deste modo isto será manifestado que os da classe enganada não receberam **o amor da verdade**, mas antes através de costumes, formalidades, ou temor. E a asseveração do Apóstolo dá a impressão para ser que, nesta agonia final do Anticristo, apesar de ele dar a impressão de ganhar aumento de poder no mundo por novos estratagemas, enganos e combinações, já o verdadeiro Senhor da terra, o Rei dos reis, no

tempo de sua **presença**, prevalecerá; e finalmente, e durante o tempo de grande tribulação, totalmente aniquilará para sempre seu poder e decepções.

Quanto à exata forma na qual este conflito final deve ser esperado, podemos somente fazer sugestões, baseadas largamente sobre os aspectos simbólicos do mesmo, dados no Apocalipse. Antecipamos a gradual formação através do mundo de dois grandes partidos — dos quais os fiéis, santos vencedores permanecerão separados. Estes dois grandes partidos serão compostos num lado de Socialistas, Livres-Pensadores, Infiéis, descontentes, e verdadeiros amantes da liberdade cujos olhos estão começando de abrirem-se para os fatos do caso como eles relataram os ambos ao político desgoverno religioso e despotismo: no outro lado estarão gradualmente associados os oponentes da liberdade humana e da igualdade — Imperadores, Reis, Aristocratas; e em estreita simpatia com estes continuará a imitação do Reino de Deus, o Anticristo, apoiando e sendo apoiado pelos déspotas civis da terra. Esperamos, também que a diplomacia do Anticristo será um pouco modificada e suavizada para procurar conseguir a fácil cooperação (ainda que não em união efetiva) com extremistas de todas denominações protestantes, aqueles que mesmo agora estão ofegantes por uma nominal **união** mútua e com Roma — esquecendo que a verdadeira união é que produz e continua pela verdade, e não pelos credos, convenções e leis. É improvável como esta cooperação de protestantes e católicos pode parecer a alguns, nós vemos inconfundíveis sinais de sua rápida aproximação. Ela está sendo apressada pelo serviço secreto do Papado entre seu povo, por meio do qual tais políticos que estão dispostos a cooperar com o Papado são assistidos em proeminentes posições nos afazeres governamentais.

Leis podem ser esperadas logo através das quais, gradualmente, a liberdade pessoal será cortada, sob o pretexto de **necessidade** e

bem-estar públicos; até que, passo a passo, finalmente mostra-se que será necessário de formular uma **“simples lei de religião”**; e deste modo Igreja e Estado podem estar em certa medida unidos, no governo dos Estados Unidos da América. Estas leis, simples como elas podem ser feitas, para satisfazer tudo assim chamado **“ortodoxo”** (isto é, popular) aos aspectos religiosos, serão calculados para reprimir e impedir mais adiante o crescimento na graça, e no conhecimento agora “o sustento a seu tempo”. O pretexto provavelmente será, a prevenção do socialismo, infidelidade, e erupção política das classes humildes e independentes.

Evidentemente, no próximo futuro, como uma parte de sua tribulação, e ainda antes da severidade da grande tribulação deste “dia de indignação” ter estourado sobre o mundo e destruído toda a estrutura social da terra (isto será preparatório para a nova e melhor estrutura organizada, uma promessa sob o verdadeiro Cristo), será uma severa hora de julgamento e prova da verdadeira Igreja consagrada, tanto como isto foi nos dias de triunfo do Papado; apenas agora os métodos de perseguição serão mais refinados e mais compatíveis com os mais civilizados métodos do tempo presente: os pregos, torqueses e rodas (antigos instrumentos de tortura; suplício da roda) terão mais a forma de sarcasmos e denúncias, restrições de liberdades, e boicote: social, financeiro e político. No entanto concerne a estes, e a novas combinações quais o Anticristo formará sem demora neste conflito contra o estabelecimento do verdadeiro Reino Milenar.

Em conclusão neste estudo desejamos novamente impressionar nossos leitores com o fato que o Papado é o Anticristo, não por causa de sua obliquidade ou desvio moral, mas porque ele é a **imitação** do verdadeiro Cristo e do verdadeiro Reino. Isto é por causa da falta de compreender este fato que muitos protestantes serão enganados para cooperação com o Papado em oposição ao verdadeiro Rei da Glória.

## Fiel até a Morte

“Sou Eu um soldado da cruz,  
Um seguidor do Cordeiro?  
E devo eu temer a Sua própria causa  
Ou envergonhar-se para falar seu nome?  
“Devo eu ser levado para o Paraíso  
Em brilhantes leitos de comodidade,  
Enquanto outros pelem para vencer o prêmio,  
E navegam através de mares sangrentos?  
“Nem existem inimigos para mim por face?  
Eu não devo represar o dilúvio?  
É este mundo inútil um amigo da graça,  
Para ajudar me em Deus?  
“Certamente eu devo lutar se eu reinarei.  
Aumente minha coragem, Senhor.  
Eu suportarei a labuta, suportarei a dor,  
Ajudado pela tua Palavra.  
“Teus santos em toda esta gloriosa guerra  
Devem ser vitoriosos, apesar de eles morrer.  
Eles vêm o triunfo desde longa distância,  
Pela fé eles trazem ele perto.  
“Quando teus dias ilustres surgirão,  
E todos teus santos resplandecerão,  
E gritos altos de vitória lacerarão os esquis,  
A glória, Senhor, será tua.”

## ESTUDO X

### O TEMPO ESTÁ PRÓXIMO

Nada Intervém — O Estabelecimento do Reino de Cristo, o Trabalho Agora em Progresso — A Concordância do Testemunho da Profecia — Conhecedor da Vida e do Mundo Vê Muito — Os Santos Vigilantes Vêm Mais Distintamente — É Importante a Todos: Abrirem os Olhos na Direção Certa.

O **Tempo Está Próximo** para o estabelecimento do Reino do Redentor. Este é o harmonioso testemunho dos estudos precedentes. Nada intervém. Já estamos vivendo no sétimo milênio — desde outubro de 1872. O arrendamento de poder para os reinos gentios deve terminar com o ano 1914. O grande Jubileu antitípico, os Tempos da Restauração de todas as coisas, teve seu começo no ano de 1874, quando a presença do grande Restaurador foi também prevista. A maneira de sua volta e o caráter de sua obra no tempo presente estão em exata correspondência com os detalhes da profecia até aqui. Os lineamentos finais desta dispensação, agora observados, estão em perfeito acordo com aqueles de seu protótipo judaico. O Elias tem vindo, e é recebido como foi predito; e o curso predito — o tempo de grande tribulação — já está por acontecer. Tem sido revelado o Homem do Pecado, em toda sua deformidade detestável, e tem quase percorrido seu curso predito. O estabelecimento por longo tempo prometido do Reino do Messias é portanto o grande evento positivo diante de nós. Não apenas como foi mostrado, mas também seu estabelecimento está agora em progresso. O necessário enfraquecimento e transtorno dos reinos deste mundo sob o príncipe das trevas — “o príncipe deste mundo” — são agora visíveis até certo grau aos olhos naturais dos filhos deste mundo, no entanto são muito mais claramente vistos, como eles devem ser, por aqueles que olham para os acontecimentos realizados através do binóculo da Palavra de Deus, quais na própria focalização trazem matérias distantes e resultados exatos à vista,

e habilitam os filhos de Deus para reconhecerem as minúcias quais o olho natural não pode discernir, além disso lideram lineamentos quais os estadistas e filósofos vêem apenas em esboço obscuro. Até os conhecedores da vida e do mundo podem discernir a crise social fomentada, com o domínio da ignorância dando lugar a grande cultura geral e independência pessoal. E apesar de esperarem futilmente por algum turno favorável de afazeres, desconhecido e imprevisito, no entanto, já, como descrito nas Escrituras os homens desfalecerão de terror, e pela expectativa das coisas que sobrevirão ao mundo — porque eles vêem o abalo dos céus simbólicos agora em progresso, e percebem que com tal abalo e remoção do poder do erro, superstições e restrições religiosas das massas do povo, devem resultar em violência e anarquia.

Mas, do ponto de vista de Deus, do qual todos os que estão vigilantes da família da fé estão privilegiados de contemplarem, não apenas a severidade da tribulação mais distintamente, mas também os resultados abençoados, quais sob a providência de Deus devem servir por introdutores no Reino Milenário. E isto é um conforto, e mais do que uma compensação por toda a tribulação, ainda que nós ou nossos amados possamos compartilhar dela.

Para que agora pudessemos ter o conforto deste conhecimento, e não estar em dúvida e perplexidade, foi apenas parte do objetivo na apresentação das profecias de tempo. Outro objetivo foi, que, como os representantes deste reino entre os povos, nós devemos estar a par das grandes mudanças dispensativas agora em progresso, e capazes de dar testemunho perante o mundo, com referência ao plano de Deus, etc., qual, apesar de despercebido agora, grandemente os beneficiará mais e mais, e os ajudará quanto antes a reconhecerem a presença do Senhor no grande dia de indignação, delineado. Outro objetivo é, que a fé, deste modo armada e fortalecida pela Palavra de Deus, possa ser habilitada para ficar firme, quando então muitos estarão caindo para a infidelidade e vários outros enganosos erros, quais brevemente varrerão comple-

tamente a “cristandade”. Outro assunto é, para dar força e indicar para o inteiro Plano das Idades: por isto é uma experiência geral que, enquanto a primeira aparição do gracioso plano de Deus para abençoar todo o mundo através da Igreja, durante a Idade Milenar, enche os corações e atrai o zelo de seus filhos fiéis até o máximo, no entanto, até agora os seus esforços para iluminar outros são friamente recebidos, e eles descobrem que somente muitos poucos, comparativamente, “têm ouvidos” para ouvirem, a tendência é para estabelecer-se com a tranqüila alegria do precioso conhecimento, até certo ponto enquanto trará a menor reprovação e oposição.

Considerando esta, nossa fraqueza natural, o Senhor tem provido profecias de tempo como um estímulo, para nos apressar e despertar completamente, e manter-nos ativos em seu serviço. Sendo já no tempo da “ceifa” o trabalho da ceifa ou colheita deve ocupar o tempo, serviço, e pensamentos dos servos do Senhor, aqueles que agora, igual a discípulos no primeiro advento, são para fazer o trabalho da ceifa. (João 4:35-38) Vamos cada um procurar fazer: Tudo quanto vier à mão para fazer, em obediência às instruções do grande Líder Ceifeiro. Mas, com referência muito particularmente ao tempo e ordem dos eventos nesta “ceifa,” devemos encaminhar o leitor ao sucedente volume desta série, no qual as conclusões das precedentes e outras profecias de tempo são trazidas a uma focalização, e os vários prognósticos dos sinais e testemunhos corroborativos da presença do Mestre e o progresso de sua obra são marcados, provando que o “Tempo do Fim” tem vindo; que os Dias de Espera para o Reino estão cumprindo-se; que a Purificação do Santuário está concluída; que o grande Trabalho da Ceifa está em progresso; que o Ajuntamento de Israel é aparente; que a Batalha do Grande Dia do Deus Todo-Poderoso está por acontecer; e que o completo estabelecimento do glorioso Reino de Deus no tempo determinado, o fim dos Tempos dos Gentios, é uma inquestionável certeza; e o sucedente volume,

demonstra mais adiante, o trabalho dos santos durante a ceifa; marca o fim da “vocação celestial”, e a “transformação” daqueles santos que ficarem vivos; e demonstra, também, que a Grande Pirâmide do Egito é para um Testemunho de Deus (Is. 19:19, 20), cuja maravilhosa mensagem é uma plena e completa corroboração do Plano Divino das Idades, junto com seus tempos e épocas.

# Índice dos Textos Bíblicos Citados

## Nos

### ESTUDOS DAS ESCRITURAS

### SÉRIE II

---

<b>GÊNESIS</b>		
1:16 .....	308	
1:28 .....	74, 94, 96	
3:15 .....	98	
5:3-28 .....	43	
7:6 .....	43	
7:11, 13 .....	48	
8:13 .....	43	
9:11 .....	162	
11:10-32 .....	44	
12:1, 2, 1-5, 7, 8 .....	45	
12:1-3 .....	98	
12:4 .....	46, 231	
12:5-7 .....	46	
13:14-18 .....	45	
18 .....	127	
18:17 .....	21	
21:5 .....	231	
25:26 .....	231	
26:3, 4 .....	45	
28:14 .....	13	
35:9-12 .....	45	
46:2-4 .....	45	
46:3 .....	213	
47:28 .....	231	
49:10 .....	81, 87	
49:28 .....	213	
50:24 .....	45	
<b>ÊXODO</b>		
3:2 .....	124	
12:40 .....	46, 48	
12:41 .....	231	
12:41-43 .....	46, 47	
12:42 .....	47	
12:47, 50, 51 .....	46, 47	
16:20, 33 .....	130	
19 .....	131	
19:5-8 .....	207	
20:19-21 .....	131	
33:20 .....	131, 132	
33:20-23 .....	131	
34:28 .....	132	
34:29-35 .....	131	
34:30-33 .....	134	
<b>LEVÍTICO</b>		
23:15, 16 .....	175	
25:2-13 .....	180	
25:9 .....	187	
25:10 .....	197	
25:10-15 .....	177	
26:17, 18, 24, 28 .....	88	
26:18, 21, 24, 28 .....	89	
26:34 .....	192	
26:35 .....	188, 192	
26:43 .....	192	
26:44, 45 .....	90	
26:45 .....	92	
<b>NÚMEROS</b>		
4:3 .....	58	
10:11-13 .....	48	
13:3-26 .....	48	
14:33, 34 .....	91	
32:8-13 .....	48	
33:3 .....	48	
<b>DEUTERONÔMIO</b>		
8:2 .....	47	
18:15 .....	177	
26:5 .....	213, 217	
29:29 .....	18	
33:3 .....	157	
34:6 .....	130	
<b>JOSUÉ</b>		
10:42 .....	48	
11:23 .....	48	
14:7, 10 .....	48	
17:12, 13 .....	184	
18:2, 3 .....	184	
23:4, 7, 13, 15 .....	184	

	<b>JUÍZES</b>	29:27 ..... 50	2:12 ..... 300
3:8, 14 ..... 89		<b>II CRON.</b>	8 ..... 312
3:9, 15 ..... 88		9:30-36, 11 ..... 50	8:6 ..... 157
4:2, 3 ..... 89		21:5 ..... 52	8:4-8 ..... 309
6:11-22 ..... 127		24:1 ..... 52	18:12, 13 ..... 153
10:7, 8 ..... 89		28:1 ..... 52	37:1-14 ..... 138
13:3-20 ..... 127		36:9 ..... 52, 53	46:10 ..... 78
	<b>I REIS</b>	36:10, 17, 21 ..... 52	47 ..... 101
6:1 ..... 53		36:11 ..... 48	50:5 ..... 104, 164, 229
17:5-9 ..... 256		36:21-23 ..... 79	69:22-28 ..... 215
18:2, 40, 41, 45 ..... 256		36:17-21 ..... 191	72:1-19 ..... 138
19:1-4 ..... 256		36:20, 23 ..... 51, 64	72:19 ..... 99
	<b>II REIS</b>		91:12 ..... 157
2:9-16 ..... 265		<b>ESDRAS</b>	95:8-10 ..... 47
2:19-22 ..... 266		1:1-4 ..... 206	99:5 ..... 309
4:1-7, 18-44 ..... 266		1:3 ..... 67	110:1 ..... 157
5:1-10 ..... 266		2:70 ..... 206	110:6 ..... 101
8:17 ..... 52		5:13 ..... 67	137 ..... 83
9:1-37 ..... 266		6:1-12 ..... 67	149:8, 9 ..... 100, 101
10:28 ..... 266		7:7-14 ..... 66	
12:1 ..... 52		<b>NEEMIAS</b>	<b>ISAÍAS</b>
16:2 ..... 52		2:3-8 ..... 67	1:9 ..... 215
20:4 ..... 67		4 ..... 65	2:18-21 ..... 139
24:8 ..... 53		6:15 ..... 67	2:19 ..... 147
24:8-16 ..... 52		7:1 ..... 67	2:21 ..... 140, 147
24:14 ..... 52		11:1, 20 ..... 206	6:3 ..... 99
25:12, 26 ..... 52		<b>SALMOS</b>	8:14 ..... 26, 215, 229, 241
	<b>I CRÔN.</b>	2:8, 9 ..... 100	8:19 ..... 126
		2:9 ..... 77	9:6 ..... 227

10:22, 23 .....	70, 215
13:4 .....	147
19:19, 20 .....	366
26:5-11 .....	138
28:17 .....	102, 139
40:1,2 .....	227
40:2 .....	72
45:13 .....	67
52:7 .....	142, 157, 254
52:11 .....	240
53:10-12 .....	65
62:10 .....	31
63:4 .....	222

**JEREMIAS**

16:9-13 .....	216
16:13-15 .....	216
16:18 .....	218
25:11 .....	191
29:10 .....	64, 191
31:29-34 .....	92
52:1, 3-7 .....	48

**EZEQUIEL**

4:1-8 .....	91
4:6 .....	66
7:17-19 .....	139
20:49 .....	23
21:24-27 .....	76
21:25-27 .....	73, 79

**DANIEL**

2:34 .....	78
2:37, 38 .....	96, 100
2:44 .....	99, 170
3:19-25 .....	162
4 .....	93
4:16, 23, 25, 32 .....	89
4:16, 23-26 .....	90
7:8 .....	272, 305
7:11 .....	305
7:21 .....	272
7:25 .....	91, 305, 310
9:2, 17-19 .....	64
9:23-27 .....	63
9:24-27 .....	58, 91
9:25 .....	66, 67, 235
9:26, 27 .....	71
9:27 .....	234
10:5-8 .....	124
11:31 .....	271
11:33, 34 .....	357
12:1 .....	101, 145, 149
12:4 .....	15, 19, 87
12:7 .....	91
12:8 .....	23
12:9 .....	15, 18
12:10 .....	15, 18, 19, 87
12:11 .....	271

**AMÓS**

3:7 .....	22
8:11 .....	256

**HABACUQUE**

2:3 .....	14
2:14 .....	99

**SOFONIAS**

3:8 .....	162
-----------	-----

**ZACARIAS**

9:9 .....	224
9:10 .....	225
9:12 .....	224, 225
12:10 .....	72, 130
13:7 .....	111
14:4 .....	157

**MALAQUIAS**

3:1-3 .....	147, 249
3:13-18 .....	249
3:17 .....	164
4:1 .....	150, 249
4:5, 6 .....	249

**MATEUS**

2:1 .....	61
2:2 .....	21
2:14-16 .....	56, 57
2:23 .....	29
3:2 .....	14
3:11 .....	233, 240

3:12 .....	205, 233, 261	17:11 .....	254	28:18 .....	111
3:16 .....	66	17:12 .....	260	28:20 .....	105, 203
4:8, 9 .....	293	18:10 .....	132	<b>MARCOS</b>	
5:14 .....	141	21:4-9 .....	225	1:15 .....	25, 78, 236
5:18 .....	173, 187	21:5, 9 .....	238	4:10 .....	28
9:37 .....	15, 160	21:43 .....	119, 225	4:11, 12 .....	170
10:5, 6 .....	207	23:2 .....	182	7:1-23 .....	27
10:5-7 .....	117	23:37-39 .....	226	7:9, 13 .....	241
10:7, 35-38 .....	236	23:38 .....	70, 212	11:15-17 .....	239
11:14 .....	253	24:1-27 .....	160	13:32, 33, 37 ...	18, 160
11:15 .....	16	24:3 .....	159	14:27 .....	111
11:25 .....	29	24:15 .....	270, 271	14:61-64 .....	306
12:10, 13 .....	40	24:23, 26 .....	165	16:1 .....	111
13:10-17 .....	27	24:27 .....	144, 155	<b>LUCAS</b>	
13:17 .....	23		159, 165	1:17 .....	253
13:24 .....	15, 234	24:30 .....	143	1:26 .....	58, 62
13:24-40 .....	205	24:31 .....	164	1:36 .....	58
13:30 .....		24:37 .....	159, 160	2:21 .....	61
	15, 150, 164, 234		163, 167, 187	2:25-38 .....	21
13:36 .....	28, 234	24:38 .....	142	2:34 .....	228
13:39 .....	15, 160, 233, 234	24:39 .....	142, 159	3:1-3 .....	60
13:40 .....	160		160, 167, 189	3:1, 23 .....	58, 60
14:4 .....	261	24:42 .....	163	3:15 .....	21, 66, 240
14:25-32 .....	191	24:45-47 .....	165	4:30 .....	126
15:14 .....	28	27:1 .....	61	5:4-11 .....	118
15:24 .....	207	27:12 .....	251	11:36 .....	156
16:1-4 .....	27	27:24 .....	330	12:29, 30 .....	119
17:1-9 .....	255	28:5-10 .....	112	12:32 .....	190, 205

12:37 .....	171, 196	24:22, 23 .....	112	8:36 .....	329
12:51-53 .....	236	24:32 .....	49	9:4 .....	257
13:11-16 .....	40	24:33, 49 .....	27	10:33, 36.....	306
13:30 .....	206	24:36-49 .....	115	10:34, 35 .....	274
14:1-5 .....	40	24:45-48 .....	124	12:1 .....	111, 224
16:17 .....	179	24:48-52 .....	120	12:12-15 .....	225
17:20, 26, 27 .....	142	24:48 .....	123	12:12-19.....	111
17:24 .....	156	24:50, 51 .....	154	14:2, 3 .....	105
17:28 .....	161			14:3, 19 .....	154
17:26-29 .....	162, 167	<b>JOÃO</b>		14:7 .....	122
18:18-30 .....	27	1:18 .....	122	14:26 .....	110
19:12 .....	120	1:26, 27.....	253, 261	14:30 .....	131
19:27 .....	300	1:45 .....	177	15:1-6 .....	234
19:40-42 .....	225	1:45-51 .....	27	16:12 .....	110, 120
19:41 .....	226, 239	2:4 .....	158	16:13.....	
19:44 .....	26, 237	2:19, 21, 22 .....	114	16, 110, 169, 262	
21:22 .....	251	3:29. ....	238, 240	16:22 .....	154
21:24 .....	73	4:23. ....	30	17:17, 19 .....	22
21:28 .....	25, 190	4:35-38 .....	233, 238, 365	18:36, 37 .....	14
21:34 .....	158	5:6-9 .....	40	19:23, 24 .....	128
21:34-36 .....	23	5:35 .....	260	19:30 .....	68
21:36 .....	162	5:37 .....	122	19:37 .....	130
22:20 .....	69	5:43 .....	357	20:2 .....	112
23:1 .....	61	5:46 .....	177	20:5-7 .....	128
23:14-16, 20, 22, .....	330	6:51-58 .....	130	20:17 .....	113
24:1, 10 .....	111	7:19 .....	84	20:19 .....	115, 127
24:13-32 .....	27	7:23 .....	40	20:24 .....	116
24:13-35 .....	113	7:30 .....	25	20:24-28 .....	27
		7:39 .....	120, 129		

20:26 .....	116, 127	9:17, 18 .....	133	11:7 .....	119, 215
20:27-29 .....	125	10 .....	71, 214	11:9, 10 .....	215
21:1-12 .....	27	10:17 .....	49	11:12, 20 .....	206
21:3 .....	117	10:37, 38 .....	66	11:25 .....	
<b>ATOS</b>		10:40-42 .....	124	77, 90, 92, 206, 210	
1:5 .....	119	11:19 .....	263	11:26 .....	217
1:6-15 .....	120	13:19-21 .....	49	11:27 .....	211
1:7 .....	18, 78, 120	13:21 .....	50	11:28 .....	92
1:10 .....	49	15:14 .....	86, 217	13:1 .....	81
1:11 .....	144, 153	17:23 .....	274	14:9 .....	133
1:14 .....	121	17:26 .....	78	15:4 .....	23
2:1 .....	121	19:35-41 .....	330	<b>1 COR.</b>	
2:27, 31 .....	129	25:24-27 .....	330	2:12-16 .....	123
2:36 .....	207	26:2, 3, 28 .....	330	3:16, 17 .....	209, 239
2:41 .....	71	26:7 .....	206	8:5 .....	274
3:19 .....		<b>ROMANOS</b>		9:27 .....	28
78, 175, 188, 211, 254		2:5, 6, 9, 10 .....	138	10:11 .....	188
3:21 .....	69	3:20 .....	84	10:18 .....	204
3:19-21 .....	49	5:6 .....	25	11:18 .....	158
3:22, 23 .....	302	8:14 .....	205	11:25 .....	69
4:4 .....	71	8:22 .....	40	15:4 .....	25
4:10-13, 23-30 .....	263	8:29 .....	134	15:8 .....	134
5:29-41 .....	263	9:6 .....	86, 205	15:21, 45 .....	107
7:2-5 .....	45	9:27 .....	205, 206	15:23 .....	159
7:4 .....	46	9:28 .....	70, 215	15:25, 26 .....	106
7:36 .....	48	9:32, 33 .....	215	15:27 .....	108
7:40, 43 .....	274	10:1-3 .....	206	15:42-51 .....	133
9:4 .....	281	11:5 .....	205, 206, 215	15:50, 51 .....	128

15:52 ..... 148  
 16:17 ..... 159

**II COR.**

3:17 ..... 329  
 5:16 ..... 107  
 7:6, 7 ..... 159  
 10:10 ..... 158  
 11:2 ..... 238  
 11:13, 14 ..... 157

**GÁLATAS**

1:8 ..... 320  
 3:16 ..... 13  
 3:17 ..... 44, 46  
 4:4 ..... 25  
 5:1 ..... 329  
 6:16 ..... 204

**EFÉSIOS**

3:2, 5, 6 ..... 202  
 4:1 ..... 28  
 5:23 ..... 202  
 6:15 ..... 157  
 6:17 ..... 101

**FILIPENSES**

1:26 ..... 159  
 2:9 ..... 108, 159, 238  
 2:12 ..... 158, 159

**COLOSSENSES**

1:18 ..... 134

1:24 ..... 202  
 2:14 ..... 85  
 2:17 ..... 173

**I TESS.**

2:19 ..... 159  
 3:13 ..... 159  
 4:15 ..... 159  
 4:16 ..... 134, 145, 149  
 5:1-4 ..... 21, 269  
 5:4 ..... 169  
 5:5 ..... 22  
 5:23 ..... 159

**II TESS.**

1:7 ..... 143  
 1:8 ..... 143, 151  
 2:1 ..... 159, 269  
 2:2 ..... 158  
 2:3 ..... 267  
 2:4 ..... 275  
 2:7 ..... 288  
 2:8 ..... 101, 159  
 2:8-12 ..... 358  
 2:9 ..... 159

**I TIMÓTEO**

2:5, 6 ..... 132  
 2:6 ..... 107  
 6:15, 16 ..... 78, 132

**II TIMÓTEO**

3:1 ..... 158  
 3:1-13 ..... 259  
 3:12 ..... 137  
 3:17 ..... 39  
 4:1 ..... 145  
 4:3 ..... 258, 263

**HEBREUS**

1:3 ..... 108  
 1:14 ..... 203  
 2:9 ..... 108  
 2:9, 15 ..... 238  
 3:5, 6 ..... 205  
 3:8, 9 ..... 47  
 3:9 ..... 48  
 4:16 ..... 158  
 5:7 ..... 320  
 5:14 ..... 196  
 7:9, 10 ..... 47  
 8:2 ..... 208  
 8:5 ..... 173  
 8:6 ..... 207  
 9:1, 2, 10 ..... 208  
 9:4 ..... 130  
 9:9, 23 ..... 208, 209  
 9:26 ..... 68  
 10:1 ..... 173, 209  
 10:4, 5 ..... 107  
 10:5 ..... 155

10:16, 17 .....	92	2:18, 19 .....	281	12:16 .....	256
11:8, 9 .....	47	2:28 .....	159	13:1-8 .....	271
11:38-40 .....	20	3:1 .....	264	13:2 .....	288
12:21 .....	131	3:2 .....	109, 128	13:5 .....	91, 305
<b>TIAGO</b>		<b>JUDAS</b>		13:6 .....	305
1:1 .....	207	9 .....	130	13:17 .....	259, 263
1:18 .....	22	<b>APOC.</b>		14:1-4 .....	171
5:7, 8 .....	159	1:1 .....	203	14:14 .....	150, 238
5:17 .....	256	1:7 .....	138, 143	14:14-20 .....	239
<b>1 PEDRO</b>		2:7 .....	16	14:16 .....	150
1:10-12 .....	23	2:20 .....	256	14:18-20 .....	171
1:11 .....	89	2:26 .....	100	16:12 .....	209
1:12 .....	22, 203	2:27 .....	77, 100	16:14 .....	101, 141
2:5 .....	208	3:7 .....	24	16:15 .....	142
2:9 .....	75, 208	3:12 .....	209, 239	17:5 .....	208, 261
2:10 .....	208	3:16 .....	235	17:6 .....	320
2:21 .....	203	3:18 .....	189, 238	17:14 .....	238
3:18 .....	108	6:15-17 .....	139	17:16, 17 .....	355
<b>II PEDRO</b>		7:1 .....	169	18:3 .....	348
1:4 .....	207	7:3 .....	235, 264	18:4 .....	240
1:16 .....	20, 159, 255	10:7 .....	149	18:7 .....	256
1:19 .....	20, 141	11:3 .....	256	19:15 .....	100
3:3 .....	167	11:15-19 .....		20:3, 7, 8 .....	354
3:4, 12 .....	159, 167		145, 148, 149	21:8 .....	153
3:8 .....	40, 168	11:17 .....	87, 101, 239		
3:10 .....	40, 167, 168	11:18 .....	87, 101, 149		
<b>1 JOÃO</b>		12:6 .....	91, 256, 329		
2:18-27 .....	272	12:14 .....	78, 91		